



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

FLÁVIA TAVARES DA COSTA RAMOS

**O USO VARIÁVEL DA CONCORDÂNCIA VERBAL NA LÍNGUA FALADA E
ESCRITA EM UMA ESCOLA REGULAR DO RECIFE**

Recife
2019

FLÁVIA TAVARES DA COSTA RAMOS

**O USO VARIÁVEL DA CONCORDÂNCIA VERBAL NA LÍNGUA FALADA E
ESCRITA EM UMA ESCOLA REGULAR DO RECIFE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Claudia Roberta Tavares Silva

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Stella Virginia Telles de Araújo Pereira Lima

Recife
2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

R175u Ramos, Flávia Tavares da Costa
O uso variável da concordância verbal na língua falada e escrita em uma escola regular do Recife / Flávia Tavares da Costa Ramos. – Recife, 2019.
262f.: il.

Orientadora: Claudia Roberta Tavares Silva.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.

Inclui referências, anexo e apêndices.

1. Concordância verbal. 2. Variação linguística. 3. Português Brasileiro. 4. Língua falada. 5. Língua escrita. I. Silva, Claudia Roberta Tavares (Orientadora). II. Título.

410 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2019-03)

FLÁVIA TAVARES DA COSTA RAMOS

**O USO VARIÁVEL DA CONCORDÂNCIA VERBAL NA LÍNGUA FALADA E
ESCRITA EM UMA ESCOLA REGULAR DO RECIFE**

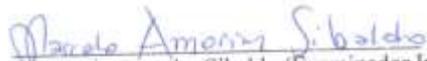
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do Título de Doutor em LETRAS.

Aprovada em : 08/02/2019

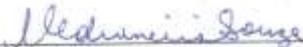
BANCA EXAMINADORA



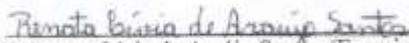
Prof. Dr. Claudia Roberta Tavares Silva (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco



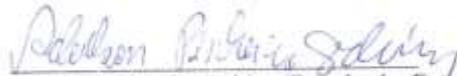
Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco



Prof. Dr. Maria Medianeira de Souza (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco



Prof. Dr. Renata Livia de Araujo Santos (Examinador Externo)
Universidade Federal Rural de Pernambuco



Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins (Examinador Externo)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Dedico este trabalho aos meus queridos pais, Aguinaldo da Costa Silveira e Lauriza Tavares Silveira, por terem me ensinado importantes valores para toda vida. Sem a educação repleta de amor, carinho e proteção de vocês, eu jamais teria conseguido tantas conquistas.

A meu amado esposo, Flávio Marcílio Ramos, que, nos momentos mais difíceis, sempre me fez acreditar que chegaria ao fim desta difícil, porém gratificante, jornada de minha vida.

A meu lindo filho, Feliciano Abdon Neto, uma benção de Deus, que não via a hora de poder passear...

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, força maior que guia nossas vidas, por transformar sonhos em realidade.

Em seguida, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho pudesse ser realizado, especialmente:

À minha orientadora, Profa. Dra. Claudia Roberta Tavares Silva, por acreditar em mim desde o início, por me compreender e me apoiar nos momentos mais difíceis. Obrigada pelos valiosos ensinamentos, pela paciência e pela amizade;

À minha Coorientadora, Profa. Dra. Stella Telles. Obrigada pela confiança, pelo incentivo e pela amizade;

Aos professores da banca de qualificação – Profa. Dra. Renata Livia Santos e Prof. Dr. Marcelo Sibaldo, pelas preciosas contribuições e sugestões;

A todos os que fazem o Liceu, na pessoa do professor Regenilson Santos, que, atenciosamente, me ajudou na concretização da coleta de dados;

Aos professores do PPGL/UFPE, pela contribuição na minha formação durante o curso;

Aos funcionários do PPGL/UFPE, em especial, Jozaías Santos, pela atenção sempre constante;

À minha família, destacadamente, meu irmão Aginaldo Júnior, que soube compreender minhas ausências e meus estresses. Obrigada por sempre torcer por minha vitória;

Ao Prof. Dr. Robson Teles, pela amizade verdadeira, por me ouvir com paciência e pelo carinho a mim dedicado;

À Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, lugar de minha formação básica e ao qual dedico meus dias de trabalho. Obrigada pelo incentivo acadêmico contínuo;

Ao admirável Prof. Dr. Degislano Nóbrega, Pró-reitor de Graduação e Extensão da UNICAP, pelo constante apoio e pela confiança;

A todos que fazem o Centro de Teologia e Ciências Humanas - CTCH, pelo convívio e pelas vibrações em minhas conquistas;

Aos colegas professores, pelo estímulo e pela preocupação;

Aos amigos do curso da Pós-graduação Alane Siqueira e Déreck Pereira, por me permitirem desvendar os segredos do Goldvarb X;

Ao meu querido amigo, prof. Álvaro Negromonte, pelo carinho e pelo constante incentivo ao meu crescimento intelectual.

Ao meu querido primo Lincoln Tavares, que, nos últimos retoques da tese, me auxiliou com seus conhecimentos de computação;

Ao Prof. Cezar Cerqueira, pelo auxílio na construção dos gráficos;

Aos internacionais Regina Pimentel e André Araújo, pelo apoio além das fronteiras.

RESUMO

Esta tese centra a atenção em um dos temas de grande importância no campo de estudos da sintaxe: a concordância verbal (CV). Inúmeros estudos têm evidenciado que a variação da CV no português brasileiro (PB) falado é sistematicamente regida por restrições linguísticas e não linguísticas (SCHERRE, 1988, 1998, SCHERRE; NARO, 1993, MONGUILHOTT, 2001, RUBIO, 2008, 2012, SANTOS, 2010, 2013). O objetivo principal deste trabalho é analisar o uso variável da CV de primeira e terceira pessoas do plural na língua falada e escrita do PB, em específico, em entrevistas e narrações de alunos de 6º, 9º e 3º anos de uma escola regular do Recife, tendo em mente o estudo dessa variação nas duas modalidades da língua portuguesa. Para tanto, baseando-nos teórico-metodologicamente na teoria da variação e mudança linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOB, 1968, LABOV, [1972], 2008, 1978, 1994, 2001, 2003), analisamos o condicionamento do fenômeno em questão correlacionando-o a grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos. Por meio de um estudo empírico e sincrônico, analisamos a variação na concordância verbal de primeira e terceira pessoas do plural na fala e na escrita de 48 adolescentes de 6º, 9º e 3º anos. Esses informantes foram estratificados, tendo por base o sexo e o nível de escolaridade. Os nossos resultados foram extraídos dos dados que compõem o *corpus* da pesquisa, a saber: contextos declarativos finitos com a presença da 1ª e 3ª pessoas do plural em que há presença (variante padrão) *versus* ausência (variante não-padrão) de CV. Para o tratamento estatístico dos dados, utilizamos o programa computacional Goldvarb X, que realiza uma análise multivariada. Na fala, tanto fatores linguísticos como extralinguísticos foram atuantes. Na escrita, apenas linguísticos. A análise contemplou variáveis extralinguísticas (sexo e nível de escolaridade) e variáveis linguísticas (saliência fônica verbal, tipo de verbo, tempo e modo verbal, explicitude do sujeito, posição do sujeito em relação ao verbo, paralelismo linguístico de nível oracional, paralelismo linguístico de nível discursivo, tipo estrutural do sujeito, animacidade do sujeito, referência semântica do sujeito). Em linhas gerais, verificamos que os fatores paralelismo linguístico de nível oracional, paralelismo linguístico de nível discursivo e saliência fônica verbal foram considerados condicionantes tanto na fala quanto na escrita. A partir desse estudo, esperamos contribuir com estudos sociolinguísticos já realizados no Brasil sobre o fenômeno

variável da CV, visando ampliar o debate com a descrição e compreensão da heterogeneidade verificada na língua falada e escrita de alunos da cidade de Recife-PE.

Palavras-chave: Concordância verbal. Variação linguística. Português Brasileiro. Língua falada. Língua escrita.

ABSTRACT

This thesis focuses attention on one of the subjects of great importance in the field of syntax studies: the verbal agreement (VA). Several studies have shown that the variation of the VA in spoken Brazilian Portuguese (BP) is systematically governed by linguistic and non-linguistic restrictions (SCHERRE, 1988, 1998, SCHERRE; NARO, 1993, MONGUILHOTT, 2001, RUBIO, 2008, 2012, SANTOS, 2010, 2013). The main objective of this work is to analyze the variable use of the first and third person plural of the VA in the spoken and written language of the BP in specific interviews and narratives of the 6th grade Middle School, 9th grade High School and 12th grade students from a regular school in Recife, keeping in mind the study of this variation in the two kinds of the Portuguese language. In order to do so, and theoretically and methodologically based on the theory of variation and linguistic change (WEINREICH; LABOV; HERZOB, 1968, LABOV, [1972] 2008, 1978, 1994, 2001; 2003), we analyzed the conditioning of the phenomenon in question and correlated it to groups of linguistic and extralinguistic factors. Through an empirical and synchronic study, we analyzed the variation in the first and third person plural of the verbal agreement in the speech and writing of 48 adolescents of the 6th grade Middle School, 9th grade High School and 12th grade. These informants were stratified based on gender and schooling level. Our results were extracted from the data that make up the research *corpus* itself: finite declarative contexts with the presence of the 1st and 3rd persons of the plural in which there is presence (standard variant) *versus* absence (non-standard variant) of the VA. For the statistical treatment of the data, we used the computer program Goldvarb X, which performs a multivariate analysis. In speech, both linguistic and extralinguistic factors were active. In writing, only the linguistic factor. The analysis included extralinguistic variables (gender and level of schooling) and linguistic variables (verbal phonemic salience, type of verb, tense and verbal mode, subject explicitness, subject position in relation to the verb, linguistic parallelism of sentence level, linguistic parallelism of discursive level, structural type of the subject, subject's animate, subject's semantic reference). In general terms, we confirmed that the linguistic parallelism of sentence level, the linguistic parallelism of discourse level and the verbal phonemic salience were considered as conditionings not only in speech but in writing as well. From this study, we hope to contribute with sociolinguistic studies already carried out in Brazil about

the variable phenomenon of the VA, aiming to broaden the debate with the description and understanding of the heterogeneity verified in the spoken and written language of students from the city of Recife-PE.

Keywords: Verbal agreement. Linguistic variation. Brazilian Portuguese. Spoken language. Written language.

RESUMEN

Esta tesis centra la atención en uno de los temas de gran importancia en el campo de estudios de la sintaxis: la concordancia verbal (CV). Innúmeros estudios han evidenciado que la variación de la CV en el portugués brasileño (PB) hablado es sistemáticamente regida por restricciones lingüísticas y no lingüísticas (SCHERRE, 1988, 1998, SCHERRE; NARO, 1993, MONGUILHOTT, 2001, RUBIO, 2008, 2012, SANTOS, 2010, 2013). El objetivo principal de este trabajo es analizar el uso variable de la CV de primera y tercera personas del plural en lengua hablada y escrita del PB, específicamente, en entrevistas y narraciones de alumnos de 6º y 9º grados de la Escuela Primaria, además del 3º de la Secundaria, en una escuela regular de Recife, teniendo en cuenta el estudio de esa variación en las dos modalidades de la lengua portuguesa. Para tanto, basándonos teórico y metodológicamente en la teoría de la variación y cambio lingüístico (WEINREICH; LABOV; HERZOB, 1968, LABOV, [1972] 2008, 1978, 1994, 2001, 2003), analizamos el condicionamiento del fenómeno en cuestión correlacionándolo a grupos de factores lingüísticos y extralingüísticos. Por medio de un estudio empírico y sincrónico, analizamos la variación en la concordancia verbal de primera y tercera personas del plural en el habla y en la escrita de 48 adolescentes de 6º y 9º grados de la Primaria, así como de 3º de la Secundaria. Esos informantes fueron estratificados, teniendo por base el sexo y el nivel de escolaridad. Nuestros resultados fueron extraídos de los datos que componen el *corpus* de la investigación, a saber: contextos declarativos finitos con la presencia de la 1ª y 3ª personas del plural en las que hay presencia (variante estándar) *versus* ausencia (variante no-estándar) de CV. Para el tratamiento estadístico de los datos, utilizamos el programa computacional Goldvarb X, que realiza un análisis multivariado. En el habla, tanto factores lingüísticos como extralingüísticos fueron actuantes. En la escrita, apenas lingüísticos. El análisis ha contemplado variables extralingüísticas (sexo y nivel de escolaridad) y variables lingüísticas (aspectos que sobresalen en la fonética verbal, tipo de verbo, tiempo y modo verbal, explicitación del sujeto, posición del sujeto en relación al verbo, paralelismo lingüístico de nivel oracional, paralelismo lingüístico de nivel discursivo, tipo estructural del sujeto, estado de ánimo del sujeto, referencia semántica del sujeto). En líneas generales, verificamos que los factores paralelismo lingüístico de nivel oracional, paralelismo lingüístico de nivel discursivo y

los aspectos que sobresalen en la fonética verbal fueron considerados condicionantes tanto en el habla como en la escrita. A partir de esta investigación, esperamos contribuir con estudios sociolingüísticos ya realizados en Brasil sobre el fenómeno variable de la CV, con vistas a ampliar el debate con la descripción y comprensión de la heterogeneidad verificada en la lengua hablada y escrita de alumnos de la ciudad de Recife-PE.

Palabras clave: Concordancia verbal. Variación lingüística. Portugués brasileño.
Lengua hablada. Lengua escrita.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Paradigmas pronominais e flexionais no PB.....	33
Tabela 2 - Tipos de regras linguísticas do PE.....	38
Tabela 3 - Percentagem geral de concordância/não-concordância verbal com a terceira pessoa do plural.....	46
Tabela 4 - Distribuição dos dados amostrais por tipo de sujeito e por desinência verbal na amostra goiana.....	47
Tabela 5 - Aplicação da regra de CV em P6.....	52
Tabela 6 - Frequência e peso relativo de CV do grau de saliência fônica da oposição entre as formas verbais do singular e do plural tendência geral observada na língua falada.....	69
Tabela 7 - Estratégias de concordância verbal com nós e a gente: década de 80 vs década de 2000.....	73
Tabela 8 - Frequência de a gente, segundo cruzamento entre as variáveis fala/escrita e marca morfológica do verbo que o acompanha.....	75
Tabela 9 - Frequência de a gente, segundo cruzamento entre as variáveis fala/escrita e série.....	75
Tabela 10 - Distribuição dos informantes, segundo fatores extralinguísticos.....	106
Tabela 11 - Mapeamento dos fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem e desfavorecem a aplicação da regra de concordância verbal na fala.....	132
Tabela 12 - Resultado total das variantes [+conc] e [-conc] no corpus da fala.....	135
Tabela 13 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável referência semântica de número do sujeito.....	137
Tabela 14 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis referência semântica de número do sujeito e posição do sujeito em relação ao verbo.....	141
Tabela 15 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis referência semântica de número do sujeito e saliência fônica.....	142

Tabela 16 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável paralelismo linguístico de nível oracional.....	143
Tabela 17 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis paralelismo linguístico oracional e escolaridade.....	145
Tabela 18 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis paralelismo linguístico oracional e tipo estrutural do sujeito.....	146
Tabela 19 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável saliência fônica.....	148
Tabela 20 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis saliência fônica e escolaridade.....	149
Tabela 21 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável paralelismo linguístico de nível discursivo.....	150
Tabela 22 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis paralelismo linguístico discursivo e escolaridade....	152
Tabela 23 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis paralelismo linguístico discursivo e saliência fônica.....	153
Tabela 24 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável definitude e especificidade do sujeito.....	154
Tabela 25 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis definitude e especificidade do sujeito e posição do sujeito.....	155
Tabela 26 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis definitude e especificidade do sujeito e referência semântica de número do sujeito.....	156
Tabela 27 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis definitude e especificidade do sujeito e tipo de verbo.....	157
Tabela 28 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis definitude e especificidade do sujeito e animacidade do sujeito.....	158

Tabela 29 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável sexo.....	158
Tabela 30 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis sexo e escolaridade.....	160
Tabela 31 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis sexo e paralelismo linguístico oracional.....	160
Tabela 32 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis sexo e paralelismo linguístico discursivo.....	161
Tabela 33 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis sexo e explicitude do sujeito.....	162
Tabela 34 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável animacidade do sujeito.....	163
Tabela 35 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis animacidade do sujeito e posição do sujeito.....	164
Tabela 36 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis animacidade do sujeito e explicitude do sujeito.....	165
Tabela 37 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável escolaridade.....	166
Tabela 38 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável posição do sujeito em relação ao verbo...	168
Tabela 39 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis posição do sujeito e saliência fônica.....	170
Tabela 40 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis posição do sujeito em relação ao verbo e sexo.....	171
Tabela 41 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis posição do sujeito em relação ao verbo e escolaridade.....	172
Tabela 42 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável tempo e modo verbal.....	173
Tabela 43 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP da fala, segundo o cruzamento entre as variáveis tempo e modo verbal e saliência fônica.....	175
Tabela 44 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável tipo estrutural do sujeito.....	177

Tabela 45 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis tipo estrutural do sujeito e saliência fônica.....	178
Tabela 46 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis tipo estrutural do sujeito e explicitude do sujeito.....	179
Tabela 47 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a explicitude do sujeito.....	180
Tabela 48 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável tipo de verbo.....	182
Tabela 49 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis tipo de verbo e saliência fônica.....	184
Tabela 50 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis tipo de verbo e posição do sujeito em relação ao verbo.....	184
Tabela 51 - Mapeamento dos fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem e desfavorecem a aplicação da regra de concordância verbal na escrita.....	188
Tabela 52 - Resultado total das variantes [+conc] e [-conc] no corpus da escrita.....	190
Tabela 53 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão na escrita, segundo a variável paralelismo linguístico de nível oracional.....	192
Tabela 54 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis paralelismo linguístico oracional e escolaridade.....	194
Tabela 55 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis paralelismo linguístico oracional e tipo estrutural do sujeito.....	195
Tabela 56 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão na escrita, segundo a variável paralelismo linguístico de nível discursivo.....	196
Tabela 57 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis paralelismo linguístico discursivo e escolaridade.....	198

Tabela 58 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis paralelismo linguístico discursivo e saliência fônica.....	199
Tabela 59 - Frequência e peso relativo da variante padrão e não-padrão da escrita, segundo a variável saliência fônica.....	199
Tabela 60 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis saliência fônica e escolaridade.....	201
Tabela 61 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão na escrita, segundo a variável tipo de verbo.....	202
Tabela 62 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis tipo de verbo e saliência fônica.....	204
Tabela 63 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis tipo de verbo e posição do sujeito em relação ao verbo.....	204
Tabela 64 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão na escrita, segundo a variável posição do sujeito em relação ao verbo.....	205
Tabela 65 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP da escrita, segundo o cruzamento entre as variáveis posição do sujeito e saliência fônica.....	207
Tabela 66 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis posição do sujeito em relação ao verbo e sexo.....	207
Tabela 67 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis posição do sujeito em relação ao verbo e escolaridade.....	208
Tabela 68 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não padrão na escrita, segundo a variável explicitude do sujeito.....	209
Tabela 69 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não padrão na escrita, segundo a variável tempo e modo verbal.....	210
Tabela 70 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis tempo e modo verbal e saliência fônica.....	211

Tabela 71 - Frequência e peso relativo da variante padrão e não-padrão da escrita, segundo a variável referência semântica de número do sujeito.....	212
Tabela 72 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis referência semântica de número do sujeito e posição do sujeito em relação ao verbo.....	213
Tabela 73 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis referência semântica de número do sujeito e saliência fônica.....	214
Tabela 74 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da escrita, segundo a variável tipo estrutural do sujeito.....	214
Tabela 75 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis tipo estrutural do sujeito e saliência fônica.....	216
Tabela 76 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis tipo estrutural do sujeito e explicitude do sujeito.....	217
Tabela 77 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da escrita, segundo a variável definitude e especificidade do sujeito.....	218
Tabela 78 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis definitude e especificidade do sujeito e posição do sujeito.....	219
Tabela 79 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis definitude e especificidade do sujeito e referência semântica de número do sujeito.....	219
Tabela 80 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis definitude e especificidade do sujeito e tipo de verbo.....	220
Tabela 81 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis definitude e especificidade do sujeito e animacidade do sujeito.....	221

Tabela 82 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão na escrita, segundo a variável animacidade do sujeito.....	221
Tabela 83 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis animacidade do sujeito e posição do sujeito.....	222
Tabela 84 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis animacidade do sujeito e explicitude do sujeito.....	223
Tabela 85 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da escrita, segundo a variável sexo.....	224
Tabela 86 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis sexo e escolaridade.....	225
Tabela 87 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis sexo e paralelismo linguístico oracional.....	226
Tabela 88 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis sexo e paralelismo linguístico discursivo.....	226
Tabela 89 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis sexo e explicitude do sujeito.....	227
Tabela 90 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da escrita, segundo a variável escolaridade.....	228
Tabela 91 - Frequência geral das variantes padrão e não-padrão da fala e da escrita.....	229
Tabela 92 - Mapeamento dos fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem e desfavorecem a aplicação da regra de concordância verbal na fala e na escrita.....	229

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Atuação da variável nível de escolaridade para o cancelamento da marca de número no SN – PB.....	38
Quadro 2 - Atuação da variável nível de escolaridade para o cancelamento da marca de número no SV – PB.....	38
Quadro 3 - Síntese dos estudos sobre concordância verbal na fala e/ou na escrita nas cinco regiões brasileira oficiais.....	76
Quadro 4 - Variável dependente e variáveis independentes com seus respectivos fatores.....	112
Quadro 5 - Variáveis extralinguísticas.....	124
Quadro 6 - Síntese dos estudos que contemplam cruzamento de variáveis sobre concordância verbal na fala e na escrita nas regiões brasileiras.....	126
Quadro 7 - Ordem de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos condicionantes e não condicionantes para a aplicação da regra de CV de 1PP e 3PP na fala.....	131
Quadro 8 - Evolução nos paradigmas flexionais do português brasileiro.....	140
Quadro 9 - Ordem de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos condicionantes e não condicionantes para a aplicação da regra de CV de 1PP e 3PP na escrita.....	186
Quadro 10 - Ordem de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos condicionantes para a aplicação da regra de CV de 1PP e 3PP na fala e na escrita.....	187

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sujeitos expressos versus sujeitos nulos ao longo da hierarquia referencial.....	35
Figura 2 - Pronomes nominativos no português brasileiro.....	37

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Resultado total das variantes [+conc] e [-conc] no corpus da fala.....	136
Gráfico 2 - Percentual das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável referência semântica de número do sujeito.....	138
Gráfico 3 - Frequência das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável paralelismo linguístico de nível oracional.....	144
Gráfico 4 - Frequência das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável saliência fônica.....	148
Gráfico 5 - Frequência das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável paralelismo linguístico de nível discursivo.....	151
Gráfico 6 - Frequência das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável definitude e especificidade do sujeito.....	154
Gráfico 7 - Frequência das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável sexo.....	159
Gráfico 8 - Frequência das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável animacidade do sujeito.....	163
Gráfico 9 - Frequência das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável escolaridade.....	167
Gráfico 10 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável posição do sujeito em relação ao verbo...	169
Gráfico 11 - Frequência das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável tempo e modo verbal.....	174
Gráfico 12 - Frequência das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável tipo estrutural do sujeito.....	177
Gráfico 13 - Peso relativo da variante padrão da fala, segundo a explicitude do sujeito.....	181
Gráfico 14 - Frequência das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável tipo de verbo.....	183
Gráfico 15 - Resultado total das variantes [+conc] e [-conc] no corpus da escrita.....	191
Gráfico 16 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão na escrita, segundo a variável paralelismo linguístico de nível oracional na CV de 1PP e 3PP.....	192

Gráfico 17 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão na escrita, segundo a variável paralelismo linguístico de nível discursivo.....	197
Gráfico 18 - Frequência e peso relativo da variante padrão e não-padrão da escrita, segundo a variável saliência fônica.....	200
Gráfico 19 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão na escrita, segundo a variável tipo de verbo.....	202
Gráfico 20 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão na escrita, segundo a variável posição do sujeito em relação ao verbo.....	206
Gráfico 21 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão na escrita, segundo a variável explicitude do sujeito.....	209
Gráfico 22 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão na escrita, segundo a variável tempo e modo verbal.....	210
Gráfico 23 - Frequência e peso relativo da variante padrão e não-padrão da escrita, segundo a variável referência semântica de número do sujeito.....	212
Gráfico 24 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da escrita, segundo a variável tipo estrutural do sujeito.....	215
Gráfico 25 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da escrita, segundo a variável definitude e especificidade do sujeito.....	218
Gráfico 26 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão na escrita, segundo a variável animacidade do sujeito.....	222
Gráfico 27 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da escrita, segundo a variável sexo.....	224
Gráfico 28 - Frequência das variantes padrão e não-padrão da escrita, segundo a variável escolaridade.....	228

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	29
2 O FENÔMENO EM ESTUDO.....	32
2.1 A DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	32
2.2 OBJETIVOS.....	42
2.2.1 Geral.....	42
2.2.2 Específicos.....	42
2.3 TESES.....	42
2.3.1 Geral.....	42
2.3.2 Específicas.....	42
3 ESTUDOS SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO NA PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA...44	
3.1 NA LÍNGUA FALADA.....	44
3.1.1 Região Centro-Oeste.....	44
3.1.1.1 Sgarbi (2006).....	44
3.1.1.2 Mattos (2013).....	47
3.1.2 Região Nordeste.....	49
3.1.2.1 Santos (2010).....	49
3.1.2.2 Brito (2013).....	50
3.1.2.3 Araújo (2014).....	52
3.1.3 Região Norte.....	53
3.1.3.1 Rodrigues (1997).....	53
3.1.3.2 Oliveira (2006).....	55
3.1.3.3 Silva (2011).....	56
3.1.4 Região Sudeste.....	57
3.1.4.1 Faria (2008).....	57
3.1.4.2 Rubio (2008).....	58
3.1.4.3 Monte (2012).....	59
3.1.5 Região Sul.....	61
3.1.5.1 Almeida (2006).....	61
3.1.5.2 Monguilhott (2009).....	63
3.1.5.3 Welchen (2009).....	65
3.2 NA LÍNGUA ESCRITA.....	66

3.2.1 Região Nordeste.....	66
3.2.1.1 Santos (2013).....	66
3.2.2 Região Norte.....	67
3.2.2.1 Castro (2016).....	67
3.2.3 Região Sudeste.....	68
3.2.3.1 Gameiro (2009).....	68
3.2.4 Região Sul.....	69
3.2.4.1 Agostinho (2013).....	69
3.3 NA LÍNGUA FALADA E NA LÍNGUA ESCRITA.....	71
3.3.1 Região Sudeste.....	72
3.3.1.1 Vianna (2006).....	72
3.3.2 Região Sul.....	74
3.3.2.1 Brustolin (2009).....	74
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	80
4.1 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: PRESSUPOSTOS BÁSICOS.....	80
4.1.1 Regra variável e variantes.....	82
4.1.2 Variação versus mudança linguística.....	86
4.1.3 Conceito de norma.....	89
4.2 SOBRE A FALA E A ESCRITA.....	94
4.2.1 Variação e ensino: a favor da polarização sociolinguística.....	96
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	99
5.1 TIPO DE MÉTODO.....	99
5.1.1 Método de abordagem.....	99
5.1.2 Métodos de procedimento.....	99
5.1.2.1 Método estatístico.....	100
5.1.2.2 Método comparativo.....	101
5.2 TIPO DE PESQUISA.....	101
5.2.1 Panorama do campo de coleta e do público escolar.....	103
5.2.1.1 História da escola.....	103
5.2.1.2 Estrutura física escolar.....	105
5.2.1.3 Programas e parcerias.....	105
5.2.1.4 Público escolar.....	105
5.3 POPULAÇÃO INVESTIGADA.....	106
5.3.1 Perfil socioeconômico e cultural dos informantes.....	107

5.4 COLETA DE DADOS.....	108
5.5 CONSTITUIÇÃO DO CORPUS.....	110
5.5.1 Critérios de exclusão dos dados.....	111
5.6 SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS E CODIFICAÇÃO DOS DADOS.....	112
5.6.1 Variáveis linguísticas.....	114
5.6.1.1 Domínio do verbo.....	114
5.6.1.1.1 <i>Saliência fônica</i>	114
5.6.1.1.2 <i>Tipo de verbo</i>	115
5.6.1.1.3 <i>Tempo e modo verbal</i>	116
5.6.1.2 Domínio SN – sujeito e verbo.....	117
5.6.1.2.1 <i>Explicitude do sujeito</i>	117
5.6.1.2.2 <i>Posição do sujeito em relação ao verbo</i>	119
5.6.1.2.3 <i>Paralelismo linguístico de nível oracional</i>	119
5.6.1.2.4 <i>Paralelismo linguístico de nível discursivo</i>	120
5.6.1.3 Domínio SN – sujeito.....	121
5.6.1.3.1 <i>Tipo estrutural do sujeito</i>	121
5.6.1.3.2 <i>Animacidade do sujeito</i>	123
5.6.1.3.3 <i>Referência semântica de número do sujeito</i>	123
5.6.1.3.4 <i>Definitude e especificidade do sujeito</i>	124
5.6.2 Variáveis extralinguísticas.....	124
5.6.2.1 Escolaridade.....	125
5.6.2.2 Sexo.....	125
5.7 TIPO DE ANÁLISE.....	125
6 DESCRIÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DA FALA.....	131
6.1 ANÁLISE GERAL.....	135
6.2 VARIÁVEIS CONDICIONANTES DA FALA POR ORDEM DE SIGNIFICÂNCIA.....	137
6.2.1 Referência semântica de número do sujeito.....	137
6.2.2 Paralelismo linguístico de nível oracional.....	142
6.2.3 Saliência fônica.....	147
6.2.4 Paralelismo linguístico de nível discursivo.....	150
6.2.5 Definitude e especificidade do sujeito.....	154
6.2.6 Sexo.....	158
6.2.7 Animacidade do sujeito.....	162

6.2.8 Escolaridade.....	166
6.2.9 Posição do sujeito em relação ao verbo.....	168
6.3 VARIÁVEIS NÃO CONDICIONANTES POR ORDEM DE SIGNIFICÂNCIA.....	173
6.3.1 Tempo e modo verbal.....	173
6.3.2 Tipo estrutural do sujeito.....	176
6.3.3 Explicitude do sujeito.....	180
6.3.4 Tipo de verbo.....	182
7 DESCRIÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DA ESCRITA.....	186
7.1 ANÁLISE GERAL.....	190
7.2 VARIÁVEIS CONDICIONANTES DA ESCRITA POR ORDEM DE SIGNIFICÂNCIA.....	191
7.2.1 Paralelismo linguístico de nível oracional.....	192
7.2.2 Paralelismo linguístico de nível discursivo.....	196
7.2.3 Saliência Fônica.....	199
7.3 VARIÁVEIS NÃO CONDICIONANTES POR ORDEM DE SIGNIFICÂNCIA.....	202
7.3.1 Tipo de verbo.....	202
7.3.2 Posição do sujeito em relação ao verbo.....	205
7.3.3 Explicitude do sujeito.....	208
7.3.4 Tempo e modo verbal.....	210
7.3.5 Referência semântica de número do sujeito.....	211
7.3.6 Tipo estrutural do sujeito.....	214
7.3.7 Definitude e especificidade do sujeito.....	217
7.3.8 Animacidade do sujeito.....	221
7.4 VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS DA ESCRITA.....	224
7.4.1 Sexo.....	224
7.4.2 Escolaridade.....	227
7.5 CÔMPUTO GERAL DOS RESULTADOS DA LÍNGUA FALADA E DA LÍNGUA ESCRITA.....	229
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	232
REFERÊNCIAS.....	237
APÊNDICE A - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	248
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	251
APÊNDICE C - FICHA DO (A) INFORMANTE.....	253
APÊNDICE D - NARRATIVA PARA OS INFORMANTES COMPLETAREM.....	255

APÊNDICE E - ENTREVISTA COM ALUNOS DOS 6º E 9º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	256
APÊNDICE F - ENTREVISTA COM ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO.....	258
APÊNDICE G - FICHA DO (A) DOCENTE.....	260
ANEXO A - APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA.....	262

1 INTRODUÇÃO

Decorrido mais de 30 anos dos primeiros estudos sobre a concordância verbal (CV) e após uma vasta contribuição de renomados pesquisadores que se dedicaram a compreender esse fenômeno variável e suas diversas características em comunidade brasileira, ainda há muito o que se desvendar no quadro da Concordância Verbal (CV) do Português Brasileiro (doravante PB).

Em diversos estudos analisados no Brasil, pudemos constatar a correlação da aplicação da regra de concordância entre sujeito e verbo com fatores internos (linguísticos) e externos (extralinguísticos). Estamos certos de que a CV é um fenômeno linguístico variável, no entanto não pode ser analisado somente em termos de suas relações internas na gramática, mas, sim, como parte de um amplo contexto sociocultural. Nesse contexto, a concordância verbal se apresenta como uma regra variável recorrente no PB, sendo Pernambuco um estado, até onde temos verificado, que ainda carece de pesquisas sistemáticas acerca desse uso variável em duas variedades da língua: a fala e a escrita. Assim, propomos este estudo, pioneiro nesse Estado, com o intuito de contribuir com novos resultados a respeito da CV de 1ª pessoa do plural (1PP) e 3ª pessoa do plural (3PP). Pensamos em analisar casos de concordância/não concordância verbal presentes na fala e na escrita de adolescentes de uma escola regular do Recife, com o objetivo de investigarmos quais fatores linguísticos e extralinguísticos podem estar favorecendo a variação entre [+conc(ordância)] e [-conc(ordância)], apoiando-nos teórico-metodologicamente na sociolinguística variacionista, que tem Willian Labov ([1972] 2008) como seu principal precursor.

Embora a temática da CV na fala já tenha sido, de certa forma, um tanto explorada, são escassos os estudos sociolinguísticos referentes à língua escrita e mais carente ainda são os estudos de língua falada e escrita quando comparados dados produzidos por um mesmo informante em ambas as modalidades. Desse modo, o ineditismo deste trabalho reside no fato de estarmos propondo um estudo variável da fala e da escrita de um mesmo informante. Ademais, a variação da amostra de uma comunidade é sempre uma boa justificativa para qualquer trabalho de natureza sociolinguística, uma vez que todo e qualquer dialeto, linguisticamente

heterogêneo, em relação aos demais com os quais possa ter algo em comum, é único, por natureza. Assim, a comunidade escolar recifense apresenta características próprias, que a aproximam de outras comunidades escolares, mas que também delas a distanciam. Como forma de exemplificarmos uma das marcas presentes na fala dos adolescentes da comunidade escolar, podemos citar o uso excessivo de *a gente*, que, segundo Kato e Duarte (2014), já se constitui uma característica específica da comunidade jovem. Por outro lado, nos dados da escrita, a ausência do uso de *a gente*, reafirma a atuação da escola como uma espécie de “freio” às mudanças por que vem atravessando a gramática da fala do PB.

Sabemos que o paradigma pronominal do PB, prescrito pela gramática tradicional, refere-se a seis pessoas do discurso: *eu, tu, ele, nós, vós, eles*. Todavia, nessa classificação não são enquadradas algumas formas pronominais, como *você (tu/você), a gente (nós/a gente) e vocês (vós/vocês)*, “vivas e pulsantes”, por vários de nossos falantes.

A reorganização do paradigma pronominal e a consequente ausência de CV com algumas pessoas do discurso tem ocasionado um aumento significativo de sujeitos plenos. Para Figueiredo Silva (1996, 2000), Kato e Duarte (2014), por exemplo, o PB está se apresentando como língua de sujeito nulo parcial. O processo de reorganização do paradigma flexional no PB tem possibilitado maior ausência de concordância verbal e consequentemente mais sujeitos plenos, porque a morfologia, em muitos contextos, não é capaz de recuperar os sujeitos nulos. Não se trata de uma língua de sujeitos não nulo, pois ainda se verificam sujeitos nulos, mesmo que em menor frequência, sobretudo na fala, quando submetidos a contextos específicos (KATO; DUARTE, 2014).

Acreditamos ser o tema de estudo desta tese muito relevante para a descrição do português em termos sociolinguísticos, especialmente para a interpretação da variedade falada e escrita de adolescentes de uma escola regular do Recife.

Nosso trabalho está assim organizado. No primeiro capítulo, circunscrevemos os limites do nosso fenômeno em estudo, definimos os objetivos geral e específicos e as hipóteses gerais da pesquisa. No segundo, apresentamos trabalhos realizados nas cinco regiões brasileiras sobre a concordância verbal na fala, na escrita e na fala e escrita do PB. No terceiro, discutimos os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, LABOV,

[1972] 2008, 1978, 1994, 2001, 2003) e a relação fala e escrita (Cf. MARCUSCHI, 2003). No quarto capítulo, abordamos o programa estatístico utilizado, a amostra da pesquisa e as variáveis dependente e independentes de nosso estudo. No quinto e sexto capítulos, apresentamos e discutimos os resultados dos dados da fala e de escrita, respectivamente. Por fim, nas considerações finais, exibimos de modo conciso os principais pontos da pesquisa e os resultados mais relevantes.

2 O FENÔMENO EM ESTUDO

Neste capítulo, apresentamos (a) o quadro panorâmico do fenômeno em estudo, a partir de reflexões sobre o comportamento da concordância verbal no Português Brasileiro (PB), (b) os objetivos geral e específicos da nossa pesquisa e (c) as hipóteses a serem testadas em nosso trabalho.

2.1 A DELIMITAÇÃO DO TEMA

Inserido este estudo no campo da Sociolinguística Variacionista (LABOV [1972] 2008, 1978, 1994, 2001, 2003), área de pesquisa que lida com os estudos da variação e mudança linguísticas dentro do contexto social da comunidade de fala, focalizando, sobretudo, os empregos linguísticos heterogêneos, é necessário consideramos que a realidade dos falantes que usam a língua influencia significativamente na maneira como eles falam e na maneira como eles avaliam a língua que usam e, notadamente, a língua usada pelos outros.

Em relação, particularmente, ao fenômeno da variação da concordância verbal, estudos linguísticos apontam para o enfraquecimento da morfologia de flexão verbal na gramática do PB ocasionado pela reorganização de seu paradigma pronominal e, por consequência, tem havido maior uso de sujeitos plenos (realizados foneticamente) (Cf. DUARTE 1995, 2000) quando comparado ao português europeu (PE).

Na tentativa de observar tais efeitos, Duarte (1995) realiza um estudo diacrônico, ao longo de sete períodos da história, e mostra que o PB está sofrendo um processo de mudança, uma vez que os resultados percentuais apontam para um aumento acentuado de sujeitos plenos: 1845 (20%), 1882 (23%), 1918 (25%), 1937 (46%), 1955 (50%), 1975 (67%) e 1992 (74%). A autora apresenta, a partir da análise de peças teatrais, três paradigmas que evidenciam tais mudanças: (i) *paradigma 1* (representativo do século XIX). A morfologia de flexão verbal é rica, pois todas as pessoas são gramaticalmente identificadas por morfemas específicos; (ii) *paradigma 2* (representativo da primeira metade do século XX) – o processo de mudança não atua uniformemente por todas as pessoas gramaticais, ocorrendo a

perda da especificação gramatical para a 2ª pessoa do singular (*tu*)¹ e 2ª pessoa do plural (*vós*) e, conseqüentemente, a existência de duas formas zero e (iii) *paradigma* 3 (representativo da segunda metade do século XX) - há uma forte redução do paradigma flexional, pois, além das duas formas zero observadas no paradigma 2, há também a forma zero para a 1ª pessoa do plural (*nós*)² que dá espaço à forma pronominal *a gente* que leva o verbo para a terceira pessoa do singular, tal como os pronomes *você* e *vocês* que levam o verbo para a terceira pessoa do singular e do plural por estarem ocupando o lugar dos pronomes *tu* e *vós*, respectivamente, conforme podemos visualizar na tabela 1 abaixo:

Tabela 1 - Paradigmas pronominais e flexionais no PB

Pessoa/Nº	Pronome	Paradigma 1	Paradigma 2	Paradigma 3
1ª sing	Eu	am o	am o	am o
2º sing.	Tu Você	am a s am a	--- am a	--- am a
3ª sing.	Ele/Ela	am a	am a	am a
1ª plural	Nós A gente	am a mos ---	ama a mos am a	--- am a
2ª plural	Vós Vocês	am a is am a m	--- am a m	--- am a m
3ª plural	Eles/Elas	am a m	am a m	am a m

Fonte: Duarte (1995, p. 32).

Esses paradigmas, portanto, revelam um processo de mudança ao longo do tempo. Nos três primeiros períodos (1845, 1882, 1918), ainda vigora um paradigma pronominal (*paradigma 1*) semelhante ao que até agora observamos no PE³. A partir de 1937 em diante (*paradigma 2*), a segunda pessoa direta, por exemplo, é perdida e, no último período (1992), a forma *a gente* substitui o pronome *nós* (*paradigma 3*).

Segundo Duarte (1995), a coexistência de duas formas pronominais não implica a opção pelo sujeito nulo em qualquer uma delas; no entanto, a queda de 69% de sujeitos nulos de segunda pessoa indireta⁴ nos dados de 1918 para 25% nos de 1937 entra em conformidade com a perda da segunda pessoa direta. Daí

¹ Ressaltamos que há Estados Brasileiros em que o *tu*, com sua morfologia específica, ainda é preservado (ex.: Florianópolis, Belém, Maranhão).

² Acreditamos ser uma visão muito categórica a exclusão do *nós*. Em Kato e Duarte (2014), por exemplo, as autoras não excluem o *nós*.

³ O pronome *vós* não está incluído no dialeto lisboeta, mas pode ser produtivo no Porto (GALVES, 2001).

⁴ Representada pelas formas verbais de terceira pessoa.

para frente, o sujeito nulo de segunda pessoa mantém-se no mesmo patamar, em torno dos 20%. A mudança, embora ocorra de maneira menos brusca, afeta, radicalmente, também, a primeira pessoa, por apresentar índices de apenas 18% de ocorrência de sujeitos nulos. A única pessoa que não se apresenta tanto afetada é a terceira, pois mantém a ocorrência de sujeitos nulos sempre acima de 50%⁵.

Esse comportamento da terceira pessoa evidencia uma assimetria na língua. Se, de um lado, parece estarmos perdendo a opção pelo sujeito nulo na representação dos sujeitos de primeira e segunda pessoas; em contrapartida, continuamos a desfrutar dessa opção para representar os de terceira. Na verdade, a primeira e a segunda pessoas são a evidência de que “a riqueza funcional do paradigma se perdeu” (DUARTE, 1995, p. 21). Ou seja, sujeitos nulos referenciais cada vez menos serão licenciados pela flexão verbal (doravante AGR, do inglês *Agreement*). Já a terceira, por não ser plenamente realizada por intermédio de AGR, a identificação do sujeito pode ser recuperada por um referente já dado no discurso anterior. (DUARTE, 1995).

De acordo com Galves (1987), o enfraquecimento da concordância verbal levou a uma reorganização da sentença em torno do tópico, podendo ser ele o antecedente direto de objetos nulos e sujeitos nulos. Para Magalhães (2006, p.33), “as instâncias de sujeitos nulos no PB compreendem os sujeitos nulos referenciais de orações encaixadas, sujeito nulos expletivos e indeterminados”.

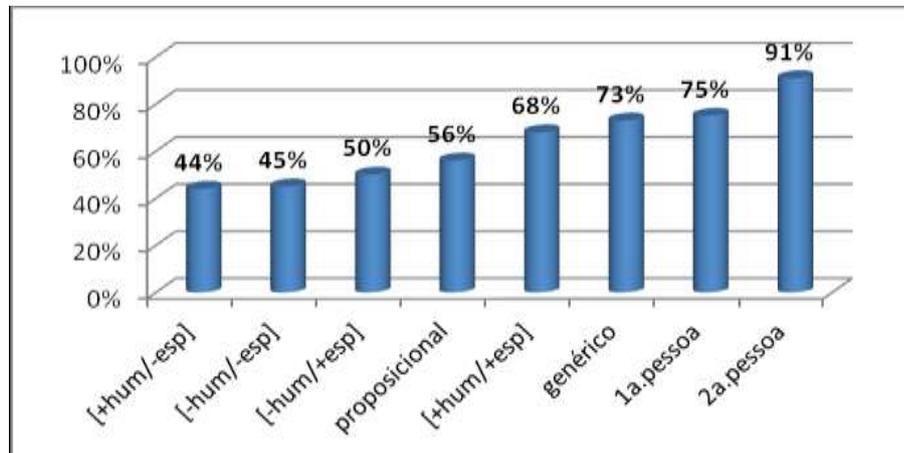
Para ser capaz de licenciar seletivamente o sujeito nulo no PB, Cyrino, Duarte e Kato (2000) aconselham que a mudança que envolve categorias vazias se dê, não de forma inesperada, mas no decorrer de uma hierarquia de referencialidade. A primeira e segunda pessoas ocupando as posições mais altas e o expletivo, com o traço inerentemente [+hum] e a terceira pessoa, ocupando a posição mais baixa, sem traços de pessoa.

Assim, os resultados obtidos por Duarte (1995) foram revistos em Duarte (2012) para a realização fonética dos sujeitos “referenciais” na fala culta carioca, ao

⁵ Há outros estudos, como o de Magalhães (2006), por exemplo, que mostram que há muito mais argumentos em favor da inclusão do sujeito nulo. O PB é uma língua em que o uso de sujeito nulo é seletivo e que o uso do sujeito nulo deve-se ao fato de esta língua ser orientada para tópico. Ou seja, das mudanças observadas no PB, a mais significativa é aquela que diz respeito à mudança na proeminência de sujeito para tópico, como já defendido por Galves (1987) e Negrão e Viotti (2000).

utilizar a proposta da “hierarquia da referencialidade” de Cyrino, Duarte e Kato (2000), conforme a figura 1:

Figura 1 - Sujeitos expressos versus sujeitos nulos ao longo da hierarquia referencial



Fonte: Kato e Duarte (2014, p. 5).

De acordo com Kato e Duarte (2014), como já esperado pela hierarquia, as primeira e segunda pessoas fazem parte do contexto mais envolvido pela mudança, atingindo, respectivamente, 91% e 75% de sujeitos plenos, como exemplificado em (1a) e (2a):

- (1) a. **Você** me disse que **você** está morando em Copacabana.
 b. Ø_{2ps} Nunca ouviu falar nele?
- (2) a. Mesmo que **eu** não fizesse o pré-vestibular, **eu** acho que **eu** passaria por causa da base que **eu** tinha.
 b. Ø Não gosto de boxe.

(KATO; DUARTE, 2014, p. 6)

Toma-se a referencialidade como uma propriedade gradiente do mais específico para o menos específico, assumindo-se que, quanto mais referencial é o sujeito, maior a possibilidade de ele ser pleno (KATO; DUARTE, 2014).

Observando a ocorrência de sujeito nulo no contexto de encaixadas, Kato e Duarte (2014) verificam que apenas uma leitura é possível no PB (3a), ao contrário de línguas prototipicamente sujeitos nulos como o espanhol (3b). Observem os exemplos a seguir:

- (3) a. O João_i disse que $\emptyset_{i/*j}$ comprou um carro ontem.
 b. *Juan ha decho que \emptyset_{ij} compró um coche ayer.*

(KATO; DUARTE, 2014, p. 8)

No PB, segundo Kato e Duarte, 2014, para obter a mesma leitura de outras línguas [+sujeito nulo], é preciso que o pronome (4a) venha expresso como no inglês (4b):

- (4) a. O João_i disse que ele_{ij} comprou um carro novo.
 b. *Johni said that he_{ij} bought a new car.*

(Kato; Duarte, 2014, p.8)

Pelo que podemos observar, a partir dos estudos de Kato e Duarte (2014), a sintaxe do PB vem se transformando e a variação exposta parece desdobrar-se não apenas de uma mudança em curso mas também como propriedade de uma gramática estável caracterizável no que diz respeito a restrições semânticas de referencialidade e de propriedades morfossintáticas.

Ademais, Silva (2004) assumindo com Duarte (1995) que o PB está se tornando uma língua em que a posição pré-verbal tende a ser preenchida por sujeitos plenos, observa que a inversão sujeito-verbo só não é bloqueada nessa língua por verbos inacusativos, pois, por não selecionarem argumento externo, são contextos favorecedores da ordem VS e da não concordância morfológicamente visível entre o sujeito e o verbo (cf. (5a e 5b)). De acordo com Silva (2004), quando o DP está anteposto ao verbo, a concordância morfológica entre o DP pré-verbal e a flexão verbal pode ser estabelecida ou não (cf. (6a e 6b)), independentemente do tipo de verbo, conforme exemplos a seguir:

- (5) a. ??**Queimaram** muitas floresta.
 b. **Queimou** muitas floresta.

(SILVA, 2004, p. 32)

- (6) a. Os meninos **cantaram**.
 b. Os meninos **cantou**.

(SILVA, 2004, p. 33)

O PB é uma língua de sujeito nulo parcial (Cf. FIGUEIREDO SILVA, 1996; 2000 e KATO; DUARTE, 2014), e o processo de mudança no PB parece estar relacionado ao enfraquecimento do sistema flexional verbal, que reduz o número de oposições a três ou quatro desinências verbais. Para elas, essa redução ocorreu devido a processos fonológicos e a mudanças no quadro pronominal, a partir da incorporação de *você*, atualmente gramaticalizado e usado em variação com *tu* na maioria do território nacional, “e do pronome a *gente*, igualmente oriundo de uma expressão nominal, que hoje substitui o pronome *nós* no português brasileiro, particularmente, na fala de gerações mais jovens”. (KATO; DUARTE, 2014, p.3).

Figura 2 - Pronomes nominativos no português brasileiro

Pessoa	Pronomes	Século XIX	Século XX/1	Século XX/2
1ps	eu	estudo	estudo	estudo
1pp	<u>nós</u> a gente	estudamos	estudamos estuda	<u>estudamos</u> estuda
2ps	tu você	estudas estuda	estudas estuda	estuda(s) estuda
2pp	vós vocês	estudais estudam estudam estuda(m)
3ps	ele, ela	estuda	estuda	estuda
3pp	eles, elas	estudam	estudam	estuda(m)

Fonte: Kato e Duarte (2014)

Tendo por base o processo de enfraquecimento de AGR na gramática do PB, é possível verificarmos sua extensão em diversos domínios de sua estrutura morfossintática (ordem de palavras e concordância entre sujeito-verbo, flexão verbal enfraquecida e legitimação de sujeitos plenos e nulos, tomando por base a hierarquia de referencialidade), domínios esses que foram tratados nesta tese ao abordarmos o fenômeno variável da concordância verbal em PB em duas modalidades de uso da língua: a fala e a escrita pelas razões expostas mais adiante.

Dando continuidade a essa discussão, vale retomarmos o trabalho de Brandão e Vieira (2012) que, a partir dos três tipos de regras propostos por Labov (1966), fazem um estudo sociolinguístico sobre a concordância de terceira pessoa do plural na língua falada de falantes com ensino fundamental, médio e superior em três variedades do português: o PB (Nova Iguaçu-RJ), o português de São Tomé

(PST) (África)⁶ e o PE (Cacém) da concordância em PB. Essas autoras concluem que se trata de uma regra variável no domínio nominal e verbal do PB (CN – 91.1% e a CV – 78.1%) e do PST (CN – 93.4 e a CV – 93.2%), ao contrário do que se observa na gramática do PE: no primeiro domínio, trata-se de uma regra categórica (100%), ao passo que, no segundo, de uma regra semicategórica (95-99%), conforme tabela 2 a seguir.

Tabela 2 - Tipos de regras linguísticas do PE

Tipo de regra	Frequência com que opera	Violação
I – Categórica	100%	Nenhuma, na fala natural
II - Semicategórica	95-99%	Rara e relatável
III- Variável	5-95%	Nenhuma por definição e não relatável

Fonte: Brandão e Vieira (2012, p. 1034), com base em Labov (2003, p. 243).

Diante dos dados apresentados por Brandão e Vieira (2012), em se tratando de regra variável no PB, embora os menos escolarizados produzam menos concordância, há uma alta frequência de concordância não só com esse grupo mas também com os demais, como podemos ver nos quadros 1 e 2 a seguir:

Quadro 1 - Atuação da variável nível de escolaridade para o cancelamento da marca de número no SN – PB

Escolaridade	Porcentagem	Peso relativo
Nível superior	2.8%	.24
Nível fundamental	8.6%	.62
Nível médio	19.1%	.76

Fonte: Brandão e Vieira (2012, p. 9).

Quadro 2 - Atuação da variável nível de escolaridade para o cancelamento da marca de número no SV – PB

Escolaridade	Porcentagem	Peso relativo
Nível superior	9.9%	.29
Nível fundamental	23.7%	.61
Nível médio	32%	.69

Fonte: Brandão e Vieira (2012, p. 22)

⁶“Em São Tomé, características de seu processo de povoamento, deram ensejo a que se formasse uma sociedade de caráter multilíngue, que optou por instituir o Português como única língua oficial depois de se ter tornado independente de Portugal em 1975”. (BRANDÃO; VIEIRA, 2012, p. 12).

Podemos perceber que, no âmbito da CV, sempre há mais concordância verbal do que menos concordância verbal independentemente de escolaridade, sexo, faixa etária e modalidade de uso da língua.

Ampliando o trabalho de Brandão e Vieira (2012), esta tese trouxe um diferencial no sentido de se trabalhar não apenas com a fala mas também com escrita de estudantes de uma escola regular da cidade do Recife-PE dos níveis fundamental e médio. A perspectiva de comparação aqui adotada não é tão frequente nos estudos em sociolinguísticos até onde temos verificado.

Para dar sequência às reflexões sobre o nosso estudo, seguem abaixo algumas considerações de gramáticos a respeito da CV que contrariam a perspectiva de análise adotada neste estudo por desconsiderarem a heterogeneidade linguística.

Almeida (1992, p. 441) deixa claro que “o verbo é que deve concordar com o sujeito e não o sujeito com o verbo, porque o verbo é que depende do sujeito e não o contrário”. Nesse mesmo raciocínio, o gramático Cegalla (2010, p. 450) também prescreve que “o verbo concorda com o sujeito, em harmonia com as seguintes regras gerais”:

a) *sujeito simples*: com ele concordará o verbo em número e pessoa, seja posposto (cf. (9)) ou anteposto ao sujeito (cf. (10)):

(9) Tu não **fostes** chamado à liberdade, irmão.

(10) **Aconteceram** tantas desgraças neste planeta!.

b) *sujeito composto*: quando composto e da 3ª pessoa, anteposto ao verbo, leva geralmente este para o plural (cf. (11)), quando posposto ao verbo, este poderá concordar no plural ou com o substantivo mais próximo (cf. (12) e (13)). Se for de pessoas diferentes, o verbo se flexiona no plural e na pessoa que tiver prevalência (cf. (14)):

(11) A esposa e o amigo **seguem** sua marcha.

(12) Enquanto ele não vinha, **apareceram** um jornal e uma vela.

(13) **Proibiu-se** o ofício e lojas de ourives.

(14) Você e meu irmão não me **compreendem**. [você e ele = vocês]

Para Cunha e Cintra (2008, p. 510), a solidariedade entre o verbo e o sujeito manifesta-se “na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito”, que pode ser indicada pela flexão verbal a ele ajustada”, como: *Tu tens razão. Agora, tudo se clareou para mim. Não precisas voltar aqui. Não quero que te exponhas.* Nesses exemplos, a forma pronominal em uso inscreve-se no paradigma do PE que é adquirido naturalmente pelas crianças portuguesas, ao contrário do que se observa, em geral, nas crianças brasileiras que só aprendem essa forma após seu ingresso na escola.

Acima apresentamos o estudo da relação sujeito e verbo pela perspectiva normativa e, a seguir, pela linguística.

Bechara (2009, p. 543, 544) reconhece também a CV como “a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o predicado) e o verbo da oração”, mas ressalta, tomando por base a língua falada e a língua escrita, que

[...] na língua oral, em que o fluxo do pensamento corre mais rápido que a formulação e estruturação da oração, é muito comum enunciar primeiro o verbo – elemento fulcral da atividade comunicativa – para depois se seguirem os outros termos oracionais. Nestas circunstâncias, o falante costuma enunciar o verbo no singular, porque ainda não pensou no sujeito a quem atribuirá a função predicativa contida no verbo; se o sujeito, neste momento, for pensado como pluralidade, os casos de discordância serão frequentes [...]. A língua escrita, formalmente mais elaborada, tem meios de evitar estas discordâncias. (BECHARA, 2009, p. 544).

Não obstante, Marcuschi (2003, p.45), indica em seus resultados mais notáveis que as semelhanças entre a língua falada e língua escrita “são maiores do que as diferenças tanto nos aspectos estritamente linguísticos quanto nos aspectos sociocomunicativos” e as diferenças estão mais na ordem das preferências e condicionamentos.

Indo de encontro à postura prescritiva dos gramáticos, o linguista Ataliba de Castilho em sua *Nova Gramática do Português Brasileiro* afirma, à semelhança do que vem sendo defendido por sociolinguistas de diferentes estados brasileiros (Cf. ANJOS, 1999, GRACIOSA, 1991, MONGUILHOTT, 2009, RUBIO, 2008 e SILVA, 2003), que o fenômeno da CV é variável, pois, na gramática do PB, a concordância não pode ser descrita em termos de regras categóricas: “[a] postulação de regras variáveis capta melhor o que ocorre aqui, dada à complexidade dos fatores

determinantes da concordância e à instabilidade em sua execução em nossa língua” (CASTILHO, 2014, p. 273).

Em decorrência do processo de mudança atestado no domínio da flexão verbal ocasionado pela reorganização do paradigma pronominal (Cf. DUARTE 1995, 2000), a variante padrão (cf. (15a), (16a), (17a) e (18a)) e não-padrão (cf. (15b), (16b), (17b e (18b)) relacionada à CV co-ocorrem na gramática do PB na fala e na escrita de um mesmo falante, evidenciando ser de fato um fenômeno variável. Observem-se, por exemplo, alguns de nossos dados de mesmos informantes extraídos do *corpus* de nossa pesquisa:

Língua falada:

- (15) a. “meus amigos **sentiram** dor de barriga” (I7f146)⁷
 b. “eu e meu pai **passou** o dia jogando” (I7f246)

- (16) a. “os professores de lá **ficaram** explicando” (I4f156)
 b. “minhas amigas **fica** fazendo vergonha” (I4f256)

Língua escrita:

- (17) a. “os irmãos **desideram** proteger todas as pessoas” (L7e146)
 b. “todos os irmãos **estava** lutando” (L7e246)

- (18) a. “o casal e três filhos se **surpreenderam**” (L4e156)
 b. “**acabou** as férias” (L4f256)

Levantamos como hipótese norteadora que a escolarização serve como uma espécie de “freio” às mudanças atestadas no domínio flexional no sentido de que,

7 Cada informante foi identificado por letras e números. A letra l e o número que vem logo em seguida representam a identificação do informante. A letra f representa a fala e a letra e, a escrita. Os números 1 ou 2 identificam o uso (1) ou não (2) da CV. Depois, temos os números 1 e 2 para indicar CV(1) e não CV(2), 4 ou 5 para identificar os sexos, masculino (4) e feminino (5). Para concluir, os números 6, 9 ou 3 representam, respectivamente, as referidas séries 6º, 9º ou 3º anos.

com o avançar das séries, torna-se mais frequente o uso da variante padrão relacionado à CV na língua escrita do que na língua falada de um mesmo falante.

É importante ressaltarmos que, ao contrário do que temos proposto neste estudo no âmbito da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968]2006, LABOV, [1972]2008, 1994, 2001, 2003), as pesquisas em variação linguística sobre a CV no PB centram a atenção em grande medida, até onde temos verificado, na língua falada. Portanto, em se tratando da modalidade escrita e de sua comparação com a modalidade falada, ainda são muito escassos os trabalhos realizados, conforme verificamos. Em se tratando da região nordeste, até o momento, não encontramos estudos sociolinguísticos que objetivem a comparação entre as duas modalidades – oral e escrita – de uso da língua portuguesa de um mesmo informante.

2.2 OBJETIVOS

2.2.1 Geral

Investigar o uso variável da concordância verbal na língua falada e escrita de alunos de uma escola regular do Recife.

2.2.2 Específicos

- (i) Analisar grupos de fatores linguísticos que podem estar condicionando ou não a aplicação da regra de CV na fala e na escrita desses alunos.
- (ii) Verificar quais fatores extralinguísticos contribuem para o uso da variante padrão da CV na fala e na escrita desses alunos.
- (iii) Comparar os resultados obtidos na pesquisa com os de outras no campo da Sociolinguística Variacionista.

2.3 TESES

2.3.1 Geral

Na língua falada e escrita de alunos de uma escola regular do Recife, tratamos a concordância verbal como um fenômeno linguístico variável decorrente da atuação de fatores (extra)linguísticos.

2.3.2 Específicas

- (i) Fatores linguísticos, como por exemplo, formas verbais menos salientes, verbos inacusativos, sujeitos pospostos e muito distantes do verbo, podem ser condicionadores da variante não-padrão, à semelhança do que é observado em outros estudos seja na modalidade oral ou escrita (MONGUILHOTT, 2001, 2009, RUBIO, 2008, 2012, MONTE, 2007, 2012, SANTOS, 2010, 2013).
- (ii) Seguindo Monguilhot (2001, 2009), acreditamos que o uso variável da concordância verbal na 1PP e 3PP nos dados em análise é condicionado muito mais por grupos de fatores linguísticos do que por grupo de fatores extralinguísticos.
- (iii) Tomando por base os resultados de estudos sobre o fenômeno variável da CV no PB (GRACIOSA, 1991, SCHERRE; NARO, 1997, ANJOS, 1999, MONTE, 2007, 2012, RUBIO, 2008, 2012), é plausível supormos que há muito mais aplicação da regra de CV do que sua não-aplicação, o que implica consideramos que, apesar de o enfraquecimento da morfologia de flexão verbal estar ocorrendo na gramática dessa língua, não se trata ainda de uma substituição da variante padrão pela não-padrão se levados em conta os resultados percentuais e os pesos relativos.

Diante do que foi discutido, no próximo capítulo, apresentaremos estudos de cunho variacionistas sobre a concordância verbal na fala e/ou na escrita do português brasileiro realizados nas cinco regiões brasileiras oficiais.

3 ESTUDOS SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO NA PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Nesta seção, apresentamos algumas pesquisas já realizadas sobre a concordância verbal na perspectiva da sociolinguística, a fim de podermos delinear o panorama geral brasileiro. Os estudos foram distribuídos para a CV na fala, na escrita e na fala e escrita do PB, de acordo com nossas cinco regiões oficiais: Centro-Oeste, Nordeste, Norte, Sudeste e Sul.

3.1 NA LÍNGUA FALADA⁸

3.1.1 Região Centro-Oeste⁹

3.1.1.1 Sgarbi (2006)

Sgarbi (2006) descreveu e analisou a variação de concordância verbal entre o verbo e o SN sujeito de 3ª pessoa do plural usada por 144 falantes, 82 homens e 82 mulheres, oriundos de 30 municípios do Estado de Mato Grosso do Sul. A amostra foi composta por falas registradas pela equipe de pesquisa do Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (ALMS).

Para a realização do estudo, a variável dependente ficou constituída das variantes A e B:

A – Presença de marca formal de plural.

(23) ...os menino **falaro** que ela...

B – Ausência de marca formal de plural

(24) ...as mulher de hoje **tá** tudo mudada.

⁸Tentamos manter uma média de 3 (três) estudos por região.

⁹Na região Centro-oeste, só encontramos na fala dois estudos sobre concordância verbal na perspectiva da Sociolinguística Variacionista.

Já as variáveis extralinguísticas selecionadas foram: a) sexo (feminino e masculino); b) faixa etária (12 a 20 anos, 21 a 30 anos, 31 a 49 anos, 50 anos em diante); c) escolaridade (nula, ensino fundamental incompleto (máximo 3 anos de escolaridade), ensino fundamental completo (8 anos de escolaridade) e d) procedência (rural, urbana).

Quanto às variáveis linguísticas, foram assim distribuídas: a) saliência fônica verbal (verbos regulares – a diferença entre singular e plural reside na nasalidade, a diferença entre singular e plural está em uma vogal final átona, possivelmente nasalada (nasalização e adição de segmento), elemento vocálico tônico oral no singular, em contraste com ditongo tônico nasal no plural (nasalização e mudança de qualidade), pretéritos perfeitos regulares, independentemente da conjugação, pretéritos perfeitos irregulares, com variação no grau de abertura da vogal tônica, em ambas as formas do singular e do plural, e forma completamente distinta para o singular e o plural); b) posição do sujeito em relação ao verbo (anteposto, posposto, sujeito oculto); c) distância entre o sujeito e o verbo em número de sílabas (ausência de material fônico entre sujeito e verbo, presença de uma ou duas sílabas entre sujeito e verbo, e presença de três ou mais sílabas entre sujeito e verbo); d) constituição morfossintática do sujeito (pronome pessoal, pronome indefinido e/ou demonstrativo, pronome possessivo e numeral, nome não precedido por artigo ou pronome, nome precedido por artigo ou pronome, pronome relativo precedido de nome, e não se aplica); e) categorização semântica do sujeito (humano, não-humano, não-animado); f) paralelismo formal (presença de marca formal de plural em todos os elementos (também os pronomes), ausência de marca formal de plural no 2º elemento, não se aplica (sujeito oculto); g) sujeito pronominal (presença/ausência de sujeito pronominal – eles, elas, vocês – (sujeito pronominal explícito, sujeito pronominal não-explícito, sujeito não-pronominal; h) função discursiva do sujeito (tema, rema); i) valor semântico do verbo (ação, processo, ação-processo, estado).

Seus resultados, em relação à percentagem geral da variável dependente revelaram que, de um total de 832 ocorrências de terceira pessoa do plural encontradas na amostra do *corpus*, 439, isto é, 53% apresentaram a variante zero de plural nos verbos e dos 393 restantes das ocorrências, 47% apresentaram marcas explícitas de concordância nos verbos, obedecendo à regra padrão. A

seguir, vejamos a tabela 3 que apresenta essa percentagem geral de concordância/não-concordância verbal com a terceira pessoa do plural.

Tabela 3 - Percentagem geral de concordância/não-concordância verbal com a terceira pessoa do plural

Concordância	Percentual	Número de ocorrências
Com concordância	47%	393/832
Sem concordância	53%	439/832

Fonte: Sgarbi (2006, p. 116)

Para a pesquisadora, esses resultados mostraram que, de fato, os falantes do português popular registrado na comunidade estudada se inclinaram a não aplicação da regra padrão estabelecida pela gramática normativa.

Em relação à procedência, primeiro fator a surgir na ordem de relevância, a pesquisadora concluiu que 77% das ocorrências oriundas de falantes urbanos seguem a norma; em contrapartida, nos falantes rurais, apenas 27% atenderam à regra.

O fator sexo dos informantes, segundo lugar na ordem geral de relevância, também se mostrou significativo para a concordância de 3ª pessoa do plural. A concordância entre as 157 mulheres chegou a 74%, enquanto que entre os homens não ultrapassou o percentual de 28%.

Em terceira posição, o fator escolaridade se mostrou também relevante para a CV na 3ª pessoa do plural. Ou seja, os informantes escolarizados tenderam a utilizar a variante de prestígio com maior frequência que aqueles que tinham menor escolaridade ou escolaridade zero.

Os resultados linguísticos evidenciaram, por exemplo, que o sujeito não-pronominal favoreceu mais o uso de uma forma verbal não-marcada (40%) se comparado ao sujeito pronominal explícito (49%), que o uso de marcas formais de plural em todos os elementos do SN sujeito (52%) contribuiu mais para a concordância se comparada a ausência de marcas formais de plural no 2º elemento (30%) e que as formas de maior saliência *é/são* (60%), *fez/fizeram* (58%), *falou/falaram* (56%) e *dá/dão* (42%), propiciaram mais ocorrências de CV que as formas de menor saliência *fala/falam* (38%) e *faz/fazem* (34%).

Apesar da influência dos dados linguísticos na pesquisa realizada, a autora reitera em seu *corpus* a força que o fator extralinguístico tem sobre o linguístico.

3.1.1.2 Mattos (2013)

Mattos (2013) analisou contextos linguísticos e sociais fundamentais na compreensão da alternância de uso de *nós* e *a gente* e da concordância verbal com cada forma, relacionados à 1ª pessoa do plural na fala goiana. A amostra foi composta de 55 pessoas, 27 homens e 28 mulheres.

As variáveis extralinguísticas selecionadas foram: a) sexo (masculino, feminino); b) faixa etária (16 a 24 anos, 25 a 40 anos, 41 a 86 anos); c) nível de escolarização (10 a 11 anos de estudos, mais de 11 anos de estudos), englobando pessoas com pós-graduação *latu sensu* e *stricto sensu*.

Já as variáveis linguísticas foram compostas por: a) tipos de sujeito (*nós* e *a gente* expressos e não expressos e 1ª pessoa do plural não pronominal); b) tempo verbal (presente, pretérito perfeito, imperfeito e outros tempos verbais); c) ritmo (paroxítono para proparoxítono, paroxítono para paroxítono, oxítono para paroxítono); d) tipo de estrutura sintática (orações coordenadas, subordinadas, contexto de oração principal); e) tipo da fala (afirmação, negação e interrogação).

Relativamente, seus resultados estatísticos revelaram, para a alternância das formas, uma frequência de 77% de *a gente* e de 23% de *nós* de 2412 dados de 55 pessoas com um mínimo de 10 anos de escolarização. Em relação à não CV, ela encontrou um percentual de 22% de singular verbal com *nós* e de 3% de plural verbal com *a gente*, como ilustrado na tabela 4 a seguir:

Tabela 4 - Distribuição dos dados amostrais por tipo de sujeito e por desinência verbal na amostra goiana.

Tipo de sujeito	Desinência verbal		
	Singular	Plural	Total por tipo de sujeito
<i>Nós</i> expresso	98/423 = 23%	325/423 = 77%	649/2412 = 27%
<i>Nós</i> não expresso	50/200 = 25%	150/200 = 75%	
<i>A gente</i> expresso	1395/400 = 99,6%	5/1400 = 0,4%	1763/2412 = 73%
<i>A gente</i> não expresso	323/363 = 89%	40/636 = 11%	

Fonte: Mattos (2013, p. 81).

Para a autora, a tendência de uso de *nós* + {-mos} em Goiás parece ser recente, certamente, devido à força de atuação da escola. A seleção estatística

apontou, para o uso de singular verbal com *nós*, 3 variáveis: *nível de escolarização*, *faixa etária* e *sexo/gênero do falante*. De acordo com os resultados, os mais jovens (16 a 24 anos) foram favorecedores (.82) do singular verbal em oposição aos mais velhos (41 a 86 anos) que o desfavoreceram (.22), mulheres favoreceram (.69) a não CV com *nós* e homens desfavoreceram (.34).

Em 1631 dados de *a gente*, o Goldvarb X apontou 4 variáveis de caráter linguístico e uma de caráter social: *expressão do sujeito*, *tempo verbal*, *sintaxe da oração*, *ritmo* e *faixa etária*. Para caracterização linguística, a variável *expressão do sujeito* apontou a condição de sujeito não expresso como favorecedora (.97) do plural verbal e de sujeito expresso como desfavorecedora (.30). Com *tempo verbal*, verificou o favorecimento de plural verbal em contexto de pretérito perfeito (.74) e futuro do presente perifrástico (.98) e desfavorecimento em caso de pretérito imperfeito (.31) e presente do indicativo (.47). Para a variável *sintaxe da oração*, verificou favorecimento de plural verbal com *a gente* para contextos de oração principal (.89), desfavorecimento em caso de orações subordinadas (.23) e leve tendência de favorecimento em caso de coordenação (.53). Para *ritmo*, verificou favorecimento de plural no verbo (incorporação de {-mos}) quando se trata do grupo 3, oxítone/paroxítone, (.65), nesse caso um movimento do sistema rítmico orientado para a paroxitonicidade. Finalmente, a seleção da variável *faixa etária* apontou que as pessoas mais velhas (41 a 86 anos) favorecem (.80) o plural verbal, ao passo que as demais faixas etárias desfavorecem: .47 para os falantes entre 25 e 40 anos e .37 para os mais jovens.

Nos 2205 dados considerados na análise estatística para a alternância entre *nós* e *a gente* na fala goiana, a seleção, centrada no *a gente*, apontou 3 variáveis linguísticas, *tempo verbal*, *ritmo* e *expressão do sujeito*, e as 3 variáveis sociais, *faixa etária*, *nível de escolarização* e *sexo/gênero do falante*. No conjunto das variáveis linguísticas temos, para *tempo verbal*, pretérito imperfeito (.64) e presente (.58) favorecendo *a gente*; e pretérito perfeito (.29) e futuro do presente perifrástico (.23) desfavorecendo; para *ritmo*, grupo 2 (.63) e grupo 1 (.54) favorecendo o uso de *a gente*, em oposição ao grupo 3 (.41) que o desfavoreceu; para *expressão do sujeito*, sujeito expresso favorecendo (.54) e não expresso desfavorecendo (.34) a emergência do *a gente*. No conjunto das variáveis de cunho social tivemos, para *faixa etária*, os mais jovens (16 a 24 anos) favorecendo (.70) o uso de *a gente* e os demais segmentos etários desfavorecendo: falantes entre 25 e 40 anos (.49) e

falantes entre 41 e 86 anos (.23); para *nível de escolarização*, falantes com 10-11 anos de estudos formais favorecendo *a gente* (.69) e falantes acima desse patamar de estudos desfavorecendo (.37); para *sexo/gênero do falante*, tivemos mulheres favorecendo (0,60) e homens desfavorecendo o uso do *a gente* (.41).

A maioria das tendências de natureza linguística e extralinguística, apontadas estatisticamente pela pesquisadora, não são, segundo ela, privilégio da fala goiana. A grande diferença relativamente à 1ª pessoa do plural consiste no uso do singular verbal com *nós*, uma vez que faz remeter às raízes rurais da cultura e que os goianos praticam sem estigmatização.

3.1.2 Região Nordeste

3.1.2.1 Santos (2010)

Santos (2010), com o objetivo de analisar a CV na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió, capital de Alagoas, investigou a CV na fala dessas crianças e adolescentes. Para tanto, foram analisadas como variáveis linguísticas: a) posição do sujeito (sujeito anteposto ao verbo, sujeito posposto ao verbo); b) número de elementos entre o sujeito e o verbo; c) traço de número/pessoa (1ª pessoa do singular (sintagma pronominal *eu*), 1ª pessoa do plural (sintagma pronominal *nós*), 3ª pessoa do singular (sintagmas pronominais *ele*, *ela*, *a gente* e sintagma nominal) e 3ª pessoa do plural (sintagmas pronominais *eles*, *elas* e sintagma nominal); e como variáveis extralinguísticas: a) escolaridade (início do ciclo do ensino fundamental, fim do ciclo do ensino fundamental); b) tempo de permanência na entidade filantrópica (menos de cinco anos de permanência na entidade filantrópica, mais de cinco anos de permanência na entidade filantrópica); c) localidade (capital, interior).

A autora constatou que a variável número/pessoa foi considerada como a mais relevante em termos de percentagem, pois apresentou uma percentagem maior para a forma não-padrão. A 1ª pessoa do plural e a 3ª pessoa do plural apresentaram uma percentagem maior para a forma não-padrão (52% e 70%, respectivamente). Já o peso relativo, segundo Santos (*ibid*) mostrou que apenas o fator 1ª pessoa do singular exerceu influência significativa para o uso da variante padrão (.97). Por conseguinte, os demais fatores (3ª pessoa do singular, 3ª pessoa

do plural e 1ª pessoa do plural) foram apontados como influenciadores do uso da variante não-padrão (.36, .15 e .10, respectivamente). Seguem alguns exemplos (cf. (25), (26),(27) e (28)) extraídos da amostra de Santos (2010):

Posição do sujeito em relação ao verbo:

(25) rapai - o que o que eu menos gosto é porque: lá o ban o banhero é sujo os copo fica na privada - essas cosas

(26) de manhã eu me aco:rdô me **arrumo** aí **tomo** café e **vô** pro colégio - chegando do colégio a gente já **vai** trocá de roupa

Os fatores extralinguísticos *escolaridade* e *tempo de permanência na entidade filantrópica* foram favorecedores da aplicação da regra de CV; o início do ciclo do ensino fundamental confirmou sua hipótese, ao gerar mais o uso da variante ausência de marcas de CV (.43) e o fim do ciclo fundamental concebeu mais o uso dessa variante (.056).

Escolaridade (início do ciclo fundamental):

(27) um dia? foi quano: **teve** as férias inesquecível - **teve** as férias aí ur minino tudinho **saiu** aí só ficô poco minino - a gente: quase **ficamo** sem um nego um negócio de XXX (...)

(28) elas **são** gente fina -- todo mundo **é** legal

De acordo com a pesquisadora, embora a escolaridade tenha despontado em último lugar na ordem de significância, a análise dessa variável continua sendo fundamental para o estudo da variação entre [-conc] e [+conc].

3.1.2.2 Brito (2013)

Brito (2013) realizou, em Vitória da Conquista/Bahia, uma pesquisa com 24 indivíduos dessa comunidade para analisar o fenômeno variável da CV na 3ª pessoa do plural. Foram analisadas as seguintes variáveis linguísticas: a) a realização e posição do sujeito (sujeito imediatamente anteposto ao verbo, sujeito anteposto com um ou mais constituintes intervenientes, sujeito anteposto ao verbo com uma relativa, sujeito retomado por um pronome relativo, sujeito anteposto ao verbo com

SPrep, sujeito referencial não realizado, sujeito imediatamente posposto, sujeito posposto com um ou mais constituintes intervenientes, sujeito posposto ao verbo *ser*); b) a concordância nominal no SN (SN com concordância, SN sem concordância); c) a caracterização semântica do sujeito ([+humano], [-humano]); d) indicação de plural no SN sujeito (mórfica, com numeral, lexical, com quantificador, mórfica e lexical ou mórfica, com quantificador e lexical, sujeito posposto); e) tempo verbal (presente do indicativo, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, pretérito mais que perfeito, futuro do presente, futuro do pretérito, futuro perifrástico, presente do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro simples do subjuntivo); f) tipos de verbo (transitivo, locativo, intransitivo, inacusativo, de ligação, auxiliar, voz passiva, modal, aspectual e leves, intransitivo com sujeito paciente e ergativo); g) a saliência fônica (nasalização sem envolver qualidade, nasalização com mudança de qualidade, acréscimo de segmento no plural, ditongação e/ou mudança de qualidade, acréscimo de segmento com supressão da semivogal do singular ou mudança de tonicidade, acréscimo e mudança de raiz, que pode ser completa); h) relação núcleo do SN sujeito e verbo (núcleo adjacente com marca de plural, núcleo adjacente sem marca de plural, último constituinte do SN com marca de plural, sujeito pronome *e/les*, determinante ou modificador pré-nominal com marca de plural, determinante ou modificador pré-nominal sem marca de plural, numeral, sujeito terminado por *tudo*, sujeito terminado pela palavra *todos/as*); já as variáveis extralinguísticas foram: a) sexo (masculino, feminino); b) nível de escolaridade (0 a 2 anos de estudos, 3 a 5 anos de estudos); c) faixa etária (25 a 34 anos, 45 a 55 anos, mais de 65 anos); d) rede de relações sociais (alta rede de relações, baixa rede de relações). Na fala desses informantes, totalizaram-se 1055 ocorrências de CV na 3ª pessoa do plural. Os dados obtidos pela análise quantitativa dos grupos de variáveis selecionadas apontaram, conforme tabela 5 a seguir, números estatísticos bem significativos.

Tabela 5 - Aplicação da regra de CV em P6

Concordância verbal em P6	Número de ocorrências	Percentual
(+) aplicação da regra	181/1055	17.2%
(-) aplicação da regra	874/1055	82.8%

Fonte: Brito (2013, p. 113)

Os resultados do trabalho demonstraram 17.2% de aplicação da regra de CV e 82.8% de não aplicação da regra. Em relação às variáveis extralinguísticas, a autora verificou a influência da escola (0 a 2 anos – 16.6%, .471 e 3 a 5 anos – 17.6%, .525) e das redes de relações (alta rede de relações 19% (0509) de favorecimento à aplicação da regra e baixa rede de relações 15.8% (0493) de aplicação da regra geral de concordância) sobre os falantes do português popular.

Para o pesquisador, as duas normas popular e culta coexistem num quadro de variação estável, mas, atestou, a partir de seus dados, que a norma popular segue uma tendência à mudança, na direção da aquisição da norma culta pelos falantes jovens (25 a 35 anos).

3.1.2.3 Araújo (2014)

Araújo (2014) realizou 48 entrevistas, 36 da norma popular (12 gravadas na zona rural e 24 na zona urbana) e 12 da norma culta urbana, em Feira de Santana, município do interior da Bahia, com o objetivo de discutir a formação e a caracterização atual da realidade sociolinguística brasileira, a partir do uso variável da CV em orações finitas na 3ª pessoa do plural dessa população. Os fatores sociais foram: a) escolaridade (nível baixo: informantes analfabetos ou que tivessem estudado por, no máximo, quatro anos; nível superior: informantes com ensino superior completo com ou sem pós-graduação); b) sexo (masculino, feminino); c) idade (faixa 1: informantes com 25 a 35 anos; faixa 2: informantes com 45 a 55 anos; faixa 3: informantes a partir de 65 anos); d) diazonalidade (falares urbanos x falares rurais); e) origem do informante (Feirenses filhos de feirenses, Feirenses filhos de migrantes); f) saliência fônica; g) efeito de gatilho; h) forma do último constituinte do SN. Os fatores linguísticos constituíram-se de: a) realização e posição do sujeito (sujeito imediatamente anteposto ao verbo, sujeito anteposto ao verbo com um ou mais constituintes intervenientes (a partir de mais de duas

sílabas), sujeito anteposto ao verbo com uma relativa, sujeito anteposto ao verbo com SPrep, sujeito retomado por pronome relativo, sujeito não-realizado com referência determinada, sujeito imediatamente posposto, sujeito posposto separado por um ou mais constituintes, sujeito posposto ao verbo *ser* sem constituintes anteriores); b) concordância nominal no sujeito (SN com concordância, SN sem concordância); c) indicação do plural no SN sujeito (mórfica, com numeral, com quantificador, mórfica e lexical (marcação dobrada) ou mórfica, com quantificador e lexical (com tripla marcação), sujeito composto); d) caracterização semântica do sujeito ([+ humano] e [-humano]); e) tipo de verbo (transitivos, locativos, intransitivos, inacusativos, cópula/de ligação, auxiliares, passivas, modais, aspectuais e leves, transitivos com sujeito paciente e verbos ergativos). Nas suas análises quantitativas, a autora nos mostra que a realização e posição do sujeito e o sexo do informante foram as variáveis que se destacaram nas duas amostras (culto e popular). Ao comparar as falas culta e popular, ela localizou em sua pesquisa um dado interessante. Na fala culta, percebe-se um processo de perda de morfologia flexional, já, na popular, o inverso, ou seja, um processo de aquisição dessa morfologia. Nos dados da fala culta, a retomada do sujeito por relativo (87.8% .63) e anteposição imediata do sujeito (97.3% .62) foram os fatores que mais favoreceram a CV padrão e a posição pós-verbal do sujeito (66.7% .10) como a que mais desfavoreceu essa aplicação. Nos dados do português popular, 75.5% das ocorrências de verbo com sujeitos de 3ª PPL se realizaram com a variante não-padrão. Na norma popular dos jovens, foi constatado um padrão ascendente, ou seja, eles acabam por utilizar mais a variante padrão do que os mais idosos; enquanto que, na norma culta, os mais idosos são os que mais a usam, apesar de as frequências de uso serem altas em todas as faixas etárias.

3.1.3 Região Norte

3.1.3.1 Rodrigues (1997)

Rodrigues (1997) realizou uma pesquisa sobre o fenômeno da concordância do verbo com o sujeito de 3ª pessoa de plural na fala popular de Rio Branco/Acre. Para tanto, o *corpus* foi elaborado a partir de 24 inquéritos (entrevistas informais para a coleta de dados orais). Os 24 informantes selecionados que compõem o

Projeto Estudo da Fala de Rio Branco (EFURB) deveriam estar na faixa etária de 20 a 35 anos, ter nascido em Rio Branco e não ter se ausentado dessa cidade por mais de dois anos ininterruptos antes da idade de 7 anos, pertencer à classe social socioeconômica baixa. Nesse estudo, foram analisadas as seguintes variáveis linguísticas: a) posição do sujeito (imediatamente antes do verbo, pré-verbal + ou - próximo do verbo, expresso em oração anterior, pré-verbal distante do verbo, pós-verbal); b) aspecto morfofonêmico do verbo; c) constituição morfológica do sujeito (oculto ou subentendido, núcleo pronome pessoal explícito, núcleo substantivo plural com ou sem marca de plural no determinante, núcleo marca de plural, mas com determinante marcado, núcleo pronominal: indefinido, possessivo, demonstrativo, de Tratamento, pronome relativo *que* com antecedente plural, dois ou mais núcleos no singular ou no plural; e as variáveis extralinguísticas foram: a) sexo (homens e mulheres) e b) grau de escolaridade (analfabetos, 1ª à 4ª série, 8ª série).

Seguem abaixo alguns exemplos (cf. (29), (30), (31) 32 e (33)) extraídos da amostra de Rodrigues (1997):

Posição do sujeito:

(29) as coisa **fica** tudo muito difícil.

(30) os jogos da copa . **foi** bom

Aspecto morfofonêmico do verbo:

(31) que **acabe** essas greve

Constituição morfológica do sujeito:

(32) eles **tavam** quereno elegê esse Flaviano Melo

(33) as pessoas que **tarra** perto deles...

Rodrigues (1997) observou, por exemplo, em uma de suas rodadas, que a variante - sujeito imediatamente antes do verbo obteve maior frequência (65%) e maior peso relativo (.58) e que o sujeito pós-verbal obteve os menores resultados, 21% e .20. O sujeito pré-verbal distante do verbal apresentou 46% e .49 e o sujeito expresso em outra oração, 58% e .45.

Nos tipos de verbos quanto à predicação verbal em amostras de posposição do sujeito, a autora chamou a atenção para o fato de que 68.96% das 87

ocorrências se deram com verbos intransitivos. Os verbos de ligação representaram 16.10% do total e o transitivo só uma ocorrência, ou seja, 1.14%.

Em síntese, Rodrigues (1997) apresentou como resultados gerais da aplicação da regra de CV nos cinco grupos de fatores um total de 1350 ocorrências, sendo 783 de aplicação da regra de CV, ou seja, 58%. Para ela, os fatores linguísticos que favorecem a forma padrão foram posição do sujeito em relação ao seu verbo e grau de saliência fônica na oposição singular/plural. Já o extralinguístico foi o grau de escolaridade. Para concluir, a autora advoga que o verbo determinado por um sujeito determinante de 3ª pessoa do plural nem sempre se flexiona no plural, desviando-se dos cânones preconizados pelas gramáticas normativas o português falado, em Rio Branco, por pessoas pertencentes à classe social de baixa renda.

3.1.3.2 Oliveira (2006)

Oliveira (2006), sob a perspectiva da sociolinguística variacionista, analisou o sufixo flexional das formas verbais na terceira pessoa do plural de verbos regulares do pretérito perfeito do indicativo na fala de paraenses residentes em Belém/PA. O *corpus* foi elaborado a partir da gravação de fala espontânea de 54 informantes moradores da cidade de Belém do Pará. Os participantes foram divididos pelas seguintes variáveis extralinguísticas: a) escolaridade (analfabeto, fundamental e médio); b) sexo (3 do sexo feminino e 3 do sexo masculino para cada faixa etária) e c) idade (15 a 25 anos, 26 a 45 anos, acima de 46 anos para cada nível de escolaridade). As variáveis linguísticas analisadas foram: a) conjugação verbal (primeira conjugação, segunda conjugação, terceira conjugação); b) posição no grupo de força (inicial, medial, final); c) quantidade de sílabas das palavras (monossílabo, dissílabo, trissílabo, polissílabo); d) presença ou ausência do complemento (presença de complemento verbal ou adverbial, ausência de complemento verbal ou adverbial, verbo não nocional); e) tonicidade da sílaba inicial do vocábulo seguinte (átona, tônica); f) saliência fônica (ditongo oral, ditongo nasal, monotongo oral, monotongo nasal); g) tempo das formas verbais (presente do indicativo, pretérito perfeito, pretérito imperfeito); h) tonicidade da sílaba inicial do vocábulo seguinte à forma analisada (oxítono, paroxítono, proparoxítono); i) marcas do sujeito (sujeito formado por uma única palavra que se apresenta com plural

marcado, sujeito formado por várias palavras, sendo todas com plural marcado, sujeito formado por várias palavras, sendo a última não marcada); j) contexto fonológico seguinte à forma verbal analisada (consoante nasal, vogal nasal, pausa, consoante oral); k) posição do sujeito na oração que se encontra a forma verbal analisada (sujeito imediatamente anteposto ao verbo, sujeito mediatamente anteposto ao verbo, sujeito oculto recuperado no discurso do entrevistador, sujeito posposto ao verbo, sujeito indeterminado); l) paralelismo formal do discurso (verbo isolado ou da primeira série, verbo precedido de verbo com ditongo nasal no sufixo flexional, verbo precedido de verbo com monotongo nasal no sufixo flexional, verbo precedido de monotongo oral no sufixo flexional).

Os dados demonstraram na variável dependente que a ocorrência de marcação da 3ª pessoa do pretérito perfeito do indicativo é maior na variante desnasalada e a maior significância encontra-se na forma –ram, apresentando 14% e .510. A conjugação verbal, por exemplo, foi a variável independente mais significativa, com 13% e .522, na 3ª conjugação, 21% e .369, na 2ª e 13% e .121, na 1ª conjugação. Para a autora, os fatores que apresentaram graus de significância foram: 1º conjugação verbal, como já apresentado, 2º tonicidade da sílaba inicial do vocábulo seguinte, 3º contexto fonológico seguinte à forma verbal, 4º paralelismo formal do discurso, 5º sexo. Baseando-se nos resultados, a autora comprovou a sistematização da variação linguística e concluiu que a variação na 3ª pessoa do pretérito perfeito do indicativo se configura como variação estável.

3.1.3.3 Silva (2011)

Silva (2011), em sua pesquisa, analisou o uso dos pronomes *nós* e *a gente* na fala de 35 sujeitos, moradores do bairro de Nazaré (Belém-PA). A escolha das variáveis extralinguística: faixa etária (18 a 25 anos, 26 a 45 anos, acima de 46 anos); grau de escolaridade (alfabetizado, ensino médio, ensino superior); sexo (masculino, feminino) obedeceram ao Projeto de Pesquisa Variação Linguística Urbana na Região Norte – VALUNORTE. As variáveis linguísticas estudadas foram: a) realização morfológica da pessoa verbal; b) referência; c) realização fonológica da desinência de número-pessoa; d) saliência fônica. Os dados mostraram que, dos 35 entrevistados, 22 eram graduados, ou seja, 62.86% do total; que 66.67% dos 9 informantes da faixa de 18 a 25 anos usaram preferencialmente a variante inovadora

a *gente*. Os valores obtidos indicaram, ainda, uma preferência de 90.1% no uso do *a gente* com o verbo na 3ª pessoa do singular e um maior uso do pronome *nós* com o verbo em 1ª pessoa do plural (99%). De acordo com seus resultados, a ausência de marcas morfológicas de pessoa favorece o uso do pronome *a gente*, como nos exemplos 34 a 36:

(34) ...*eu ver, o que a gente fez.. ah, a gente, teve um dia que a gente fez a noite do...*

(35)...*a gente tem um outro espírito e eu faço isso costumeiramente nas férias...*

(36)... *levamos inclusive mais duas sobrinhas...estávamos todos juntos...*

Os resultados obtidos, analisando a fala dos sujeitos em um contexto informal, apontaram um maior uso do pronome *nós* por falantes acima de 46 anos, ao passo que os da faixa de 18 e 45 anos optaram preferencialmente pela forma *a gente*. Já, dos entrevistados que utilizaram os dois pronomes em suas falas ou optaram pela variável *nós*, 57.14% deles foram mulheres. Segundo a autora, apesar de haver uma diferença percentual no uso das variantes, essa diferença ainda não é suficiente para configurar uma mudança no paradigma pronominal do PB.

3.1.4 Região Sudeste

3.1.4.1 Faria (2008)

Faria (2008) traçou um panorama da presença e da ausência de CV entre verbo e o sintagma nominal sujeito de 3ª pessoa do plural em Belo Horizonte a partir de dados de entrevistas espontâneas feitas com 26 informantes residentes na capital mineira. Foram analisadas as seguintes variáveis linguísticas: a) morfologia da forma verbal e grau de saliência fônica (máxima diferenciação fonológica, média diferenciação fonológica, mínima diferenciação fonológica); b) ambiente fonológico que sucede ao verbo (consoante, vogal, pausa); c) posição do SN sujeito em relação ao verbo (sujeito imediatamente anteposto ao verbo, sujeito anteposto e distante do

verbo na oração, sujeito exposto em oração anterior, sujeito posposto ao verbo, sujeito exposto pela desinência verbal, sujeito exposto na pergunta do entrevistador, sujeito embutido no contexto); d) constituição do SN sujeito (SN que tem como núcleo um ou mais substantivos no plural, ou dois ou mais substantivos no singular, SN constituído de pronome pessoal de terceira pessoa do plural (*eles/elas*), SN constituído ou de pronome indefinido ou de pronome possessivo, ou de numeral, SN representado por um pronome relativo que tem como antecedente um SN plural); e) paralelismo formal (SV precedido de outro marcado no discurso do informante, SV precedido de outro marcado no discurso do documentador, SV precedido de outro não marcado no discurso do informante, SV precedido de outro não marcado no discurso do documentador, SV isolado). Quanto às variáveis extralinguísticas, foram selecionadas: a) estilo de fala (formal, informal); b) distribuição geográfica (Norte, Nordeste, Noroeste, Pampulha, Leste, Barreiro, Venda-nova, Oeste); c) sexo (masculino, feminino); d) idade (jovens (16 a 24 anos), adultos (25 a 39 anos), meia-idade (40 a 60 anos), idosos (acima de 60 anos), e) classe social (grupo 1 (funcionários públicos, comerciantes, industriários, técnicos com especialização, gerentes de empresas e pequenos proprietários de terras); grupo 2 (motoristas, pintores, eletricitas auxiliares de serviços gerais, mecânicos, etc); grupo 3 (biscateiros, como domésticas, diaristas, lavadeiras, pedreiros, catadores urbanos, vigias, etc.) e) escolaridade (ensino fundamental, ensino médio, ensino superior).

No geral, foram analisados 863 dados, sendo 65% (566 dados) de uso da variante padrão e 34% (297 dados), da variante não-padrão. Considerando-se a primeira variante, o percentual foi de 61% (483 dados) contra 38% (297 dados). Logo, os resultados obtidos mostraram predomínio da aplicação da regra de CV na fala dos moradores de Belo Horizonte. Para os resultados das variáveis extralinguísticas, por exemplo, a autora identificou que as regiões Nordeste, Noroeste, Venda-Nova e Leste favorecem a ocorrência do fenômeno da concordância verbal. O fato de essas regiões serem as mais antigas em termos de início e consolidação da ocupação da cidade de Belo Horizonte é uma provável justificativa para essa conclusão; em contrapartida, as regiões Oeste, Pampulha, Barreiro e Norte desfavorecem a ocorrência do fenômeno e, diferentemente das regiões que o favorecem, essas foram ocupadas mais recentemente.

3.1.4.2 Rubio (2008)

Rubio (2008) estudou a CV de 3ª pessoa do plural na região de São José do Rio Preto/SP, a partir do Banco de Dados Iboruna, com 152 informantes e da subamostra composta de 76 entrevistas. Foram analisadas as seguintes variáveis linguísticas: a) paralelismo formal – nível oracional; b) paralelismo formal – nível discursivo; c) saliência fônica; d) posição do núcleo do sujeito em relação ao verbo; e) traço semântico do sujeito e f) tipo morfológico do sujeito; já as seguintes variáveis extralinguísticas foram: a) escolaridade (1º ciclo do Ensino Fundamental, 2º ciclo do Ensino Fundamental); b) faixa etária (7 a 15 anos, 16 a 25 anos, 26 a 35 anos, 36 a 55 anos, mais de 55 anos); c) gênero (50% do sexo masculino, 50% do sexo feminino).

Do total de 3.308 ocorrências de 3ª pessoa do plural analisadas, 2.314 (70%) apresentaram marcas de plural explícitas nos verbos, evidenciando ser um caso de variação estável na comunidade investigada. Seguem abaixo alguns exemplos (cf. (37), (38), (39), (40)) extraídos da amostra de Rubio (2008):

Paralelismo formal (nível oracional):

(37) só que num ia nenhum aluno lá né? porque senão os aluno **estraga** né?...

Saliência fônica:

(38) quando as jabuticabas **nasciam** / (nascia)... que estavam na época de colher

Posição do núcleo do sujeito em relação ao verbo:

(39) todas as meninas não **eram** muito minha amiga

(40) acho que já **tava pra chegar** as férias aí eu acho que eu fiquei uma semana

Em relação aos fatores extralinguísticos, o autor confirmou a hipótese prévia em relação à variável escolaridade, pois essa se apresentou como fator social mais significativo, ou seja, falantes com nível de escolaridade máximo apresentam os índices mais altos de CV; falantes com nível mínimo de escolaridade apresentam os menores índices de CV.

3.1.4.3 Monte (2012)

Monte (2012) descreveu e discutiu o estatuto da variação da CV de 3ª pessoa do plural no PB e no PE. A partir de um estudo empírico e sincrônico, analisou essa variação na fala de 18 pessoas residentes na cidade de São Carlos, interior do Estado de São Paulo, e na fala de 18 pessoas residentes na cidade de Évora, sul de Portugal. Foram analisadas as seguintes variáveis linguísticas: a) grau de saliência fônica da oposição entre as formas verbais do singular e do plural (nível 1 (oposição não marcada), nível 2 (oposição marcada/ mais saliente)); b) paralelismo formal no nível oracional (presença da forma de plural explícito no último (ou único) elemento não inserido em um sintagma preposicional, presença da forma zero de plural no último elemento não inserido em um sintagma preposicional), presença da forma de plural explícita no último elemento inserido em um sintagma preposicional, presença da forma zero (plural ou singular) no último elemento inserido em sintagma preposicional, presença de numeral no último elemento)); c) posição do sujeito/SN em relação ao verbo (sujeito/SN anteposto, sujeito/SN posposto); d) traço semântico do sujeito/SN (SN [+humano/+animado], SN [-humano/+animado]), SN [-humano/-animado]); e) traço semântico do sujeito/SN; f) distância entre o sujeito/SN e o verbo em termos do número de sílabas (de zero a duas sílabas entre sujeito/SN e verbo. Presença de três a cinco sílabas entre sujeito/SN e verbo, presença de seis ou mais sílabas entre sujeito/SN e verbo); g) presença ou ausência do 'que' relativo ou complementizador (ausência do *que*, presença do *que*); h) tipo estrutural do sujeito/SN (pronomes *vocês*, pronomes pessoais *eles/elas*, SN pleno nu, SN pleno composto, numeral (com núcleo ou adjunto), quantificador indefinido, pronomes demonstrativos, sujeito nulo)); i) tipo de verbo (verbo *ser*, outros verbos). Para as variáveis extralinguísticas, foram selecionadas: a) gênero (masculino, feminino) e b) escolaridade (não alfabetizados, ensino fundamental/ensino básico (EJA), ensino médio/ensino secundário)).

Os resultados da pesquisa revelaram uma significativa diferença quantitativa entre os dois países. Na amostra do PB, o autor encontrou 48.2% (686/1.422) de presença de CV. Já na amostra do PE, 93.1% (1.440) dos dados trazem a marca explícita de plural nos verbos. No PB, o fenômeno configura-se como variável e no PE, como possível *status* semicategórico. Dentre os fatores linguísticos, por exemplo, as variáveis *posição do sujeito/SN em relação ao verbo* e *traço semântico*

do sujeito/SN são muito atuantes na variação da CV, tanto na variedade brasileira quanto na variedade europeia; a variável tipo de verbo confirmou apenas a expectativa para a amostra de PE, pois o verbo *ser* no PE desfavoreceu a CV (.247), no entanto, sentenças com o verbo *ser* na amostra do PB favoreceram a aplicação da regra de CV (.632). Seguem abaixo alguns exemplos (cf. (41), (42), (43), (44), (45), (46)) extraídos das amostras de Monte (2012):

- Amostra do PE:

Tipo estrutural do sujeito/SN:

(41) eles **abala** os dois no carro...

Paralelismo formal no nível oracional (marcas no sujeito):

(42) O meu pai os meus tios e o meu avô **vieram** um ano...duma fera

Posição do sujeito/SN em relação ao verbo:

(43) **existe** sites onde dá pa vê filmes...

- Amostra do PB:

Tipo estrutural do sujeito/SN:

(44) aqueles dali **acompanha**

Paralelismo formal no nível oracional (marcas no sujeito):

(45) os doi já se **foi**...

Posição do sujeito/SN em relação ao verbo:

(46) **chegava** aqueles caminhão carregado de adubo...

No que se refere aos fatores extralinguísticos, por exemplo, a variável gênero mostrou-se relevante tanto na amostra do PB quanto na amostra do PE; a variável escolaridade no PB foi a mais relevante estatisticamente para a aplicação da regra, e em PE não houve significância estatística.

3.1.5 Região Sul

3.1.5.1 Almeida (2006)

Almeida (2006) realizou uma pesquisa na comunidade de remanescentes de escravos São Miguel dos Pretos, em Restinga Seca/RS, com 24 homens e mulheres cujas idades variaram entre 15 e 90 anos para analisar a CV de 1ª, 2ª e 3ª pessoas do plural, ou seja, desinências número-pessoais das três pessoas do plural (DN4, DN5 e DN6). Foram analisadas as seguintes variáveis linguísticas: a) referência do sujeito (1ª, 2ª 3ª pessoas); b) conjugação verbal (1ª, 2ª, 3ª); c) posição do sujeito (sujeito anteposto contíguo, sujeito anteposto não contíguo); d) tipo de sujeito (1ª pessoa (sujeito preenchido do pronome reto, sujeito preenchido por pronome indefinido *todos*, sujeito pronome por relativo, sujeito preenchido pelo pronome *a gente* referente à 1ª pessoa do plural); 2ª e 3ª pessoa do plural (sujeito preenchido do pronome reto, sujeito preenchido por SN, sujeito preenchido por pronome indefinido: *todos, tudo, alguns, uns, outros, muitos, poucos, certos, etc.*), sujeito preenchido por numeral, sujeito preenchido por pronome relativo, sujeito preenchido por pronome demonstrativo, sujeito apagado)); e) saliência fônica; f) tempo verbal (modo indicativo: presente sintético e analítico, pretérito perfeito sintático e analítico, pretérito imperfeito sintético e analítico; uso do *vamos* apenas para 1ª pessoa do plural: perífrase de futuro, perífrase modal; modo subjuntivo: presente sintético, pretérito imperfeito sintético e analítico, futuro sintético; infinitivo: infinitivo pessoal); e extralinguísticas: a) faixa etária (15 a 24 anos, 40 a 64 anos, 65 a 90 anos); b) gênero (homens e mulheres) c) informante.

Em relação ao uso da variante padrão, incluindo as ocorrências de *a gente*, a autora obteve 39% de emprego de formas padrão contra 61% de formas não-padrão. Ao retirar os casos de *a gente* (45% de *a gente* versus 55% de *nós*), que sempre evidenciaram no *corpus* o uso da variante padrão, obteve um novo índice de concordância padrão que passou para 26%, enquanto a variante não-padrão aumentou para 74%. Desses 74%, existiram 53% de não aplicação da regra de CV com a redução da desinência (*nós plantamu, vocês/eles plantu*) e 21% de desinência número-pessoal zero (*nós planta, vocês/eles planta*). Diante disso, a pesquisadora concluiu que a fala de São Miguel está muito mais próxima do padrão por apresentar índice relativamente baixo de ausência de desinência se comparado

às comunidades de falantes rurbanos (transição entre a fala rural e a fala urbana no centro e no sudeste do país). Em relação aos dados extralinguísticos, percebeu que os jovens empregam mais o pronome *a gente*; em contrapartida, os jovens usam mais a concordância padrão devido à maior escolaridade.

3.1.5.2 Monguilhott (2009)

Monguilhott (2009) buscou investigar e mapear o fenômeno variável da CV de 3ª pessoa do plural no PB e no PE, a partir de uma amostragem sincrônica (século XXI) e diacrônica (séculos XIX e XX). A amostra sincrônica constituiu-se de 32 entrevistas gravadas, 16 das quais realizadas com informantes de Florianópolis (PB) e 17 de Lisboa (PE). Já a diacrônica, é composta de 10 peças de teatro do século XIX e 18 do século XX, metade delas escrita por autores catarinenses (PB) e outra metade por portugueses (PE).

Em seu estudo, foram analisadas as seguintes variáveis linguísticas: a) saliência fônica (oposição não-acentuada, oposição acentuada); b) paralelismo formal presença da forma de plural explícita o último (ou único) elemento, presença da forma de plural zero no último elemento, presença de numeral terminado em /s/ no último elemento, presença de numeral não terminado em /s/ no último elemento, sujeito nulo com sujeito anafórico com presença da forma de plural explícita no último (ou único) elemento, sujeito nulo com sujeito anafórico com presença da forma de plural zero no último elemento, sujeito nulo com sujeito anafórico com presença de numeral terminado em /s/ no último elemento, sujeito nulo com sujeito anafórico com presença de numeral não terminado em /s/ no último elemento); c) hipótese da inacusatividade; d) tipo de verbo (inacusativo prototípico, inacusativo não prototípico, intransitivo prototípico, intransitivo não prototípico, transitivo e cópula); e) posição do sujeito em relação ao verbo: SN V anteposição, V SN posposição); f) traço humano no sujeito ([+ humano], [-humano]); g) tipo de sujeito SN pleno simples, SN pleno nu, SN pleno composto, pronome pessoal, pronome indefinido, quantificador, SN+pronome relativo (*que*), sujeito nulo. Quanto às variáveis extralinguísticas, foram: a) grupos de fatores sociais: sexo (aleatório), idade/escolaridade (jovem – 15 a 36 anos/ensino fundamental, jovem – 22 a 33 anos/ensino superior, velho/ensino fundamental, velho/ensino superior) e redes

sociais (localismo e mobilidade); b) grupos de fatores geográficos (diatopia-diazonalidade).

Em relação à amostra sincrônica, os resultados gerais apresentaram percentuais distintos de variação na CV de 3ª pessoa do plural, com índices mais altos de variante padrão para o PE do que para o PB.

A amostra diacrônica para PB, no século XIX, apresentou um total de 197 dados de variação na CV, dos quais apenas 02 não apresentam marcas de concordância. Já, no século XX, de um total de 352 dados, 12 ocorreram sem a marcação de plural nos verbos.

A amostra diacrônica para PE, no século XIX, apresentou 209 dados com 100% de marcação de plural nos verbos; para o século XX, 371 dados, desses 03 com marcação zero de plural nos verbos, como podemos ver nos exemplos 47, 48 e 49 a seguir.

Amostra do PB sem CV no século XIX:

(47) É o que acontece sempre que se vive em contato imediato com o povo; **toma-se amizades...relações**, e esquece a gente o que deve ao seu nome (Peça: Raimundo, 1868, p.58)

(MONGUILHOTT, 2009)

Amostra do PB sem CV no século XX:

(48) É, *os primeiros pingos de chuva* **começa** a cair. Preciso ir. (Peça: A Estória, 1970, p.10)

(MONGUILHOTT, 2009)

Amostra do PE sem concordância no século XX:

(49) Mas comeste tempo aquilo não é um caminho! É um lodaçal. Já lá **ficou** afogado, na lama, *um homem e um burro*. (Peça: O homem da bicicleta, 1978, p.08)

(MONGUILHOTT, 2009)

Portanto, no que concerne ao recorte diacrônico, a autora constatou a hipótese de que tantos os resultados do PB e do PE apresentaram aumento da variação na CV de 3ª pessoa do plural do século XIX para o XX. No entanto, os resultados gerais confirmam uma de suas hipóteses ao mostrar que o PE se mostra mais conservador à aplicação da regra de CV, tanto na amostra sincrônica quanto na diacrônica, por apresentar frequências maiores de marcas explícitas de plural nos

verbos do que nas frequências encontradas no PB. Em relação aos fatores extralinguísticos, a autora verificou para o PB que os falantes mais jovens (15 a 24 anos) da zona não urbana com escolaridade fundamental preservam mais a CV do que os mais velhos. Em contrapartida, para o PE, os falantes mais jovens da zona não urbana com escolaridade superior preservam mais a CV do que os mais velhos.

3.1.5.3 Welchen (2009)

Welchen (2009) analisou a variação de concordância verbal de 3ª pessoa do plural em Pelotas/RS. O *corpus* foi composto por 90 informantes que compõem o Varx - banco de dados sociolinguísticos variáveis por classe social de Pelotas/RS. As variáveis linguísticas previstas foram: a) tempos verbais (presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, futuro do presente do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, presente do subjuntivo, imperfeito do subjuntivo, futuro do subjuntivo, infinitivo pessoal); b) traço humano (humano, não-humano); c) saliência fônica (nasalização sem envolver mudança de qualidade, forma singular em *a* átona e plural em *-am*, vogal átona final átona, possivelmente nasalizada, sobreposição de raiz e desinência, com acento, formas pretéritas, com uma vogal acentuada mantida em ambas as formas *'/i/* ou */e/e* mais o sufixo *-u* no singular, oposto pelo sufixo *-ram* no plural', oposição total, ou entre as palavras, ou entre desinências); d) posição do sujeito (sujeito anteposto contíguo 'sujeito-verbo, podendo haver clítico no meio, sujeito anteposto não contíguo, existe material entre sujeito e verbo, sujeito posposto, sujeito não-preenchido; e) tipo de sujeito (sujeito preenchido SN, sujeito preenchido pronome reto, sujeito preenchido pronome indefinido, sujeito preenchido numeral, sujeito preenchido pronome relativo, sujeito preenchido pronome demonstrativo, sujeito nulo, contexto sem sujeito, mas pode ser recuperado por outro contexto); f) discurso reportado (indireto, de pessoa não-próxima, de pessoa próxima, do próprio falante, indireto livre); g) assunto (amigos, escola, família, trabalho intelectual, trabalho manual, não se aplica). Os extralinguísticos foram estratificados conforme: a) sexo (45 feminino e 45 masculino); b) classe social (30 classe média alta, 30 média baixa, 30 baixa); c) faixa etária (16 a 20 anos, 21 a 25 anos, 26 a 37 anos, 38 a 49 anos, 50 a 64 anos, mais de 65 anos).

Após a rodada, com base num total de 5.263 contextos de 3ª pessoa do plural, 4.317, ou seja, 82% apresentaram marcas de concordância; em contrapartida, apenas em 945 contextos não ocorreram marcas de CV, o que totalizou 18% dos resultados. A pesquisadora chamou a atenção para a variável classe social, já que essa foi a única variável considerada estatisticamente relevante na rodada com concordância *versus* sem concordância verbal de 3ª pessoa do plural, conforme mostram os dados: das 1576 aplicações de um total de 1762 aplicações de CV, 89% e 0.68 foram da média alta, das 1984 aplicações de 1605, 81% e .46, da classe média baixa e das 1571 ocorrências de um total de 1137, 75% delas e .32 foram da classe baixa.

A partir dos resultados desses autores, teremos mais condições de constatar no que a nossa pesquisa traz de constatação ou de novidade no uso variável da CV na fala do PB.

3.2 NA LÍNGUA ESCRITA¹⁰

3.2.1 Região Nordeste

3.2.1.1 Santos (2013)

Santos (2013) observou o comportamento variável da CV na língua usada por crianças e adolescentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió a partir de 48 produções escritas de dezesseis desses menores carentes e atentou, principalmente, para o papel da escolaridade frente a esse comportamento. Para a realização desse estudo, foram analisadas as seguintes variáveis linguísticas: a) distância entre sujeito e verbo (ausência de elementos, presença de um ou mais elementos); b) natureza do sujeito (expressão pronominal *a gente*, 1ª pessoa do plural, pronomes no plural, sintagmas nominais no plural); c) paralelismo formal (sintagma verbal isolado, sintagma verbal em sequência); d) grau de formalidade (texto informal (carta pessoal), texto semiformal (narrativo), texto formal

¹⁰ Diante dos escassos trabalhos sociolinguísticos variacionistas na língua escrita, optamos por tentar apresentar pelo menos um de cada região. Informamos que não encontramos estudos na perspectiva da Sociolinguística Variacionista na língua escrita na região Centro-oeste.

(argumentativo)); bem como as variáveis extralinguísticas: a) escolaridade (início do ciclo do Ensino Fundamental (2º ano - 5º ano), fim do ciclo do Ensino Fundamental (6º ano – 9º ano)); b) faixa etária (7 a 12 anos, 13 a 18 anos)). c) tempo de permanência na entidade filantrópica (menos de cinco anos de permanência na instituição filantrópica, mais de cinco anos de permanência na instituição filantrópica).

A autora analisou 169 sentenças dos textos escritos, destas 75/169, ou seja, 44% foram com a variante [+conc] e 94/169, especificamente, 56%, [-conc].

Em relação às variáveis, a variável extralinguística escolaridade foi a mais significativa estatisticamente para o referido estudo. Os resultados mostraram que quanto maior o nível de escolaridade maior a tendência ao uso da variante [+conc].

A segunda estatisticamente mais significativa foi a variável distância entre sujeito e verbo. A autora salienta que o fator sujeito próximo ao verbo apresentou uma significativa disputa entre as variáveis, ou seja, 56% de [+conc] contra 46% de [-conc]. Já no fator sujeito separado do verbo houve predomínio de 72% de [-conc] contra 28% de [+conc].

Ao comparar o uso da variação de CV na fala e na escrita da comunidade investigada, a autora constatou que há um maior uso da variante não-padrão nessas duas modalidades de uso da língua: 60% na língua falada e 56% na língua escrita.

3.2.2 Região Norte

3.2.2.1 Castro (2016)

Castro (2016) investigou a variação na concordância verbal de 3PP em acadêmicos de Letras, da Universidade Federal de Rondônia, campus de Vilhena. Para tal, o *corpus* foi constituído de redações elaboradas por esses alunos. As variáveis linguísticas foram: a) saliência fônica (presença ou ausência de acento na desinência, quantidade de material fônico que diferencia a forma singular da forma plural); b) sujeito em relação ao verbo anteposição (SN anteposto) ou a posposição do sujeito (SN posposto)); c) tipo de verbo (intransitivos, transitivos, cópula e inacusativos); d) tipo de sujeito SN (pronome pessoal do caso reto, SN outros pronomes (pronomes demonstrativos e indefinidos), SN sujeito pleno, SN sujeito implícito, SN + pronome relativo (que)); e) material interveniente (material

encontrado entre o SN e o verbo em termos de número de sílabas de zero a mais de oito sílabas). Vale pontuar, que a pesquisadora obteve, em termos percentuais, um total de 80,88% de variação padrão de CV ou 165 ocorrências contendo marcas explícitas de concordância contra 19.12% ocorrências ou 39 casos de variação não-padrão de concordância entre sujeito e verbo. Segundo a pesquisadora, esse percentual de 19.12% (39/204) desnuda-se como um valor significativamente relevante nos casos de ausência de marcação nos verbos na língua escrita. Ou seja, para ela, esse resultado aponta para a variação de CV até em produções formais de pessoas que, supostamente, adquiriram o conhecimento da gramática normativa.

3.2.3 Região Sudeste

3.2.3.1 Gameiro (2009)

Gameiro (2009) utilizou um *corpus* composto de redações escolares do ensino fundamental e médio, com o objetivo de estudar a variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural na língua escrita de informantes da região central do estado de Rio Claro/São Paulo. Os fatores extralinguísticos analisados foram: a) sexo (masculino, feminino); d) grau de escolaridade (sexto ano, sétimo ano, oitavo ano e nono ano do Ensino Fundamental, primeiro ano, segundo ano e terceiro ano do Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos (EJA)). Os linguísticos foram compostos por: a) saliência fônica verbal (1º nível: oposição não-marcada e 2º nível: oposição marcada); b) posição do sujeito em relação ao verbo (sujeito anteposto contíguo (sujeito + verbo): sujeito anteposto não contíguo, sujeito posposto ao verbo); c) o paralelismo formal (presença de marca formal de plural –s no último ou único elemento do SN, ausência de marca formal de plural –s no último elemento do SN sujeito); d) elemento a direita do verbo (verbo intransitivo sem adjunto, objeto direto preenchido por nome, predicativo do sujeito, adjunto adverbial, objeto direto preenchido por “ele/a”, objeto indireto preenchido por nome + preposição, oração subordinada substantiva objetiva, objeto direto preenchido por pronomes oblíquos átonos: “o(s)/a(s), lo(s), la(s)” objeto indireto preenchido por pronome oblíquo tônico); e) paralelismo discursivo (verbo precedido de verbo com marca formal de plural, verbo precedido de verbo sem marca formal de plural, verbo isolado ou primeiro de uma série); f) presença/ausência do sujeito pronominal (sujeito pronominal explícito,

sujeito não-pronominal, sujeito pronominal nulo); g) presença/ausência do *que* relativo; h) papel semântico do sujeito (sujeito agente, sujeito beneficiário, sujeito causativo, sujeito experimentador, sujeito inativo, sujeito paciente); i) animacidade do sujeito (sujeito humano, sujeito animado mas não humano, sujeito inanimado).

Segundo a pesquisadora, os dados de frequência e peso relativo de concordância verbal do grau de saliência fônica da oposição entre as formas verbais do singular e do plural foram os mais significativos e comprovam a tendência geral observada na língua falada, conforme tabela 6:

Tabela 6 - Frequência e peso relativo de CV do grau de saliência fônica da oposição entre as formas verbais do singular e do plural tendência geral observada na língua falada

Fatores	Frequência	Peso relativo
Fala/falam	496/702 = 70%	.26
Faz/fazem	33/82 = 40%	.04
Está/estão	67/72 = 93%	.61
falou/falaram	1148/1234 = 93%	.63
fez/fizeram	272/290 = 93%	.70
e/são	4/8 = 50%	.14
Total	2020/2388 = 84%	

Fonte: Gameiro (2009, p. 125)

O segundo grupo de fatores mais significativo foi o paralelismo discursivo e os resultados em percentuais e pesos relativos encontrados foram: 1358/1479 = 91% .59 para verbo precedido de verbo no plural, 71/151 = 47% .09 para verbo precedido de verbo no singular e 591/758 = 77% .41 para verbo isolado ou primeiro de uma série.

Um dado considerado como estatisticamente irrelevantes pelo programa Goldvarb X foi a escolaridade. O fator comumente exerce grande influência na regra de CV, mas não se mostrou relevante estatisticamente com os seus dados. Os pesos relativos ficaram todos em torno de .5 e esse dado evidenciou a neutralidade deste grupo de fatores na referida pesquisa.

3.2.4 Região Sul

3.2.4.1 Agostinho (2013)

Agostinho (2013) estudou a variação na concordância verbal de primeira pessoa do plural com os pronomes *nós* e *a gente* e com os *sintagmas nominais + eu* (*SN+eu*) na língua escrita de informantes da cidade de Itajaí/Santa Catarina. O *corpus* foi composto de narrativas elaboradas por alunos dos anos finais do Ensino Fundamental (5^a, 6^a, 7^a e 8^a séries) de duas escolas públicas. Para tanto, investigou os contextos favoráveis e desfavoráveis à variação da concordância entre o sujeito (pleno ou nulo) realizado pelos pronomes *nós/a gente* ou pelo *sintagma nominal + eu* (*SN+eu*) e o verbo correspondente terminado em *-mos*, *-mo/-mu* e \emptyset (*doravante zero*). As variáveis estudadas foram: a) concordância verbal com o pronome *nós* - pleno ou nulo (*-mos*, *-mo*, *zero*); b) concordância verbal com o pronome *a gente* - pleno ou nulo (*mos*, *-mo*, *zero*); c) concordância verbal com sintagma nominal + *eu* - pleno ou nulo (*mos*, *-mo*, *zero*). A autora investigou 17 variáveis ou grupo de fatores (sete linguísticos; oito sociais e dois estilísticos). os linguísticos independentes foram: a) conjugação do verbo (1^a conjugação, 2^a conjugação, 3^a conjugação); b) tempo e modo verbal (futuro do presente, futuro do pretérito, futuro do subjuntivo, presente do indicativo, presente do subjuntivo, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, infinitivo flexionado (obrigatório segundo o padrão), infinitivo flexionado (opcional), imperativo, imperfeito do subjuntivo, perífrase *vamos* + infinitivo); c) realização do sujeito (expresso, nulo); d) posição do sujeito em relação ao verbo (posposição, anteposição direta, distância entre o sujeito e o verbo de uma a três sílabas, distância entre o sujeito e o verbo de mais de três sílabas, *se* como interveniente entre o sujeito e o verbo, *nos* como interveniente entre o sujeito e o verbo); e) alternância de vogal temática – para os casos em que há possibilidade de alternância (sim, no presente, não, no presente; sim, no passado; não, no passado); f) posição do acento na forma verbal alvo (proparoxítona, paroxítona); g) saliência fônica. As variáveis sociais foram: a) escolaridade (5^a série; 6^a série; 7^a série; 8^a série); b) sexo (feminino, masculino); c) escolas (+ privilegiada/-carente, na área urbana, - privilegiada/+carente, na área rurbana); d) escolaridade do pai ou responsável do sexo masculino (não-alfabetizado, ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo; ensino médio incompleto, ensino médio completo, ensino superior incompleto, ensino superior completo); e) escolaridade da mãe ou responsável do sexo feminino (não-alfabetizado, ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo; ensino médio incompleto, ensino médio completo, ensino superior incompleto, ensino superior completo); f) profissão do pai ou

responsável (autônoma (profissionais da área da construção ou vendedores sem vínculo empregatício), operária (segurança, serviços gerais, atendentes, caixas, vendedores, funcionários do comércio em geral), do lar, desempregada, aposentada, operadoras de máquina, motoristas, conferentes, profissões que exigem curso técnico ou superior e ainda os cargos de supervisão, gerência, encarregado de departamento, informática (médico, advogado, educador, professor, administrador escolar, diretor, enfermeiro), comerciantes, negócio próprio (lanchonete, confeitaria, confecção), empresária)); g) profissão da mãe ou responsável (autônoma (profissionais da área da construção ou vendedores sem vínculo empregatício), operária (segurança, serviços gerais, atendentes, caixas, vendedores, funcionários do comércio em geral), do lar, desempregada, aposentada, operadoras de máquina, motoristas, conferentes, profissões que exigem curso técnico ou superior e ainda os cargos de supervisão, gerência, encarregado de departamento, informática (médico, advogado, educador, professor, administrador escolar, diretor, enfermeiro), comerciantes, negócio próprio (lanchonete, confeitaria, confecção), empresária)); h) origem do aluno - cidade/estado (Itajaí e cidades próximas (Navegantes, Camboriú, Balneário Camboriú), cidades distantes (catarinenses) e de outros estados e que moram na cidade há mais de 5 anos, cidades distantes (catarinenses) e de outros estados e que moram na cidade há menos de 5 anos). As variáveis estilísticas foram: a) discurso (reportado do próprio aluno, reportado de outra pessoa de sexo feminino; reportado de outra pessoa de sexo masculino; indefinido (não dá pra saber o sexo (grupo misto) ou não dá pra saber se é o próprio aluno ou terceira pessoa), não-reportado)); b) tópico ou assunto/tema (histórias incríveis (aventuras, monstros, acidentes, esportes radicais com acidentes, passeios fantásticos), lazer (passeios, diversão com a família, amigos, brincadeiras), relacionamento (namoro, amizade), cotidiano, saúde/doença (morte/velório), trabalho/atividade/escola, religião, outros)).

A autora obteve um total de 2.199 dados, 1.204 com o pronome *nós* e seu nulo (55%), 787 com *SN+eu* e seu nulo (36%) e 208 com *a gente* e seu nulo (9%). Dos 1.204 dados com o sujeito pronominal *nós* (pleno ou nulo), 1.077 (89%) tem a concordância com *-mos*, 50 (4%) com *-mo* e 77 (6%) com *zero*. Já com o sujeito *SN + eu* (pleno ou nulo) dos 787 dados 720 (91%) foram com concordância com *-mos*, 20 (2%) com *-mo* e 47 (5%) com *zero*. Com o sujeito *a gente* dos 208 dados 76 (37%) foram com *-mos*, 3 (1%) com *-mo* e 129 (62%) com *zero*.

Tomando por base as pesquisas desses autores acima, teremos mais condições de comparar e verificar, até que ponto, os nossos resultados se aproximaram ou não dos já realizados na língua portuguesa escrita.

3.3 NA LÍNGUA FALADA E NA LÍNGUA ESCRITA

Informamos que só localizamos duas pesquisas sociolinguísticas que abordam a comparação da CV entre a fala e a escrita do PB. Um na região sudeste, Vianna (2006), e outro, Brustolin (2009), na região sul. Salientamos que apenas Brustolin (2009) trabalha a fala e a escrita um mesmo informante.

3.3.1 Região Sudeste

3.3.1.1 Vianna (2006)

Vianna (2006) analisou a concordância de *nós* e *a gente* em estruturas predicativas carioca a partir de uma amostra de fala não-culta e de escrita, tendo em vista os traços de gênero, número e pessoa. A autora localizou cinco padrões de concordância: a combinação de *nós* com formas verbais na 1ª pessoa do plural (*Ex: nós estamos*) ou na 3ª pessoa do singular (*Ex: nós está*) e a combinação de *a gente* com formas verbais na 3ª pessoa do singular (*Ex: a gente está*), na 1ª pessoa do plural (*Ex: a gente estamos*) ou na 3ª pessoa do plural (*Ex: a gente estão*). Para os dados da fala, a autora utilizou dois *corpora* do Projeto Censo/Peul (*Censo da Variação linguística no estado do Rio de Janeiro e Programa de Estudos do Uso da Língua*), coletados em épocas distintas e alicerçados em três dimensões de estratificação: sexo (homens e mulheres); faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e mais de 50 anos); escolaridade (1º e 2º graus).

Para os dados da escrita, diante do reduzido número de estruturas predicativas apontadas pela amostra de fala, foram elaborados testes de avaliação subjetiva. A amostra foi constituída por 104 testes e ficou organizada em três dimensões de estratificação: a) sexo (homens e mulheres); b) faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e mais de 50 anos); c) escolaridade (5ª e 8ª séries do ensino fundamental e 1º e 3º anos do ensino médio). Os testes foram aplicados em duas

escolas de ensino supletivo. Os fatores linguísticos foram: a) extensão semântica do referente; b) saliência fônica do verbo; c) concordância verbal; d) tempo verbal; e) concordância de gênero e número com as formas pronominais. Os fatores extralinguísticos foram: a) faixa etária, b) sexo e c) escolaridade.

Na fala, de um total de 86 dados de *a gente*, 8 ocorrências da concordância se deram com formas verbais na primeira pessoa do plural (P4) e 3 com formas verbais na terceira pessoa do plural (P6), considerando as duas amostras analisadas – amostra dos anos 80 e amostra dos anos 2000. A forma *nós*, embora predominantemente estabeleça relação de concordância com P4 (87 dados, ao considerar as duas amostras), pode combinar-se com formas verbais no singular (P3 – 5 dados, no total).

A autora apresenta alguns exemplos (cf. (50), (51), (52), (53), (54)), como podemos ver a seguir, para ilustrar as cinco estratégias encontradas nas duas amostras:

(50) Nós + P3 “Desde que nós têm quatro filho é casada, né?” (dado 22, M4, 1 o grau)

(51) Nós + P4 “... nós somos brasileiros.” (dado 41, H4, 1 o grau)

(52) A gente + P3 “...a gente é obrigada a fazer recuperação” (dado 193, M2, 2 o grau)

(53) A gente + P4 “A gente nunca fomos assaltada, não.” (dado 89, M2, 1 o grau)

(54) A gente + P6 “...a gente tão se sentindo sufocados, né?” (dado 50, H4, 2 o grau)

(VIANNA, 2006, p. 51)

Ao confrontar as décadas de 80 e 2000, a fim de obter estratégias de concordância verbal com *nós* e *a gente*, ela encontrou na fala os seguintes dados apresentados na tabela 7.

Tabela 7 - Estratégias de concordância verbal com *nós* e *a gente*: década de 80 vs década de 2000.

Concordância verbal X pronome	P3		P4		P6	
	80	2000	80	2000	80	2000
Nós	2/564%	3/368%	54/5696%	33/3692%	∅	∅
A gente	36/4384%	38/4291%	5/4311%	3/427%	2/43 5%	1/422%

Fonte: Vianna (2006, p. 52-53)

Na variação *nós* e *a gente*, nos testes escritos, a forma inovadora *a gente* foi levada em consideração como valor de aplicação da regra variável.

Embora a autora tenha localizado, em seus dados escritos, as cinco possibilidades de concordância verbal com as formas *nós* e *a gente*, houve maior produtividade dos verbos em P3 combinados com *a gente*. De um total de 418 aplicações de P3, 332 ocorrências com CV se deram com a forma pronominal inovadora representando 79% de frequência e .92 de peso relativo.

Os exemplos (cf. (55), (56), (57), (58), (59)) de Vianna (2006, p.77) ilustram essas estratégias encontradas em sua amostra.

(55) A gente + P3 A GENTE chega bêbado (dado24, M1, 3º ano)

(56) A gente + P4 A GENTE ficamos estressado (dado 135, M1, 5ª série)

(57) A gente + P6 10 A GENTE ficam estressada (dado 492, M2, 5ª série)

(58) Nós + P3 NÓS chega bêbado (dado 104, H2, 8 a série)

(59) Nós + P4 NÓS não somos bobos (dado 113, H2, 8 a série)

3.3.2 Região Sul

3.3.2.1 Brustolin (2009)

Brustolin (2009) objetivou descrever e analisar a variação de *nós* e *a gente* (e suas possíveis realizações na desinência verbal *-mos* e *zero/φ* e *zero/φ* e *-mos*) na fala e escrita de alunos do ensino fundamental (5ª, 6ª, 7ª e 8ª série) em quatro escolas da rede pública de ensino de Florianópolis/SC. As amostras foram compostas de produções textuais (narrativa pessoal) e entrevistas orais. Os dados foram estratificados de acordo com as variáveis extralinguísticas: a) sexo (feminino e masculino); b) faixa etária (de 10 a 14 anos, de 15 a 19 anos); c) série (6ºano, 7ºano, 8º ano ou 9º ano do ensino fundamental); d) escola. Os dados foram constituídos de 393 produções escritas, perfazendo um total de 1.284 dados de escrita com *nós* e *a gente*, e de 85 entrevistas de fala realizadas em apenas uma escola, totalizando 383 dados de *nós* e *a gente*. As variáveis linguísticas foram: a) marca morfológica do

verbo que o acompanha (zero e –mos); b) sujeito preenchido e nulo; c) saliência fônica.

Nos dados de escrita e fala dos alunos do segundo segmento do ensino fundamental, houve 1667 ocorrências de *nós* e *a gente*. O pronome *a gente* apresentou 424 ocorrências, ou seja, 25% do total e o pronome *nós*, 1243 ocorrências, 75% do total. Para a autora, a forma inovadora *a gente* está se efetivando na língua falada e na escrita dos alunos de ensino fundamental como uma variante do pronome de 1ª pessoa no plural. A marca fonêmica foi o primeiro fator escolhido pelo programa. Segundo essa variável, a frequência e probabilidade de *a gente* foi de 4% e .21 de morfema –mos e de 92% e .99 de morfema ϕ (zero). Quer dizer, de 395 dados de marcas morfológica zero foram encontradas 268 ocorrências do pronome *a gente* ϕ . Mais uma vez, segundo ela, esse pronome mantém o traço formal e original de 3ª pessoa, referente ao nome coletivo *gente*.

Com a finalidade de obter a frequência de *a gente*, a autora realizou um cruzamento entre as variáveis fala/escrita e marca morfológica do verbo que o acompanha, conforme podemos acompanhar na tabela 8 a seguir.

Tabela 8 - Frequência de *a gente*, segundo cruzamento entre as variáveis fala/escrita e marca morfológica do verbo que o acompanha.

	MARCA MORFÊMICA	ESCRITA		FALA	
		Aplicação/total	%	Aplicação/total	%
A gente	-mos	29/174	17%	27/250	11%
	ϕ	145/174	83%	223/250	89%
	Total	174/1284	14%	250/383	65%
Nós	-mos	1086/110	98%	130/133	98%
	ϕ	24/1110	2%	3/133	2%
	Total	110/1284	86%	133/383	35%

Fonte: Brustolin (2009, p. 171)

De acordo com os resultados da tabela 8 acima, a autora constata que o pronome *nós* é, ainda, mais comum na escrita dos alunos que o *a gente*. No entanto, esse total de 174 ocorrências representa um indício de que esse pronome já está entrando na escrita dos alunos deste nível de escolaridade.

Em relação ao cruzamento entre as variáveis fala/escrita e série, para também obter a frequência de *a gente*, a autora visualizou os seguintes resultados do cruzamento na tabela 9 a seguir:

Tabela 9 - Frequência de a gente, segundo cruzamento entre as variáveis fala/escrita e série.

SÉRIE	Aplicação/total ESCRITA	% ESCRITA	Aplicação/total FALA	% FALA
5ª série	50/234	21%	93/135	69%
6ª série	46/374	12%	80/129	62%
7ª série	37/280	13%	28/50	56%
8ª série	41/396	10%	49/69	71%
TOTAL	174/284	14%	250/383	65%

Fonte: BRUSTOLIN (2009, p. 197)

Seus resultados da fala mostraram que, em todas as séries, os alunos realizaram mais uso do pronome *a gente* do que o *nós*. Segundo a autora, isso era esperado, pois é na fala que a linguagem mais se aproxima da espontânea. Em relação à escrita, seus resultados foram confirmados, já que, com o passar dos anos, os alunos apresentaram um maior uso do pronome *nós*.

Nossa tese se une a essa gama de trabalhos cujo objetivo foi o estudo da concordância verbal, seja na fala, na escrita, na fala e escrita, de 1PP ou de 3PP, a partir de diferentes amostras do PB: rurais, urbanas, rurbanas etc. Queremos colaborar com novos resultados acerca da concordância verbal contribuindo no avanço de pesquisas sobre o tema em questão – CV de 1ª e 3ª pessoas do plural do PB urbano falado e escrito em Recife/PE – com base nos nossos resultados em estudo. Além disso, pretendemos ajudar a delinear a direção dessa variação.

Interessa-nos sobremaneira os resultados das variáveis linguísticas e extralinguísticas desses trabalhos apontados como significativos e não significativos pelo programa estatístico. Tomando por base o que é comum e diferente, os estudos já realizados nos ajudaram no capítulo das análises a entender as motivações da variação ou não variação da CV na fala e na escrita do PB.

Vejamos, a seguir, o quadro 6 com a síntese desses estudos apresentados sobre a CV na fala e/ou na escrita.

Quadro 3 - Síntese de estudos sobre concordância verbal na fala e/ou na escrita nas cinco regiões brasileira oficiais

Região	Título	Autor(a)	Ano	Modalidade de uso da língua	Variáveis selecionadas	
					Linguísticas	Extralinguísticas
Centro-oeste	A variação da concordância verbal entre os falantes do	SGARBI, Nara Maria Fiel de Quevedo	2006	Fala	saliência fônica verbal; posição do sujeito em relação ao verbo; distância entre o sujeito e o verbo em número	sexo; faixa etária; escolaridade; procedência

	Mato Grosso do Sul				de sílabas; constituição morfossintática do sujeito; categorização semântica do sujeito; paralelismo formal; sujeito pronominal; função discursiva do sujeito; valor semântico do verbo	
	Goiás na primeira pessoa do plural	MATTOS, Shirley Eliany Rocha	2013	Fala	tipos de sujeito; tempo verbal; ritmo; tipo de estrutura sintática; tipo de fala	sexo; faixa etária; nível de escolarização
Nordeste	A concordância verbal na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió	SANTOS, Renata Livia de Araújo	2010	Fala	posição do sujeito, elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo, número/pessoa	escolaridade, tempo de permanência na entidade filantrópica, localidade
	A concordância verbal no português popular do Brasil: aspectos empírico-teóricos da concordância verbal na terceira pessoa do plural ou P6 na comunidade de Vitória da Conquista-BA	BRITO, Danilo da Silva Santos	2013	Fala	realização e posição do sujeito; concordância nominal no sujeito; caracterização semântica do sujeito; indicação plural no sujeito; tempo verbal; tipos de verbos; saliência fônica; presença de marcas de plural adjacentes ao verbo	sexo; nível de escolaridade; faixa etária; rede de relações sociais
	A concordância verbal no português falado em Feira de Santana-BA: sociolinguística e socio histórico do português brasileiro	ARAÚJO, Silvana Silva de Farias	2014	Fala	realização e posição do sujeito; concordância nominal no sujeito; indicação do plural no SN sujeito; caracterização semântica do sujeito; tipo de verbo; saliência fônica; efeito de gatilho; forma do último constituinte do SN Sujeito que está antes do verbo (adjacente)	faixa etária; escolaridade; diazonalidade; relação com a migração; sexo do informante
	A escolaridade e a concordância verbal na escrita de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas na cidade de Maceió	SANTOS, Renata Livia de Araújo	2013	Escrita	distância entre sujeito e verbo; natureza do sujeito; paralelismo formal; grau de formalidade	escolaridade; faixa etária; tempo de permanência na entidade filantrópica
Norte	A concordância verbal na fala urbana de Rio Branco	RODRIGUES, Dinah de Araújo	1997	Fala	posição do sujeito; aspecto morfofonêmico do verbo; constituição morfológica do sujeito	sexo; grau de escolaridade
	A concordância verbal na fala urbana de Rio Branco	OLIVEIRA, Elienai Ferreira de	2006	Fala	conjugação verbal; posição no grupo de força; quantidade de sílabas das palavras; presença ou ausência do complemento; tonicidade da sílaba inicial do vocábulo seguinte; saliência fônica; tempo das formas verbais; tonicidade da sílaba	faixa etária; sexo; escolaridade

					inicial do vocábulo seguinte analisado; marcas do sujeito; contexto fonológico seguinte à forma verbal analisada; posição do sujeito na oração que se encontra a forma verbal analisada; paralelismo formal do discurso	
	Nós/a gente: variação ou mudança?	SILVA, Lia Barile Carvalho da	2011	Fala	realização morfológica da pessoa verbal; referência; realização fonológica da desinência de número-pessoa; saliência fônica	faixa etária; grau de escolaridade; sexo
	A variação na concordância verbal: um estudo na escrita de acadêmicos de Letras	CASTRO, Maria Luiza de	2016	Escrita	saliência fônica; posição do sujeito em relação ao verbo; tipo de verbo; tipo de sujeito; material interveniente	Não houve
Sudeste	A concordância verbal no português de belo horizonte	FARIA, Nicolle Veronick Moreira de	2008	Fala	morfologia da forma verbal e grau de saliência fônica; ambiente fonológico que sucede ao verbo; posição do SN sujeito em relação ao verbo; constituição do SN sujeito; paralelismo formal	estilo de fala; distribuição geográfica; sexo; idade; escolaridade
	A concordância verbal na língua falada na região noroeste do Estado de São Paulo	RUBIO, Cássio Florêncio	2008	Fala	paralelismo formal – nível oracional paralelismo formal – nível discursivo; saliência fônica; posição do núcleo do sujeito em relação ao verbo; traço semântico do sujeito; tipo morfológico do de sujeito	Idade; gênero; escolaridade
	Concordância Verbal e variação: um estudo descritivo-comparativo do português brasileiro e do português europeu	MONTE, Alexandre	2012	Fala	grau de saliência fônica da oposição entre as formas verbais do singular e do plural; paralelismo formal no nível oracional; posição do sujeito/SN em relação ao verbo; posição do sujeito/SN em relação ao verbo; traço semântico do sujeito/SN; distância entre o sujeito/SN e o verbo em termos do número de sílabas; presença ou ausência do que relativo ou complementizador	Gênero; escolaridade
	A variação de concordância verbal na terceira pessoa do plural em redações escolares do ensino fundamental e médio: uma avaliação de fatores linguísticos e sociais	GAMEIRO, Maria Beatriz	2009	Escrita	saliência fônica verbal; posição do sujeito em relação ao verbo; paralelismo formal; elemento a direita do verbo; paralelismo discursivo; presença/ausência do sujeito pronominal presença/ausência do que relativo; papel semântico do sujeito; animacidade do sujeito	Escolarização; grau de escolaridade
	A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas	VIANNA, Juliana Barbosa de Segadas	2006	Fala e Escrita	extensão semântica do referente; saliência fônica do verbo; concordância verbal; tempo verbal; concordância de gênero e número com as	sexo; faixa etária; escolaridade

	na fala e na escrita carioca				formas pronominais	
Sul	A concordância verbal na comunidade de São Miguel dos Pretos, Restinga Seca, RS	ALMEIDA, Alessandra Preussler de	2006	Fala	referência do sujeito; conjugação verbal; posição do sujeito; tipo de sujeito; saliência fônica; tempo verbal	faixa etária; gênero; informante
	Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE	MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva	2009	Fala	saliência fônica; paralelismo formal; hipótese da inacusatividade; tipo de verbo; posição do sujeito em relação ao verbo; traço humano no sujeito; tipo de sujeito	grupo de fatores sociais: sexo, idade/ escolaridade, redes sociais; grupo de fatores geográficos: diatopia, diazonali-dade
	Pelotas/RS e a concordância verbal de 3ª pessoa do plural	WELCHEN, Dirce	2009	Fala	tempos verbais; traço humano do sujeito; saliência fônica; posição do sujeito; tipo de sujeito; discurso reportado; assunto	faixa etária; gênero; classe social
	Uso e norma: variação da concordância verbal em redações escolares	AGOSTINHO, Silvana Regina Nascimento	2013	Escrita	saliência fônica verbal; distância entre sujeito/verbo; paralelismo formal ou oracional; paralelismo discursivo; presença/ausência de sujeito pronominal; presença/ausência do 'que' relativo; papel semântico do sujeito; animacidade do sujeito	Escolarização; sexo
	Itinerários do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental da Rede Pública de Florianópolis	BRUSTOLIN, Ana Kelly Borba da Silva	2009	Fala e Escrita	marca morfofonêmica do verbo que o acompanha; sujeito preenchido ou nulo; saliência fônica	sexo; faixa etária; série

A seguir, evidenciamos o aparato teórico-metodológico que fundamenta nossa tese.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentamos as bases teóricas do nosso estudo, através dos pressupostos teóricos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968]2006, LABOV, [1972]2008) que amparam o fenômeno investigado.

4.1 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: PRESSUPOSTOS BÁSICOS

A Sociolinguística defendida por William Labov ([1972]2008) considera a língua um sistema heterogêneo estruturado, haja vista que as variações linguísticas sofrem influência de fatores linguísticos e extralinguísticos. Mollica (2015, p. 09) confirma essa afirmação ao enunciar que:

a Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo.

Os estudos pioneiros nessa área foram os realizados, em 1968, por Weinreich, Labov e Herzog nos Estados Unidos sobre a variação e a mudança linguística. No modelo da Teoria da Variação e Mudança, a heterogeneidade é inerente à língua (ao sistema) e a variação está na língua (no sistema), ou seja, a variação é intralinguística. Para Paiva e Duarte (2006), essa concepção de língua como sistema heterogêneo ordenado marca a ruptura epistemológica no tocante aos modelos dialetológicos preliminares e estruturalistas em vigor, até meados da década de 60. Segundo Labov ([1972]2008), as línguas são modificadas pelos falantes que vivem em sociedades complexas, hierarquizadas e heterogêneas. Portanto, a heterogeneidade linguística está presente em qualquer comunidade de fala, já que é inerente e sistemática.

É impossível, por isso, desvincularmos os fenômenos linguísticos variáveis dos fatores sociais. No trabalho investigativo aqui proposto para a análise do fenômeno linguístico variável da CV, assumimos com Labov ([1972]2008) que as pressões sociais operam continuamente sobre a língua como uma força social

imane e, conseqüentemente, agem no presente. Nesse sentido, adotamos a concepção de língua como objeto social, variável e sujeito à regularização.

Segundo Weinreich, Labov e Herzog ([1968]2006), existem dois princípios básicos para o estudo da língua: a) a concepção da estrutura linguística como passível de diferenciação em uma língua que serve à comunidade e b) o entendimento de que as gramáticas de comunidade de fala são espaços de mudança linguística. Para Mollica (2003), as variáveis de natureza linguística e extralinguística atuam em um complexo conjunto de conexões que inibem ou favorecem o emprego de formas semanticamente equivalentes.

Embora todo linguista reconheça a língua como um fator social, para Labov ([1972]2008), nem todos dão a mesma ênfase a esse fato. A análise adequada da variação linguística é o passo mais importante da investigação sociolinguística, devendo esta ser estudada como uma característica das línguas naturais. É a partir da metodologia de análise da língua em situação real de comunicação que a “sociolinguística consegue medir o número de ocorrências de usos de uma variante e, sobretudo, fazer previsões sobre as principais tendências de uso em relação a essa variante”. (MARTELOTA, 2010, p. 142).

É, portanto, na perspectiva dos pressupostos enunciados, que pesquisadores como Naro e Scherre (1993) têm dedicado atenção à regra variável de CV no PB e apontam para fatores de ordem linguística e extralinguística que favorecem o uso da variante padrão e não-padrão seja na modalidade falada ou na escrita.

Scherre e Naro (1998) realizaram um trabalho com foco na concordância no português falado do Brasil e entenderam que a nitidez da escala da saliência na concordância verbal tem relação com as diferenças entre os anos de escolarização dos falantes. Para os autores, pessoas com mais anos de escolarização, pessoas do sexo feminino e pessoas mais pressionadas pela idade profissionalmente produtiva, por exemplo, apresentam mais a variante explícita, isto é, usam mais as formas de prestígio. Embora o cerne de sua pesquisa não tenha sido a escrita, consideraram oportuno fazer algumas observações a respeito da variação nesta modalidade da língua portuguesa, em particular na escrita padrão e revelaram que a variação registrada não se resume aos casos registrados pelas gramáticas brasileiras, mas, sim, a quatro grandes configurações estruturais parcialmente previstas: (i) construções com sujeitos pospostos, independentemente de serem compostos; (ii) construções com sujeito simples de estrutura de estrutura complexa,

independentemente de expressarem noções quantitativas, coletivas ou partitivas; (iii) construções com sujeito que expressam percentual; (iv) construções com sujeito composto singular de estrutura complexa. A partir de um número significativo de casos, concluíram que: (i) a concordância verbo/sujeito é sempre regida pelo(s) núcleo(s) do sujeito quando (a) o sujeito é de um só núcleo de estrutura sintagmática simples anteposto ao verbo ou (b) quando o sujeito é de dois núcleos antepostos ao verbo com pelo menos um de seus núcleos no plural. Para Scherre e Naro (Ibid, p. 13), “nos demais casos, outros elementos podem entrar em jogo para assumir o controle da concordância” (Cf. SCHERRE; ALMEIDA; AZEVEDO, *no prelo*; SARAIVA; BITTENCOURT, 1990). Os autores concluíram que a variação na concordância de número do PB é internalizada em definitivo na mente dos falantes, ou seja, há um sistema gerenciando a variação nessa concordância. Já, na escrita, verificaram que essa não é específica do PB, pois a variação pode ser visível também no português escrito de Portugal exatamente nos mesmos contextos do português do Brasil e, também, do português arcaico.

4.1.1 Regra variável e variantes

Regra variável e variante são termos fundamentais na Sociolinguística Variacionista, tendo em mente que a variação faz parte do sistema linguístico heterogêneo composto por regras e unidades variáveis dentro de uma comunidade de fala observável (WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968]2006).

De acordo com Tarallo (1996), as variantes linguísticas referem-se às várias formas de se dizer uma mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. Para ele, cada uma das variantes é correlacionada com fatores que favorecem ou inibem sua ocorrência. Várias condições são levadas em consideração na escolha da regra para análise, isto é, devem ser observadas as possíveis regras indicadoras de estratificação social ou etnicidade e/ou marcadores de variação estilística, assim como examinar cada uma das variantes da regra. Desse modo, a variação não é caótica nem aleatória e muito menos desprovida de qualquer regularidade. A variação pode, sim, ser analisada e sistematizada (TARALLO, 1991). Bortoni-Ricardo (2014, p. 69) vai ao encontro desse modelo teórico ao dizer que as formas que “supostamente transmitem o mesmo conteúdo

semântico, expresso com recursos linguísticos distintos, vão caracterizar regras variáveis, e suas alternativas são denominadas variantes”.

Da mesma forma, Rubio (2012, p. 68) também considera que

[...] a variação implica o uso alternante de formas distintas para se transmitir um mesmo conteúdo informativo. O conjunto desses usos constitui, por sua vez, a variável linguística. Cada uma dessas formas alternantes que expressa o mesmo valor de verdade em um mesmo contexto é denominada variante linguística.

No caso do fenômeno da CV, duas variantes compõem a variável linguística, a saber: a) presença de marcas de plural nos verbos e b) ausência de marcas de plural nos verbos. Em uma comunidade de fala, há uma concorrência entre as formas variantes pelos falantes, já que eles conferem valores sociais diferentes a cada variante.

Dentre algumas questões que merecem ser investigadas pela Sociolinguística destacam-se: a origem da variação linguística, sua extensão e propagação ao longo dos tempos. Nessa perspectiva, Labov observa que, de início, uma forma linguística “nova” passa a ser adotada por um determinado grupo, podendo essa forma estender-se ou não para os demais grupos; em caso afirmativo, quando essa forma passa a ser adotada por outro grupo, ela passa a ter sua extensão e, por conseguinte, quando adotada por todos os membros da comunidade, passa ter a função de marcador, de estereótipo.

Vale pontuarmos que, para Tarallo (1996), as variantes de uma comunidade de fala normalmente se encontram numa relação de concorrência: padrão *versus* não-padrão; conservadora *versus* inovadora; de prestígio *versus* estigmatizada. De uma forma geral, a variante considerada padrão é, concomitantemente, conservadora e prestigiada sociolinguisticamente na comunidade. Em contrapartida, as variantes inovadoras são quase sempre não-padrão e, diferentemente daquela, são estigmatizadas pelos membros da comunidade.

A propagação das formas linguísticas variáveis não se dá bruscamente no decorrer da história, pois, ao ser propagada uma “nova” forma, outras formas linguísticas vão aparecendo em decorrência daquela. Vale salientarmos que, quando é iniciada no grupo de maior *status* social, a variação passa a ser aceita mais rapidamente pelos demais grupos. No entanto, se iniciada no grupo de menor *status*

social, passa a ser estigmatizada pela classe dominante, podendo tornar-se ou não, posteriormente, uma forma de prestígio.

A exemplo disso, Labov faz um estudo do fenômeno do r final pós-vocálico na língua falada dos novaiorquinos e observa que, no século XIX, a ausência do r era a forma de prestígio adotada pelo grupo de maior *status* social, enquanto, no século XX, esse mesmo grupo passa a estigmatizar tal forma, primando, agora, pela presença do r final pós-vocálico em palavras do tipo *car*, *finger*.

Fazendo esse estudo sociolinguístico do r final pós-vocálico na Ilha de Martha's Vineyard e em Nova Iorque, Labov (1966) verificou que a posição geográfica do falante é um dos fatores determinantes para o surgimento de formas linguísticas variáveis. Por ser a Ilha de Martha's Vineyard constituída por uma população rural e pobre com pouco desenvolvimento industrial e alto índice de desemprego, a probabilidade de aplicação do r final pós-vocálico é muito pequena, sendo os falantes idosos mais conservadores do que os jovens. Já, em Nova Iorque, verifica-se que há maior probabilidade de aplicação por ser uma região industrializada onde os falantes têm melhor situação financeira e mantêm maior contato no meio urbano.

Com base na estratificação social em Nova Iorque, Labov (1966) faz um estudo em três grandes lojas: Sack's Fifth Avenue, Macy's e S. Klein. Em Sack's, há uma distinção muito grande entre empregados e patrão, havendo falantes estrangeiros com sotaque francês e europeu ocidental, sendo a clientela pertencente à classe média alta, havendo maior incidência de aplicação do r final e pós-vocálico; em Macy's, há uma concorrência de formas, pois ora se aplica, ora não se aplica o r final pós-vocálico e, em S. Klein, não há distinção entre patrão e empregados, tendo os falantes vários sotaques (judeu, portorriquenho e europeu oriental), sendo quase todos de origem negra, o que favorece a não aplicação do r final pós-vocálico devido ao contexto informal ser mais marcante do que nas outras lojas.

Além da estratificação social, outro fator não-linguístico que contribui para o aparecimento de formas linguísticas variáveis é a faixa etária, pois falantes idosos são mais conservadores do que os jovens. Fazendo uma pesquisa de campo em Nova Iorque, Labov considera que, apesar de jovens e idosos estarem numa mesma zona geográfica, pertencem a comunidades de fala diferentes: enquanto os primeiros primam pela forma de prestígio, os segundos tendem a solidificar formas linguísticas "novas". É bem verdade que, no contexto pragmático, as formas

conservadoras e inovadoras estão em constantes embates, o que possibilita sua alternância.

Nesse sentido, é defendido por Labov que as formas variantes têm as seguintes funções: a) indicador de diferenças sociais, o que é demonstrado pela relação complexa de estratificação social (+*status* social *versus* -*status* social), b) diferenciador de estilos (casual, espontâneo e cuidado) e c) marcador de uma dada comunidade definido como estereótipos, ou seja, marcas linguísticas que marcam socialmente uma dada comunidade. Para descrevermos, portanto, as formas linguísticas inovadoras, é necessário investigar o grau de estratificação social e os contextos em que elas aparecem, cabendo ao pesquisador coletar grande número de dados da língua na interação entre os interlocutores.

Por estar fundamentado numa ciência de base empírica, Labov constata, a partir dos dados coletados, que as classes sociais refletem-se na língua; quer dizer, a língua é o veículo que, por meio de contextos diversos, sejam eles formais e informais, diferencia os vários grupos sociais de uma dada comunidade, ocasionando, assim, a variação estilística (fala casual, espontânea ou cuidada). Falantes de *status* social elevado tendem a adotar a forma de prestígio, enquanto os de menor *status* tendem, em sua grande maioria, a adotar formas linguísticas variáveis.

Um dos fatores que também ocasiona maior aparecimento de formas linguísticas variáveis na fala das pessoas de menor *status* social diz respeito ao fenômeno da hipercorreção que consiste na aplicação de uma norma linguística imperfeitamente assimilada, resultante do alto grau de insegurança linguística, sobretudo, em se tratando das mulheres.

É importante dizermos que, no contexto formal, a classe de menor *status* social tende à hipercorreção no intuito de usar a forma padrão, o que vai de encontro à classe de maior *status* social que usa formas de prestígio não só em contextos formais, mas também em contextos informais, sendo isso resultado de um grau menor de hipercorreção. Nessa acepção, mudando-se a classe social, muda-se o comportamento linguístico.

Alguns fatores sociais, além da classe social, são convocados na caracterização do comportamento linguístico dos indivíduos como: contexto de fala, escolaridade, sexo, origem geográfica, profissão e religião. Ainda assim, de acordo com Naro (2003), existe um comportamento considerado esperado, apesar de as

organizações sociais de cada comunidade de fala possuem certas peculiaridades não previstas. Como, por exemplo, pessoas com maior grau de escolaridade podem preservar mais as formas conservadoras.

Indo na mesma direção do raciocínio de Monte (2012), podemos perceber que a sociolinguística não concebe a variabilidade como um algo aleatório e insiste na necessidade de um controle sistemático e empírico dos fatores estruturais (internos) e sociais que motivam o uso de uma ou outra variante.

Em relação à CV, para Tarallo (1996), o caso da marcação de plural no PB, por exemplo, é um dos fatores que influencia o uso da variante padrão e não-padrão, pois a variante [s] é padrão, conservadora e de prestígio e a variante \emptyset é, por outro lado, inovadora, estigmatizada e não-padrão. Ao estudar o fenômeno variável da CV, Rubio (2012, p. 83) observa que:

fatores de ordem social poderão influenciar as escolhas linguísticas dos falantes, em razão das 'pressões' sociais que regularão a escolha de uma ou outra variante, ou seja, a inserção do indivíduo em um grupo social influenciará o seu comportamento linguístico, se não for o caso de realmente determiná-lo.

Muitos estudos, preocupados com essa diversidade linguística, vêm sendo desenvolvidos de acordo com os pressupostos teóricos da sociolinguística, mas, como já dito por Santos (2013), um tipo de estudo que sempre desperta a atenção, dentre as pesquisas sociolinguística, é o do fenômeno da concordância sujeito-verbo no PB.

4.1.2 Variação versus mudança linguística

Primeiramente, salientamos que, através da Sociolinguística Variacionista, é possível estudarmos os fenômenos da língua que apresentam variação, em que algumas variantes, por exemplo, são mais prestigiadas que outras, conforme já discutido na subseção anterior. Nesses casos, havendo variantes que estão em competição, alguma pode acabar, ao longo do tempo, por substituir a outra, operando-se assim a mudança linguística que se observa em vários níveis: fonológico, lexical, morfológico, sintático.

Weinreich, Labov e Herzog ([1968]2006) argumentam que nem toda variação e heterogeneidade envolvem mudança, mas toda mudança envolve variação e

heterogeneidade. Assim sendo, é possível assumirmos com Chambers (1995, p. 349) que “a mudança é um tipo de variação linguística com propriedades sociais particulares”, já que, para que haja mudança, a língua necessita passar por um período de variação, isto é, necessita passar por um período em que coexistam duas ou mais variantes.

Para compreendermos a relevância de Labov no estudo da mudança linguística, destacamos as correntes linguísticas do século XX: o estruturalismo saussuriano e o gerativismo chomskyano. Ao frisar, no início do século XX, a necessidade de distinguir fatos sincrônicos – tudo quanto se relacione com o aspecto estático da ciência, e diacrônicos – tudo o que diz respeito às evoluções, Saussure representou uma ampla ruptura com o pensamento anterior, pois enfatizou incisivamente não só a possibilidade mas a necessidade de estudar os fatos linguísticos sem qualquer correlação com sua história. Afinal, a intenção de Saussure era isolar o estudo da língua de tudo que é exterior a ela. Ao mesmo tempo, como reação ao tipo de linguística que se praticava na época, Chomsky, em meados do século XX, também com o objetivo de abstrair considerações sociais, interessou-se especificamente pela relação língua e mente, ou seja, pelo conhecimento individual a respeito da língua. (CHAGAS, 2010).

No entanto, como nem a visão estruturalista nem a gerativista relacionaram a língua, as suas variações e as alterações com a heterogeneidade da sociedade, o caminho percorrido por Labov segue uma direção contrária. Para ele, toda língua apresenta variação, que é sempre potencialmente um desencadeador de mudança. Nesse sentido, faz da variação e da mudança linguística os objetivos centrais de estudo, relacionando-as justamente à estrutura da sociedade e à sua história, alguns dos aspectos que Saussure e Chomsky mantiveram fora da análise da língua. (CHAGAS, 2010).

Segundo a perspectiva laboviana, Rubio (2012, p.80) afirma:

Conquanto o reconhecimento da mudança linguística preceda o advento da sociolinguística, é somente após o seu surgimento que se inicia a compreensão dos estágios intermediários entre o momento anterior e posterior a essa mudança e a captação de sua instalação gradativa e contínua, ou mesmo a concorrência e co-ocorrência das variantes num mesmo recorte do tempo, as quais passam a ser sistematicamente observadas.

Ao romper com as fronteiras entre sincronia e diacronia, Weinreich, Labov e Herzog ([1968]2006) defendem que a mudança linguística, inevitavelmente, deve ser concebida como encaixada no sistema linguístico e na matriz social, sendo o processo de mudança envolvido com estímulos e restrições tanto da estrutura social quanto linguística. Para Paiva e Duarte (2006), o entrelace desses dois eixos defendidos por Weinreich, Labov e Herzog ([1968]2006) propicia um passo teórico importante, já que “as evidências da variação sincrônica passam a constituir um excelente laboratório para a compreensão de mudanças já contempladas, ocorridas no passado” (Cf. MONTE, 2012, p. 23).

Como afirmou Eugenio Coseriu (1979), o importante é entender que:

[...] a língua nunca está pronta. Ela é sempre algo por refazer. A cada geração, ou mesmo em cada situação de fala, cada falante recria a língua. Dessa forma, ela está sujeita a alterações nessa recriação. Por outro lado, depende de uma tradição, já que cada falante diz as coisas de determinada maneira em grande parte porque é daquela maneira que se costuma dizer. Há então um delicado jogo de continuidade e de inovações, estas sempre em menor número. Como a língua está sempre sendo recriada, ela comporta o surgimento de inovações a todo momento. O crucial é que nem toda inovação vinga, nem toda inovação é realmente incorporada e difundida pelos falantes de uma determinada comunidade [...] (CHAGAS, 2010, p. 150).

Dentro da perspectiva variacionista, tomemos, agora, como exemplo, o caso do fenômeno variável da CV discutido por Galves (1993), Berlinck (1988, 1989) e Monguilhot (2009).

Galves (1993) faz uso dos resultados das pesquisas de Berlinck (1988, 1989) que trabalha no campo da sociolinguística e relaciona o enfraquecimento da morfologia de flexão verbal com outras mudanças sintáticas verificadas no Brasil a partir do século XIX. De acordo com Berlinck (1988, 1989), esse enfraquecimento ocasionou um intenso decréscimo da frequência da ordem VS(O) ao longo dos últimos séculos do português escrito no Brasil. A autora identificou que, de 45% de VS(O) no século XVIII, passou-se para 31% no século XIX, e chegou a 21% no século XX. Para ela, essa queda está, principalmente, condicionada pela transitividade do verbo e, como resultado, percebe-se o aumento do preenchimento do sujeito e o enrijecimento da ordem SV.

Monguilhot (2009), investigando também o fenômeno da CV no que se refere à terceira pessoa do plural no PB e no PE em uma amostra sincrônica (século XXI) e diacrônica (séculos XIX e XX), apresentou resultados gerais que mostram uma maior

tendência à aplicação da regra de CV nas duas amostras, exibindo frequências maiores de marcas explícitas de plural nos verbos em PE do que as frequências encontradas no PB. Dos 794 dados de variação na CV do PB, 640 dados apresentaram marcas de plural nos verbos, o que correspondeu a 80,6% da amostra, e 154 dados, 19.4% do total, com marcas zero de plural nos verbos. No PE, do total obtido, 742 apresentaram marcas de concordância nos verbos, correspondendo a 91.95% da amostra, e 65 dados, 8.05% do total, apresentaram a variante zero de plural nos verbos. Considerando as duas variedades investigadas pela autora, ela observa que os sujeitos antepostos com traço [+ humano], os contextos verbais mais salientes e marcas presentes na fala de jovens com escolaridade superior são contextos que podem estar restringindo uma possível mudança e, conseqüentemente, favorecendo o uso das marcas de plural nos verbos. Em contrapartida, os contextos de sujeitos pospostos com traços [- humanos] e os contextos verbais menos salientes, para a pesquisadora, estão favorecendo possível mudança no caminho da não marcação da concordância verbal. Ao recortarmos algumas de suas conclusões a respeito do PB, destacamos que (i) a não marcação da concordância verbal parece estar levando o PB a uma língua de sujeito preenchido, (ii) essa mudança vai encadear a mudança na ordem do sujeito, (iii) a posição do sujeito cada vez mais preenchida, vai levar a um enrijecimento da ordem SV.

Destacamos que, embora o nosso estudo seja o fenômeno em variação da CV de 1ª e 3ª pessoas do plural, o entendimento de mudanças linguísticas se faz necessário para uma compreensão mais adequada do fenômeno em estudo como um todo.

4.1.3 Conceito de norma

O conceito de norma surge nos estudos linguísticos, de acordo com Faraco (2009), para marcar um nível teórico capaz de perceber a constituição heterogênea da língua. Com a inclusão desse conceito, segundo ele, a perspectiva dicotômica (*langue/parole* – sistema/fala) deu lugar a uma perspectiva tricotômica (sistema/norma/fala).

Salientamos, primeiramente, a importância dos estudos de Saussure e pontuamos que sua perspectiva dicotômica, ao estabelecer as condições de

possibilidade de uma “ciência das línguas”, lançou as bases da linguística moderna. Para Culler (1979, p.13), “Saussure não estava contente com a Linguística tal como ele a conhecia, porque acreditava que seus antecessores não haviam pensado séria ou perceptivelmente sobre aquilo que faziam”. Depecker (2012, p. 136), com o objetivo de restituir os manuscritos de Saussure, faz a seguinte observação:

a língua permite a fala, por sua vez, a fala alimenta a língua. E é com essa repetição que faz com que as unidades se instalem na língua, que elas se encontrem ali consagradas, constituindo uma espécie de ‘tesouro’.

As ideias que conduziram Saussure a uma teoria de linguística geral permitiram constatar que as línguas evoluem; quer dizer, que elas se relacionam com o tempo. Logo, Saussure estremece diversas perspectivas, rompe em vários pontos com a tradição e inúmeras questões que pareciam evidentes se tornaram bruscamente obstaculizadas, como as da arbitrariedade, do significante e do significado, da diacronia e da sincronia, da fala e da língua (DEPECKER, 2012).

Para Saussure, por não existir conexão intrínseca entre o significante e o significado, o signo linguístico é arbitrário e a unidade linguística é constituída de uma forma e de um sentido. Na distinção entre sistema linguístico e suas manifestações efetivas, a língua difere da fala. A língua é social, ou seja, é um sistema gramatical que existe virtualmente no cérebro; em contrapartida, a fala é individual e, ao falar, o falante seleciona e combina elementos do sistema linguístico na forma de sons e significados (CULLER, 1979).

Coseriu (1979), ao formular o conceito de norma, propôs um acréscimo a essa dicotomia língua e fala de Saussure. Embora o linguista romeno apresente uma relação com o estruturalismo saussuriano, ao propor a tricotomia língua, norma e fala, alicerça-a nos planos universal, histórico e individual da língua. Partindo do falar (*parole*) para a língua (*langue*), toma-se o falar como a referência para a linguagem e esclarece:

[...] em nossa opinião, a linguística do falar em sentido estrito seria uma linguística descritiva, uma verdadeira gramática do falar. E, precisamente, uma gramática indispensável tanto para a interpretação sincrônica e diacrônica da “língua” quanto para a análise dos textos. De fato, do ponto de vista sincrônico, a língua não oferece apenas os instrumentos da enunciação e de seus esquemas mas também instrumentos para a transformação do saber em atividade; e, do ponto de vista diacrônico, tudo o que ocorre na língua só ocorre pelo falar. Por outro lado, a análise dos textos não pode ser feita com exatidão sem o conhecimento da técnica da atividade linguística,

pois a superação da língua que ocorre em todo o discurso só pode ser explicada pelas possibilidades universais do falar. (COSERIU, 1979, p. 214)

Em outras palavras, sua proposta tem como objetivo compreender toda a realidade da língua e integrá-la sistematicamente em um modelo epistemológico funcional. Portanto, ao trazer o conceito de norma e buscar uma maior exatidão a esse conceito, a contribuição de Coseriu foi bastante relevante para a linguística moderna. No início da década de 1950, ele já afirmava que uma norma não correspondia ao que “se pode dizer” (tarefa do sistema), mas ao que já “se disse” e tradicionalmente “se diz” na comunidade considerada. Logo, ao declarar ser a língua como um conjunto de possibilidades abstratas, a norma seria, segundo ele, um conjunto de realizações concretas e de caráter coletivo da língua.

Ao adotarmos um olhar sociolinguístico variacionista, torna-se produtivo equipararmos norma e variedade e, de acordo com Faraco (2009), não há norma sem organização; é impossível falar sem gramática. Ou seja, toda e qualquer norma, mais precisamente, toda e qualquer variedade constitutiva de uma língua é dotada de organização. Assim, há normas diferenciadas e ainda discordantes em diferentes grupos sociais devido a histórias e experiências culturais diversas.

Essa diversidade de normas, para Faraco (2009), está diretamente correlacionada com a própria heterogeneidade da rede de relações sociais que se estabelecem no interior de cada comunidade de fala. Devido a isso, de acordo com Eckert (2000), muitos estudiosos da heterogeneidade sociolinguística na atualidade optam por entender uma comunidade de fala como composta de várias (assim chamado) comunidades de prática.

É importante salientarmos que a comunidade de fala, no modelo teórico adotado nesta pesquisa, é entendida como um grupo de pessoas que compartilham traços linguísticos e que distinguem seu grupo de outros, assim como comunicam um tanto mais entre si do que com os outros e, particularmente, compartilham normas e atitudes perante o uso da língua (Cf. LABOV, 1972 e GUY, 2000). Vale ainda destacarmos que “esse compartilhamento de características linguísticas em uma comunidade de fala inclui as restrições de processos de variação (GUY, 2000, p.18). Ao lado da comunidade de fala, a comunidade de prática compõe um aglomerado de indivíduos que partilham experiências coletivas nas escolas, nas igrejas, no lazer, nos sindicatos e associações, no trabalho, no cotidiano da rua e do bairro e em tantos outros lugares. Significa dizermos que uma mesma pessoa dessa

coletividade, assim como cada um de seus semelhantes, simultaneamente, pertence a diferentes comunidades de prática.

Como em cada uma dessas comunidades costuma haver normas específicas de falar, é comum o falante variar a sua fala segundo a comunidade de prática em que se encontra. À vista disso, o repertório linguístico de cada falante se acomoda às práticas correntes em cada uma das comunidades de prática a que pertence. Ou seja, cada falante é um camaleão linguístico, como diz Faraco (2009).

Após uma breve explanação sobre comunidade de fala e de prática, retomamos a discussão sobre norma. Podemos dizer, de maneira concisa, que norma é o termo que empregamos nos estudos linguísticos para apontar os fatos de língua usuais, comuns, correntes numa determinada comunidade de fala. Em concordância com Faraco (2009), norma representa o conjunto dos fatos linguísticos que caracterizam o modo como usualmente falam as pessoas de uma certa comunidade, incluindo os fenômenos em variação. Nessa perspectiva, uma norma, independente de qual seja, não pode ser apenas compreendida como um conjunto de formas linguísticas, pois é essencialmente um agregado de valores socioculturais articulados com aquelas formas.

Nesse sentido, não há uma norma “pura”. As normas, por absorverem características umas das outras, são sempre hibridizadas e, a todo momento, entre elas, há sobreposições, desbordamentos e entrecruzamentos. Diante da necessidade de discernimos com mais exatidão os variados meios sociais de falar e de escrever, tal como, de se buscar adequado acolhimento à heterogeneidade linguística e à correlação das normas com seus diferentes condicionantes sociais, foi necessário qualificar o termo “norma” e agregar a ele diferentes atributos tais como regional, popular, rural, informal, juvenil, culta etc (FARACO, 2009).

É válido destacarmos que a norma dita culta é somente uma dessas variedades com funções socioculturais bem específicas e seu prestígio provém de propriedades sócio-históricas. Assim, segundo Faraco (2009), a norma culta/ comum/ *standard* é mais que apenas um rol de elementos léxico-gramaticais, já que combina práticas culturais, valores sociais e elementos propriamente linguísticos. Na função moderna que lhe atribui a sociedade urbanizada, massificada e alfabetizada, a norma culta/ comum/ *standard* está diretamente correlacionada com a escolarização, com o letramento, com a superação do analfabetismo funcional.

Antunes (2007) vai mais além e afirma ser indispensável mais uma classificação no conceito de norma culta, a saber: a distinção entre norma culta ideal e norma culta real. Para a autora, a primeira corresponde a uma idealização, ou seja, a norma é concebida, pensada, prevista e proposta. Na verdade, essa concepção “tem muito de abstração, de fantasia, de distanciamento do que, de fato, é real e comprovável nos usos do dia a dia” (ANTUNES, 2007, p. 92). Já a segunda corresponde aos usos que podem ser certificados como concretamente realizados nos diversos suportes em que se expressam e “os usos que ocorrem nesses contextos é que representam os parâmetros da norma culta real, aquela que deveria constituir a referência de identificação da norma prestigiada” (ANTUNES, 2007, p. 93).

Ainda de acordo com Antunes (2007), os usos comprováveis nos diferentes meios e suportes da comunicação falada e escrita não são parâmetros para julgar essa norma idealizada.

Essa reflexão deságua no meio escolar. De fato, a escola deve favorecer ao aluno o acesso à norma culta, porém o problema está na adoção de uma norma idealizada, que não é amparada em contextos reais de usos da língua. Ou seja, os parâmetros da norma culta real deveriam ser estabelecidos a partir dos usos que ocorrem nos contextos dos falares mais típicos da interação escrita, pública e formal. Portanto, lembramos que:

a parcela da população que usa essa norma culta real, como todas as outras, é móvel, é heterogênea, e, portanto, se manifesta em usos variados. Pode-se prever, então, que essa norma culta real seja inexoravelmente flexível e suscetível de sofrer alterações de diferentes ordens, contando que não fique ameaçado o caráter interativo da língua – diante do que todo usuário é extremamente zeloso. (ANTUNES, 2007, p. 93).

Um outro conceito importante para essa discussão é o de norma-padrão. O propósito de permitir uma linguagem “igual” para todas as comunidades, embora bem intencionado, resulta em irreparáveis consequências socioeconômicas e políticas. O parâmetro da norma-padrão corresponde exatamente àquele da norma culta ideal, já que é a classe social de prestígio ou certos órgãos oficiais que estipulam e regulam o melhor uso da língua (ANTUNES, 2007).

É válido salientarmos, após algumas distinções de norma, que a norma culta, expressão utilizada para substituir o termo gramática, já desgastado, mesmo

correspondendo à norma socialmente prestigiada, à norma estipulada em gramáticas e dicionários, não é “a única a ser validada como legítima representante da língua” (ANTUNES, 2007, p. 98).

Devemos ainda entender que existem muitos falares e que todos são legítimos, dado que competente é aquele capaz de dominar o maior número desses falares, até mesmo aquele falar apropriado às situações mais ligadas à fala e à escrita formais. Em suma, precisamos trabalhar a tolerância a diversidade e as diferenças como condição da convivência madura e plenamente cidadã (ANTUNES, 2007).

O fenômeno variável da CV, objeto de nosso trabalho, por exemplo, por exibir amplos processos de variação, em virtude de fatores linguísticos e atrair bastante à atenção social, está sempre no centro dos debates sociolinguísticos. Ao descrevermos o uso variável da CV na fala e na escrita de uma comunidade por meio da análise de elocuições espontâneas de um ou de vários membros dessa comunidade, obteremos padrão ou padrões de comportamento real. Pensando nessa CV, embora exista um número elevado de regras prescritivas da gramática normativa, elas não são aplicadas na língua escrita e, muito menos, na língua falada. Quer dizer, cada vez mais “os estudos sociolinguísticos vêm demonstrando que a regra de CV é uma regra variável e que essa variabilidade depende da influência de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos” (SANTOS, 2010, p. 258).

4.2 SOBRE A FALA E A ESCRITA

Para falarmos sobre a fala e escrita, primeiramente, destacamos o que Saussure (1991, p.34) preconizava sobre língua e escrita:

a língua e a escrita são dois elementos distintos de signo; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro; o objeto linguístico não se define pela combinação da palavra escrita e da palavra falada; esta última, por si só, constitui tal objeto. Mas a palavra escrita se mistura tão intimamente com a palavra falada, da qual é a imagem, que acaba por usurpar-lhe o papel principal; terminamos por dar maior importância à representação do signo vocal do que ao próprio signo. É como se acreditássemos que, para conhecer uma pessoa, melhor fosse contemplar-lhe a fotografia do que o rosto.

Essa perspectiva deu origem à dicotomia língua falada *versus* língua escrita, de modo que a segunda é superior à primeira, o que, seguramente, como afirma Marcuschi (2003), trata-se de uma visão a ser rejeitada. Indo na direção das ideias defendidas por esse linguista, é importante reavaliarmos o lugar da fala e da escrita nas sociedades contemporâneas e oferecer critérios para analisá-las potencialmente. Por ser a língua um conjunto de práticas sociais, isto é, uma atividade interativa, histórica e cognitiva, a língua falada não ocupa o lugar de caos e nem de falta de planejamento e muito menos de secundariedade em relação à escrita. Embora a fala seja mais antiga que a escrita cronologicamente, ambas, fala e escrita, são formas históricas de manifestação e esse contínuo entre fala e escrita revela-se através dos gêneros textuais.

Quando falamos, muitas marcas da característica do ser humano perpassam pela fala; já, quando escrevemos, a escrita mostra uma característica de afastamento físico do indivíduo. Nesse sentido, a fala, através da gestualidade, do tom de voz, da pausa, da entonação, desvela-se numa proximidade maior em relação ao interlocutor. Significa dizer que a fala é uma maneira de representação da língua e a escrita é uma outra maneira de representar essa mesma língua. Logo, existem duas representações para a língua, uma fônica e outra gráfica. Considerando o aspecto de que nem tudo que está na oralidade está na escrita e vice-versa, a escrita não é a representação da fala, mas, sim, da língua, assim como a fala também é uma representação da língua. Enfim, são duas formas de representar o sistema linguístico, isto é, são práticas discursivas.

Na concepção de Marcuschi (2003), uma perspectiva mais pragmática, a oralidade/fala e escrita são práticas e usos com características próprias. No entanto, essas características não concorrem, não competem, não havendo uma supremacia de uma sobre a outra, mas, sim, completam-se e são utilizadas harmonicamente no dia a dia. Nesse paradigma, ainda segundo Marcuschi (Ibid, p. 31), “não se faz distinções dicotômicas ou caracterizações estanques, verifica-se preocupação com regularidades e variações”.

Em relação, particularmente, ao fenômeno da concordância verbal falada e escrita, destacamos que os estudos sociolinguísticos iniciais priorizavam a língua falada e só com o tempo os estudos variacionistas sobre a escrita passaram a surgir. A fim de delinear um panorama geral brasileiro, fizemos um levantamento, no capítulo 2, de pesquisas já realizadas sobre a CV na fala, na

escrita e na fala e escrita e confirmamos a afirmação acima. Ou seja, verificamos muito mais estudos realizados sobre a fala (SGARBI, 2006, MATOS, 2013, SANTOS, 2010, BRITO, 2013, ARAÚJO, 2014, RODRIGUES, 1997, OLIVEIRA, 2006, SILVA, 2011, FARIA, 2008, RUBIO, 2008, MONTE, 2012, ALMEIDA, 2006, MONGUILHOTT, 2009, WELCHEN, 2009) do que sobre a escrita (SANTOS, 2013, CASTRO, 2016, GAMEIRO, 2005, 2009, AGOSTINHO, 2013) do PB e pouquíssimos sobre a fala e a escrita (VIANNA, 2006, BRUSTOLIN, 2009) de um mesmo informante.

Nosso estudo comparativo vai mostrar que tanto na fala quanto na escrita uma hipótese se apresenta: há muito mais concordância do que falta de concordância nas duas modalidades.

4.2.1 Variação e ensino: a favor da polarização sociolinguística

Como dito por Bortoni-Ricardo (2014, p. 157), a sociolinguística é uma “ciência que nasceu preocupada com o desempenho escolar de crianças oriundas de grupos sociais étnicos de menor poder econômico e cultural predominantemente oral”; logo, o domínio do lar para o domínio da escola é uma transição de uma cultura predominante oral para uma cultura permeada pela escrita. Ou seja, permeada pela cultura do letramento, e, nessa realidade sociolinguística de sala de aula, convivem variedades regionais, sociais e estilísticas. Por isso, é indispensável haver uma cadência entre o que propõe a sociolinguística e o que o profissional de Língua Portuguesa pratica. (BORTONI-RICARDO, 2014).

De acordo com Bortoni-Ricardo (2005), a escola, ao mesmo tempo que não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas, respeitando e valorizando as peculiaridades linguístico-culturais dos alunos, não pode negar a eles um direito alienável: o aprendizado da variante de prestígio. Para Martins, Vieira e Tavares (2014, p. 9),

um dos maiores desafios das aulas de Português diz respeito, sem dúvida, ao tratamento das variações linguísticas e, fundamentalmente, aos saberes gramaticais – permeados por diferentes normas linguísticas – que devem estar presentes na escola. Como o amplo acesso dos brasileiros aos bancos escolares, especialmente no primeiro nível de ensino fundamental, a multifacetada realidade brasileira, em todas as suas expressões socioculturais, reflete-se na produtiva e saudável convivência de diversas variedades linguísticas na vida escolar. Conhecer essa realidade plural

ocupou e ocupa a agenda dos estudos sociolinguísticos brasileiros, cujos resultados vêm sendo expostos, há meio século, em eventos da área e em publicações diversas no país e no exterior.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2008), o contínuo de normas que o professor precisa dominar deve levar em consideração as peculiaridades da comunidade de fala brasileira. Esse contínuo vai do mais monitorado/formal ao menos monitorado/informal (contínuo de monitoração estilística); do mais rural ao mais urbano (contínuo de urbanização) e do mais oral ao mais escrito (contínuo de oralidade-letramento). Quer dizer, deve haver por parte do docente, o manejo e o reconhecimento da produtiva variação de registro que devem estar presentes nas aulas de Português, seja em gêneros textuais falados, seja escritos e, dessa forma, (re)conhecer a pluralidade de normas com as quais efetivamente terá de trabalhar na sala de aula.

Para Bortoni-Ricardo (2005, p. 54), “a identificação do perfil social do aluno, facilita o trabalho na sala de aula”, pois, quando o professor lida com alunos de acesso bastante limitado à norma culta em seu ambiente social, precisa considerar a interferência das regras fonológicas e morfossintáticas de seu dialeto na aprendizagem do português-padrão. Essa maior atenção aos fatores extralinguísticos associada ao processo de aprendizagem, a partir de novas estratégias pedagógicas, possibilitam ao aluno uma melhor aprendizagem desta língua padrão.

Ao mesmo tempo, Bortoni-Ricardo (2005, p. 73) afirma que “a política educacional do Brasil tem insistido em ignorar as diferenças linguísticas que separam os estratos sociais do país”, já que a nossa tradição, segundo a autora, confunde o conceito de unidade linguística e se apoia no mito da perfeita inteligibilidade entre todos os brasileiros. No entanto, não podemos desprezar, por exemplo, as variedades populares dos falantes que apresentam sérias dificuldades de compreender não só estilos formais da língua padrão escrita e oral como também a linguagem da radiodifusão e da imprensa em geral.

Almeida-Baronas e Cobucci (2016) salientam que, atualmente, diante da evolução dos estudos sociolinguísticos, impera a necessidade de uma formação totalitária do alunado. Para isso, a formação docente deve ser realimentada constantemente, a fim de permitir conhecimentos linguísticos que conduzam à

reflexão sobre a língua e a linguagem; assim como, seus conhecimentos sociossimbólicos na sociedade.

Segundo Martins, Vieira e Tavares (2014), independente da norma praticada, é fundamental que o professor reconheça as discrepâncias entre fala e escrita. Portanto, é importante salientarmos que a fala e a escrita de indivíduos com alto nível de escolaridade é distinta. Do mesmo modo, é válido entendermos que não é produtivo relacionar, de modo automático, a modalidade falada ao registro informal, e a modalidade escrita ao formal. Essa associação rejeita a autonomia de cada contínuo de variação que caracteriza a complexa realidade sociolinguística brasileira. Além disso, “empobrece o manejo e o reconhecimento da produtiva variação de registro que devem estar presentes nas aulas de Português, seja em gêneros textuais falados, seja em gêneros textuais escritos” (Ibid, p. 14).

Na escola, o compromisso do professor é de ajudar o aluno a refletir sobre sua língua materna e, assim, colaborar de forma efetiva com o ensino que permita o pleno e o necessário desenvolvimento das competências de leitura e de produção textual, inegáveis pilares das aulas de português nas múltiplas realidades acerca dos usos linguísticos na fala e na escrita. Ou seja, o professor de Língua Portuguesa necessita (re)conhecer a pluralidade de normas com as quais terá de trabalhar na sala de aula e “a sociolinguística brasileira tem apontado para a necessidade do mapeamento dessa pluralidade no ensino de Língua Portuguesa” (Ibid, p. 14).

Desse modo, o cumprimento dos propósitos para o ensino requer:

sem dúvida, ampla formação sociolinguística do professor, que deve abranger o conhecimento: (i) das normas de uso cultas orais em comparação às normas em uso na escrita, consoante a diversidade de gêneros textuais; (ii) das normas de uso populares, para medir o distanciamento destas em relação às cultas; e (iii) das normas típicas de outras variedades ou sincronias do português, para promover o reconhecimento de estruturas que não pertencem mais às normas efetivamente brasileiras. (VIEIRA; FREIRE, 2014, p.113).

A partir dessas reflexões, ao discutirmos o uso variável da CV na língua falada e escrita de alunos, fica evidente que a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas nem deve tratar oralidade e escrita como duas entidades dicotômicas, tendo em vista que a heterogeneidade linguística é inerente a ambas modalidades de uso da língua.

Sem dúvida, pesquisas sociolinguísticas brasileiras, a partir da descrição das variedades e, conseqüentemente, da divulgação dos resultados dessas descrições, têm muito a contribuir com o ensino de Português tanto conceitualmente como descritivamente.

Salientamos que nossa pesquisa apontará algumas reflexões para o trabalho com a variação em sala de aula no que se refere, por exemplo, ao fenômeno variável da CV, mas não será uma pesquisa-ação no sentido de ser realizado um estudo em sala de aula.

No capítulo seguinte, detalhamos os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento da pesquisa.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para que a investigação fosse desenvolvida, tomando por base os tipos de métodos adotados e como foram realizadas a pesquisa de campo, a constituição do *corpus* e a quantificação dos dados.

5.1 TIPO DE MÉTODO

Nossa pesquisa, alicerçada na Teoria da Sociolinguística Variacionista, a fim de estudar a heterogeneidade do sistema linguístico no que se refere ao fenômeno variável da CV, adotou o método de abordagem indutivo e os métodos de procedimentos estatístico e comparativo.

5.1.1 Método de abordagem

O método de abordagem proporciona a base lógica, ou seja, a abstração (MARCONI; LAKATOS, 2001). Dentre os vários métodos de abordagem, utilizamos nesta pesquisa o método indutivo “cuja aproximação dos fenômenos caminha geralmente para planos cada vez mais abrangentes, indo das constatações mais particulares às leis e teorias” (Ibid, p. 106). Portanto, somente a partir da observação dos dados de fala e escrita coletados, podemos chegar às conclusões (generalizações) sobre o fenômeno linguístico variável da CV.

5.1.2 Métodos de procedimento

A metodologia utilizada pela teoria sociolinguística capaz de dar conta da variabilidade linguística é a quantitativa (a saber, a Sociolinguística Quantitativa) e envolve números, probabilidades e estatísticas. Nosso método estatístico foi selecionado para desenvolver a análise quantitativa cujos resultados estatísticos e probabilísticos foram fornecidos pelo programa GoldVarb X (Cf. SANKOFF et al, 2005) e o método comparativo para confrontar não só as modalidades de uso da

língua mas também os resultados a serem obtidos nesta pesquisa com os de outros pesquisadores.

5.1.2.1 Método estatístico

A ferramenta metodológica chave da Sociolinguística é o programa de regra variável. Para Guy e Zilles (2007), o uso de métodos estatísticos tem permitido demonstrar como a variação pode ser central para o entendimento de questões como identidade, solidariedade ao grupo, comunidade de fala, prestígio e estigma, entre tantas outras.

Pontuamos a importância da significância em pesquisas com esse tipo de método, já que é essencialmente um modo de estimar a probabilidade de se obter determinada distribuição de dados pressupondo certas características quanto à natureza da fonte de onde os dados foram extraídos (GUY; ZILLES, 2007).

Uma vantagem para acomodar os dados de variação sociolinguística é o uso de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturada, por facilitar a atividade teórica do linguista. Ao mesmo tempo, é do linguista a responsabilidade de descortinar os fatores relevantes, de levantar e codificar os dados empíricos acertadamente e, acima de tudo, de interpretar os resultados numéricos dentro de uma visão teórica da língua.

Na nossa pesquisa, utilizamos a versão mais recente do VARBRUL¹¹, o Goldvarb X. O referido programa foi revisado para tornar-se mais prática a acomodação dos dados de variação sociolinguística, além de incluir uma série de novos recursos úteis da interface do usuário. Nessa nova versão, segundo Sankoff; Tagliamonte e Smith (2005), é possível executarmos pesquisas de referência cruzada para encontrarmos facilmente o que se está procurando, procurarmos ocorrências fora da sequência de codificação, calcularmos os resultados marginais para uma casa decimal e ajustarmos o tamanho da fonte, se desejarmos.

De acordo com Santos e Vitória (2011), essa atualização do programa permite operá-lo de forma semelhante em ambientes Macintosh, Windows e Linux. O

¹¹ *Variable Rule Analysis* é “um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY; ZILLES, 2007, p.05).

Goldvarb X deve ser alimentado com códigos, de preferência mnemônicos. Para executar o referido programa, é preciso que o pesquisador prepare a rodada dos dados, delimitando as variáveis e codificando os dados.

Para rodarmos os dados no Goldvarb X, definimos a variável dependente e as independentes (linguísticas e extralinguísticas) com seus respectivos fatores (ver seção 4.6 deste capítulo). É necessário referirmos que a seleção das variáveis independentes não ocorre de maneira aleatória, pois é imprescindível conhecermos o grupo de falante que compartilha normas linguísticas; assim como, é preciso termos em mente que cada variável independente possui fatores que podem estar influenciando ou não o uso variável das formas linguísticas (SANTOS; VITÓRIO, 2011).

Os resultados quantitativos dos dados da fala e da escrita serão capazes, por exemplo, de nos dizer se está havendo um equilíbrio entre as duas modalidades da língua, se há mais variação de concordância verbal na fala ou na escrita e, até mesmo, se elas estão ou não em competição.

5.1.2.2 Método comparativo

Utilizamos o método comparativo para o estabelecimento de possíveis semelhanças e/ou diferenças entre a língua falada e a língua escrita no que se refere ao fenômeno linguístico variável em análise. Para tanto, foram feitas rodadas distintas de dados no GoldVarb X para cada modalidade da língua, tomando por base as variáveis selecionadas. Nessa acepção, foi possível verificarmos que fatores favoreceram o uso da variante padrão e não-padrão.

5.2 TIPO DE PESQUISA

O estudo aqui proposto é uma pesquisa de campo cujos dados orais e escritos foram coletados em uma Escola Pública Regular de Ensino da cidade do Recife-PE. A escola regular de ensino Liceu de Artes e Ofícios, hoje, chamada, Liceu Nóbrega de Artes e Ofícios chama a atenção por sua história e tradição, por suas boas referências e peculiaridades; assim como, por seu público diversificado.

As pesquisas sociolinguísticas são de base empírica, desenvolvidas a partir de dados linguístico efetivamente produzidos em contextos reais de comunicação.

Nesse âmbito, foi imprescindível o conhecimento do grupo social, mas, para chegar a esse grupo, foi preciso do contato com os indivíduos, mais especificamente, dos informantes que nos forneceram os dados. De acordo com Coelho et al (2015), uma quantidade pequena, mas representativa da comunidade é o que importa. Assim, cabe ao investigador ter em mente que os informantes selecionados devem ser representativos da comunidade de fala a que pertencem.

Na pesquisa de campo, alguns procedimentos devem ser seguidos quanto à definição do universo da amostra e ao tamanho e estratificação da amostra. Na definição do universo da amostra, precisamos saber qual é a comunidade de fala que desejamos investigar e quais as suas particularidades, já que a definição da comunidade de fala a ser investigada vai se refletir na maneira de selecionar os informantes (COELHO et al, 2015).

Em relação ao tamanho da amostra, ainda de acordo com Coelho et al (2006), as pesquisas sociolinguísticas têm apontado que não há necessidade de amostras tão grandes para se analisar fenômenos variáveis, dado que, em virtude de não estar sujeito à manipulação consciente, o uso linguístico é mais homogêneo do que o comportamento humano acerca de outros fatos.

No que diz respeito à estratificação da amostra, as dimensões sociais relevantes para a variação precisam ser consideradas, já que vão se refletir na constituição das células sociais, ou seja, no tamanho e na constituição da amostra. É importante elucidarmos que “célula social” é o “conjunto de indivíduos agrupados pelas mesmas características sociais relevantes para a análise de fenômenos de variação e mudança linguística” (COELHO et al, 2006, p. 101).

Na montagem das células, as características sociais devem seguir critérios de estratificação social relevantes para o estudo sociolinguístico, dentre eles: escolaridade, idade, nível socioeconômico, sexo, etnia, região de origem. De modo a garantir a representatividade da amostra, recomenda-se cinco por célula. Caso não atinja esse número mínimo ideal de informantes, a cautela na análise dos resultados estatísticos relativos aos fatores sociais deve ser ainda maior (COELHO et al, 2006).

Por ser uma amostra probabilística, cujos resultados podem, depois, ser projetados para a comunidade de fala como um todo, a orientação a ser seguida para localizar informantes com as mesmas características é a randômica, isto é, a aleatória.

Além disso, na pesquisa de campo sociolinguística, é recomendado o uso de uma ficha social para cada informante, a fim de registrar dados de identificação, informações relativas ao contexto da entrevista e/ou outras informações que o pesquisador julgar relevantes.

Para coletar dados mais fidedignos, Labov (2007) sugere a gravação da entrevista individual, a partir de narrativas de experiências pessoais, a fim de verificar como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas. O entrevistador, nas pesquisas sociolinguísticas, deve esforçar-se para neutralizar a força inibidora da sua presença e do gravador; assim como ter cuidado com as interferências no momento em que o entrevistado está discorrendo sobre algum assunto.

De acordo com Coelho et al (2015, p.115), “coleta de dados interessante é aquela que contempla produções de fala e de escrita de um mesmo informante”. Indo na direção da afirmação da autora, coletamos dados de fala e escrita de um mesmo aluno.

5.2.1 Panorama do campo de coleta e do público escolar

Tendo em vista a importância de entendermos a trajetória do campo de coleta e a realidade sociocultural atual da comunidade, contextualizaremos, de forma aleatória, esse ambiente em que os informantes estão inseridos.

5.2.1.1 História da escola¹²

O colégio, sede da coleta, representa a conclusão de um sonho delineado por um grupo de carpinteiros que visavam à formação de uma entidade com fins de “beneficência e instrução”, criada em 1836 no bairro da Madalena. Em 1841, elaboraram os estatutos, instalaram a Sociedade Auxiliadora da Indústria e do Comércio e ofereceram aulas de geometria, desenho e francês ao público.

Algumas vezes, a sociedade precisou mudar de sede. Passou pela Igreja de São José do Ribamar, Rua Direita e Rua da Imperatriz como Sociedade dos Artistas

¹² Os dados foram retirados do Projeto Pedagógico do Colégio.

Mecânicos e Liberais, até, finalmente, ter seu edifício construído na Praça da República, e inaugurado como Liceu de Artes e Ofícios em 1880.

A sociedade pernambucana, de 1881 a 1932, empenhou seu idealismo nas obras do Liceu e, seguramente, esses podem ter sido os melhores anos para a instituição. Durante esse período, o Liceu conquistou uma biblioteca rica na história pernambucana do século XIX, uma coleção de quadros a óleo feitos por Augusto Rooth e Teles Júnior e um gabinete de peças de história natural.

Do quadro de alunos do Liceu, fizeram parte Sergio Teixeira Lins de Barros Loreto e Agamenon Sergio de Godói Magalhães – ambos ex-governadores do Estado – e a escritora Clarisse Lispector, entre outros. O historiador Francisco Augusto Pereira da Costa foi um de seus professores, e o artista Abelardo da Hora e o gravurista Samico ministraram oficinas e cursos na instituição.

Por causa de divergências existentes entre os artistas e mecânicos que objetivavam manter a linha tradicional e os liberais que queriam transformar o Liceu numa Escola de Belas Artes, a instituição, com a vitória dos liberais, mudou seu rumo. Nove anos mais tarde, o Liceu acabou com a carpintaria, a marcenaria, a serralheria e a tipografia.

Na luta para evitar a desapropriação do Liceu pelo então prefeito do Recife, Miguel Arraes, o diretor Agripino de Barros Falcão recorreu à reitoria da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) em 1961, que concordou em receber a transferência do Liceu e garantiu mantê-lo. Assim, instituiu-se uma nova fase. Os cursos de contabilidade e datilografia foram criados e os cursos de desenho arquitetônico e mecânico foram reabertos. Em 1976, foi celebrado o convênio entre a Universidade e a Secretaria de Educação cuja cooperação administrativa e pedagógica atende a diversas comunidades da cidade e da região metropolitana.

Em 12 de fevereiro de 2007, o Liceu, por meio do acordo entre a Secretaria de Educação e a UNICAP, passou a funcionar no complexo que acomodava, anteriormente, o Colégio Nóbrega. O espaço reservado ao Liceu foi o Edifício Francisco Xavier, e a outra parte, denominada Palácio da Soledade, foi ocupada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). No local, também situa-se o Santuário de Nossa Senhora de Fátima, primeiro no mundo, tombado pelo Patrimônio Histórico Artístico Nacional. A partir de 2008, houve o convênio da escola Liceu com o Estado de Pernambuco.

Atualmente, o Liceu Nóbrega de Artes e Ofícios localiza-se no centro da cidade do Recife, no bairro da Boa Vista. Esse bairro possui uma boa infraestrutura, fácil acesso a transportes coletivos, conta com um forte comércio local, como *shopping*, mercados públicos, bancos e diversos estabelecimentos de modo geral, concentra centros culturais, como o Museu do Instituto Histórico, o IPHAN, o Museu Arqueológico, e congrega universidades, como a UNICAP e a Faculdade de Direito. Em suma, o Liceu fica no “coração” da cidade do Recife.

5.2.1.2 Estrutura física escolar

A estrutura física apresenta-se bem completa, ou seja, 17 salas de aula, sala multiuso, biblioteca, laboratório de informática, auditório, secretaria, diretoria, sala da coordenação Pedagógica e de Estágios, sala dos professores, sala de psicologia, sala de orientação educacional, sala da coordenação do Fé e Alegria, cozinha, sala da coordenação do Mais Educação, refeitório, 72 Sanitários (boxes), portaria, banco de livros, 2 quadras, campo de futebol, estacionamento e guarita.

5.2.1.3 Programas e parcerias

A escola conta com alguns programas de auxílio e complementação curricular, como aulas do Programa Mais Educação, e da parceria com a UNICAP que desenvolve projetos como Integrando Conhecimentos e Promovendo Ações de Cidadania, Jovens Comunicadores do Liceu e Projeto Catavento (Fundação Fé e Alegria). Esses projetos contribuem para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra com mais facilidade, além dos serviços de Atendimento Psicológico, Orientação Educacional e do apoio da Coordenação Disciplinar. Ademais, a escola também é dos polos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

5.2.1.4 Público escolar

Atualmente¹³, o corpo discente da escola possui 1061 alunos. Seu público é proveniente, em sua maioria, por alunos do próprio bairro, de bairros vizinhos e da região metropolitana. A escola atende a crianças e adolescentes de diversas camadas sociais, oriundas de escolas públicas e privadas, o que aumenta sua responsabilidade enquanto instituição formadora.

A escola trabalha com as seguintes modalidades de ensino: Ensino Fundamental – Ciclo II (6º ano ao 9º ano), que funciona no turno da manhã, e Ensino Médio, que funciona no turno da tarde. Do total de mais de mil alunos, 521 estão matriculados no Ensino Fundamental e 540, no Ensino Médio. São 13 turmas de Ensino Fundamental (três turmas de cada série com uma média de 40 alunos em cada uma delas) e 12 turmas do Ensino Médio (quatro turmas de cada série com uma média de 45 alunos, também, em cada uma delas). O corpo docente é formado por 24 professores, desses 22 são efetivos e 2, contratados. Em 2015, o Liceu Nóbrega de Artes e Ofícios recebeu o prêmio de melhor Gestão Escolar da Região Norte do Recife, superando 12 escolas referências que participaram da avaliação.

5.3 POPULAÇÃO INVESTIGADA

A população investigada compreendeu estudantes adolescentes, de 12 a 18 anos, naturais da cidade do Recife e Região Metropolitana, de ambos os sexos, devidamente matriculados e ativos quanto à frequência escolar. Selecionamos 16 informantes, de forma aleatória estratificada, dividimos por célula. Ou seja, selecionamos 8 do sexo masculino e 8 do sexo feminino em cada célula terminal da árvore, de modo a garantir a representatividade da amostra, considerando as classes sociais (6º e 9º do Ensino Fundamental II e 3º do Ensino Médio) reunindo um total de 48 (quarenta e oito) informantes, sendo 24 (vinte e quatro) do sexo masculino e 24 (vinte e quatro) do sexo feminino, conforme ilustra a tabela 10 a seguir:

¹³ Dados extraídos do PPC 2017 do Colégio.

Tabela 10 - Distribuição dos informantes, segundo fatores extralinguísticos

Escolaridade	Sexo feminino	Sexo masculino	Total
6º ano do EF	8	8	16
9º ano do EF	8	8	16
3º ano do EM	8	8	16
Total	24	24	48

Fonte: Autora do trabalho

Esses grupos de fatores foram selecionados a fim de observarmos se o avanço na escolaridade e se o sexo exercem influência significativa sobre o uso da variação entre [+conc] e [-conc], seja na oralidade e/ou na escrita. Quer dizer, escolhemos esses segmentos para melhor observarmos e descrevermos o comportamento variável do fenômeno da CV nas primeira e última séries dos anos finais do Ensino Fundamental e no fim do Ciclo Básico de Ensino.

5.3.1 Perfil socioeconômico e cultural dos informantes

Realizamos uma ficha social com alunos dos 6º, 9º e 3º anos, sendo 16 de cada turma, 8 do sexo masculino e 8 do sexo feminino, totalizando 48 informantes, na qual foram registrados dados de identificação e outras observações julgadas relevantes a respeito de entretenimento, por exemplo. A partir da análise dessas fichas sociais, destacamos alguns dados que consideramos relevantes para o perfil dos informantes da pesquisa.

Em relação ao perfil socioeconômico, verificamos que a renda familiar dos pais/responsáveis dos informantes, nas três turmas pesquisadas, variou de 1 salário mínimo a 4000 reais. Ou seja, a média salarial dos pais e/ou responsáveis de cada turma foi bem equivalente.

Já em relação a preferências de músicas, programas de TV, leitura e produções textuais, as turmas apresentaram algumas particularidades. Conforme apontaremos a seguir:

a) 6º ano

A maioria dos alunos, independente do sexo, respondeu que assiste TV todos os dias e que os programas favoritos são séries e novelas. Eles dificilmente escutam

rádio. Às vezes, lê e a preferência da leitura é gibi, como *Turma da Mônica* e *Mangá*. Produz texto¹⁴ quase sempre apenas na aula de português.

b) 9º ano

A maioria dos alunos respondeu que assiste TV todos os dias e que os programas favoritos para as informantes do sexo feminino são séries e novelas e para os do sexo masculino, séries e esportivos. Ambos os sexos escutam, às vezes, rádio. A preferência de leitura é *online*. A maioria do sexo feminino disse que gosta de ler livros *online* e *fanfics*. A maioria do sexo masculino gosta de ler notícias esportivas na internet. Tanto o sexo feminino como o masculino informaram que quase nunca produzem texto e que, quando produz, é só na escola.

c) 3º ano

A maioria dos alunos do sexo masculino respondeu que quase nunca assiste TV. A maioria dos alunos do sexo feminino respondeu que diariamente assiste TV. Ambos os sexos, às vezes, escutam rádio e que, quando leem, leem sobre os assuntos das disciplinas. Segundo eles, a produção de redação ocorre na escola.

Para termos mais informações destes informantes também realizamos uma ficha social com cada uma das docentes de Língua Portuguesa envolvidas na pesquisa.

As professoras do 6º, 9º e 3º anos de Português são naturais de Recife e estão na faixa etária de 30 a 40 anos. Possuem titulação de Especialização e uma delas, Mestrado. As três relataram participar de capacitação, seminários e congressos. Quanto ao trabalho da variação linguística em sala de aula, disseram que esclarecem sobre a necessidade do uso padrão no contexto adequado, mostram as variedades linguísticas existentes e possíveis na comunicação.

5.4 COLETA DE DADOS

Para realizar a pesquisa e cumprir os objetivos delineados, é importante destacarmos que, antes da coleta dos dados, este projeto foi submetido ao Comitê

¹⁴ A partir da pergunta do questionário (apêndice C) “Com que frequência produz texto?”, a grande maioria dos alunos respondeu que só fazem textos na aula de Português.

de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) no dia 28/04/2016, obtendo a aprovação em 19/05/2016 (Cf. Anexo 200601). A partir disso, foram feitas, primeiramente, a visita à escola com intuito de obter informações da comunidade de fala e a elaboração da ficha social do informante. Em segundo lugar, após o consentimento do estudo na escola, os informantes e/ou responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Cf. Apêndices 01 e 02).

No mês de agosto de 2016, após autorização dos responsáveis, aplicamos a ficha social e os alunos responderam, em uma aula cedida pelas professoras da disciplina de Língua Portuguesa nas turmas 6º A, 9º C e 3º ano B, questões sobre dados pessoais, dos pais, de parentesco, entretenimento, leitura e produção de texto (Cf. Apêndice 03). Vale esclarecermos que as turmas foram selecionadas aleatoriamente e que, para cada turma trabalhada, havia uma professora de português distinta.

No mês de setembro de 2016, os dados escritos foram coletados em todas as turmas já enunciadas. Para tanto, foi dado aos estudantes o início de uma narração para que pudessem dar continuidade a estória sem que houvesse um limite estipulado de linhas (Cf. Apêndice 04).

Como no nosso estudo houve a comparação da escrita com a fala, selecionamos a narração, do latim *narratio*, ato de narrar acontecimentos reais e fictícios, por trata-se de uma tipologia que se constitui como um simulacro das ações do homem no mundo (SAVIOLI; FIORIN, 2004). De acordo com Dionísio et al (2015), um elemento central na organização de textos narrativos é a sequência temporal. Além disso, a narração é um texto escrito que permite dar voz aos personagens e, diante do envolvimento dos alunos com a estória narrada, a narração é, sem dúvida, a que, possivelmente, leva a menos monitoração por parte dos informantes.

Para dar início à coleta das produções escritas, decidimos que as produções deveriam ser aplicadas pelas próprias professoras da disciplina de Português a todos os alunos das três turmas para evitar possíveis constrangimentos do aluno diante da presença da pesquisadora. Em geral, dispomos de uma média de 40 redações por série. Desse total, selecionamos, como critério, 16 narrações por séries com maior número de linhas, 8 pertencentes a estudantes do sexo masculino e 8 pertencentes a estudantes do sexo feminino. Dessa forma, a amostra utilizada

foi constituída de 48 narrações. Cada informante escolhido deu continuidade à fase da entrevista.

Para a coleta dos dados orais, tomando por base os estudantes selecionados a partir das narrações escolhidas, foram feitas as entrevistas informais semiestruturadas, a partir de dois roteiros de perguntas: um para os 6º e 9º anos e outro para o 3º ano (Cf. Apêndice 05 e 06) com cada aluno em seu ambiente escolar. Essas entrevistas iniciaram-se no mês de outubro de 2016 e foram armazenadas em gravador de voz digital (Sony) com duração média de 30 (trinta) minutos, o que nos permitiu uma amostra de dados com um total aproximado de 18 (dezoito horas) de gravação.

Para completar as informações, em 2017, elaboramos uma ficha social que já foi aplicada com as docentes que lecionam Português nas três turmas pesquisadas para se obter seu mapeamento profissional e social.

5.5 CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

Obtidos todos os dados orais e escritos, demos início à montagem do *corpus*, sendo composto de dados provenientes das 48 entrevistas e das 48 narrações. A amostra foi composta de contextos declarativos finitos, contendo ora a aplicação da regra de CV (variante padrão) ora a não-aplicação dessa regra (a variante padrão). No geral, foram analisados 449 dados escritos codificados e submetidos à análise. Vejam-se, por exemplo, alguns dados já obtidos na língua escrita e falada de um mesmo informante que evidenciam o uso variável dessa concordância:

Informamos que achados abaixo são dados da coleta de contextos sintáticos variáveis.

Língua falada – 6ª ano

- (1) a. os professores de lá **ficaram** explicando (l4f156)
 b. minhas amigas **fica** fazendo vergonha (l4f256)

Língua escrita– 6ª ano

- (2) a. o casal e três filhos se **surpreenderam** (l4e156)
 b. **acabou** as férias (l4e256)

Língua falada – 9º ano

- (3) a. muitos animais **é** abandonado (I22f259)
 b. muitas meninas elas **são** levadas por falta de dinheiro na família (I22f159)

Língua escrita– 9º ano

- (4) a. eles **descobri** que todos perderam seus poderes (I22e259)
 b. eles **viram** varias viaturas da policia (I22e159)

Língua falada – 3º ano

- (5) a. aquelas minoria que **tira** nota baixa (I24f243)
 b. eles **ficariam** muito felizes (I24e143)

Língua escrita– 3º ano

- (6) a. a família foi ver um jogo, enquanto **assistiam** o jogo... (I24e143)
 b. eles **foram** rapidamente para o local (I24e143)

5.5.1 Critérios de exclusão dos dados

Nosso estudo contemplou os mesmos contextos para a análise da fala e da escrita. A seguir, elencamos os contextos que não foram considerados para a constituição do *corpus*.

a) verbo *ter* em oração com valor existencial¹⁵

(7) eles perceberam que nada disso **tinha** acontecido (I9e146)

b) verbos *ter*, *vir* e *seus derivados*, flexionados no presente do indicativo por não apresentar, na modalidade falada, distinção entre a forma singular e plural.

(8) também encontram dois adolescentes que **tem/têm** superpoderes (I46e153)

¹⁵ Embora a gramática tradicional indique que o verbo *ter* não deva ser usado no sentido de *haver* (existencial), a construção é muito usual no PB e não há distinção na pronúncia das formas verbais no singular e no plural.

(9) normalmente os gays estão passando ai **vem/vêm** pessoas e começam a xingar do nada (I29f159)

c) respostas em que se repete a forma verbal da pergunta feita pelo entrevistador

(10) Doc.: como **são** eles?

(11) Inf.: eles **são** um pouquinho bagunceiro (I30f159)

d) sujeito constituído por expressões partitivas¹⁶

(12) a maior parte dos professores **são** muito alegres (I08f146)

e) verbos no infinitivo pessoal¹⁷

(13) pra gente **ser** uma pessoa melhor (I18f153)

f) verbos no infinitivo, gerúndio e particípio

(14) eles acham que **tomando** drogas vai aliviar o cansaço (I18f153)

g) sujeitos no singular¹⁸

(15) ele era o mais bonito (I19f159)

5.6 SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS E CODIFICAÇÃO DOS DADOS

Após o término de todas as entrevistas, foram feitas as transcrições dos dados, seguindo as normas ortográficas.

Elaborado o *corpus* da pesquisa, os dados foram codificados consoante às variáveis (dependente e independentes linguísticas e extralinguísticas) selecionadas

¹⁶ O sujeito constituído por expressões partitivas permite, segundo a tradição gramatical, que o verbo pode ir para o singular ou para o plural.

¹⁷ Para Brandão e Vieira (2012), o uso de verbos no infinitivo pessoal traz um contexto particular, por isso muitos estudos variacionistas optam por não considerá-los na contagem dos dados.

¹⁸ O trabalho buscou analisar o uso variável da CV com valor de 1PP e 3PP.

para o estudo. Tomando por base trabalhos já realizados no âmbito da CV no Brasil, selecionamos variáveis linguísticas já estudadas para posterior comparação com os nossos resultados, para melhor mapearmos a realidade da comunidade de fala urbana investigada.

Em síntese, no quadro 7, seguem a variável dependente e as variáveis independentes com seus respectivos fatores, valendo ressaltar que, em grande parte, essas variáveis foram extraídas das pesquisas de Rubio. (2008, 2012).

Quadro 4 - Variável dependente e variáveis independentes com seus respectivos fatores

VARIÁVEL DEPENDENTE	
(1) com concordância verbal de 1PP e 3PP (2) sem concordância verbal de 1PP e 3PP	
VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS	
SEXO (4) masculino (5) feminino	ESCOLARIDADE (6) 6º ano do ensino fundamental II (9) 9º ano do ensino fundamental II (3) 3º ano do ensino médio
VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	
1. DOMÍNIO DO VERBO	
SALIÊNCIA FÔNICA (A) máxima (B) média (C) mínima	TIPO DE VERBO (D) inacusativo (E) intransitivo (F) transitivo (G) cópula
TEMPO E MODO VERBAL (H) presente do indicativo (I) presente do subjuntivo (J) pretérito imperfeito do indicativo (K) pretérito imperfeito do subjuntivo (L) pretérito perfeito do indicativo (M) futuro do presente do indicativo (N) futuro do pretérito do indicativo (O) futuro do subjuntivo	
2 - DOMÍNIO SN – SUJEITO E VERBO	
EXPLICITUDE DO SUJEITO (Q) sujeito pleno (oração independente) (R) sujeito nulo (oração independente) (S) sujeito pleno (oração matriz) (T) sujeito nulo (oração matriz) (U) sujeito pleno (oração encaixada) (V) sujeito nulo (oração encaixada) (X) sujeito pleno (oração subordinada adverbial) (W) sujeito nulo (oração subordinada adverbial) (Z) sujeito pleno em contexto de encaixada	POSIÇÃO DO SUJEITO EM RELAÇÃO AO VERBO (a) posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo (b) posição pré-verbal com núcleo distante de 3 a 10 sílabas do verbo (c) posição pré-verbal com núcleo distante mais de 10 sílabas do verbo (d) posição pós-verbal com núcleo distante de 0 até 5 sílabas do verbo (e) posição pós-verbal com núcleo distante mais de 5 sílabas do verbo
PARALELISMO LINGUÍSTICO DE NÍVEL ORACIONAL (f) presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento não inserido em um SPrep	PARALELISMO LINGUÍSTICO DE NÍVEL DISCURSIVO CV (nós e a gente) (l) forma verbal com desinência de 1PP em oração

(g) ausência da forma de plural zero no último elemento não inserido em um SPrep (h) presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento inserido em um SPrep (i) presença da forma zero (plural ou singular) no último elemento inserido em um SPrep (j) presença de numeral no último elemento (k) presença de neutralização no último elemento, em razão de fonema semelhante inicial no verbo	anterior (n) forma verbal isolada ou primeira de uma série CV (3PP) (t) forma verbal com desinência de 3PP em oração anterior (u) forma verbal com desinência de 3PS em oração anterior (v) forma verbal isolada ou primeira de uma série
3 – DOMÍNIO SN – SUJEITO	
TIPO ESTRUTURAL DO SUJEITO (x) SN pleno simples (w) SN pleno nu, aquele desprovido de determinantes e modificadores restritivos (y) SN pleno composto com núcleo adjacente no singular (z) SN pleno composto com núcleo adjacente no plural (A) pronome pessoal (B) pronome indefinido (C) pronome demonstrativo (D) quantificador (E) pronome relativo (F) nulo ou desinencial	ANIMACIDADE DO SUJEITO (G) [+humano] [+animado] (H) [-humano] [-animado] (I) [-humano] [+animado]
REFERÊNCIA SEMÂNTICA DO SUJEITO (J) Sujeito com referência de 3PP (eles, elas, DP pleno) (K) Sujeito com referência de 1PP (nós, a gente, DP composto) (L) DP pleno (singular) com leitura coletiva	DEFINITUDE E ESPECIFICIDADE DO SUJEITO (M) [+definido] [+específico] (N) [-definido] [+específico] (O) [-definido] [-específico]

Fonte: Autora deste trabalho

5.6.1 Variáveis linguísticas

Como já mencionado, os grupos de fatores linguísticos adotados foram, em sua maioria, extraídos das pesquisas de Rubio (2008, 2012). No nosso estudo, estabelecemos como variável dependente a aplicação/não-aplicação da regra da CV de primeira (1PP) e terceira (3PP) pessoas do plural e, com o objetivo de averiguarmos os contextos que favorecem cada uma das variantes, optamos por unir os fatores linguísticos relacionados a 1PP e 3PP. As variáveis linguísticas foram estudadas a partir dos domínios do verbo, do SN – sujeito e verbo, do SN – sujeito. Em cada domínio, apresentamos os fatores selecionados para nossa pesquisa e as ocorrências exemplificativas de cada um deles.

5.6.1.1 Domínio do verbo

No domínio do verbo, estudamos os fatores saliência fônica, tipo de verbo, tempo e modo verbal como relevantes no estudo da CV de 1PP e 3PP.

5.6.1.1.1 Saliência fônica

Sabemos que a saliência refere-se à hierarquia das formas verbais em função do maior ou menor contraste entre a forma com a desinência *-mos* e a forma de 3ª pessoa do singular. Ou seja, quanto menos perceptível for para o falante a diferença fônica entre uma ou outra, maior é a possibilidade de não-aplicação da regra de CV.

Com o propósito de verificar se a CV era ou não motivada pela saliência fônica, nossa pesquisa tomou como ponto de partida os critérios utilizados por Rubio (2008, 2012). Dentre as categorias hierárquicas sugeridas pelo autor, selecionamos os níveis de diferenciação fonológica máxima, média e mínima.

a) máxima

(16) eles são [é] caçadores de demônios que estavam lá (I21e159)

b) média

(17) “quando eles foi [foram] para a praia... (I2e246)

c) mínima

(18) eles tinha [tinham] super poderes (I40e249)

Diversas pesquisas (Cf. LEMLE; NARO, 1977, NARO, 1981, RODRIGUES, 1987, SCHERRE; NARO, 1997, MONGUILHOTT, 2001, COELHO et al, 2006, MONTE, 2007, RUBIO, 200, MONGUILHOTT, 2012 e RUBIO, 2012), comprovando a relevância da variante saliência fônica, apontam ser as formas mais salientes mais marcadas do que as menos salientes. Nossa expectativa, a partir dos resultados desses estudos, é que as formas mais salientes também favoreçam o uso da variante padrão de CV na primeira e terceira pessoas do plural.

5.6.1.1.2 Tipo de verbo

Muitos estudos, a partir de diferentes perspectivas teóricas, como Monguilhott (2001), Monguilhott e Coelho (2002), Silva (2004), Cardoso (2005), Scherre, Naro e Cardoso (2007), Monguilhott (2009), vêm mostrando e apontando para a natureza do verbo, como principal condicionamento para o uso da variante padrão e não-padrão relacionada à CV.

Nossa pesquisa baseou-se nas classes verbais analisadas por Monguilhott (2001, 2009), a saber: verbos: inacusativos, intransitivos, transitivos e cópula.

a) inacusativo¹⁹

(19) apareceu muitos seres estranhos (I13e256)

b) intransitivo

(20) os heróis correu (I32e249)

c) transitivo

(21) eles usaram os super poderes (I42e149)

d) cópula

(22) eles ficaram encantados pela beleza do Brasil (I4e156)

Para essa variável, assim como para Monguilhott (2009, p. 98), nossa hipótese estava relacionada aos tipos verbais com a ordem do sujeito em relação ao verbo, pois verbos inacusativos, por exemplo, quando o sujeito está posposto ao verbo favorecem o uso da variante não-padrão.

5.6.1.1.3 Tempo e modo verbal

De acordo com Câmara Jr. (1956), não há como confundir o tempo e o modo verbal, já que o primeiro refere-se ao momento da ocorrência do processo, ou seja, ao momento da comunicação e o segundo, a um julgamento implícito do falante a

¹⁹ Para Burzio (1986), a estrutura argumental do verbo inacusativo apresenta a posição sujeito detematizada (vazia). Ou seja, não pode ser atribuído Caso acusativo pelo verbo a seu argumento interno, haja vista que este não seleciona um argumento externo.

respeito da natureza, subjetiva ou não, da comunicação em geral. De fato, o que realizamos é um emprego modal dos tempos verbais.

Mais uma vez, buscando estudar a variação de CV na 1PP e 3PP, nosso trabalho respaldou-se nos resultados de Rubio (2012). Embora o autor tenha utilizado os tempos e modos verbais para analisar a CV e a alternância pronominal de primeira pessoa do plural (1PP), aplicamos essa variável tanto para a fala como para a escrita de 1PP e 3PP. Controlaremos neste grupo de fatores os seguintes tempos e modos verbais.

a) presente do indicativo

(23) todos **ficam** desacordados (I39e153)

b) pretérito imperfeito do indicativo

(24) eles **estavam** de férias (I37e143)

c) pretérito imperfeito do subjuntivo

(25) se a gente **estudasse** [a gente] teria mais chance de trabalho (I9f146)

d) pretérito perfeito do indicativo

(26) eles **separaram** os membros da família (I38e143)

e) futuro do presente do indicativo

(27) eles **lutarão** bravamente para salvar o planeta terra (I15e146)

f) futuro do pretérito do indicativo

(28) eles **viriam** ao Brasil (I26e153)

g) futuro do subjuntivo

(29) quando todos **estiverem** de costas nos uzamos nossos poderes (I42e149)

h) presente do subjuntivo

(30) que eles **consigam** se mexer (I10f256)

5.6.1.2 Domínio SN – sujeito e verbo

No domínio do SN – sujeito e verbo, estudaremos os fatores explicitude do sujeito, posição do sujeito em relação ao verbo, paralelismo linguístico de nível oracional, paralelismo linguístico de nível discursivo como relevantes no estudo da CV de 1PP e 3PP.

5.6.1.2.1 *Explicitude do sujeito*

Assim como muitos autores (Cf. RODRIGUES, 1987, NARO; SCHERRE, 2000, MONGUILHOTT, 2009, MONTE, 2012 e RUBIO, 2012), controlamos essa variável, por considerarmos que alguns tipos de sujeitos podem levar a maior aplicação de marcas de 1PP e 3PP nos verbos do que outros. Sujeitos desinenciais ou nulos, por exemplo, podem favorecer a maior realização do morfema número-pessoal de plural nos verbos, visto que passam a atuar como única maneira de identificar a pessoa do discurso. Logo, dependendo do tipo de sujeito, pode haver uma maior aplicação ou não da regra de concordância verbal. Para tanto, foram investigados os seguintes contextos: sujeito pleno em oração independente, sujeito nulo em oração independente, sujeito pleno em oração matriz, sujeito nulo em oração matriz, sujeito pleno em oração encaixada, sujeito nulo em oração encaixada, sujeito pleno em oração subordinada adverbial, sujeito nulo em oração subordinada adverbial, sujeito pleno em contexto de relativa, conforme exemplos abaixo:

a) sujeito pleno (oração independente)

(31) eles viveram feliz para sempre (L8e146)

b) sujeito nulo (oração independente)

(32) [eles] são surpreendidos por um metalhumano (L32e149)

c) sujeito pleno (oração matriz)

(33) eles perceberam que está havendo um ataque de Metalhumanos (L32e149)

d) sujeito nulo (oração matriz)

(34) [eles] **foru** para praia quando acordaru (L36f149)

e) sujeito pleno (oração encaixada)

(35) elas descobriu que elas **eram** irmã (I5f156)

f) sujeito nulo (oração encaixada)

(36) a gente combinou que [a gente] **ia sai** com ela (I31f159)

g) sujeito pleno (oração subordinada adverbial)

(37) quando eles **viram** o monstro, eles foram com tudo para cima dele (L41e149)

h) sujeito nulo (oração subordinada adverbial)

(38) quando [eles] **estavam** correno, eles caíram (L43f149)

i) sujeito pleno em contexto de relativa

(39) os pais dele que **conhece** ela (I20f259)

5.6.1.2.2 Posição do sujeito em relação ao verbo

Baseando-se em diversos trabalhos, como Lemle e Naro (1977), Vieira (1995), Monguilhott (2001), Gameiro (2005), Monte (2007, 2012), entre outros, defendemos que o sujeito anteposto ao verbo favorece o uso da variante padrão. Dessa forma, consideramos a posição do sujeito e o seu distanciamento em relação ao verbo. Seguem os fatores selecionados:

a) posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo

(40) eles **votaram** pra casa (L8e146)

b) posição pré-verbal com núcleo distante de 3 a 10 sílabas do verbo

(41) algumas pessoas mal-educadas **jogam** lixo na rua (I1f146)

c) posição pré-verbal com núcleo distante mais de 10 sílabas do verbo

(42) os três irmãos, ainda muito impressionados e aliviados com o ocorrido, **conversaram** em volta de uma fogueira (L18e143)

d) posição pós-verbal com núcleo distante de 0 a 5 sílabas do verbo

(43) **surgirão** grandes ovos que erão de alienígenas (L10e146)

e) posição pós-verbal com núcleo distante mais de 5 sílabas do verbo

(44) **aconteceu** muitas das vezes vários casos de muitas pessoas ser assaltada (I22f259)

5.6.1.2.3 Paralelismo linguístico de nível oracional

Considerando essa dimensão, contemplamos o princípio geral do paralelismo que afirma que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros (Cf. NARO; SCHERRE, 1993, MONGUILHOTT, 2001, PEREIRA 2004, CARDOSO, 2005, MONGUILHOTT, 2009 e RUBIO, 2012). Isto é, o tipo de marca existente no sujeito pode influenciar o tipo de marca existente no verbo (RUBIO, 2012).

a) presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento não inserido em um Sprep

(45) eles **cheiraram** sem querer (L9e146)

b) ausência da forma de plural zero no último elemento não inserido em um Sprep

(46) a gente **faz** um almoço diferente em casa (I44f143)

c) presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento inserido em um SPrep

(47) dois elemento de pés **parou** perto de mim (I47f243)

d) presença da forma zero (plural ou singular) no último elemento inserido em um SPrep

(48) todos os irmão **estava lutando** contra espath (L7e246)

e) presença de numeral no último elemento

(49) os três estava lá protegendo a cidade de todos os inimigo (L7e246)

f) presença de neutralização no último elemento, em razão de fonema semelhante inicial no verbo

(50) eles são caçadores de demônios que estavam lá (L21e159)

5.6.1.2.4 Paralelismo linguístico de nível discursivo

De acordo com Rubio (2012), esse grupo de fatores só se torna relevante para o estudo da 3PP, pois, para ele, marcas de plural presentes no sujeito influenciam a marcação de plural nos verbos. Já, para a 1PP do discurso, a restrição em relação ao sujeito, que, necessariamente, deve conter um pronome de 1PS ou de 1PP inviabiliza o controle desse fator. Embora Rubio (2012) tenha chegado a essa conclusão, optamos por deixar o paralelismo linguístico de nível discursivo, tanto nos dados de escrita como para os de fala.

Separamos esse fator em três grupos: CV (*nós e a gente*), alternância pronominal (*nós e a gente*) e CV (3PP), a fim de obtermos mais detalhes da investigação dos fatores:

- CV (*nós e a gente*)

a) forma verbal com desinência de 1PP em oração anterior

(51) nos **uzamos** nossos poderes...[nós] aprendemos todos eles (L42e149)

b) forma verbal isolada ou primeira de uma série de 1PP

(53) nós **temos** poderes (L2e146)

- CV (3PP)

c) forma verbal com desinência de 3PP em oração anterior

(58) Sam e Scoth **ficam** muito amigos deles e conhece uma menina (I46e153)

d) forma verbal isolada ou primeira de uma série de 3PP

(60) os sete anões **chegarum** do trabalho (I12e156)

5.6.1.3 Domínio SN – sujeito

No domínio do SN – sujeito, estudamos as variáveis tipo estrutural do sujeito, animacidade do sujeito, referência semântica do sujeito e definitude do sujeito.

5.6.1.3.1 *Tipo estrutural do sujeito*

Assim como Monte (2012), esperamos constatar a existência de uma forte relação entre a posição do sujeito/SN e o seu tipo estrutural, já que o controle dessas variáveis ocorre com base especificamente nas distintas “características que o SN-sujeito apresenta, as quais guardam relação com outras variáveis linguísticas investigadas e que podem influenciar as marcas de concordâncias presentes nos verbos” (RUBIO, 2012, p. 190).

a) SN pleno simples

(61) os heróis **tiraram** 75% dos ladrões (I1e146)

b) SN pleno nu, aquele desprovido de determinantes e modificadores restritivos

(62) pessoas nas ruas **ficaram** meio assustadas (I33e149)

c) SN pleno composto com núcleo adjacente no singular²⁰

(63) o pai e a mãe **ficaram** muito surpreendido (I5e156)

d) SN pleno composto com núcleo adjacente no plural

(64) o casal e os três filhos se **surpreenderam** pela beleza do Brasil (I4e156)

e) pronome pessoal

(65) eles **tiveram** outro filho (I10e156)

²⁰ Destacamos que o termo adjacente diz respeito ao núcleo do sujeito composto que está imediatamente próximo (ou próximo) ao verbo

f) pronome indefinido

(66) alguns levava a mão na boca (I30e259)

g) pronome demonstrativo

(67) esses desenhos vai pra vida (I20f159)

h) quantificador²¹

(68) todos estavam no chão (I2e146)

i) nulo ou desinencial

(69) Sam e Scoth ficam muito amigos deles e **conhece** uma menina e **ajudam** muito ela na escola (I46e153)

5.6.1.3.2 Animacidade do sujeito

Para Scherre e Naro (1998), o traço [humano] exerce um papel significativo na CV. De acordo com Rubio (2012), esse traço semântico *animacidade do referente* vem se mostrando estatisticamente relevante para a aplicação de CV no PB falado. A nossa perspectiva acompanha Rubio (2008) que comprova a

importância da variação *animacidade* do referente sujeito na CV da língua falada e escrita do PB moderno e em dados do português antigo (NARO; SCHERRE, 1998b) e devido a ter se apresentado também como relevante em análise de amostras do banco de dados Iboruna (RUBIO, 2012, p. 189)

Nesse sentido, espera-se que o traço [+humano] do sujeito favoreça a presença de marcas de plural nos verbos, ao passo que o traço [-humano] a desfavoreça.

a) [+humano] [+animado]

(70) as filhas já **estão** uma eroína (I5e156)

²¹ Identificamos como quantificador o pronome *todo(s)*.

b) [-humano] [-animado](71) as pedra **começou a cair** (l42f249)**c) [-humano] [+animado]**(72) os bicho **começaru** a criar vida (l10f156)*5.6.1.3.3 Referência semântica de número do sujeito*

Entendemos, assim como Scherre e Naro (1998), que há um jogo de forças mais geral envolvendo a referência semântica de número do sujeito, uma vez que, no português falado do Brasil, a variação se instala continuamente em estruturas de número gramatical plural.

a) Sujeito com referência de 3PP (eles, elas, DP pleno)(73) todos o seus poderes **pertencia** a ele (l39e243)**b) Sujeito com referência de 1PP (nós, a gente, DP composto)**(74) quando todos estiverem de costas nós **uzamos** nossos poderes (l42e149)**c) DP pleno (singular) com leitura coletiva**(75) a família Splash **continuaram a aproveitar** o Brasil (l18e253)*5.6.1.3.4 Definitude e especificidade do sujeito*

Neste trabalho, assumimos a proposta de Enç (1991). Para o referido autor, o DP possui, além dos índices de [+definido] ou [-definido] propostos por Heim (1982), os índices de especificidades [+/- específico]. Ou seja, todo DP é estruturado por um par de índices referenciais: um relacionado à definitude e o outro, à especificidade. Vejamos exemplos dos fatores dessa variável.

a) [+definido] [+específico](76) esses criminosos **eram** os mais ladrões (l25e143)**b) [- definido] [- específico]**

(77) mini alienígenas **comesarão a sair** dos ovos (I10e156)

c) [-definido] [+ específico]

(78) alguns menino que vem joga **fica brigano** (I43f249)

5.6.2 Variáveis extralinguísticas

Definimos as variáveis extralinguísticas no quadro 8 a seguir:

Quadro 5 - Variáveis extralinguísticas

Grupos de fatores	Fatores
1) escolaridade	6º ano 9º ano 3º ano
2) sexo	masculino feminino

Fonte: Autora deste trabalho

5.6.2.1 Escolaridade

A variável escolaridade vem sendo apontada como uma das que exerce influência significativa sobre o uso variável da CV (Cf. ANJOS, 1999, SGARBI, 2006, MONGUILHOTT, 2009, SANTOS, 2010 e PEREIRA; ARAÚJO, 2016). O que, em geral, os sociolinguistas observam é que essa variável extralinguística interfere diretamente na preservação ou no apagamento das marcas de CV com sujeito na 1PP e 3PP. Para essa variável, verificamos se, de fato, o aumento da escolaridade converge para um maior uso da forma de prestígio. Em relação a esse grupo de fatores, controlamos os seguintes níveis: 6º ano e 9º ano do ensino fundamental II e 3º ano do ensino médio.

5.6.2.2 Sexo

Em relação à variável sexo, os estudos sociolinguísticos, no que se referem à CV, de forma geral, dizem que as mulheres tendem a apresentar uma maior

marcação da variante padrão, ou seja, que elas são mais sensíveis ao uso das formas de prestígio. No entanto, quando há o processo de abandono do uso de uma forma padrão, os homens lideram. Labov (1982, p. 78) afirma genericamente que "na maioria das mudanças linguísticas, as mulheres estão à frente dos homens na proporção de uma geração". Para nossa pesquisa, do total de 48 informantes selecionados, 50% (24) são do sexo masculino, e os 50% (24) restantes são informantes do sexo feminino. Esperamos que o sexo dos adolescentes seja determinante para o uso variável da CV.

5.7 TIPO DE ANÁLISE

Os dados de fala e de escrita foram codificados a partir dos fatores apresentados anteriormente e, após suas rodadas no programa computacional GoldVarb X, foram submetidos a tratamento quantitativo. As rodadas nos permitiram a obtenção dos resultados estatísticos e probabilísticos.²²

Após a rodada dos dados de fala e dos dados de escrita, foi possível fazer os cruzamentos que julgamos necessários para desenvolver a análise comparativa entre a língua oral e a língua escrita de um mesmo informante. Salientamos que nos baseamos em variáveis sobre concordância verbal na fala e na escrita nas regiões brasileiras, conforme quadro 9 a seguir que apresenta cruzamentos dos estudos.

Quadro 6 - Síntese dos estudos que contemplam cruzamento de variáveis sobre concordância verbal na fala e na escrita nas regiões brasileiras

Região	Título	Autor(a)	Ano	Modalidade de uso da língua	Cruzamentos das variáveis
Centro-oeste	<i>A variação da concordância verbal entre os falantes do Mato Grosso do Sul</i>	SGARBI, Nara Maria Fiel de Quevedo	2006	Fala	procedência e a saliência fônica verbal; procedência e o paralelismo formal; procedência e a distância entre o sujeito e verbo;

²² A eliminação de alguns fatores se deu em ocorrências onde a aplicação da regra de CV em 1PP e 3PP foi realizada em 100%. Ou seja, ao nos depararmos na primeira rodada com *knockout*, ou seja, ao nos depararmos com um fator que, num dado momento da análise, correspondesse "a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente" (GUY e ZILLES, 2007, 158), esse era excluído na segunda. Essas frequências mostram que, por não haver em um determinado fator seu par opositor nos dados colhidos dos informantes, não há variação e, conseqüentemente, o impedimento de o programa expressar os pesos e a frequência.

					<p>procedência e a presença/ausência do sujeito pronominal; sexo e a saliência fônica verbal; sexo e o paralelismo formal; sexo e a distância entre sujeito e verbo; sexo e a presença/ausência do sujeito pronominal; escolarização e a saliência fônica verbal; escolarização e o paralelismo formal; escolarização e a distância entre sujeito e verbo; escolarização e a presença/ausência do sujeito pronominal.</p>
	<i>Goiás na primeira pessoa do plural</i>	MATTOS, Shirley Eliany Rocha	2013	Fala	<p>faixa etária e nível de escolarização; faixa etária e sexo/gênero do falante;</p>
Nordeste	<i>A concordância verbal na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió</i>	SANTOS, Renata Lívia de Araújo	2010	Fala	<p>posição do sujeito em relação ao verbo e ausência/presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo; tempo de permanência na entidade filantrópica e escolaridade.</p>
	<i>A concordância verbal no português popular do Brasil: aspectos empírico-teóricos da concordância verbal na terceira pessoa do plural ou P6 na comunidade de Vitória da Conquista-BA</i>	BRITO, Danilo da Silva Santos	2013	Fala	<p>Redes de relações e faixa etária.</p>
	<i>A concordância verbal no português falado em Feira de Santana-BA: sociolinguística e sócio-história do português brasileiro</i>	ARAÚJO, Silvana Silva de Farias	2014	Fala	<p>Sexo e faixa etária; Realização e posição do sujeito e Saliência Fônica.</p>
	<i>A escolaridade e a concordância verbal na escrita de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas na cidade de Maceió</i>	SANTOS, Renata Lívia de Araújo	2013	Escrita	<p>escolaridade e distância entre sujeito e verbo; escolaridade e natureza do sintagma sujeito; escolaridade e paralelismo formal da sequência verbal; escolaridade e faixa etária; escolaridade e tempo de permanência na instituição filantrópica; escolaridade e grau de</p>

					formalidade; escolaridade e demais variáveis estudadas a partir dos dados de fala (número/pessoa, elementos intervenientes, tempo de permanência, localidade).
Norte	<i>A concordância verbal na fala urbana de Rio Branco</i>	<i>RODRIGUES, Dinah de Araújo</i>	1997	<i>Fala</i>	posição do sujeito e o grau de escolaridade; classe dos verbos e a posição do sujeito; sexo e grau de escolaridade.
	<i>A concordância verbal na fala urbana de Rio Branco</i>	<i>OLIVEIRA, Elienai Ferreira de</i>	2006	<i>Fala</i>	sexo e grau de escolaridade; sexo e grau de escolaridade.
	<i>Nós/a gente: ou variação ou mudança?</i>	<i>SILVA, Lia Barile Carvalho da</i>	2011	<i>Fala</i>	Não realizou cruzamentos.
	<i>A variação na concordância verbal: um estudo na escrita de acadêmicos de Letras</i>	<i>CASTRO, Maria Luiza de</i>	2016	<i>Escrita</i>	Não realizou cruzamentos.
Sudeste	<i>A concordância verbal no português de belo horizonte</i>	<i>FARIA, Nicolle Veronick Moreira de</i>	2008	<i>Fala</i>	sexo e idade; sexo e classe social; idade e classe social; idade e escolaridade.
	<i>A concordância verbal na língua falada na região noroeste do Estado de São Paulo</i>	<i>RUBIO, Cássio Florêncio</i>	2008	<i>Fala</i>	paralelismo formal-nível oracional e escolaridade; paralelismo formal-nível discursivo e escolaridade; saliência fônica e escolaridade; saliência fônica e paralelismo formal-nível discursivo; escolaridade e faixa etária; gênero e paralelismo formal-nível oracional; escolaridade e gênero; posição do núcleo do sujeito em relação ao verbo e gênero; idade e gênero; paralelismo formal-nível oracional e tipo morfológico do sujeito; gênero e tipo morfológico do sujeito; tipo morfológico do sujeito e escolaridade; tipo morfológico do sujeito e saliência fônica.
	<i>Concordância Verbal e variação: um estudo descritivo-</i>	<i>MONTE, Alexandre</i>	2012	<i>Fala</i>	traço semântico do sujeito/SN e variável posição do sujeito/SN em relação ao verbo;

	<i>comparativo do português brasileiro e do português europeu</i>				tipo de verbo (verbo 'ser' versus outros verbos) e posição do sujeito/SN em relação ao verbo; saliência fônica com o tipo de verbo (verbo 'ser' versus outros verbos); saliência fônica e o tipo de verbo (verbo 'ser' versus outros verbos) no PB; presença/ausência do 'que' com a variável distância entre o sujeito/SN e o verbo em número de sílabas; escolaridade e saliência fônica; grau de escolaridade e o gênero do informante no PB.
	<i>A variação de concordância verbal na terceira pessoa do plural em redações escolares do ensino fundamental e médio: uma avaliação de fatores linguísticos e sociais</i>	<i>GAMEIRO, Maria Beatriz</i>	2009	<i>Escrita</i>	paralelismo discursivo e o grau de saliência fônica da oposição entre as formas do singular e do plural; posição do sujeito e saliência fônica; posição do sujeito e animacidade do sujeito; presença/ausência do sujeito pronominal e saliência fônica verbal; valor semântico do sujeito e saliência fônica; presença/ausência do <i>que</i> relativo e saliência fônica verbal.
	<i>A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca</i>	<i>VIANNA, Juliana Barbosa de Segadas</i>	2006	Fala e Escrita	estratégias de concordância e controle do referente; estratégias de concordância com a gente e controle da faixa etária.
Sul	<i>A concordância verbal na comunidade de São Miguel dos Pretos, Restinga Seca, RS</i>	<i>ALMEIDA, Alessandra Preussler de</i>	2006	Fala	faixa etária e gênero; saliência fônica e tempo verbal; saliência fônica e faixa etária; conjugação e tempo verbal.
	<i>Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE</i>	<i>MONGUILHO TT, Isabel de Oliveira e Silva</i>	2009	Fala	saliência fônica e escolaridade; indivíduo e redes sociais (localismo); indivíduo e redes sociais (mobilidade); saliência fônica e diazonalidade; paralelismo formal e diazonalidade; posição do sujeito em relação ao verbo e idade/escolaridade; posição do sujeito em relação ao verbo e

					<p>diazonalidade; traço humano no sujeito e posição do sujeito em relação ao verbo; traço humano no sujeito e diazonalidade; tipo de verbo e posição do sujeito em relação ao verbo; tipo de verbo e traço humano no sujeito; tipo de verbo e diazonalidade; idade/escolaridade e diazonalidade; sexo e diazonalidade; redes sociais (localismo) e diazonalidade; saliência fônica e diazonalidade; saliência fônica e escolaridade; tipo de sujeito e diazonalidade; posição do sujeito em relação ao verbo e saliência fônica com verbos copulativo; posição do sujeito em relação ao verbo e saliência fônica com verbos copulativos; idade/escolaridade e diazonalidade.</p>
	<i>Pelotas/RS e a concordância verbal de 3ª pessoa do plural</i>	<i>WELCHEN, Dirce</i>	2009	Fala	<p>faixa etária e classe social; faixa etária e gênero; faixa etária e escolaridade; saliência fônica e faixa etária; classe social e gênero; escolaridade e gênero; escolaridade e faixa etária; gênero e faixa etária; posição do sujeito e classe social.</p>
	<i>Uso e norma: variação da concordância verbal em redações escolares</i>	<i>AGOSTINHO, Silvana Regina Nascimento</i>	2013	Escrita	<p>escolaridade do pai e escolaridade da mãe; ocupação e escolaridade; profissão da mãe e escolaridade.</p>
	<i>Itinerários do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental da Rede Pública de Florianópolis</i>	<i>BRUSTOLIN, Ana Kelly Borba da Silva</i>	2009	Fala e Escrita	<p>escolaridade e faixa etária; fala/escrita e marca morfofonêmica do verbo que o acompanha; fala/escrita e preenchimento do sujeito; marca fonêmica e preenchimento do sujeito; paralelismo formal e preenchimento do sujeito; fala/escrita e paralelismo formal; tempo verbal e saliência</p>

					fônica; fala/escrita e saliência fônica; fala/escrita e sexo; fala/escrita e série; sexo e série.
--	--	--	--	--	--

Partimos, nos próximos capítulos, para a análise e discussão dos resultados da fala e da escrita apresentados pelo Goldvarb X.

6 DESCRIÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DA FALA

Neste capítulo, apresentamos e discutimos os resultados referentes aos dados da fala, tomando por base as hipóteses da pesquisa e os rodados desses dados pelo programa Goldvarb X a partir de treze grupos de fatores constituídos por 71 fatores.

Salientamos que o programa nos forneceu as seguintes informações:

- (1) a frequência geral de aplicação e de não aplicação da regra de CV, bem como as frequências associadas às variáveis estabelecidas²³;
- (2) a seleção por ordem de relevância das variáveis com significância estatística;
- (3) as variáveis sem significância estatística.

Os dados foram apresentados em tabelas e retomados em gráficos para facilitar sua visualização e posterior compreensão. Neles são mostrados o peso relativo e o percentual de aplicação da regra de concordância verbal de 1PP e 3PP de acordo com os fatores linguísticos e extralinguísticos elencados na metodologia.

Inicialmente, apresentamos o quadro 9 que traz os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos selecionados pelo programa em ordem de significância como condicionantes da aplicação da regra de CV; como também os fatores estatisticamente não condicionantes pelo referido programa.

Quadro 7 - Ordem de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos condicionantes e não condicionantes para a aplicação da regra de CV de 1PP e 3PP na fala

FALA	
Grupo de fator condicionante	Grupo de fator não-condicionante
1) referência semântica de número do sujeito	1) tempo e modo verbal
2) paralelismo linguístico de nível oracional	2) tipo estrutural do sujeito
3) saliência fônica	3) explicitude do sujeito
4) paralelismo linguístico de nível discursivo	4) tipo de verbo
5) definitude e especificidade do sujeito	
6) sexo	
7) animacidade do sujeito	
8) escolaridade	
9) posição do sujeito em relação ao verbo	

Fonte: Autora deste trabalho

²³ Tomamos por base a aplicação da regra de concordância verbal. Dessa forma, os resultados estatísticos apresentados devem ser lidos nesse sentido.

O quadro 10 referente à ordem de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos condicionantes e não condicionantes para a aplicação da regra de CV de 1PP e 3PP na fala trouxe um resultado interessante, uma vez que a variável escolaridade, que normalmente fica entre as cinco variáveis significativas, não se mostrou relevante para nosso estudo.

A seguir, mostramos a tabela 11 referente às variáveis e seus respectivos fatores que favorecem e desfavorecem a aplicação da regra de CV na fala:

Tabela 11 - Mapeamento dos fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem e desfavorecem a aplicação da regra de concordância verbal na fala

Variável	Fator	Aplicação / ocorrência	Percentual	Peso
Saliência fônica	mínima	499/722	69.1%	.395
	média	480/609	78.8%	.562
	máxima	141/174	81%	.711
Tipo de verbo	transitivo	527/732	72%	.456
	inacusativo	229/311	73.6%	.483
	intransitivo	154/202	76.2%	.553
	cópula	210/260	8.8%	.601
Tempo e modo verbal	futuro do presente do indicativo	7/11	63.6%	.320
	pretérito imperfeito do subjuntivo	7/14	50%	.453
	pretérito perfeito do indicativo	306/406	75.4%	.458
	presente do subjuntivo	5/10	50%	.466
	presente do indicativo	694/934	74.3%	.506
	pretérito imperfeito do indicativo	86/106	81.1%	.615
	futuro do pretérito do indicativo	13/20	65%	.562
Explicitude do sujeito	sujeito pleno (oração encaixada)	3/7	42.9%	.174
	sujeito nulo (oração subordinada adverbial)	4/6	66.7%	.237
	sujeito nulo (oração encaixada)	4/6	66.7%	.371
	sujeito pleno (oração subordinada adverbial)	34/47	72.3%	.457
	sujeito pleno (oração independente)	838/1119	74.9%	.509
	sujeito pleno (oração matriz)	36/46	78.3%	.530
	sujeito nulo (oração independente)	134/167	8.2%	.575

	sujeito nulo (oração matriz)	134/167	8.2%	.575
Posição do sujeito em relação ao verbo	posição pós-verbal com núcleo distante de 0 até 5 sílabas do verbo	2/9	22.2%	.036
	posição pós-verbal com núcleo distante mais de 5 sílabas do verbo	1/4	25%	.081
	posição pré-verbal com núcleo distante mais de 10 sílabas do verbo	14/31	45.2%	.432
	posição pré-verbal com núcleo distante de 3 a 10 sílabas do verbo	322/506	63.6%	.469
	posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo	781/955	81.8%	.529
Paralelismo linguístico de nível oracional	presença da forma plural zero (plural ou singular) no último elemento inserido em um SPrep	12/32	37.5%	.347
	ausência da forma de plural zero no último elemento não inserido em um SPrep	617/807	76.5%	.398
	presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento não inserido em um SPrep	394/547	72%	.625
	presença de neutralização no último elemento, em razão de fonema semelhante inicial no verbo	95/116	81.9%	.653
Paralelismo linguístico de nível discursivo	forma verbal isolada ou primeira de uma série de 3PP	599/953	62.9%	.359
	forma verbal com desinência de 1PP em oração anterior	3/4	75%	.427
	forma verbal com desinência de 3PP em oração anterior	25/32	78.1%	.541
	forma verbal isolada ou primeira de uma série de 1PP	458/474	96.6%	.766
Tipo estrutural do sujeito	SN pleno composto com núcleo adjacente no singular	4/11	36.4%	.216
	SN pleno nu, aquele desprovido de determinantes e modificadores restritivos	6/14	42.9%	.312
	SN pleno composto com núcleo adjacente no plural	3/4	75%	.420

	SN pleno simples	632/818	77.3%	.480
	pronome pessoal	239/340	7.3%	.500
	nulo ou desinencial	151/189	79.9%	.545
	pronome indefinido	26/37	7.3%	.555
	quantificador	7/10	70%	.563
Animacidade do sujeito	[-humano] [-animado]	16/48	33.3%	.274
	[-humano] [+animado]	16/35	45.7%	.341
	[+humano] [+animado]	1088/1422	76.5%	.512
Referência semântica de número do sujeito	sujeito com referência de 3PP (eles, elas, DP pleno)	589/946	62.3%	.348
	DP pleno (singular) com leitura coletiva	24/29	82.8%	.619
	sujeito com referência de 1PP (nós, a gente, DP composto)	507/530	95.7%	.749
Definitude e especificidade do sujeito	[-definido] [-específico]	6/18	33.3%	.231
	[-definido] [+específico]	238/415	57.3%	.466
	[+definido] [+específico]	876/1072	81.7%	.518
/Sexo	masculino	435/634	68.6%	.436
	feminino	685/871	78.6%	.547
Escolaridade	6º ano do ensino fundamental II	340/502	67.7%	.406
	9º ano do ensino fundamental II	420/537	21.8%	.529
	3º ano do ensino médio	360/466	77.3%	.568

Fonte: Autora deste trabalho

Esses resultados, em regra, confirmaram nossas hipóteses gerais de que fatores linguísticos e extralinguísticos atuam como condicionantes na aplicação da regra de CV, pois há fatores cujo peso relativo ultrapassa o nível de neutralidade .50, os quais serão discutidos nas subseções que seguem.

Abaixo seguem os eliminados para que fosse possível gerarmos os pesos relativos dos outros fatores:

- futuro do subjuntivo
- sujeito nulo (oração matriz)
- presença de numeral no último elemento

- presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento inserido em um SPrep

A seguir, apresentamos tanto a análise geral como a análise de cada fator linguístico e extralinguístico selecionado e não selecionado pelo Goldvarb X.

6.1 ANÁLISE GERAL

O *corpus* foi composto de 1505 dados de fala de alunos dos 6º, 9º e 3º anos de uma escola regular do Recife: 1120 apresentaram a aplicação da regra de CV, correspondendo a 74.4% (1120/1505) do total, e 385 contextos não apresentaram marcas de concordância, o que fez 25.6% (385/1505) do total. Esse resultado trouxe reflexões importantes, uma vez que o grupo pesquisado, composto por adolescentes, apresentou um percentual bem elevado de aplicação de CV.

Diante do alto índice de concordância verbal encontrado na pesquisa em questão, podemos afirmar que o enfraquecimento da morfologia não se mostrou tão significativo. Nesse sentido, nossos resultados vão de encontro aos dados de Duarte obtidos para a 1PPL e 3PPL, já apresentados no capítulo da introdução.

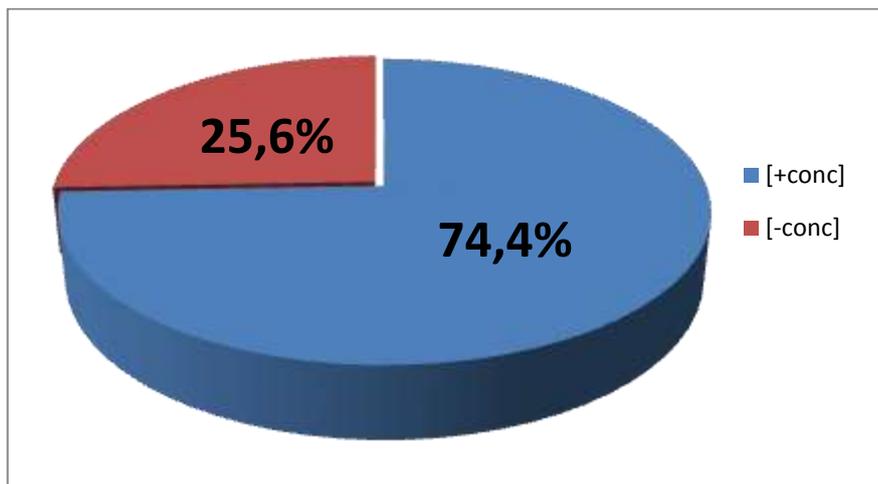
Na tabela 12 e no gráfico 1 a seguir, ilustramos mais claramente a distribuição desses resultados:

Tabela 12 - Resultado total das variantes [+conc] e [-conc] no corpus da fala

Variante	Ocorrência/Total geral	Percentual
[+conc]	1120/1505	74.4%
[-conc]	385/1505	25.6%

Fonte: Autora deste trabalho

Gráfico 1 - Resultado total das variantes [+conc] e [-conc] no corpus da fala



Fonte: Autora deste trabalho

Ao considerarmos os resultados apresentados, uma conclusão já pode ser destacada neste primeiro momento de análise: uma vez que o percentual de presença de CV prevaleceu com frequência equivalente a mais de duas vezes o percentual de ausência de CV, podemos dizer que nossos resultados apresentaram uma conformidade com os obtidos por outros pesquisadores (RUBIO, 2012; MONGUILHOTT, 2001, 2009; COELHO, 2002; SCHERRE; NARO, 1998) que também investigaram a fala de informantes em processo de escolarização.

O alto percentual de CV nas pesquisas sobre o PB parece ser um fenômeno geral. Brandão e Vieira (2012), por exemplo, seguindo as regras linguísticas propostas por Labov, confirmam essa variação da CV no PB, ao afirmarem que brasileiros têm uma larga preferência pela concretização das marcas de número. Nossos dados com resultados de 74.4% de [+conc] seguem essa discussão e reafirmam que a CV se trata de uma regra variável. Mas o que nos chama a atenção é entendermos quais fatores influenciaram os falantes a usar 25,6% de variante não-padrão.

6.2 VARIÁVEIS CONDICIONANTES DA FALA POR ORDEM DE SIGNIFICÂNCIA

Como já antecipado, passemos agora à análise dos fatores linguísticos por ordem de significância. Destacamos que constam, em todas as tabelas, o número de ocorrência das duas variantes para cada fator, o número total de realizações de cada fator, a percentagem das variáveis de acordo com cada fator e o peso relativo referente ao uso da variante padrão.

6.2.1 Referência semântica de número do sujeito

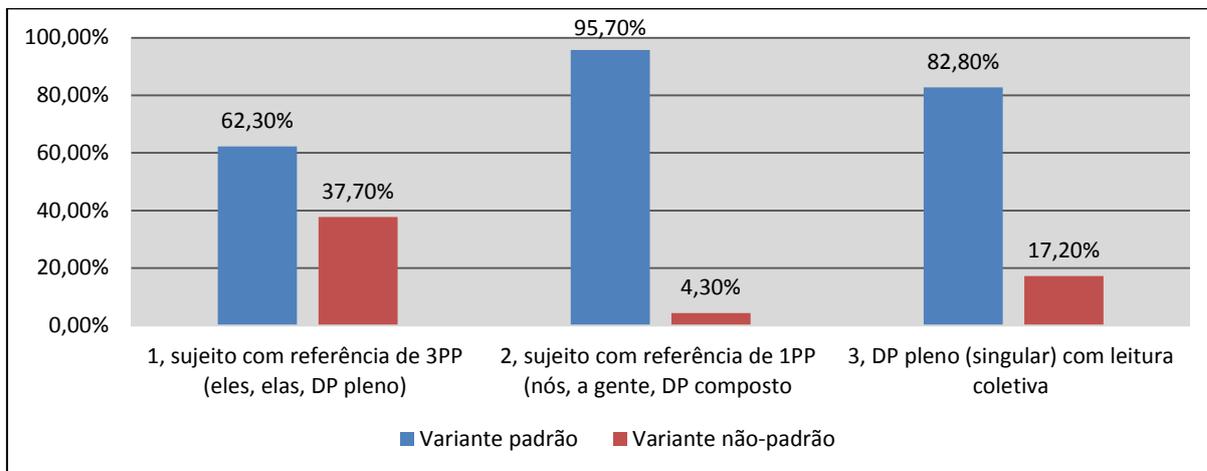
A *referência semântica de número do sujeito* foi o primeiro grupo de fator selecionado pelo programa Goldvarb X, conforme resultados que se seguem na tabela 13 e gráfico 2.

Tabela 13 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da fala , segundo a variável referência semântica de número do sujeito

Variável	Fator	Ocorrência		Percentual		Peso
		Variante padrão	Variante não-padrão	Variante padrão	Variante não-padrão	
Referência semântica de número do sujeito	1. sujeito com referência de 3PP (eles, elas, DP pleno)	589/946	357/946	62.3%	37.7%	.348
	2. sujeito com referência de 1PP (nós, a gente, DP composto)	507/530	23/530	95.7%	4.3%	.749
	3. DP pleno (singular) com leitura coletiva	24/29	5/29	82.8%	17.2%	.619

Fonte: Autora deste trabalho

Gráfico 2 - Percentual das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável referência semântica de número do sujeito



Fonte: Autora deste trabalho

A partir dos dados apresentados, observamos que, com .749 de peso relativo e 95.7% de frequência, o fator *sujeito com referência de 1PP* foi o que mais favoreceu a variante padrão. Em contraposição, o menor índice de marcas de concordância verbal foi de 62.3% e .348 envolvendo *sujeito com referência de 3PP*.

Apresentamos, a seguir, exemplos da variação na fala de um mesmo informante do nosso *corpus* com referência de 3PP (cf. (1a), (1b), (2a) e (2b)), 1PP (cf. (3a), (3b), (4a) e (4b)) e DP pleno com leitura coletiva (cf. (5a) e (5b)):

- *Sujeito com referência de 3PP:*

(1) a. elas **posta** pros outros lerem (I31f249)

b. elas **gostam** mais de fanfike (I31f149)

(2) a. eles **agride** elas (I35f259)

b. eles **dão** dinheiro lá (I35f159)

- *Sujeito com referência de 1PP*²⁴:

²⁴ Informamos que não obtivemos nenhum dado com registro de *a gente* sem concordância. Os resultados comprovaram, nesses contextos, a preferência acentuada pela forma *a gente*, com desinência de 3PS.

(3) a. nós **quebrou** cadeira (I16f256)

b. [nós] **vimos** vídeo (I16f156)

(4) a. nós três **tava** deitado na cama (I8f246)

b. [nós] **organizamos** o grupo (I8f146)

- *Sujeito com DP pleno singular e leitura coletiva:*

(5) a. a família **viajou** (I4f156)

b. a família **vieram** para os jogos olímpicos (I4f256)

Um dado interessante a ser mencionado no domínio do SN – sujeito é que, das 530 ocorrências do fator *sujeito com referência de 1PP* na fala, apenas 4 delas foram registradas com o uso do *nós* (menos de 1,4% do total de ocorrências). Isso demonstra que, independente da série e do sexo investigados, a referência de 1PP *a gente* foi uma constante na oralidade desses jovens (aproximadamente 95,7% do total de ocorrências).

Outros autores, como Duarte (1995) e Galves (2001), já falavam da reorganização do paradigma pronominal, conforme nossas discussões do capítulo 1 sobre os paradigmas pronominais e flexionais do PB. Ao contrário do que foi posto no paradigma de Duarte (2000) para a segunda metade do século XX, verificamos que o pronome “*nós*” não desapareceu completamente do paradigma, mas se alterna com o pronome *a gente* que já se gramaticalizou como pronome pessoal e é altamente frequente em nossos dados da fala.

Observando as pesquisas que tratam da entrada de *a gente* no quadro pronominal do PB (Cf. OMENA, 1986, MENON, 1996, 2003, ZILLES, 2007, 2005 e ALMEIDA, 2006) há uma tendência de os jovens empregarem na fala mais essa forma. Segundo Vianna e Lopes (2015), a forma inovadora *a gente* vem, gradativamente, ocupando o espaço da mais antiga *nós* e se efetivando na língua como um processo de mudança linguística. Para Burthers e Duarte (2012), a concordância número-pessoal no PB começa a se enfraquecer, como é possível visualizar no quadro 10, adaptado de Duarte (1993, p. 109).

Quadro 8 - Evolução nos paradigmas flexionais do português brasileiro

Pessoa	Nº	Paradigma 1	Paradigma 2	Paradigma 3	Paradigma 4
1ª	Sing	Cant-o	Cant-o	Cant-o	Cant-o
2ª direta	Sing	Canta-s	-----	-----	-----
2ª indireta	Sing	Canta-Ø	Canta- Ø	Canta- Ø	Canta- Ø
3ª	Plural	Canta- Ø	Canta- Ø	Canta- Ø	Canta- Ø
1ª	Plural	Canta-mos	Canta-mos	Canta- Ø	Canta- Ø
2ª direta	Plural	Canta-is	-----	-----	-----
2ª indireta	Plural	Canta-m	Canta-m	Canta-m	Canta- Ø
3ª	Plural	Canta-m	Canta-m	Canta-m	Canta- Ø

Fonte: Burthers e Duarte (2012, adaptado de Duarte, (1993, p. 109))

Esses paradigmas, apresentados pelos autores no quadro 11, revelam o processo de mudança do PB diante do enfraquecimento da morfologia. Podemos observar que o pronome *nós* aparece sem concordância nos paradigmas 3 e 4, mas nossos dados mostram o “*nós*” com concordância.

Para Zilles, Maya e Silva (2000), a concordância de primeira pessoa do plural é indiretamente afetada pela gramaticalização de *a gente*, à medida que essa forma pronominal substitui *nós* em um processo semelhante na substituição do *tu* por *você*. Refletindo sobre a afirmação desses autores, não acreditamos que seja tão semelhante assim, pois enquanto podemos dizer “*a gente cantamos*”, não podemos dizer “*você cantas*”. Quer dizer, morfologicamente falando, a alteração não é a mesma, o *tu* co-ocorre com o *você* e leva o traço de terceira pessoa do singular.

Em relação ao *sujeito com DP pleno singular e leitura coletiva*, podemos dizer que essa variante também foi favorecedora da marcação de CV. Mesmo com .619 de peso relativo e 82.8% de frequência, percebemos em nossos dados uma instabilidade na concordância, ora os informantes faziam a CV pela 3PS ora pela 3PP.

Pelos resultados já expostos na tabela 13, o fator linguístico *sujeito com referência de 3PP*, com .348. e 62.3% desfavoreceu, bastante, a marcação da CV.

A fim de verificarmos a influência do grupo de fatores *posição do sujeito em relação ao verbo* no grupo de fatores *referência semântica de número do sujeito*, optamos por fazer o cruzamento desses dois grupos, conforme apresentado na tabela 14.

Tabela 14 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis referência semântica de número do sujeito e posição do sujeito em relação ao verbo

posição do sujeito em relação ao verbo	sujeito com referência de 3PP (eles, elas, DP pleno)	sujeito com referência de 1PP (nós, a gente, DP composto)	DP pleno (singular) com leitura coletiva
posição pré-verbal com núcleo distante de 3 a 10 sílabas do verbo	223/394=57%	90/100=90%	9/12=75%
posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo	352/515=68%	414/423=98%	15/17=88%
posição pré-verbal com núcleo distante mais de 10 sílabas do verbo	13/28=46%	1/3=33%	-----
posição pós-verbal com núcleo distante de 0 até 5 sílabas do verbo	1/7=14%	1/2=50%	-----
posição pós-verbal com núcleo distante mais de 5 sílabas do verbo	0/2=0%	1/2=50%	-----
Total	589/946=62%	507/530=96%	24/29=83%

Fonte: Autora deste trabalho

Ao considerarmos o cruzamento acima, constatamos que a probabilidade de aplicação da CV de 1PP e 3PP mostrou-se mais elevada nos casos em que o sujeito se antepõe ao verbo. Mais uma vez, confirmamos nossa hipótese de que a aplicação da regra de concordância é maior quando o sujeito está anteposto ao verbo. É importante pontuarmos que Pontes (1986) já discutia o estatuto de sujeito do sintagma posposto evidenciando que este tipo de sujeito apresenta características de objeto (posição VS, [- concordância]).

Mesmo assim, gostaríamos de destacar que as frequências exibidas na tabela 14 apontam o *sujeito com referência de 3PP (eles, elas, DP pleno)* com forte propensão ao não emprego da variante padrão, principalmente, quando o sujeito está posposto ao verbo (de 68% a 14%).

Optamos também por fazer o cruzamento do grupo de fatores *referência semântica de número do sujeito* e o grupo de fatores *saliência fônica*. Na tabela 15, realizamos o cruzamento e buscamos certificar se a atuação desses grupos leva a índices de CV altamente acima da nossa média geral de 89.8% de frequência.

Tabela 15 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis referência semântica de número do sujeito e saliência fônica

saliência fônica	sujeito com referência de 3PP (eles, elas, DP pleno)	sujeito com referência de 1PP (nós, a gente, DP composto)	DP pleno (singular) com leitura coletiva
mínima	247/463=53%	249/255=98%	3/4=75%
média	223/336=66%	240/254=94%	17/19=89%
máxima	119/147=81%	18/21=86%	4/6=67%
Total	589/946=62%	507/530=96%	24/29=83%

Fonte: Autora deste trabalho

Pela leitura da tabela 15, percebemos que o *sujeito com referência de 1PP (nós, a gente, DP composto)* apresentou alto índice de aplicação de plural para os tipos de saliência fônica estudadas (mínima – 98%, média – 94% e máxima – 86%), atingindo nos três fatores percentuais bem acima da média geral (74.4%) da pesquisa. Destacamos, mais uma vez, a interferência do uso na fala quase que exclusivo de *a gente*, favorecendo enormemente a marcação de concordância.

O DP pleno (singular) com leitura coletiva obteve 89% na saliência média, 75% na mínima e 67% na máxima. Em contrapartida, o sujeito com referência de 3PP (eles, elas, DP pleno) apresentou 66% de média, 53% de mínima e 81% de máxima.

6.2.2 Paralelismo linguístico de nível oracional

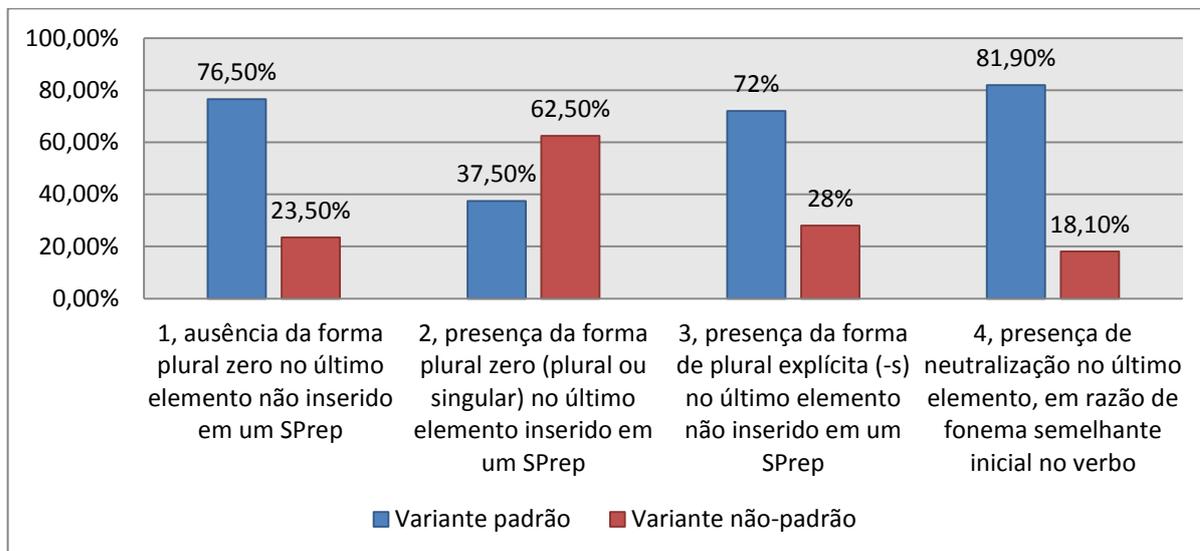
O paralelismo linguístico de nível oracional, estudado no domínio do SN – sujeito e verbo, foi a segunda variável significativa escolhida pelo programa. Essa variável está diretamente ligada à regra de concordância, conforme afirmam Monte (2012), Monguilhott (2009) e Rubio (2012); no entanto, essa variável não foi selecionada como estatisticamente relevante no estudo desses autores, o que difere dos resultados aqui apresentados, conforme podemos ver na tabela 16 e no gráfico 3.

Tabela 16 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável paralelismo linguístico de nível oracional

Variável	Fator	Ocorrência		Percentual		Peso
		Variante padrão	Variante não-padrão	Variante padrão	Variante não-padrão	
Paralelismo linguístico de nível oracional	1. ausência da forma plural zero no último elemento não inserido em um SPrep	617/807	190/807	76.5%	23.5%	.398
	2. presença da forma plural zero (plural ou singular) no último elemento inserido em um SPrep	12/32	20/32	37.5%	62.5%	.347
	3. presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento não inserido em um SPrep	394/547	153/547	72%	28%	.625
	4. presença de neutralização no último elemento, em razão de fonema semelhante inicial no verbo	5/116	21/116	81.9%	18.1%	.653

Fonte: Autora deste trabalho

Gráfico 3 - Frequência das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável paralelismo linguístico de nível oracional



Fonte: Autora deste trabalho

Analisando os resultados, nossas expectativas iniciais se confirmaram, visto que a hipótese contemplou o princípio geral do paralelismo: marcas levam a marcas e zero levam a zeros (Cf. SCHERRE, 1988, 1998, SCHERRE; NARO, 1993, MONGUILHOTT, 2001 e SILVA, 2005). De toda forma, esperávamos que a probabilidade de marcas de CV fosse maior.

Salientamos que, com peso relativo de .625, a *presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento não inserido em um SPrep* foi favorável à marcação da concordância. Podemos dizer que esse contexto pode ser considerado favorecedor da presença de marcas de plural nos verbos, visto que o falante costuma realizar a concordância com o núcleo do SN imediatamente próximo que, nesse caso, é o próprio núcleo do sujeito.

Conquanto os casos de neutralização, como observado na tabela acima, foram os que apresentaram maior peso relativo (.653), devemos ter cautela nesse resultado, pois são contextos em que pode não ser possível detectar se há ou não a presença da forma plural no último elemento do sujeito, como ilustramos a seguir.

(6) os menino(s) sempre **joga** bola (I5f256)

Em nosso *corpus*, também observamos que os informantes usaram com frequência a variante padrão. Pelos resultados, seguimos o entendimento de

Monguilhott (2009, p.124), uma vez que parece haver um princípio mecânico “agindo sobre esse grupo de fatores fazendo com que a queda das marcas de plural nos elementos anteriores influencie na queda da marcação de plural nos verbos”, que leva, de um lado, à queda regular das marcas de plural em todos os verbos precedidos de um zero fonético anterior, e, de outro lado, à manutenção regular do plural nos verbos precedidos de elementos com marcas de plural.

Com o intuito de investigarmos como o comportamento do falante quanto a esse fator linguístico pode variar de acordo com níveis de escolarização, assim como Rubio (2008), julgamos importante realizar o cruzamento entre o grupo de fatores *paralelismo linguístico oracional* e o grupo de fatores *escolaridade*, conforme tabela 17.

Tabela 17 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis paralelismo linguístico oracional e escolaridade

escolaridade	ausência da forma de plural zero no último elemento não inserido em um SPrep	presença da forma zero (plural ou singular) no último elemento inserido em um SPrep	presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento não inserido em um SPrep	presença de neutralização no último elemento, em razão de fonema semelhante inicial no verbo
6º ano do ensino fundamental II	192/286=67%	5/10=50%	115/164=70%	26/40=65%
9º ano do ensino fundamental II	266/330=81%	5/14=36%	123/166=74%	26/27=96%
3º ano do ensino médio	159/191=83%	2/8=25%	156/217=72%	43/49=88%
Total	617/807=76%	12/32=38%	394/547=72%	95/116=82%

Fonte: Autora deste trabalho

Ao analisarmos o cruzamento acima, constatamos, da mesma forma que Rubio (2008), que os grupos de fatores se correlacionam. Para ele, a categoria *presença da forma de plural no último elemento ou único elemento do SN-sujeito* apresentou um aumento gradativo da aplicação da CV, na medida em que o nível de escolaridade aumenta. Para nós foi a categoria *ausência da forma de plural zero no último elemento não inserido em um SPrep* que seguiu um aumento gradativo com a escolaridade (6º ano - 67%, 9º ano - 81%, 3º - 83%) da aplicação de CV, na medida em que o grau de escolaridade avança.

Na categoria presença da forma zero (plural ou singular) no último elemento inserido em um SPrep aconteceu o inverso, como o aumento da escolaridade, houve um declínio na marcação de plural no verbo (6º ano - 50%, 9º ano - 36%, 3º - 25%).

Para a categoria presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento não inserido em um SPrep, embora tenham apresentado com a *escolaridade* patamares de CV acima de 70% (6º - 70%, 9º - 74%, 3º - 72%), não obtivemos um aumento gradual de CV, em relação direta com o aumento do nível de *escolaridade*. Talvez esse resultado tenha ocorrido pela falta de clareza na distinção do verdadeiro elemento desencadeador da marcação de plural no verbo, como já afirmava Rubio (2008). Para ele, “são contextos em que não é possível detectar se há ou não a presença da forma plural no último elemento do sujeito”. (RUBIO, 2008, p. 91)

Em seguida, realizamos o cruzamento do paralelismo linguístico oracional e tipo estrutural do sujeito, a fim de averiguarmos se diferentes *tipos de sujeitos* podem interferir na variável *paralelismo linguístico oracional*, conforme tabela 18.

Tabela 18 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis paralelismo linguístico oracional e tipo estrutural do sujeito

tipo estrutural do sujeito	ausência da forma de plural zero no último elemento não inserido em um SPrep	presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento inserido em um SPrep	presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento não inserido em um SPrep	presença de neutralização no último elemento, em razão de fonema semelhante inicial no verbo
SN pleno composto com núcleo adjacente no singular	3/9=33%	1/1=100%	0/1=0%	-----
SN pleno simples	485/610=80%	7/23=30%	95/132=72%	44/52=85%
pronomes pessoais	49/72=68%	-----	156/222=70%	34/46=74%
quantificador	3/4=75%	-----	3/5=60%	-----
SN pleno nu, aquele desprovido de determinantes e modificadores restritivos	5/7=71%	0/2=0%	1/3=33%	0/1=0%
nulo ou desinencial	57/72=79%	3/4=75%	82/104=79%	9/9=100%
pronomes indefinidos	3/4=75%	-----	17/27=63%	6/6=100%
SN pleno composto com núcleo adjacente no plural	1/1=100%	-----	2/3=67%	-----
Total	617/779=76%	12/30=38%	394/497=72%	95/114=82%

Fonte: Autora deste trabalho

Ao realizarmos o cruzamento, pudemos observar que, pelo quantitativo absoluto de realização, o SN pleno simples (445 ocorrências- 80%), conforme

mostrado na tabela 18, foi o que mais influenciou a CV na variante *ausência da forma de plural zero no último elemento não inserido em um SPrep*. Esse alto índice de concordância pode ser explicado, em parte, pelo grande número de ocorrências do uso de *a gente*. E, em seguida, o pronome *nulo ou desinencial* (57 ocorrências - 79%) com índice também elevado da aplicação da pluralização, já que não há, nesse caso, um referente presente no período, a fim de desfazer possíveis ambiguidades quanto ao número ou a pessoa.

Para o fator *presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento inserido em um SPrep* obtivemos poucas ocorrências para os fatores do grupo *tipo estrutural do sujeito*.

Já para o fator *presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento não inserido em um SPrep*, o SN pleno simples (95% - 72%), o pronome pessoal (156 - 70%) e o nulo ou desinencial (82 - 79%) foram os que atingiram maiores índices percentuais.

Por fim, no cruzamento da *presença de neutralização no último elemento, em razão de fonema semelhante inicial no verbo* com o SN pleno simples (44 - 85%) e o pronome pessoal (34 - 74%), alcançamos melhores resultados de marcação da CV.

6.2.3 Saliência fônica

O terceiro grupo de fator estatisticamente condicionante para a marcação da CV foi a saliência fônica. Nossa expectativa era, tal como consta em Rubio (2008, p.102), de que “haveria um maior percentual de CV para verbos com grau máximo de saliência fônica e, ao contrário, verbos com grau mínimo de saliência fônica apresentariam valores percentuais menores de CV”.

De fato, nossos resultados confirmaram essa hipótese, pois os verbos com saliência fônica máxima favoreceram a concordância verbal (.711 e 81%) e os de saliência mínima desfavoreceram-na (.395 e 69.1%). Se analisássemos apenas os percentuais, não conseguiríamos visualizar essa discrepância dado que a diferença foi eminente em termos de peso relativo.

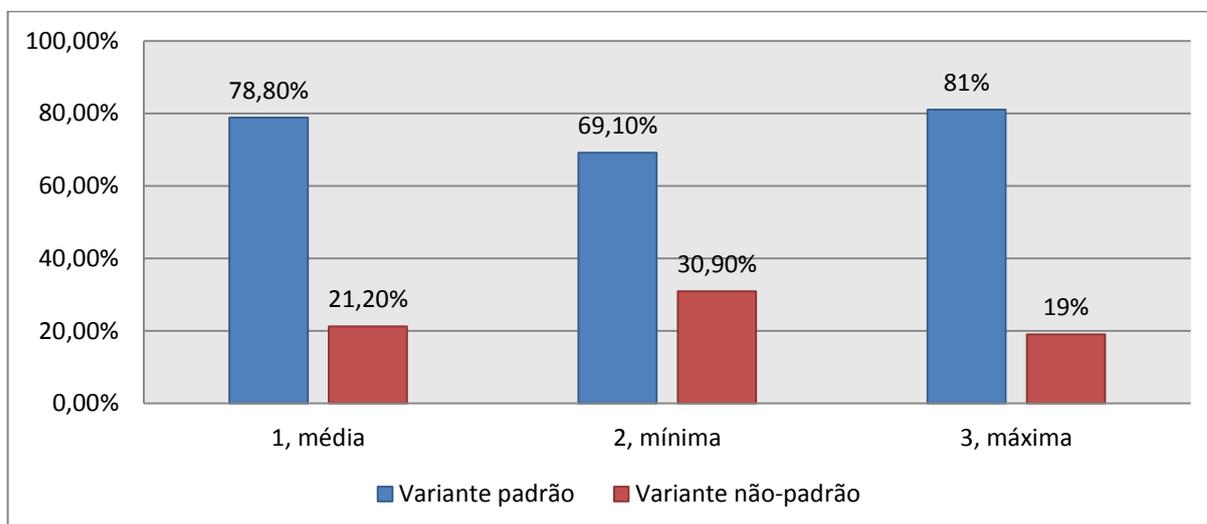
Em uma situação próxima ao ponto neutro (.50), apareceram os verbos com nível médio de saliência .562, tal como apresentado na tabela 19 e no gráfico 4.

Tabela 19 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável saliência fônica

Variável	Fator	Ocorrência		Percentual		Peso
		Variante padrão	Variante não-padrão	Variante padrão	Variante não-padrão	
	1. mínima	499/722	223/722	69.1%	3.9%	.395
	2. média	480/609	129/609	78.8%	21.2%	.562
	3. máxima	141/174	33/174	81%	19%	.711

Fonte: Autora deste trabalho

Gráfico 4 - Frequência das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável saliência fônica



Fonte: Autora desta pesquisa

Categorizamos a saliência fônica a partir dos três diferentes níveis de classificações (i. mínima diferenciação fonológica, ii.média diferenciação fonológica e iii.máxima diferenciação fonológica), considerados por Rubio (2008), que adotou a hierarquização dos três níveis diferentes de saliência entre a forma verbal singular e verbal de Santos (2005), e dos dois grandes níveis de saliência fônica verbal (nível 1- oposição não acentuada e nível 2 - oposição acentuada), apresentados em Scherre e Naro (2006). Abaixo podemos ver alguns exemplos retirados de nosso *corpus* que ilustram esse grupo de fatores.

a) Saliência mínima

(7) a. se eles fosse pru Brasil (I3f246)

b. eles tentam ajudar (I3f146)

b) Saliência média

(8) a. vai as sobrinha dela (l40f249)

b. Os animais, eles fazem as trela dele (l40f149)

c) Saliência máxima

(9) a. os livros que a gente lê no aplicativo não é publicado (l31f159)

b. meus amigos são maluquinhos (l31f259)

Pesquisas sobre a concordância sempre vêm destacando a importância do estudo da saliência fônica, já que, ao haver o aumento da saliência do material fônico na oposição singular/plural, maiores serão as chances de haver marcas de plural. De modo geral, os resultados que expusemos aqui confirmam a tendência do princípio da saliência fônica, pois, no processo de flexão verbal, formas mais salientes tendem a favorecer a aplicação da regra de CV e formas menos salientes tendem a desfavorecer essa aplicação.

Optamos por fazer um cruzamento entre a variável saliência fônica e escolaridade, conforme tabela 20, para verificarmos se o aumento no grau de escolaridade dos informantes influenciavam nos níveis de saliência fônica, conforme comprovado por Scherre e Naro, (1997).

Tabela 20 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis saliência fônica e escolaridade²⁵

escolaridade	mínima	média	máxima
6º ano do ensino fundamental II	100/179=56%	192/261=74%	48/62=77%
9º ano do ensino fundamental II	201/275=73%	177/211=84%	42/51=82%
3º ano do ensino médio	198/268=74%	111/137=81%	51/61=84%
Total	499/722=69%	480/609=79%	141/174=81%

Fonte: Autora deste trabalho

De fato, a tabela 20 sinalizou que a ausência da CV é mais frequente nos dados dos informantes com menos anos de escolarização, no nosso caso, adolescentes do 6º ano do ensino fundamental (mínima – 56%, média – 74%,

²⁵ Mais adiante, serão apresentados cruzamentos dessa variável *saliência fônica* com outras variáveis.

máxima – 77%). Discretamente, os adolescentes com níveis de escolaridade mais alto (3º ano) foram mais sensíveis à aplicação da regra de CV (mínima – 74%, média – 81%, máxima – 84%).

Obsevamos, mais uma vez, com esse resultado que, embora em patamares diferentes, os três níveis de escolaridade pesquisados são sensíveis à saliência fônica, uma vez que a marcação de plural nos verbos aumentou à proporção que a escolarização dos informantes atingiu níveis maiores, em todos os graus de saliência (mínimo e máximo). Uma exceção se fez apenas no cruzamento entre o fator escolaridade ensino médio e saliência média que apresentou índice de 3% menor que o 9º ano.

6.2.4 Paralelismo linguístico de nível discursivo

O paralelismo linguístico de nível discursivo, quarta variável estatisticamente significativa pelo programa, apresentou resultados interessantes. Os resultados para o fator *forma verbal isolada ou primeira de uma série em 1PP* demonstraram que a 1PP foi o mais condicionante para a marcação da CV. Vejamos detalhadamente, na tabela 21 e no gráfico 5 que se seguem, os resultados evidenciados para esse grupo.

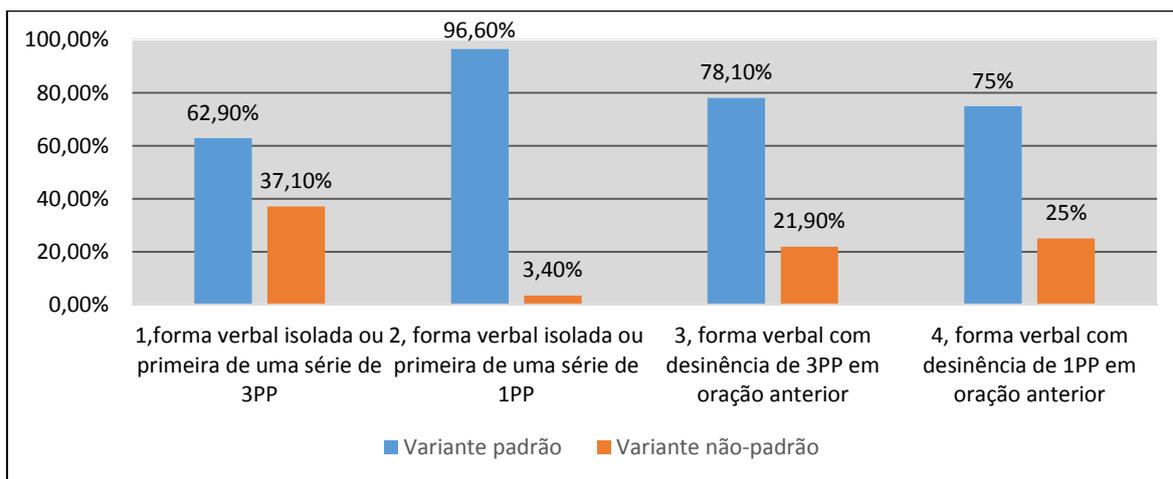
Tabela 21 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável paralelismo linguístico de nível discursivo

Variável	Fator	Ocorrência		Percentual		Peso
		Variante padrão	Variante não-padrão	Variante padrão	Variante não-padrão	
Paralelismo linguístico de nível discursivo	1. forma verbal isolada ou primeira de uma série de 3PP	599/953	354/953	62.9%	37.1%	.359
	2. forma verbal isolada ou primeira de uma série de 1PP	458/474	16/474	96.6%	3.4%	.766
	3. forma verbal com desinência de 3PP em oração anterior	25/32	7/32	78.1%	21.9%	.541

5. forma verbal com desinência de 1PP em oração anterior	3/4	1/4	75%	25%	.427
--	-----	-----	-----	-----	------

Fonte: Autora deste trabalho

Gráfico 5 - Frequência das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável paralelismo linguístico de nível discursivo



Fonte: Autora deste trabalho

Pelos dados apresentados, pudemos verificar que a nossa hipótese foi, parcialmente, confirmada, já que a 1PP se deu, significativamente, pelo uso de *a gente*, conforme já explicitado, o que favoreceu a marcação de plural no verbo.

Com .766 e 96.6%, a forma verbal isolada ou primeira de uma série em 1PP obteve um peso relativo bem mais elevado que os outros fatores (cf. (10) a (12)), tendo em vista que há grande ocorrência da forma pronominal *a gente* nesse contexto, como podemos ilustrar nos exemplos abaixo:

(10) a gente **vai** muito pra granja da minha tia (I26f153)

(11) a gente só **debate** mesmo em sala de aula (I24f143)

(12) a gente se **dá** muito bem (I18f153)

Retomando Rubio (2012), é importante relativizarmos esse resultado, para que não cheguemos a conclusões enviesadas. O contexto *forma verbal isolada ou primeira de uma série em 1PP*, com .766 de peso relativo, apontou quase categoricamente para a aplicação de verbo em 3PS junto da forma pronominal *a*

gente. Precisamos reforçar que são contextos em que a forma *a gente* aparece explícita na oração, conseqüentemente favorecendo essa situação.

Por outro lado, a *forma verbal isolada ou primeira de uma série de 3PP*, com .359 de peso relativo, foi o fator que atuou mais negativamente na aplicação da regra de CV.

Por acreditarmos que o índices de escolarização diferentes podem conduzir a diferentes frequências de CV, realizamos o cruzamento entre o grupo de fatores paralelismo linguístico discursivo e o grupo de fatores escolaridade, como podemos ver na tabela 22.

Tabela 22 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis paralelismo linguístico discursivo e escolaridade

escolaridade	forma verbal isolada ou primeira de uma série (3PP)	forma verbal isolada ou primeira de uma série (nós e a gente)	forma verbal com desinência de 3PP do plural em oração anterior	forma verbal com desinência de 1PP em oração anterior
6º ano do ensino fundamental II	173/316=55%	143/151=95%	11/16=69%	-----
9º ano do ensino fundamental II	202/310=65%	189/195=97%	6/7=86%	3/4=75%
3º ano do ensino médio	224/327=69%	126/128=98%	8/9=89%	-----
Total	599/953=63%	458/474=97%	25/32=78%	3/4=75%

Fonte: Autora deste trabalho

Percebemos, pelos resultados do cruzamento, uma estreita relação entre as duas variáveis. Partindo dos níveis mais baixos para os níveis mais altos de escolarização, constatamos, repetidamente, que a *forma verbal isolada ou primeira de uma série (nós e a gente)* foi categoricamente a variante mais favorecedora da marcação da CV²⁶ nos três graus de escolaridade (respectivamente, 95%, 97% e 98%).

Por outro lado, a *forma verbal isolada ou primeira de uma série (3PP)* manteve um aumento gradual de índices percentuais (55%,65%,69%.), mas ainda, assim, abaixo da análise geral (74.4%).

Já a *forma verbal com desinência de 3PP do plural em oração anterior* apresentou um crescimento na marcação de CV de 20% do 6º ano (69%) para o 3º

²⁶ Como já anunciado, nossos dados de fala só apresentaram três frases com o uso do pronome *nós*.

ano (89%). Esse resultado aponta para uma maior sensibilidade desse fator com o avanço da escolaridade.

Da mesma forma que Rubio (2008), optamos por realizar o cruzamento do paralelismo linguístico discursivo com a saliência fônica, uma vez que buscamos comprovar a relevância de ambos os fatores na explicação da variação da CV, seja com índices amplamente acima da média ou não. Na tabela 23, visualizamos os resultados percentuais desse cruzamento.

Tabela 23 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis paralelismo linguístico discursivo e saliência fônica

saliência fônica	forma verbal isolada ou primeira de uma série (nós e a gente)	forma verbal isolada ou primeira de uma série (3PP)	forma verbal com desinência de 3PP em oração anterior	forma verbal com desinência de 1PP em oração anterior
mínima	254/465=55%	227/231=98%	8/11=73%	2/6=67%
média	225/339=66%	217/228=95%	11/13=85%	1/1=100%
máxima	120/149=81%	14/15=93%	6/8=75%	-----
Total	599/953=63%	458/474=97%	25/32=78%	3/4=75%

Fonte: Autora deste trabalho

A partir da interpretação da tabela 23, podemos dizer que os índices de pluralização dos verbos foram favorecidos pela *forma verbal isolada ou primeira de uma série (3PP)*, pois todos os percentuais ficaram acima da média geral de CV (74.4%) para esse fator nos três níveis de saliência (mínima - 98%, média - 95%, máxima - 93%). Os índices não sofreram maiores alterações, mas houve uma inversão da *saliência fônica* com a *forma verbal isolada ou primeira de uma série (3PP)*, a saliência mínima, com 98%, obteve maior sensibilidade para [+conc] e a máxima, com 93%, menos sensibilidade.

Na categoria *forma verbal com desinência de 3PP em oração anterior* com a *saliência fônica* não houve um crescimento gradual (respectivamente, 73% para mínima, 85%, para média e 75% para máxima).

Não podemos deixar de registrar o crescimento gradativo da saliência fônica na categoria *forma verbal isolada ou primeira de uma série (nós e a gente)*, partindo de menor saliência para a de maior saliência (respectivamente, 55% - mínima, 66% - média, 81% - máxima), mostrando-se ser esse cruzamento esclarecedor para o entendimento da aplicação da regra de CV.

6.2.5 Definitude e especificidade do sujeito

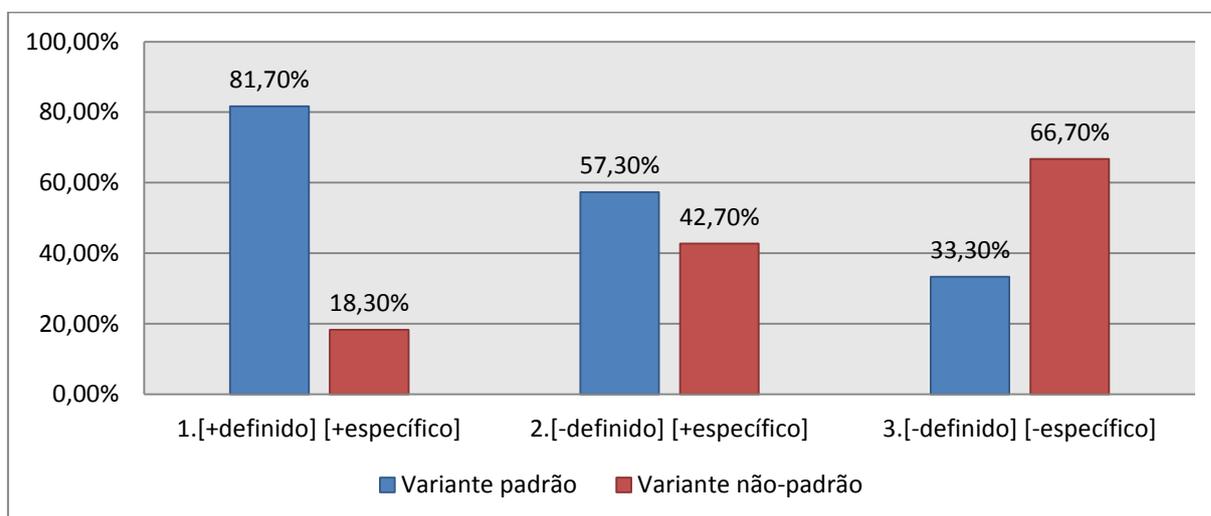
Na tabela 24 e no gráfico 6, estão expostos os resultados obtidos para o grupo de fatores *Definitude e especificidade do sujeito*, que foi selecionado em quinto lugar pelo programa Goldvarb X.

Tabela 24 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável definitude e especificidade do sujeito

Variável	Fator	Ocorrência		Percentual		Peso
		Variante padrão	Variante não-padrão	Variante padrão	Variante não-padrão	
Definitude e especificidade do sujeito	1.[+definido] [+específico]	876/1072	196/1072	81.7%	18.3%	.518
	2.[-definido] [+específico]	238/415	177/415	57.3%	42.7%	.466
	3.[-definido] [-específico]	6/18	12/18	33.3%	66.7%	.231

Fonte: Autora deste trabalho

Gráfico 6 - Frequência das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável definitude e especificidade do sujeito



Fonte: Autora deste trabalho

Confirmamos, parcialmente, a hipótese, uma vez que o fator [+definitude] [+específico], com .518 de peso relativo e 81.7% de frequência, embora indo na direção de [+conc], alcançou resultados muito próximo ao nível de neutralidade. Já o

fator [-definido] e [-específico], com .231 e 33.3%, foi o que menos preservou as marcas de plural nos verbos.

Por exigirem que seus referentes discursivos sejam ligados a referentes discursivos previamente estabelecidos (condição de ligação), os sintagmas [+definidos] e [+específicos] possibilitaram a presença da concordância. Já, por não exigirem que seus referentes sejam ligados a referentes discursivos previamente estabelecidos, os sintagmas [-definidos] e [-específicos] desfavoreceram a CV.

Não podemos deixar de sinalizarmos ainda que o fator [+definido] [+específico], por estar a especificidade mais ligada à posição de tópico favorece o uso da variante padrão, especialmente, de 1PP. Por outro lado, o fator [-definido] e [+específico], parece estar mais ligado a 3PP, uma vez que a menor definitude favorece a não aplicação da regra de CV. Por fim, o fator [-definido] e [-específico] é o mais desfavorável à [+conc] por razões associadas, provavelmente, aos contextos de posposição de sujeito.

Destacamos que não encontramos pesquisas que realizaram cruzamentos com esse grupo de fatores *definitude e especificidade do sujeito*. Por julgarmos pertinente para o uso varável da CV, decidimos desenvolver o cruzamento desse grupo de fatores com *posição do sujeito, referência semântica de número do sujeito, tipo de verbo e animacidade do sujeito*, de acordo com a tabela 25.

Tabela 25 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis definitude e especificidade do sujeito e posição do sujeito

Posição do sujeito	[+definido] [+específico]	[-definido] [+específico]	[-definido] [-específico]
posição pré-verbal com núcleo distante de 3 a 10 sílabas do verbo	224/310=72%	96/186=52%	2/10=20%
posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo	646/748=86%	131/199=66%	4/8=50%
posição pré-verbal com núcleo distante mais de 10 sílabas do verbo	3/8=38%	11/23=48%	-----
posição pós-verbal com núcleo distante de 0 até 5 sílabas do verbo	2/4=50%	0/2=0%	-----
posição pós-verbal com núcleo distante mais de 5 sílabas do verbo	1/1=50%	0/1=0%	-----
Total	876/1072=82%	238/415=57%	6/18=33%

Fonte: Autora deste trabalho

Ao cruzarmos *definitude e especificidade do sujeito e posição do sujeito*, visivelmente percebemos que há uma certa relação de influência entre os fatores das variáveis, uma vez que, de forma geral, o fator posição pré-verbal (72%) e o fator [+definido] [+específico] (86%) foram favorecedores da aplicação da regra de CV. Por outro lado, o cruzamento da posição pós-verbal com o grupo de fatores *especificidade do sujeito*, com 50%, foi o mais desfavorecedor da regra de CV, confirmando nossa expectativa.

Realizamos, também, o cruzamento do grupo de fatores *definitude e especificidade do sujeito* com o grupo de fatores *referência semântica de número do sujeito*, conforme apresentado na tabela 26.

Tabela 26 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis definitude e especificidade do sujeito e referência semântica de número do sujeito

Referência semântica de número do sujeito	[+definido] [+específico]	[-definido] [+específico]	[-definido] [-específico]
Sujeito com referência de 3PP	357/532=67%	229/400=57%	3/14=21%
Sujeito com referência de número de 1PP	502/520=97%	4/8=50%	1/2=50%
DP pleno (singular) com leitura coletiva	17/20=85%	5/7=71%	2/2=100%
Total	876/1072=82%	238/415=57%	6/18=33%

Fonte: Autora deste trabalho

No que se refere aos traços de definitude, duas noções são cruciais para distinguir DP [+definido] de DP [-definido], respectivamente: a) condição de familiaridade e b) a condição de novidade. Baseando-se em Enç (1991), Silva (2004) assume que a primeira condição é satisfeita quando é estabelecida uma relação de identidade entre o DP e um dado referente já mencionado previamente no domínio do discurso, ao passo que a segunda condição só é satisfeita quando é introduzido um “novo” referente que não mantém ligação com um referente anteriormente mencionado no discurso.

Com base nos dois grupos de fatores aqui analisados, verificamos que se correlacionam. Com 97% de percentagem, o fator [+definido] [+específico] com o fator *sujeito com referência de número de 1PP* foi quase que categoricamente o que apresentou maiores índices percentuais. Por outro lado, com o *sujeito com*

referência de 3PP, apresentou apenas 67% de [+conc], comprovando a interferência negativa desse contexto na concordância, visto que a 3PP desfavorece a CV.

Julgamos também importante realizar o cruzamento entre o grupo de fatores *definitude e especificidade do sujeito* e o grupo de fatores *tipo de verbo*, conforme apresentamos na tabela 27.

Tabela 27 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis definitude e especificidade do sujeito e tipo de verbo

Tipo de verbo	[+definido] [+específico]	[-definido] [+específico]	[-definido] [-específico]
transitivo	411/519=79%	113/206=55%	3/7=43%
intransitivo	127/144=88%	27/55=49%	0/3=0%
cópula	147/175=84%	60/81=74%	3/4=75%
inacusativo	191/234=82%	38/73=52%	0/4=0%
Total	876/1072=82%	238/415=57%	6/18=33%

Fonte: Autora deste trabalho

Pelos resultados percentuais do cruzamento entre *definitude e especificidade* e *tipo de verbo*, constatamos que esses fatores foram sensíveis à marcação de CV. A partir dos resultados gerais de cada contexto, confirmamos nossa hipótese, o fator [+definido] [+específico] foi o ambiente que se mostrou mais favorecedor da variante padrão para os quatro tipos de verbo, com 82% de frequência; em contrapartida, os outros dois fatores, [-definido] [+específico] e [-definido] [-específico], foram menos favorecedores da marcação da concordância (57% e 33%, respectivamente).

Um dado que nos chamou a atenção foi o altíssimo índice de [+conc] do verbo inacusativo (monoargumentais), 82%, com o fator [+definido] [+específico], uma vez que os inacusativos, por apresentarem argumentos com características de temas, estão mais próximos de objetos diretos e, conseqüentemente, favorecendo o apagamento da CV. Como os verbos inacusativos apresentam a posição “sujeito” detematizada (vazia), não têm a capacidade de atribuir caso a seu argumento interno; ou seja, esses verbos não selecionam um argumento externo, mas apenas um argumento interno, ao qual não é atribuído caso acusativo (BURZIO, 1986). Logo, podemos dizer que o que está em “jogo” é a posição do sujeito. Se esse objeto é movido à posição de sujeito pré-verbal, desencadeia [+CV]; se permanece em posição pós-verbal, posição de objeto em que é gerado, desencadeia [-conc].

Por fim, realizamos cruzamento do grupo de fatores *definitude e especificidade* com o grupo de fatores *animacidade do sujeito*. Vejamos a tabela 28.

Tabela 28 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis definitude e especificidade do sujeito e animacidade do sujeito

animacidade do sujeito	[+definido] [+específico]	[-definido] [+específico]	[-definido] [-específico]
[+humano] [+animado]	866/1052=82%	217/359=60%	5/11=45%
[-humano] [+animado]	2/9=22%	14/34=41%	0/5=0%
[-humano] [-animado]	8/11=73%	7/22=32%	1/2=50%
Total	876/1072=82%	238/415=87%	6/18=33%

Fonte: Autora deste trabalho

Após o cruzamento da *definitude e especificidade do sujeito* com a *animacidade do sujeito*, podemos dizer que confirmamos nossa hipótese, visto que o cruzamento do fator [+definido] [+específico] com o fator o sujeito [+humano] [+animado] apresentou altos índices percentuais, 82%. Em seguida, o cruzamento do fator [-definido] [+específico] com o fator [+humano] [+animado] obteve 60% de frequência, e, por fim, o fator [-definido] [+específico] com o fator [+humano] [+animado], 45%.

Como já enunciado para a variável *paralelismo linguístico*, o predomínio do pronome *a gente* na fala desses adolescentes parece ser um indicador do alto índice de não pluralização no verbo, já que assume a primeira posição [+humano] [+animado] com [+definido] [+específico], apontando para uma forte relação da definitude e da especificidade com a animacidade no estudo do fenômeno linguístico variável da CV.

6.2.6 Sexo

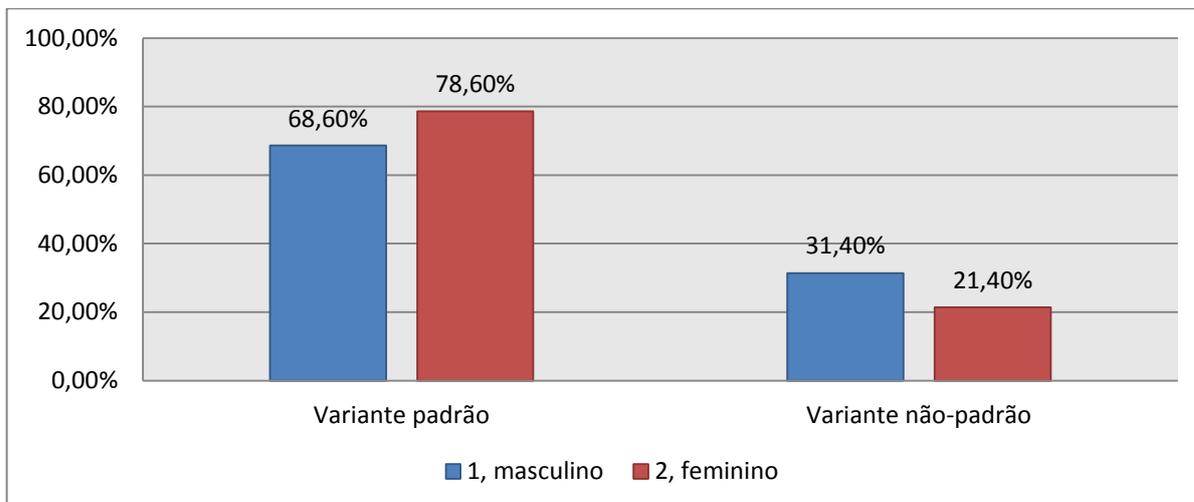
O sexto grupo de fatores selecionado como significativo pelo programa Goldvarb X foi o sexo. A tabela 29 e o gráfico 7 exibem os resultados de nossa amostra correspondentes aos sexos masculino e o feminino:

Tabela 29 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável sexo

Variável	Fator	Ocorrência		Percentual		Peso
		Variante padrão	Variante não-padrão	Variante padrão	Variante não-padrão	
Sexo	1. masculino	435/634	199/634	68.6%	31.4%	.436
	2. feminino	685/871	186/871	78.6%	21.4%	.547

Fonte: Autora deste trabalho

Gráfico 7 - Frequência das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável sexo



Fonte: Autora deste trabalho

Ao voltarmos nosso olhar para os percentuais, a diferença da vantagem que o sexo feminino (78,6%) apresentou para a realização da regra se comparada ao sexo masculino (68,60) foi de apenas 10 pontos percentuais. Os pesos relativos de ambos os sexos ficaram próximos da margem de neutralidade, .547 para o sexo feminino e .436 para o masculino, respectivamente.

Sabemos que nas comunidades urbanas ocidentais, há uma tendência de o sexo feminino usar mais a forma de prestígio do que o sexo masculino. Os estudos desenvolvidos por Scherre (1988) já apontavam para o fato de as mulheres serem mais usuárias da variante padrão. Nossos dados, confirmam as muitas pesquisas sociolinguísticas (Cf. SCHERRE; NARO, 1998, PEREIRA, 2004, GAMEIRO, 2005, 2009, MONTE, 2007, 2012, RUBIO, 2008, 2012, entre outras) que evidenciam a preferência feminina por essa variante.

Considerando os índices de percentual e pesos relativos apresentados pelos adolescentes de ambos os sexos, buscamos, mediante o cruzamento deste grupo de fator com o grupo de fator *escolaridade*, verificar se o comportamento das duas variáveis extralinguísticas permanecem semelhantes. Observemos a tabela 30.

Tabela 30 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis sexo e escolaridade

escolaridade	masculino	feminino
6º ano do ensino fundamental II	145/227=64%	195/275=71%
6º ano do ensino fundamental II	157/213=74%	263/324=81%
3º ano do ensino médio	133/194=69%	227/272=83%
Total	435/634=69%	685/871=79%

Fonte: Autora deste trabalho

Em geral, no cruzamento da tabela 30, à exceção do 9º ano do ensino fundamental II para o sexo masculino, houve um crescimento gradativo do grupo de fator sexo com o avanço dos três níveis de escolaridade (6º, 9º e 3º) para ambos os sexos. Nos três níveis de escolaridade pesquisados, as adolescentes aplicaram mais a variante padrão do que os adolescentes, confirmando nossa hipótese, e indo ao encontro da de Rubio (2006). Dessa forma, as duas forças sexo e escolaridade atuam em conjunto, fazendo com que, ligeiramente, as frequências aumentem numa proporção maior do que para os adolescentes do sexo masculino.

Com o intuito de verificarmos se o sexo feminino apresenta maior índice de aplicação de plural nos verbos para os contextos em que há forma ou não de plural no último ou único elemento do SN-sujeito, realizamos o seguinte cruzamento apresentado na tabela 31.

Tabela 31 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis sexo e paralelismo linguístico oracional

paralelismo linguístico oracional	masculino	feminino
ausência da forma de plural zero no último elemento não inserido em um SPrep	246/342=72%	371/465=80%
presença da forma zero (plural ou singular) no último elemento inserido em um SPrep	7/16=44%	5/16=31%
presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento não inserido em um SPrep	145/224=65%	249/323=77%
presença de neutralização no último elemento, em razão de fonema semelhante inicial no verbo	35/49=71%	60/67=90%
Total	433/631=69%	685/871=79%

Fonte: Autora deste trabalho

Por meio do cruzamento dos grupos de fatores sexo e *paralelismo linguístico oracional*, verificamos que o comportamento de ambos os sexos permanece, parcialmente, semelhante.

Verificamos que as amostras do sexo feminino só não apresentaram maiores índices de aplicação que o masculino na *presença da forma zero (plural ou singular)*

no último elemento inserido em um SPrep (masculino – 44% e feminino – 31%). No geral, as adolescentes demonstraram mais sensibilidade ao princípio do paralelismo formal oracional do que os adolescentes, tomando por base os demais fatores *ausência da forma de plural zero no último elemento não inserido em um SPrep* (72% - masculino, 80% - feminino), *presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento não inserido em um SPrep* (65% - masculino, 77% - feminino) e *presença de neutralização no último elemento, em razão de fonema semelhante inicial no verbo* (71% - masculino, 90% - feminino)

Segue abaixo a tabela 32 referente ao cruzamento dos grupos de fatores sexo e o grupo de fatores *paralelismo linguístico discursivo*.

Tabela 32 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis sexo e paralelismo linguístico discursivo

paralelismo linguístico discursivo	masculino	feminino
forma verbal isolada ou primeira de uma série (3PP)	239/425=56%	360/528=68%
forma verbal isolada ou primeira de uma série (nós e a gente)	172/178=97%	286/296=97%
forma verbal com desinência de 3PP em oração anterior	9/12=75%	16/20=80%
forma verbal com desinência de 1PP em oração anterior	3/4=75%	-----
Total	424/623=68%	667/844=78%

Fonte: Autora deste trabalho

Observamos, no cruzamento acima, a estreita correlação entre os dois grupos de fatores considerados em razão dos importantes índices de percentual para ambos os sexos.

O fator que nos chamou atenção foi a *forma verbal isolada ou primeira de uma série (nós e a gente)*, pois tanto os adolescentes (97%) quanto as adolescentes (97%) foram quase categóricos na aplicação de CV. Isso mostra que o uso do pronome *a gente*, como já discutido no grupo de fatores *paralelismo linguístico discursivo* está sendo muito utilizado na fala dos adolescentes e favorecendo, dessa forma, a aplicação da regra de concordância. Após cruzar os dados, observamos que o uso sistemático desse pronome independe do sexo.

Por fim, realizamos o cruzamento entre as variáveis sexo e explicitude do sujeito, conforme tabela 33.

Tabela 33 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis sexo e explicitude do sujeito

Explicitude do sujeito	masculino	feminino
sujeito pleno (oração independente)	334/470=71%	504/649=78%
sujeito pleno (oração matriz)	12/19=63%	24/27=89%
sujeito pleno (oração subordinada adverbial)	13/23=57%	21/24=88%
sujeito pleno em contexto de relativa	19/45=42%	41/55=75%
Sujeito nulo (oração subordinada adverbial)	0/1=0%	4/5=80%
sujeito nulo (oração independente)	52/66=79%	82/101=81%
sujeito pleno (oração encaixada)	2/5=40%	1/2=50%
sujeito nulo (oração encaixada)	1/3=33%	3/3=100%
Total	433/632=69%	680/866=79%

Fonte: Autora deste trabalho

Ao analisarmos o cruzamento acima, destacamos que o sexo feminino apresentou maiores índices percentuais do que o masculino para todos os fatores do grupo *explicitude do sujeito*. O contexto do *sujeito pleno em contexto de relativa* com o sexo apresentou índices percentuais bem distintos entre os sexos (respectivamente, 75% - feminino e 42% - masculino); assim como, o contexto do *sujeito pleno (oração subordinada adverbial)* com o sexo (respectivamente, 88% - feminino e 57% - masculino). Efetivamente, esse cruzamento nos mostra serem as adolescentes mais sensíveis a aplicabilidade da CV do que os adolescentes.

6.2.7 Animacidade do sujeito

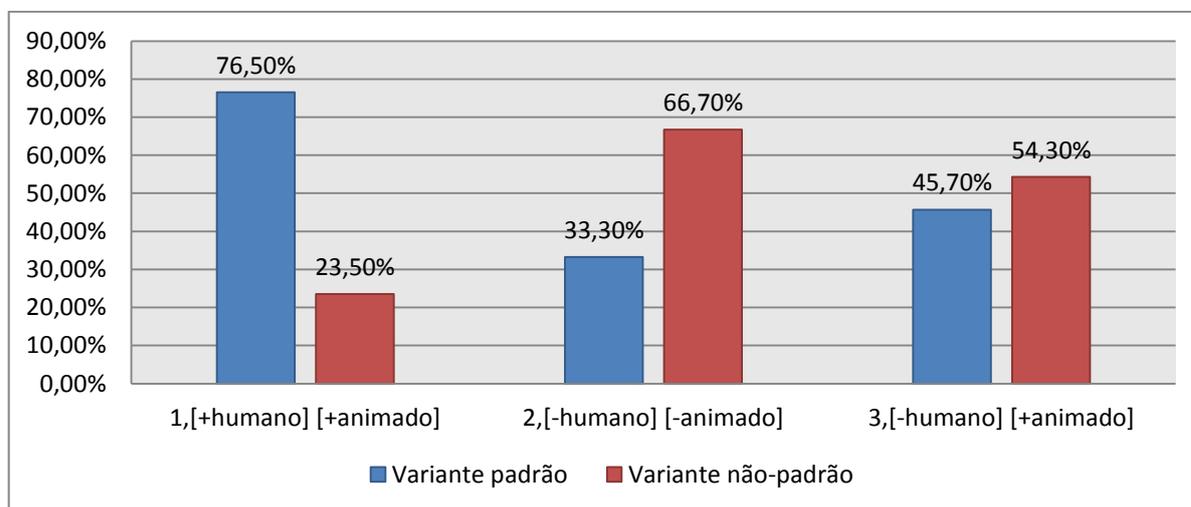
Na variável *animacidade do sujeito*, sétima variável significativa pelo programa, partimos do pressuposto de que sujeitos com traço [+humano] contribuem para a aplicação da CV e sujeitos com traço [-humano], sejam eles animados ou inanimados, favorecem o uso da variante não-padrão. A partir dos resultados apresentados, confirmamos nossa hipótese e resultados de pesquisas já realizadas com amostras do PB em diversos estados (Cf. SCHERRE; NARO, 1998, MONGUILHOTT, 2001, 2009, SILVA, 2003, PEREIRA, 2004, MONTE, 2012 e RUBIO, 2012) também vão na mesma direção. Na tabela 34 e no gráfico 8, a seguir, os fatores [-humano] [-animado] e [-humano] [+animado] desfavoreceram o uso da variante padrão.

Tabela 34 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável animacidade do sujeito

Variável	Fator	Ocorrência		Percentual		Peso
		Variante padrão	Variante não-padrão	Variante padrão	Variante não-padrão	
Animacidade do sujeito	1.[+humano] [+animado]	1088/1422	334/1422	76.5%	23.5%	.512
	2.[-humano] [-animado]	16/48	32/48	33.3%	66.7%	.274
	3.[-humano] [+animado]	16/35	19/35	45.7%	54.3%	.341

Fonte: Autora deste trabalho

Gráfico 8 - Frequência das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável animacidade do sujeito



Fonte: Autora deste trabalho

Para Scherre e Naro (1998), na língua falada, sujeito [+humano] controla a concordância explícita de plural de forma mais acentuada do que sujeito com traço [-humano], visto que, no PB, um verbo com sujeito [+humano] plural apresenta maior probabilidade de concordar com seu sujeito do que um verbo com um sujeito [-humano]. Dessa forma, a hipótese é de que o traço [+humano] do sujeito favoreça a presença de aplicação de regra de CV, enquanto o traço [-humano] desfavoreça-a.

Controlamos esse grupo de fatores da mesma maneira que foi controlado por Monte (2012) e Rubio (2008). Para Monte (2012), sua hipótese foi, parcialmente, confirmada, pois, houve a influência do traço [+humano] em seus resultados, favorecendo a aplicação da regra de CV e o traço [-humano], inibindo a CV; no entanto, para os contextos com sujeito/SN [-humano] [+animada], o cancelamento da marca de plural foi categórico. Para Rubio (2012), os sujeitos que codificam

referentes humanos tenderam a influenciar positivamente a variante padrão e em contextos em que figuram sujeitos inanimados tenderam a ser contextos em que há o refreamento da CV.

Nossos dados revelaram .512 de peso relativo para o fator [+humano] [+animado], 341 de peso relativo para o fator [-humano/+animado] e .274 para o fator [-humano/-animado]. Ao calcularmos a diferença entre o peso relativo mais alto (.512) e o mais baixo (.274) de nossos dados, vislumbramos um diferencial de .238. Isso mostra que nossos resultados foram bem semelhantes aos das pesquisas de Rubio (2012) e Monte (2012), ao alcançarem .272 e .260, respectivamente, de diferença entre esses pesos relativos.

Nossos resultados seguem a mesma direção dos referidos pesquisadores, uma vez que, nossos achados, em contextos com [+humano/+animado], se destacaram por favorecer a marca de plural nos verbos. Logo, acompanhamos Scherre e Naro (1998), já que, na língua falada, o sujeito [+humano] controlou a concordância explícita de plural de forma mais acentuada do que sujeito com traço [-humano]. Ainda assim, podemos afirmar que os sujeitos de traço [+humano] favorecem o emprego de verbos em 3PP e sujeitos de traço [-humano] favorecem o uso de verbo sem 3PS.

Realizamos o cruzamento das variáveis *animacidade do sujeito* e *posição do sujeito*, a fim de verificarmos verificarmos sua atuação para a aplicação da regra de CV. Vejamos a tabela 35.

Tabela 35 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis animacidade do sujeito e posição do sujeito

posição do sujeito	[+humano] [+animado]	[-humano] [+animado]	[-humano] [-animado]
posição pré-verbal com núcleo distante de 3 a 10 sílabas do verbo	306/458=67%	7/31=23%	9/17=53%
posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo	767/927=83%	7/11=64%	7/17=41%
posição pré-verbal com núcleo distante mais de 10 sílabas do verbo	12/27=44%	2/4=50%	-----
posição pós-verbal com núcleo distante de 0 até 5 sílabas do verbo	2/8=25%	-----	0/1=0%
posição pós-verbal com núcleo distante mais de 5 sílabas do verbo	1/2=50%	0/2=0%	-----
Total	1088/1120=77%	16/48=33%	16/35=46%

Fonte: Autora deste trabalho

Como hipotetizado, no cruzamento da *posição do sujeito com a animacidade do sujeito*, vemos que houve maiores chances de aplicação de concordância com [+humano] [+animado]. No entanto, temos de considerar que houve poucas ocorrências em alguns contextos dessa categoria, como *posição pós-verbal com núcleo distante de 0 até 5 sílabas do verbo* (2 ocorrências) e *posição pós-verbal com núcleo distante mais de 5 sílabas do verbo* (1 ocorrência).

Monguilhot (2001), também fez um cruzamento entre o grupo de fatores ordem do sujeito e traço humano e constatou a hierarquia entre eles: embora o traço [-humano] não favoreça a frequência e a probabilidade de concordância, a posposição do sujeito é que favorece, em maior grau, a não concordância para os dois grupos de fatores.

Sobre o fator [+humano] [+animado] e sujeito anteposto com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo, encontramos um índice percentual de concordância maior (83%) do que quando o fator [+humano] [+animado] vem posposto ao verbo (25%).

O fator [-humano] [+animado] e o fator [-humano] [-animado] apresentaram um comportamento desfavorecedor com sujeito anteposto ao verbo (23%, 64% e 50%, respectivamente e 53% e 41%, respectivamente). Pelos resultados, podemos dizer que o que está em discussão não é a animacidade mais o fato de não ser humano. Como o sujeito [-humano] é inibidor da variante padrão, a influência desse traço favoreceu o apagamento da aplicação da regra de CV, indo ao encontro do que afirma Rubio (2012).

Na tabela 36, segue o cruzamento da variável animacidade do sujeito com explicitude do sujeito.

Tabela 36 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis animacidade do sujeito e explicitude do sujeito

Explicitude do sujeito	[+humano] [+animado]	[-humano] [+animado]	[-humano] [-animado]
sujeito pleno (oração independente)	814/1056=77%	11/34=32%	13/29=45%
sujeito pleno (oração matriz)	32/42=76%	2/2=100%	2/2=100%
sujeito pleno (oração subordinada adverbial)	34/45=76%	0/1=0%	0/1=0%
sujeito pleno em contexto de relativa	57/89=64%	2/8=25%	1/3=33%
Sujeito nulo (oração subordinada adverbial)	4/6=67%	-----	-----
sujeito nulo (oração independente)	133/165=81%	1/2=50%	-----
sujeito pleno (oração encaixada)	3/6=50%	0/1=0%	-----
sujeito nulo (oração encaixada)	4/6=67%	-----	-----
Total	1081/1415=76%	16/48=33%	16/35=46%

Fonte: Autora deste trabalho

Ao cruzamos essas duas variáveis, destacamos, mais uma vez, o fator [+humano] [+animado], por apresentar maior representatividade de ocorrências, com o sujeito pleno (oração independente), 77%, o sujeito pleno (oração matriz), 76%, o sujeito pleno (oração subordinada adverbial), 76%, e o sujeito nulo (oração independente), 81% e verificamos que nesses fatores os índices percentuais ficaram acima da média geral (74.4%), mostrando-se sensíveis à aplicação da regra de CV. Pelos resultados apresentados na tabela 36, seguimos a hierarquia de referencialidade de Kato, Duarte e Cyrino (2000), para defender que quanto [-humano] [-animado], maior a possibilidade de o sujeito ser nulo. Ou seja, elementos com traço [+humano] ocuparam o ponto mais alto da hierarquia, enquanto elementos não argumentais ocuparam o ponto mais baixo. Assim, os pronomes de primeira pessoa, inerentemente humanos, se encontram no ponto mais alto, enquanto a terceira pessoa, que pôde exibir o traço [+/-animado], [+/-específico] ficou num ponto mais abaixo.

6.2.8 Escolaridade

A escolaridade, oitava variável significativa, compõe um dos grupos de fatores importantes que podem condicionar ou influenciar a aplicação da regra de CV. Embora os resultados dos pesos dos 6º ano, 9º ano e 3º ano tenham se mostrado bem equilibrados, atestamos, parcialmente, nossa hipótese. O 3º ano, ao obter .568 de peso relativo, apresentou um resultado levemente mais condicionante ao isso da variante padrão. A tabela 37 e o gráfico 9 que se seguem nos mostram de modo evidente os resultados.

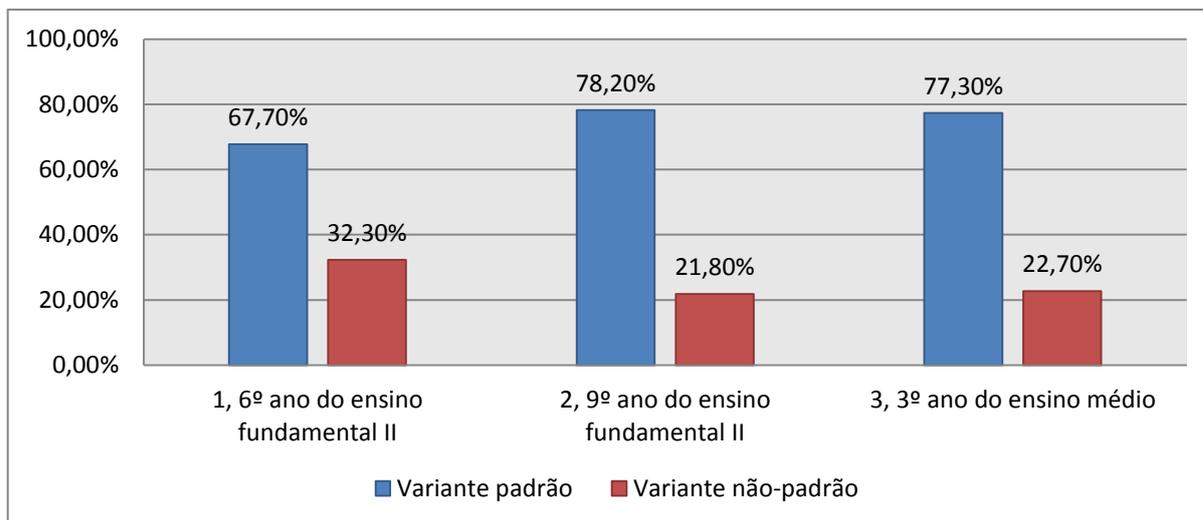
Tabela 37 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável escolaridade

Variável	Fator	Ocorrência		Percentual		Peso
		Variante padrão	Variante não-padrão	Variante padrão	Variante não-padrão	
Escolaridade	1. 6º ano do ensino fundamental II	340/502	162/502	67.7%	32.3%	.406
	2. 9º ano do ensino fundamental II	420/537	117/537	78.2%	21.8%	.529

	3. 3º ano do ensino médio	360/466	106/466	77.3%	22.7%	.568
--	---------------------------	---------	---------	-------	-------	------

Fonte: Autora deste trabalho

Gráfico 9 - Frequência das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável escolaridade



Fonte: Autora desta pesquisa

Esses dados reafirmaram os resultados de outros autores, como Rodrigues (1997), Scherre e Naro (1997), Monguilhott (2001, 2007), que confirmam ser o maior grau de escolaridade favorecedor do uso da variante padrão.

Os resultados apontam que nossos informantes, de acordo com o nível de escolaridade, apresentaram um discreto crescimento gradativo do peso relativo (respectivamente, .406/6º ano, .529/9º ano e .568/3º ano), como já apresentado na tabela 37.

Segundo Rodrigues (1987), para a escola, a variante padrão é reconhecida, dentre outras regras, a partir da realização do padrão culto da língua e os alunos têm a propensão a assimilar a regra até o fim do ensino médio. No entanto, como podemos observar nos nossos resultados, os índices apresentados para o 6º ano e 9º ano obtiveram uma diferença de 10 pontos percentuais, mas do 9º ano para o 3º ano a diferença foi de menos 1 ponto percentual. Ou seja, praticamente, não atingimos esse salto no índice de CV nos informantes de nível de fim do ensino médio, conforme esperado.

6.2.9 Posição do sujeito em relação ao verbo

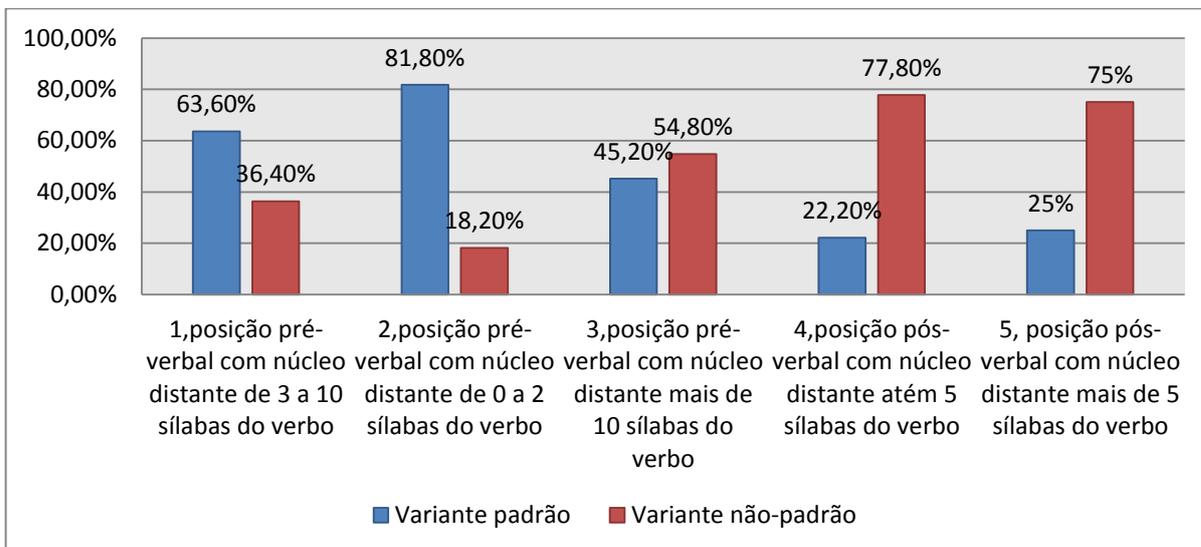
A posição do sujeito em relação ao verbo foi a nova variável significativa, ou seja, último grupo de fatores selecionado pelo Goldvarb X. Podemos observar, através da tabela 38 e do gráfico 10, que a probabilidade de aplicação da regra de concordância foi maior quando o sujeito estava anteposto ao verbo com *núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo*, com 81.8% de frequência e .529 de peso relativo, distanciando-se significativamente da posposição do sujeito com *núcleo distante de até 5 sílabas do verbo*, com 22.2% de frequência e .036 de peso relativo. Foi uma diferença de 59.6% pontos percentuais e de .493 entre os fatores em termos de peso relativo, como revelado a seguir:

Tabela 38 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável posição do sujeito em relação ao verbo

Variável	Fator	Ocorrência		Percentual		Peso
		Variante padrão	Variante não-padrão	Variante padrão	Variante não-padrão	
Posição do sujeito em relação ao verbo	1. posição pré-verbal com núcleo distante de 3 a 10 sílabas do verbo	322/506	184/506	63.6%	36.4%	.469
	2. posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo	781/955	174/955	81.8%	18.2%	.529
	3. posição pré-verbal com núcleo distante mais de 10 sílabas do verbo	14/31	17/31	45.2%	54.8%	.432
	4. posição pós-verbal com núcleo distante até 5 sílabas do verbo	2/9	/9	22.2%	77.8%	.036
	5. posição pós-verbal com núcleo distante mais de 5 sílabas do verbo	1/4	3/4	25%	75%	.081

Fonte: Autora deste trabalho

Gráfico 10 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável posição do sujeito em relação ao verbo



Fonte: Autora deste trabalho

Sabemos que essa variável tem se mostrado pertinente em estudos sobre a CV, pois, em contextos em que o sujeito está diretamente adjacente e anteposto ao verbo, existe uma maior probabilidade de aplicação da CV. (Cf. LEMLE; NARO, 1977, RODRIGUES, 1997, SCHERRE; NARO, 1997, MONGUILHOTT, 2001, 2008, RUBIO, 2012 e BRANDÃO; VIEIRA, 2012).

Conferindo com os resultados apresentados por Rubio (2008), de que a aplicação de CV foi maior nos casos em que o sujeito se antepõe ao verbo e em contexto de menor distanciamento de um em relação ao outro e menor nos casos de sujeito pós-verbal, nossos dados, também, demonstraram que sujeitos distantes de seus verbos ou sujeitos em posição pós-verbal distantes ou não do verbo tendem a enfraquecer a CV. Dessa forma, nossa pesquisa também indicou que o sujeito passa a ser interpretado como objeto pelo falante quando posposto ao verbo, o que tende à não aplicação da regra de CV.

Os exemplos (de 13 a 26) ilustram, por exemplo, a ausência de concordância verbal na amostra com a posposição do sujeito/SN:

(13) **nasceu** dez coelhinho (I10f256)

(14) **foi** eu e mais cinco amigo pro parque da jaqueira (I16f246)

(15) **chegou** dois cara(I16f246)

(16) **morreu** os dois junto lá (I19f249)

- (17) **chega** umas pessoa lá (I19f249)
 (18) **vinha** três menino cheira cola(I19f249)
 (19) **ficou** eu e minha prima **conversano** (I20f259)
 (20) **morreu** os dois meu primo e meu tio (I20f259)
 (21) **veio** cinco caras em pé sem camisa (I21f259)
 (22) **aconteceu** vários caso de pessoas ser assaltada (I22f259)
 (23) **vai** dois policial **cuidá** delas (I36f249)
 (24) **tá ocorreno** casos de estrupo (I36f249)
 (25) **sumiu** todas as coisa do meu cabelo (I28f253)
 (26) **existe** divergências por causa das diferentes opiniões (I44f243)

Dessa forma, ao considerarmos o peso relativo dos fatores que interfeririam na CV de 1PP e 3PP, segundo a sua posição na frase, acompanhamos a afirmação de Zilles, Maya, Silva (2000) e Welchen (2009), respectivamente, ao anunciar que a maior ou menor presença de desinência no verbo depende da posição que o sujeito se apresenta em relação ao verbo.

Para o cruzamento do grupo de fatores *posição do sujeito* com o grupo de fatores *saliência fônica*, buscamos evidenciar se a atuação desse grupo interfere positivamente nos índices de CV, conforme tabela 39.

Tabela 39 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis posição do sujeito e saliência fônica

Saliência Fônica	posição pré-verbal com núcleo distante de 3 a 10 sílabas do verbo	posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo	posição pré-verbal com núcleo distante mais de 10 sílabas do verbo	posição pós-verbal com núcleo distante de 0 até 5 sílabas do verbo	posição pós-verbal com núcleo distante mais de 5 sílabas do verbo
mínima	142/239=59%	351/459=76%	6/19=32%	0/2=0%	0/3=0%
média	129/191=68%	340/399=85%	8/11=73%	2/7=29%	1/1=100%
máxima	51/76=67%	90/97=93%	0/1=0%	-----	-----
Total	322/506=64%	781/955=82%	14/31=45%	2/9=22%	1/4=25%

Fonte: Autora deste trabalho

Nesse cruzamento, verificamos, em quase em sua totalidade, o aumento na frequência de concordância obedecendo a hierarquia da escala da saliência fônica para a posição pré-verbal. Na posição pós-verbal, os índices foram desfavorecedores da aplicação da regra de CV (respectivamente, 0% e 29%),

confirmando a hipótese de que o SN-sujeito posposto apresenta características de objeto, dificultando a marcação da CV, indo ao encontro do que afirma Pontes (1986).

Trazemos, então, os resultados obtidos na *posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo* com a *saliência* mínima, 76%, média, 85%, e, *máxima*, 93%; na *posição pré-verbal com núcleo distante de 3 a 10 sílabas do verbo* com a *saliência* mínima, 59%, média, 68%, e *máxima*, 67% e na *posição pré-verbal com núcleo distante mais de 10 sílabas do verbo* com *saliência* fônica mínima, 32%, e média, 73%. O que podemos observar é que, independente do nível de *saliência* fônica, a *posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo* foi a mais sensível à aplicação da CV.

Como já mencionado em diversos trabalhos empíricos, como o de Naro e Scherre (1999), a probabilidade de aplicação da concordância é sempre maior nos casos em que o sujeito se antepõe ao verbo, especialmente, em contextos de menor distanciamento de um em relação ao outro, como observamos na tabela 39.

A seguir, realizamos, na tabela 40, o cruzamento do grupo de fator *posição do sujeito em relação ao verbo* com o grupo de fator *sexo*.

Tabela 40 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis *posição do sujeito em relação ao verbo* e *sexo*

sexo	posição pré-verbal com núcleo distante de 3 a 10 sílabas do verbo	posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo	posição pré-verbal com núcleo distante mais de 10 sílabas do verbo	posição pós-verbal com núcleo distante de 0 até 5 sílabas do verbo	posição pós-verbal com núcleo distante mais de 5 sílabas do verbo
masculino	135/231=58%	292/380=77%	7/19=37%	1/3=33%	0/1=0%
feminino	187/275=68%	489/575=85%	7/12=58%	1/6=17%	1/3=33%
total	322/506=64%	781/955=82%	14/31=45%	2/9=22%	1/4=25%

Fonte: Autora deste trabalho

Pelo cruzamento dos fatores representados na tabela 40, podemos dizer que os resultados percentuais do sexo feminino da pesquisa foram mais elevados nos contextos de sujeito anteposto ao verbo; mas, por outro lado, nos contextos de sujeitos pospostos ao verbo a situação se inverteu, já que os percentuais do sexo masculino foram mais elevados que os do feminino nesse contexto.

Retomando Rubio (2008), acreditamos que, por serem mais sensíveis ao significado social das variantes linguísticas, as adolescentes na situação pós-verbal

(17%) evitaram as formas menos prestigiadas em contextos de sujeito anteposto, tendendo à não aplicação da CV; porém, nos contextos de sujeito posposto, em que os sujeitos podem ser facilmente confundidos com objetos da sentença, apresentaram, com maior frequência, a não pluralização do verbo.

Com o intuito de seguirmos nossos resultados com os obtidos por Lemle e Naro (1977), Naro (1997) e Rubio (2008) de que a não aplicação da regra de CV com sujeitos na posição pós-verbal independe da escolaridade, realizamos o cruzamento do grupo de fatores *posição do sujeito em relação ao verbo* com o grupo de fatores *escolaridade*, de acordo com a tabela 41.

Tabela 41 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis posição do sujeito em relação ao verbo e escolaridade

Escolaridade	posição pré-verbal com núcleo distante de 3 a 10 sílabas do verbo	posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo	posição pré-verbal com núcleo distante mais de 10 sílabas do verbo	posição pós-verbal com núcleo distante de 0 até 5 sílabas do verbo	posição pós-verbal com núcleo distante mais de 5 sílabas do verbo
6º ano do ensino fundamental II	84/170=49%	251/326=77%	5/6=83%	-----	-----
9º ano do ensino fundamental II	108/156=69%	309/362=85%	1/11=9%	1/6=17%	1/2=50%
3º ano do ensino médio	130/180=72%	221/267=83%	8/14=57%	1/3=33%	0/2=0%
Total	322/506=64%	781/955=82%	14/31=45%	2/9=22%	1/4=25%

Fonte: Autora deste trabalho

Embora não tenhamos, no 6º ano, dados com sujeito posposto, nossos resultados dos 9º e 3º anos indicaram que a frequência de aplicação da variante padrão diminuiu, consideravelmente, quando o sujeito vem posposto ao verbo independente do nível de escolaridade do adolescente. Nos informantes do 9º ano, por exemplo, houve uma queda percentual de 85% da *posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo* para 17% quando a *posição é pós-verbal*. Para os do 3º, os percentuais saíram de 83% da *pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo* para 33% na pós-verbal. Observamos a grande atuação da estrutura linguística quando se trata de sujeito pós-verbal. Nesse contexto, a natureza do verbo também foi fundamental, uma vez que tratou-se em geral de verbos inacusativo em que há a interpretação do “sujeito superficial” como “objeto”.

6.3 VARIÁVEIS NÃO CONDICIONANTES POR ORDEM DE SIGNIFICÂNCIA

Embora as variáveis abaixo tenham se mostrado estatisticamente insignificante para a variação entre [+conc] e [-conc], optamos, da mesma forma que Brito (2013); Guy e Zilles (2007), por analisá-las. Acreditamos que os fatores linguísticos não selecionados podem revelar questões empíricas que possam ser discutidas por outros pesquisadores.

Desse modo, mesmo que as variáveis abaixo não tenham sido selecionadas pelo Goldvarb X, damos início à avaliação das hipóteses em questão, perguntando: o que os resultados dessas variáveis permitem afirmar acerca das hipóteses elencadas no capítulo 1.

6.3.1 Tempo e modo verbal

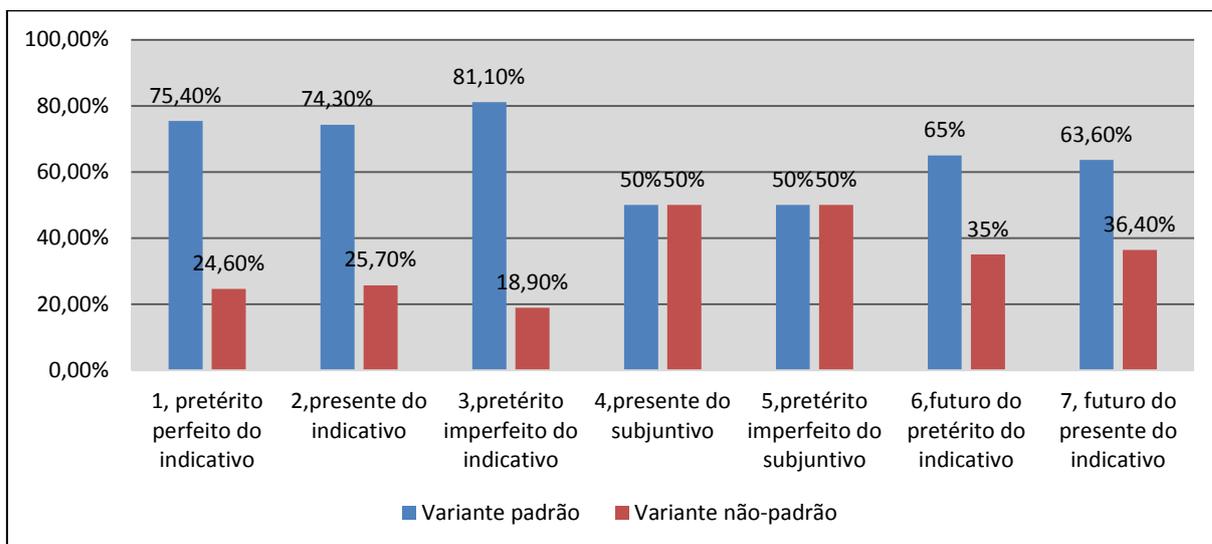
A variável tempo e modo verbal, no domínio do verbo, foi considerada a mais insignificante pelo programa estatístico. Ressaltamos que, como a concordância é expressa morfofoneticamente na flexão verbal, o domínio da variável *tempo e modo verbal* está diretamente relacionado à análise que empreendemos. Vejamos os resultados na tabela 42 e no gráfico 11 que seguem:

Tabela 42 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável tempo e modo verbal

Variável	Fator	Ocorrência		Percentual		Peso
		Variante padrão	Variante não-padrão	Variante padrão	Variante não-padrão	
Tempo e modo verbal	1. pretérito perfeito do indicativo	306/406	100/406	75.4%	24.6%	.458
	2. presente do indicativo	694/934	240/934	74.3%	25.7%	.506
	3. pretérito imperfeito do indicativo	86/106	20/106	81.1%	18.9%	.615
	5. presente do subjuntivo	5/10	5/10	50%	50%	.466
	6. pretérito imperfeito do subjuntivo	7/14	7/14	50%	50%	.453
	7. futuro do pretérito do indicativo	13/20	7/20	65%	35%	.562
	8. futuro do presente do indicativo	7/11	4/11	63.6%	36.4%	.320

Fonte: Autora deste trabalho

Gráfico 11 - Frequência das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável tempo e modo verbal



Fonte: Autora deste trabalho

A observação das frequências exibidas pelos contextos variáveis do *tempo* e *modo verbal* não contribuiu para a confirmação da não relevância desse grupo de fator para o uso da variante padrão na 1PP e na 3PP. Como se pode notar, os percentuais de cada fator apresentaram diferenças significativas entre si (81.1%-pretérito imperfeito do indicativo, 75.4%-pretérito perfeito do indicativo, 74.3%-presente do indicativo, 65%-futuro do pretérito do indicativo, 63.6%-futuro do presente do indicativo, 50%-presente do subjuntivo).

Destacamos que o *pretérito imperfeito do indicativo*, com 81,1% (27a e b), o *pretérito perfeito do indicativo*, com 75,4% (28a e b), e *presente do indicativo*, 74.3% (29a e b), alcançaram mais de 70% de [+conc].

Vejam os exemplos retirados do *corpus*:

a) pretérito imperfeito do indicativo

(27) a. vários disco voadores iam ate eles (l8f46)

b. eles chamava ele de cabelo de esponja (l4f46)

b) pretérito perfeito do indicativo

(28) a. eles se envolveu cum homi da droga (l2f46)

b. a gente botou o porquinho da índia (l2f46)

c) presente do indicativo

(29) a. eles pega a matéria (I3f46)

b. eles ficam tipo sem saber o que que aconteceu (I3f46)

Além disso, não podemos deixar de registrar que o uso de *a gente* no *pretérito perfeito*, no *presente* e no *pretérito imperfeito*, também, contribuiu para a preferência de uso da forma marcada. Segundo Omena (1986) e Lopes (1999) o *pretérito imperfeito* e o *presente*, por exemplo, tendem a favorecer o uso de *a gente*. Nesse sentido, acompanhando Vianna (2006), *a gente* estaria relacionado a tempos menos definidos, como o *presente* (que pode expressar ação presente, futura, tempo indefinido, atemporalidade e habitualidade) e o *pretérito imperfeito*, que denota ação passada inconclusa.

De uma forma geral, nossos resultados confirmaram que o crescente índice de CV está correlacionado ao aumento da saliência fônica oposicional das formas verbais do plural em relação às do singular.

Diante do resultado, optamos por realizar um cruzamento entre as variáveis *tempo e modo verbal* e *saliência fônica* com o intuito de verificarmos qual o percentual de maior produtividade do uso da variante padrão. Abaixo, segue a tabela 43 com os resultados do cruzamento.

Tabela 43 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP da fala, segundo o cruzamento entre as variáveis tempo e modo verbal e saliência fônica

saliência Fônica	pretérito perfeito do indicativo	presente do indicativo	pretérito imperfeito do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do pretérito do indicativo	futuro do presente do indicativo
Mínima	40/61= 66%	383/554= 69%	67/82= 82%	4/8= 50%	2/9= 22%	3/6= 50%	0/1= 0%
Média	260/338= 77%	177/214= 83%	18/23= 78%	1/2= 50%	5/5= 100%	10/14= 71%	7/10= 70%
Máxima	6/7= 86%	134/166= 81%	1/1= 100%	-----	----	-----	-----
Total	306/406= 75%	694/934= 74%	86/106= 81%	5/10= 50%	7/14= 50%	13/20= 65%	7/11= 64%

Fonte: Autora deste trabalho

Como observamos acima, na análise de dados da fala, praticamente todos os verbos da tabela 43 apresentaram resultados acima de 50% na saliência fônica

média. O *presente do indicativo*, com 81%, foi muito favorável à CV na saliência fônica máxima. O *pretérito imperfeito do indicativo*, 82%, na saliência mínima.

Os dados do cruzamento comprovam a tendência geral observada na língua falada. Conforme mais saliente for a diferença do material fônico entre o singular e o plural dos verbos, maior a probabilidade de eles apresentarem marcas formais de plural para concordar com seus respectivos sujeitos. Esses resultados ratificam diversos estudos que analisam a CV na língua falada (Cf. NARO; LEMLE, 1976, NARO, 1981, RODRIGUES, 1987, NARO; SCHERRE, 1999a; MONGUILHOTT, 2002, PEREIRA, 2004, GAMEIRO, 2005, 2009 e MONTE, 2007).

6.3.2 Tipo estrutural do sujeito

Embora incluído com frequência em estudos de concordância verbal na 1PP e 3PP, o fator *tipo estrutural do sujeito*, no domínio SN-sujeito, não se mostrou estatisticamente condicionante para o Goldvarb X. No entanto, do mesmo modo que Rubio (2012), julgamos esse grupo de fatores importante, visto que algumas estruturas que ocupam a função de sujeito podem influenciar negativa ou positivamente a aplicação da regra de CV. Há uma tendência, por exemplo, à variante não-padrão em orações que têm sujeitos compostos, quando o núcleo adjacente ao verbo se encontra no singular (31); em contrapartida, para sujeitos compostos que possuem o núcleo adjacente ao verbo (32), a expectativa é de que haja uma maior uso da variante padrão. Já, quando o sujeito é do tipo desinencial, cremos num elevado índice (79.9%) de aplicação da regra, pois, nesses casos, há um referente presente no período, para desfazer possíveis ambiguidades (33) e (34). Vejamos os percentuais de cada fator abaixo, como observamos na tabela 44 e gráfico 12.

(31) minha mãe, minha irmã, meu avô, minha avó **gosta** muito da gata (I12f256)

(32) minhas primas e meus primos **ficaram** com medo (I47f153)

(33) [meus amigos] **moram** em Olinda (I19f159)

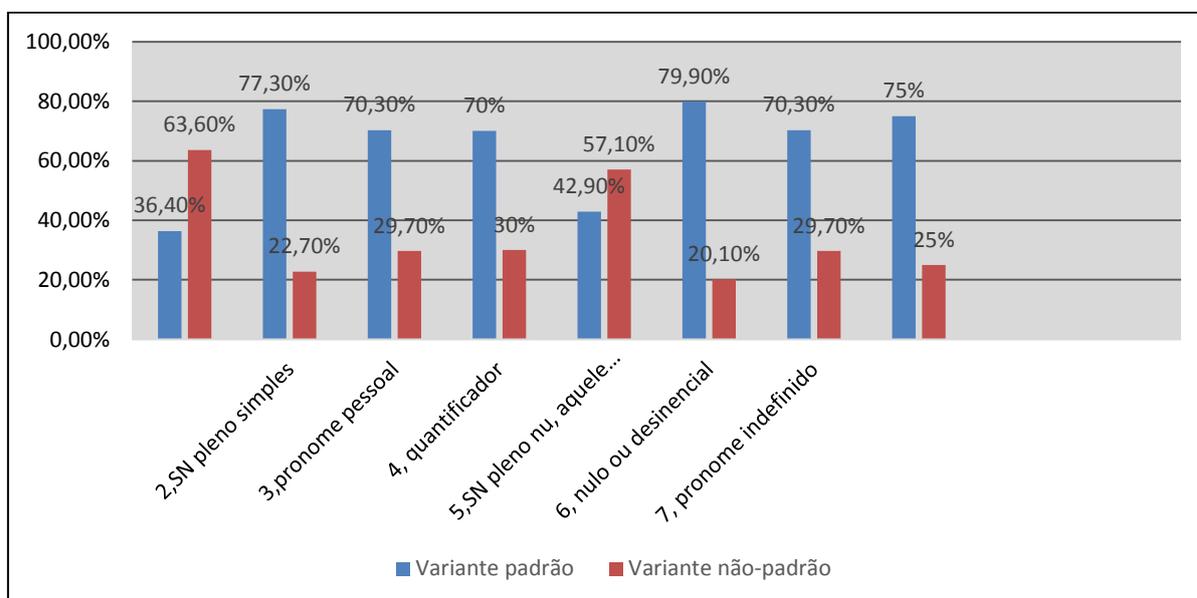
(34) [a gente] **jogou** com muita garra (I22f159)

Tabela 44 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável tipo estrutural do sujeito

Variável	Fator	Ocorrência		Percentual		Peso
		Variante padrão	Variante não-padrão	Variante padrão	Variante não-padrão	
Tipo estrutural do sujeito	1.SN pleno composto com núcleo adjacente no singular	4/11	7/11	36.4%	63.6%	.216
	2.SN pleno simples	632/818	186/818	77.3%	22.7%	.480
	3.pronome pessoal	239/340	101/340	71.3%	29.7%	.500
	4. quantificador	7/10	3/10	70%	30%	.563
	5.SN pleno nu, aquele desprovido de determinantes e modificadores restritivos	6/14	8/14	42.9%	57.1%	.312
	6. nulo ou desinencial	151/189	38/189	79.9%	21.1%	.545
	7. pronome indefinido	26/37	11/37	71.3%	29.7%	.555
	8.SN pleno composto com núcleo adjacente no plural	3/4	1/4	75%	25%	.420

Fonte: Autora deste trabalho

Gráfico 12 - Frequência das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável tipo estrutural do sujeito



Fonte: Autora deste trabalho

Os resultados dos índices percentuais ratificaram nossa hipótese, uma vez que o sujeito *nulo ou desinencial* (79.9%) e o *SN pleno simples* (77.3%) apresentaram percentagens maiores que nossa média geral de CV (74.4%),

confirmando a propensão à atuação na manifestação da CV. Destacamos, dessa forma, a discrepância considerável de quase 40 pontos percentuais de frequência entre a categoria que apresentou menos frequência (*SN pleno composto com núcleo adjacente no singular*, 36.4%) e a categoria com maior frequência de CV (*nulo ou desinencial*).

Não é demais chamarmos atenção para o baixo número de ocorrências de alguns fatores, como *SN pleno composto com núcleo adjacente no singular* (4 ocorrências), *quantificador* (7 ocorrências), *SN pleno nu, aquele desprovido de determinantes e modificadores restritivos* (6 ocorrências), *SN pleno composto com núcleo adjacente no plural* (3 ocorrências), o que sugere que os resultados apresentados para esses contextos sejam observados com ponderação.

Julgamos importante realizarmos o cruzamento do grupo de fator *tipo estrutural do sujeito* com o grupo de fator *saliência fônica*, a fim confirmarmos se algumas estruturas que ocupam a função de sujeito podem influenciar negativamente ou positivamente a aplicação da regra de CV. Seguem os resultados do cruzamento na tabela 45.

Tabela 45 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis tipo estrutural do sujeito e saliência fônica

Saliência fônica	SN pleno composto com núcleo adjacente no singular	SN pleno simples	pronome pessoal	Quantificador	SN pleno nu aquele desprovido de determinantes e modificadores restritivos	nulo ou desinencial	pronome indefinido	SN pleno composto com núcleo adjacente no plural
mínima	0/2= 0%	303/402= 75%	91/150= 61%	3/6= 50%	2/8= 25%	56/80= 70%	12/22= 55%	0/1= 0%
média	2/7= 29%	267/332= 80%	113/151= 75%	2/2= 100%	4/5= 80%	70/82= 85%	7/8= 88%	2/2= 100%
máxima	2/2= 100%	62/84= 74%	35/39= 90%	2/2= 100%	0/1= 0%	25/27= 93%	7/7= 100%	1/1= 100%
Total	4/11= 36%	632/818= 77%	239/340= 70%	7/10= 70%	6/14= 43%	151/189= 80%	26/37= 70%	3/4= 75%

Fonte: Autora deste trabalho

Os resultados desse cruzamento revelaram alguns usos categóricos em alguns contextos, como para o *SN pleno composto com núcleo adjacente no plural* (máxima - 100% em 2 ocorrências e mínima em 1 ocorrência), o *quantificador* (média e máxima - 100% - 2 ocorrências cada uma), o *pronome indefinido* (máxima - 100% - 7 ocorrências) e o *SN pleno composto com núcleo adjacente no singular* (máxima -

100% - 2 ocorrências). No entanto, os resultados apresentados para esses contextos devem ser observados com moderação, já que neles houve um baixo número de ocorrências

Para a saliência média e máxima, o *pronome pessoal* (75% e 90%) exibiu frequências mais elevadas do que a média da amostra (74.4%), no entanto, para a mínima (61%), foi menor. Por fim, o *SN pleno simples* manteve as três saliências no nível alto de marcação da CV (respectivamente, 75%-mínima, 80%-média e 74%-máxima)

Segundo Rubio (2012), justificamos a maior propensão à pluralização verbal para o fator sujeito do tipo *nulo ou desinencial* (respectivamente, 70%-mínima, 85%-média e 93% máxima), devido à falta de referente explícito nos sujeitos. No caso da terceira pessoa, o referente nesse caso é dado antes pelo discurso, mas, quando se tem “**comemos**”, por exemplo, o referente não é dado antes, mas é identificado pela própria flexão. Por isso, a aplicação da regra de CV, quando o sujeito nulo vai depender das pessoas do paradigma, do tipo de pronome pessoal.

A seguir, na tabela 46, podemos ver o cruzamento da variável *tipo estrutural do sujeito* com a *explicitude do sujeito*.

Tabela 46 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis tipo estrutural do sujeito e explicitude do sujeito

Explicitude do sujeito	SN pleno composto com núcleo adjacente no singular	SN pleno simples	pronome pessoal	Quantificador	SN pleno nu, aquele desprovido determinantes e modificadores restritivos	nulo ou desinencial	pronome indefinido	SN pleno composto com núcleo adjacente no plural
sujeito pleno (oração independente)	4/10= 40%	570/737= 77%	191/269= 71%	7/9= 78%	5/11= 45%	34/42= 81%	21/30= 70%	3/4= 75%
sujeito pleno (oração matriz)	-----	22/25= 88%	10/15= 67%	-----	-----	3/3= 100%	1/3= 33%	-----
sujeito pleno (oração subordinada adverbial)	0/1= 0%	22/27= 81%	11/18= 61%	-----	-----	1/1= 100%	-----	-----
sujeito pleno em contexto de relativa	-----	7/15= 47%	1/5= 20%	-----	-----	2/4= 50%	3/3= 100%	-----

Sujeito nulo (oração subordinada adverbial)	----	1/1= 100%	0/1= 0%	----	1/1= 100%	2/3= 67%	----	----
sujeito nulo (oração independente)	----	6/7= 86%	26/29= 90%	0/1= 0%	0/1= 0%	101/128= 79%	----	----
sujeito pleno (oração encaixada)	----	2/4= 50%	0/1= 0%	----	0/1= 0%	----	1/1= 100%	----
sujeito nulo (oração encaixada)	----	----	0/1= 0%	----	----	1/1= 100%	----	----
Total	4/11= 36%	630/816= 77%	239/340= 70%	7/10= 70%	6/14= 43%	146/184= 79%	26/37= 70%	3/4= 75%

Fonte: Autora deste trabalho

Fazendo um recorte do cruzamento acima, evidenciamos os índices percentuais do *sujeito pleno (oração independente)* com *SN pleno simples*, 77%, *quantificador*, 78% e *nulo ou desinencial*, 81%; assim como, os índices percentuais do *sujeito nulo (oração independente)* com *pronome pessoal*, 90% e *nulo ou desinencial*, 79%. Todos eles apresentaram resultados acima da média geral da amostra (74.4%), contribuindo, dessa forma, para o uso da variante padrão.

6.3.3 Explicitude do sujeito

A variável *explicitude do sujeito*, no domínio SN – sujeito e verbo, também se mostrou estatisticamente insignificante para o Goldvarb X, mas, por apresentar uma importante relação entre sujeito e verbo no domínio SN, propomos esse controle por entendermos que alguns tipos de sujeitos seriam mais favorecedores da aplicação de marcas de 1PP e 3PP nos verbos que outros. Abaixo, segue a tabela 47 e o gráfico 13 com os resultados para esse grupo de fator.

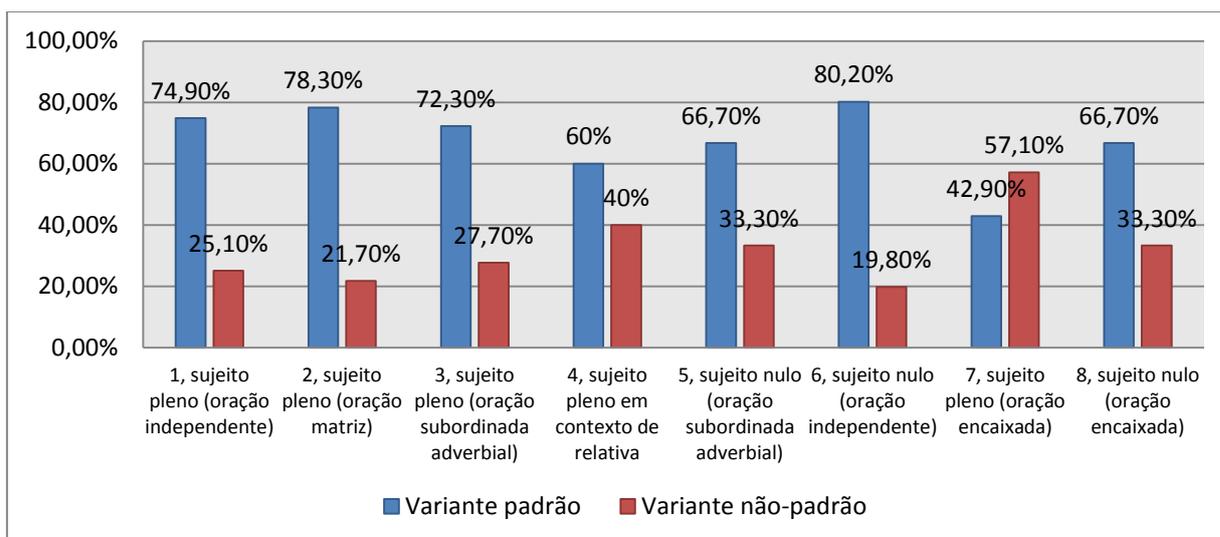
Tabela 47 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a explicitude do sujeito

Variável	Fator	Ocorrência		Percentual		Peso
		Variante padrão	Variante não-padrão	Variante padrão	Variante não-padrão	
Explicitude do sujeito	1. sujeito pleno (oração independente)	838/1119	281/1119	74.9%	25.1%	.509
	2. sujeito pleno (oração matriz)	36/46	10/46	78.3%	21.7%	.530

3. sujeito pleno (oração subordinada adverbial)	34/47	13/47	72.3%	27.7%	.457
4. sujeito pleno em contexto de relativa	60/100	40/100	60%	40%	.340
5. sujeito nulo (oração subordinada adverbial)	4/6	2/6	66.7%	33.3%	.237
6. sujeito nulo (oração independente)	134/167	33/167	8.2%	19.8%	.575
7. sujeito pleno (oração encaixada)	3/7	4/7	42.9%	57.1%	.174
8. sujeito nulo (oração encaixada)	4/6	2/6	66.7%	33.3%	.371

Fonte: Autora deste trabalho

Gráfico 13 - Peso relativo da variante padrão da fala, segundo a explicitude do sujeito



Fonte: Autora deste trabalho

Assim como Rubio (2012), o controle da explicitude do sujeito foi proposto, baseado na premissa de que sujeitos desinenciais ou ocultos apresentam maior frequência de verbos com marcas de 1PP e 3PP, em virtude de serem essas marcas não redundantes, dado que não há, nessas situações, a presença formal de sujeito (Cf. BORTONI-RICARDO, 1985, dentre vários outros).

Pelos resultados, confirmamos nossa expectativa, uma vez que *sujeito nulo (oração independente)*, com 80.2%, foi o que mais favoreceu à pluralização dos verbos. Na sequência, tivemos os fatores *sujeito pleno (oração matriz)*, com 78.3%; *sujeito pleno (oração independente)*, com 74.9%; *sujeito pleno (oração subordinada*

adverbial), com 72.3%, com percentagens acima de 70% para [+conc]. Em contrapartida, *sujeito pleno (oração encaixada)* alcançou 42.9% de aplicação, mostrando-se altamente favorável à variante padrão.

Observamos, em tal caso, que não houve diferenças tão significativas de percentual entre os fatores sujeito explícito (oração matriz) e sujeito nulo ou desinencial (oração independente). Conforme podemos observar, cada vez mais, o PB vem apresentando tendência ao preenchimento da posição sujeito, devido a variante (*a gente*) concorrente da forma verbal de 1PP estar presente neste processo de variação juntamente com outras pessoas do discurso, como já sinalizado no grupo de fatores *referência semântica de número do sujeito*.

6.3.4 Tipo de verbo

Ainda que a variável linguística *tipo de verbo*, no domínio do verbo, do mesmo modo, não tenha se mostrado relevante estatisticamente nas nossas rodadas gerais e nas de outros estudos sobre a CV no PB (ARAÚJO, 2014; MONGUILHOTT, 2009), por ser ela um termo essencial na base das relações sintáticas, torna-se indispensável refletirmos sobre esse grupo de fator. Além disso, essa variável foi incluída no estudo por estar diretamente ligada à saliência fônica, visto que estudos têm demonstrado que o efeito da saliência fônica se sobrepõe ao efeito do tipo de verbo (Cf. MONGUILHOTT, 2001, 2009, SCHERRE; NARO; CARDOSO, 2007).

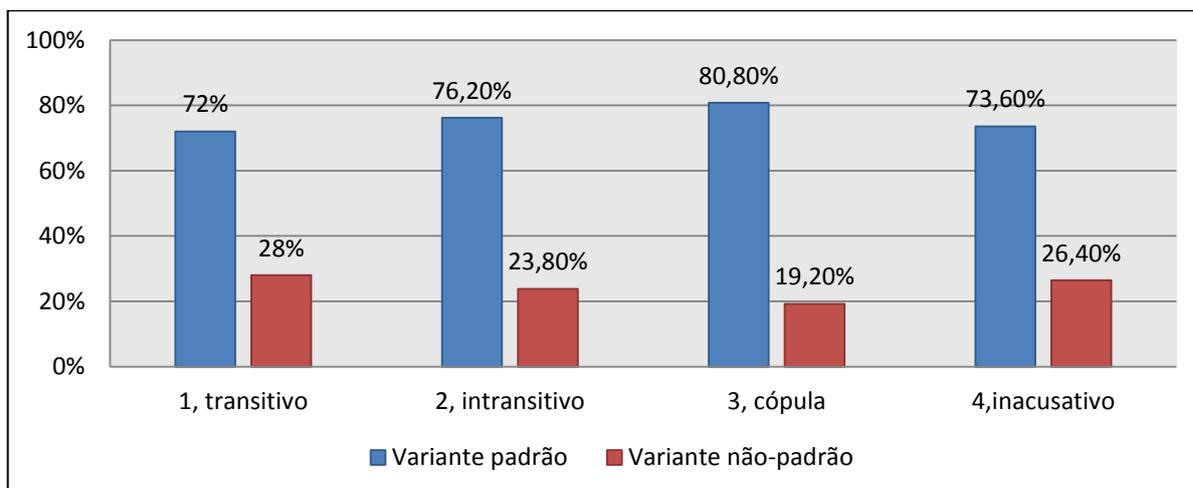
Apresentamos, em seguida, a tabela 48 e o gráfico 14 a fim de analisarmos o porquê do não condicionamento estatisticamente significativo para a aplicação da CV.

Tabela 48 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável tipo de verbo

Variável	Fator	Ocorrência		Percentual		Peso
		Variante padrão	Variante não-padrão	Variante padrão	Variante não-padrão	
Tipo de verbo	1. transitivo	527/732	205/732	72%	28%	.456
	2. intransitivo	154/202	48/202	76.2%	23.8%	.553
	3. cópula	210/260	50/260	80.8%	19.2%	.601
	4. inacusativo	229/311	82/311	73.6%	26.4%	.483

Fonte: Autora deste trabalho

Gráfico 14 - Frequência das variantes padrão e não-padrão da fala, segundo a variável tipo de verbo



Fonte: Autora deste trabalho

No que diz respeito à influência da natureza do verbo para a marcação da CV, observamos, nos nossos achados, que o verbo cópula (80.8%) e o verbo intransitivo (76.2%) apresentaram maiores índices percentuais da regra padrão de CV de 1PP e 3PP, superando nossa análise geral (74.4%). Já os verbos transitivo (72%) e inacusativo (73.5%), os menores. Se analisarmos, especificamente, esse grupo de fator pelo resultado do peso relativo, a média dos verbos ficaria na margem de neutralidade.

Nossos resultados seguem resultados de outros estudos de CV do PB que controlam o grupo de fatores *tipo de verbo* levando em consideração a inacusatividade (Cf. MONGUILHOTT, 2001, 2009, SILVA, 2003, CARDOSO, 2005 e SCHERRE; NARO; CARDOSO, 2007). Mesmo que, em algumas pesquisas como na de Monguilhot (2009), a variável também não tenha sido considerada estatisticamente relevante, os percentuais normalmente apontam para certa tendência à não marcação da concordância nos inacusativo. Ou seja, “o verbo inacusativo foi o ambiente que se mostrou menos favorecedor da marcação de concordância verbal” (MONGUILHOTT, 2009, p. 128).

Na tabela 49 a seguir, evidenciamos a relação do grupo de fatores *tipo de verbo* com o grupo de fatores *saliência fônica*.

Tabela 49 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis tipo de verbo e saliência fônica

saliência Fônica	transitivo	intransitivo	cópula	inacusativo
mínima	291/430=68%	79/112=71%	40/52=77%	89/128=70%
média	234/299=78%	70/83=84%	37/46=80%	139/181=77%
máxima	2/3=67%	5/7=71%	133/162=82%	1/2=50%
Total	527/732=72%	154/202=76%	210/260=81%	229/311=74%

Fonte: Autora deste trabalho

Pelos resultados do cruzamento, observamos que os contextos de *saliência máxima* apresentaram poucas ocorrências para os verbos *transitivo* (2 ocorrências), *intransitivo* (5 ocorrências) e *inacusativo* (uma ocorrência) o que não torna o resultado tão significativo para a aplicação da CV.

Confirmamos, mais uma vez, pelo resultado geral, a tendência de altos índices percentuais do verbo *cópula* para as três variantes da saliência fônica (mínima-77%, média-80% e máxima-82%). Em segundo lugar, ficou o intransitivo, seguido do inacusativo e, por fim, o transitivo. Nossa hipótese foi, parcialmente, confirmada, pois o inacusativo apresentou tendência à não-aplicação da regra de CV, mas não foi considerado o mais desfavorecedor nesse contexto.

Por presumirmos que a ordem do sujeito no PB está diretamente vinculada à transitividade verbal, em virtude de a posposição do sujeito ao verbo se mostrar associada a restrições sintático-semânticas, sobretudo, quando se trata de verbos inacusativos (SILVA, 2004, MONGUILHOTT, 2004), realizamos o cruzamento do grupo de fator *tipo de verbo* com a *posição do sujeito em relação ao verbo*. Vejamos a tabela 50 a seguir.

Tabela 50 - Frequência de CV na fala de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis tipo de verbo e posição do sujeito em relação ao verbo

posição do sujeito em relação ao verbo	transitivo	intransitivo	cópula	inacusativo
posição pré-verbal com núcleo distante de 3 a 10 sílabas do verbo	139/232=60%	49/73=67%	68/97=70%	66/104=63%
posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo	380/482=79%	104/125=83%	142/159=89%	155/189=82%
posição pré-verbal com núcleo distante mais de 10 sílabas do verbo	7/12=58%	1/2=50%	0/4=0%	6/13=45%
posição pós-verbal com núcleo distante de 0 até 5 sílabas do verbo	0/4=0%	0/2=0%	-----	2/3=67%
posição pós-verbal com núcleo distante mais de 5 sílabas do verbo	1/2=50%	-----	-----	0/2=0%
Total	527/732=72%	154/202=76%	210/260=81%	229/311=74%

Fonte: Autora deste trabalho

Destacamos o comportamento da *posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo* frente aos *tipos de verbos*. Com resultados de 79% para o *transitivo*, 83% para o *intransitivo*, 89% para o *cópula* e 82% para o *inacusativo*, esses fatores evidenciaram a interferência do *tipo de verbo* nessa *posição de sujeito*, indo ao encontro de nossa expectativas.

Destacamos que estudos, como o de Berlinck (1989) e Coelho (2000, 2006), por exemplo, já evidenciavam que construções com verbos que apresentam apenas um argumento, em especial os *inacusativo*, no PB, são um dos fatores favoráveis à ocorrência da ordem *verbo-sujeito (VS)*, conseqüentemente, favorecendo a variante não-padrão. As ocorrências de *sujeito posposto ao verbo* com *verbo inacusativo*, ao apresentar 67% de frequência, conformam o favorecimento da não-concordância.

De todo modo, mesmo sabendo que nossa língua admita a variação nesse padrão de ordenação, a ordem *SVO (sujeito+verbo+objeto)*, ordem canônica do PB, prevaleceu entre os adolescentes.

Dando continuidade à análise da pesquisa, dispomos, no próximo capítulo, da descrição, da análise e da discussão dos dados da escrita

7 DESCRIÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DA ESCRITA

Nesta seção, apresentamos e discutimos os resultados quantitativos sobre o uso variável da concordância verbal de 1PP e 3PP, com base nos textos narrativos de 48 informantes de uma escola regular do Recife, conforme descrito no capítulo da metodologia. Assim como os dados da fala, os resultados dos dados da escrita foram discutidos à luz dos pressupostos teórico-metodológicos apresentados anteriormente e comparados com resultados alcançados em outros trabalhos sobre o tema (GAMEIRO, 2009; AGOSTINHO, 2013; SANTOS, 2013; CASTRO, 2016).

Após a codificação, os dados da escrita foram levantados e submetidos ao programa estatístico Goldvarb X, conforme as variáveis linguísticas e extralinguísticas estabelecidas.

Inicialmente, apresentamos o quadro 13 com os respectivos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos selecionados pelo programa em ordem de significância condicionantes e não condicionantes da aplicação da regra de CV.

Quadro 9 - Ordem de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos condicionantes e não condicionantes para a aplicação da regra de CV de 1PP e 3PP na escrita

ESCRITA	
Grupo de fator condicionante	Grupo de fator não-condicionante
1) paralelismo linguístico de nível oracional 2) paralelismo linguístico de nível discursivo 3) saliência fônica	1) tipo de verbo 2) posição do sujeito em relação ao verbo 3) explicitude do sujeito 4) tempo e modo verbal 5) referência semântica de número do sujeito 6) sexo 7) tipo estrutural do sujeito 8) escolaridade 9) definitude e especificidade do sujeito 10) animacidade do sujeito

Fonte: Autora deste trabalho

De um modo geral, nossos resultados não diferem muito de outros trabalhos, uma vez que as variáveis extralinguísticas não foram significativas para o Goldvarb X nos resultados da escrita.

É importante registrarmos que consideramos, para os dados da escrita, os mesmos grupos de fatores considerados para a os dados da fala. Comparando as variáveis significativas na concordância verbal da fala, apresentadas no capítulo

anterior, constatamos que tivemos três vezes mais grupos de fatores condicionantes na fala do que na escrita. No entanto, podemos dizer que o paralelismo linguístico de nível oracional, o paralelismo linguístico de nível discursivo e a saliência fônica foram também variáveis significativamente importantes na escrita. Esse resultado nos permite afirmar a importância dessas variáveis linguísticas para o uso variável da CV na modalidade da fala e da escrita do PB

Diferentemente da fala e indo de encontro a nossa hipótese, houve a não relevância das variáveis extralinguísticas para o *corpus* investigado, conforme quadro 14. A própria divisão e comunidade de fala justificam essa não significância.

Quadro 10 - Ordem de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos condicionantes para a aplicação da regra de CV de 1PP e 3PP na fala e na escrita

FALA	ESCRITA
Grupo de fator condicionante	Grupo de fator condicionante
1) referência semântica de número do sujeito 2) paralelismo linguístico de nível oracional 3) saliência fônica 4) paralelismo linguístico de nível discursivo 5) definitude e especificidade do sujeito 6) sexo 7) animacidade do sujeito 8) escolaridade 9) posição do sujeito em relação ao verbo	1) paralelismo linguístico de nível oracional 2) paralelismo linguístico de nível discursivo 3) saliência fônica

Fonte: Autora deste trabalho

A partir desses resultados, pudemos observar que apenas variáveis linguísticas mostraram-se significantes para o Goldvarb X. O fator escolaridade, comumente condicionante da regra variável de CV não se mostrou estatisticamente relevante para os nossos dados. Esse resultado foi muito inesperado, uma vez que a escolaridade é, na grande maioria das pesquisas, um fator determinante para a marcação da CV.

Logo, percebemos que os resultados confirmaram, parcialmente, a hipótese geral, apresentada no capítulo 1, que afirma ser a CV escrita também um fenômeno linguístico variável decorrente da atuação de fatores linguísticos.

Nesse sentido, aproximamo-nos dos resultados de Gameiro (2009), ao apresentar a variável *escolaridade* como estatisticamente irrelevante pelo programa Goldvarb X e nos afastamos dos de Santos (2013), ao verificar essa variável como a mais significativa estatisticamente para o seu referido estudo. Salienciamos que as

realidades pesquisadas são bem distintas. Santos (2013) observou o papel da escolaridade em menores carentes, já Gameiro (2009) investigou o da escrita formal em alunos de uma escola estadual. Possivelmente, a escolha dos informantes foi favorecedora para um ou outro resultado.

A seguir, a tabela 52 mapeia todas as variáveis e suas respectivas variantes favorecedoras e desfavorecedoras da aplicação da regra de CV na escrita.

Tabela 51 - Mapeamento dos fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem e desfavorecem a aplicação da regra de concordância verbal na escrita

Variável	Fator	Aplicação/ ocorrência	Percentual	Peso
Saliência fônica	mínima	101/124	81.5%	.303
	média	288/311	92.6%	.582
Tipo de verbo	intransitivo	48/53	90.6%	.338
	transitivo	226/251	90%	.377
	inacusativo	48/56	85.7%	.585
	cópula	81/89	91%	.832
Tempo e modo verbal	presente do indicativo	42/49	85.7%	.317
	pretérito imperfeito do indicativo	52/64	81.2%	.421
	pretérito perfeito do indicativo	296/323	91.6%	.545
Explicitude do sujeito	sujeito pleno (oração independente)	187/217	86.2%	.432
	sujeito pleno (oração subordinada adverbial)	13/15	86.7%	.463
	sujeito nulo (oração independente)	105/111	94.6%	.546
	sujeito pleno (oração matriz)	39/41	95.1%	.700
	sujeito nulo (oração matriz)	21/22	95.5%	.796
	sujeito pleno em contexto de relativa	11/13	95.5%	.796
Posição do sujeito em relação ao verbo	posição pós-verbal com núcleo distante de 0 até 5 sílabas do verbo	3/6	50%	.091
	posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo	131/144	91%	.355
	posição pré-verbal com núcleo distante de 3 a 10 sílabas do verbo	104/123	84.6%	.642
	posição pré-verbal com núcleo distante mais de 10 sílabas do verbo	11/12	91.7%	.911
Paralelismo linguístico de nível oracional	presença da forma plural zero (plural ou singular) no último elemento inserido em um SPrep	3/6	50%	.023
	Presença de numeral no último elemento	3/5	60%	.042
	presença de neutralização no último elemento, em razão de fonema semelhante inicial no	24/27	88.9%	.341

	verbo			
	presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento não inserido em um SPrep	320/339	94.4%	.615
Paralelismo linguístico de nível discursivo	forma verbal isolada ou primeira de uma série de 3PP	221/247	89.5%	.467
	forma verbal com desinência de 1PP em oração anterior	29/34	85.3%	.584
	forma verbal com desinência de 3PP em oração anterior	156/165	94.5%	.624
Tipo estrutural do sujeito	SN pleno composto com núcleo adjacente no singular	15/19	78.9%	.066
	pronome demonstrativo	5/7	71.4%	.074
	SN pleno composto com núcleo adjacente no plural	12/17	70.6%	.082
	SN pleno nu, aquele desprovido de determinantes e modificadores restritivos	4/5	80%	.121
	SN pleno simples	66/79	83.5%	.418
	pronome pessoal	118/127	92.9%	.543
	pronome indefinido	11/12	91.7%	.451
	nulo ou desinencial	164/173	94.8%	.669
Animacidade do sujeito	quantificador	6/7	85.7%	.711
	[+humano] [+animado]	369/411	89.8%	.497
	[-humano] [-animado]	8/10	80%	.526
Referência semântica de número do sujeito	[-humano] [+animado]	26/28	92.9%	.530
	DP pleno (singular) com leitura coletiva	30/39	76.9%	.402
	sujeito com referência de 3PP (eles, elas, DP pleno)	350/386	90.7%	.468
Definitude e especificidade do sujeito	sujeito com referência de 1PP (nós, a gente, DP composto)	23/24	95.8%	.936
	[+definido] [+específico]	390/433	90.1%	.495
Sexo	[-definido] [-específico]	13/16	81.2%	.629
	masculino	190/213	89.2%	.435
Escolaridade	feminino	213/236	90.3%	.558
	3º ano do ensino médio	146/163	89.6%	.452
	6º ano do ensino fundamental II	120/135	88.9%	.474
	9º ano do ensino fundamental II	137/151	90.7%	.575

Fonte: Autora deste trabalho

Destacamos que 11 fatores, no decorrer de nossas rodadas, foram eliminados devido aos *knockouts*²⁷. Enquanto na fala tivemos 4 fatores eliminadas; na escrita, a eliminação foi bem maior. Como isso, podemos dizer que houve menos variação na

²⁷ A eliminação se deu em ocorrências onde a aplicação da regra de CV em 1PP e 3PP foi realizada em 100%.

escrita. Ou seja, mais fatores não apresentaram variação. Seguem abaixo os fatores eliminados pelo programa Goldvarb X.

- saliência máxima
- futuro do pretérito do indicativo
- futuro do presente do indicativo
- futuro do subjuntivo
- pretérito imperfeito do subjuntivo
- sujeito nulo (oração subordinada adverbial)
- sujeito pleno (oração encaixada)
- posição pós-verbal com núcleo distante mais de 5 sílabas do verbo
- forma precedida de *nós* explícito
- forma precedida de *a gente* explícito
- forma precedida de verbo em 1PP (sujeito desinencial)

Em seguida, apresentamos a análise geral com todos os grupos de fatores selecionados e não selecionados como estatisticamente significante para a marcação da CV na escrita pelo programa Goldvarb X.

7.1 ANÁLISE GERAL

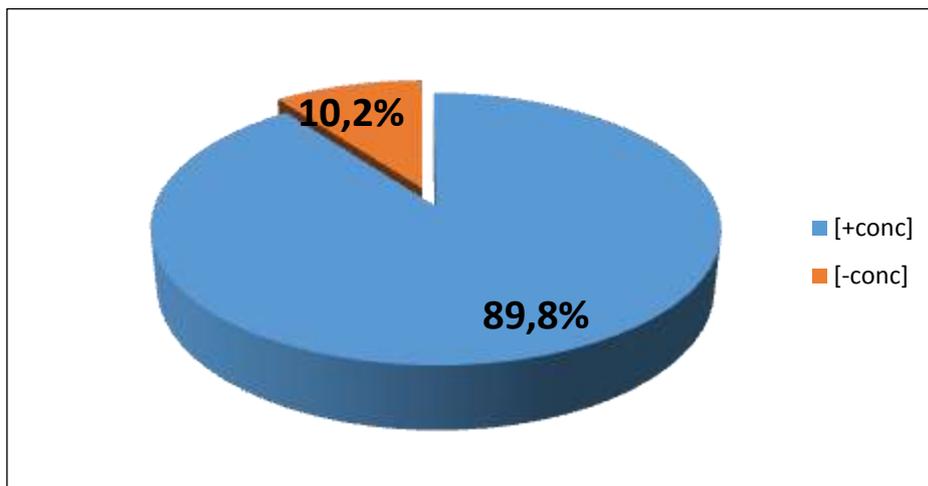
Os dados que compõem o *corpus* da escrita foram extraídos de 48 narrativas produzidas por alunos dos 6º, 9º e 3º anos de uma escola regular do Recife. Esse *corpus* é composto 449 dados que evidenciam o uso variável da CV de 1PP e 3PP. Dentre esses dados, 403 apresentaram a variante padrão, correspondendo a 89.8% do total contra 46 contextos de uso da variante não-padrão, o que perfaz 10.2% do total geral, conforme ilustram a tabela 52e o gráfico 15 a seguir:

Tabela 52 - Resultado total das variantes [+conc] e [-conc] no corpus da escrita

Variantes	Ocorrência/Total geral	Percentual
[+conc]	403/449	89.8%
[-conc]	46/449	10.2%

Fonte: Autora deste trabalho

Gráfico 15 - Resultado total das variantes [+conc] e [-conc] no corpus da escrita



Fonte: Autora deste trabalho

A partir do exposto, nossos dados confirmam a maior prevalência de ocorrências de [+conc].

7.2 VARIÁVEIS CONDICIONANTES DA ESCRITA POR ORDEM DE SIGNIFICÂNCIA

Passamos agora à análise dos resultados quantitativos fornecidos pelo Goldvarb X e informamos que a disposição das tabelas seguiu a ordem de relevância estatística estabelecida pelo referido programa em conformidade com o peso relativo de cada fator. Além disso, esclarecemos que os mesmos cruzamentos executados para os dados da fala foram também para os da escrita.

Dentre as variáveis linguísticas controladas, apresentamos, primeiramente, os resultados referentes aos desempenhos dos grupos de fatores *paralelismo linguístico de nível oracional* e *paralelismo linguístico de nível discursivo*, as duas variáveis estatisticamente mais significativas na marcação da CV escrita. Destacamos que essas duas variáveis, como já apresentado no capítulo anterior, também apresentaram significância estatística na nossa amostra com dados da fala atingindo 2ª e 4ª posições, respectivamente.

7.2.1 Paralelismo linguístico de nível oracional

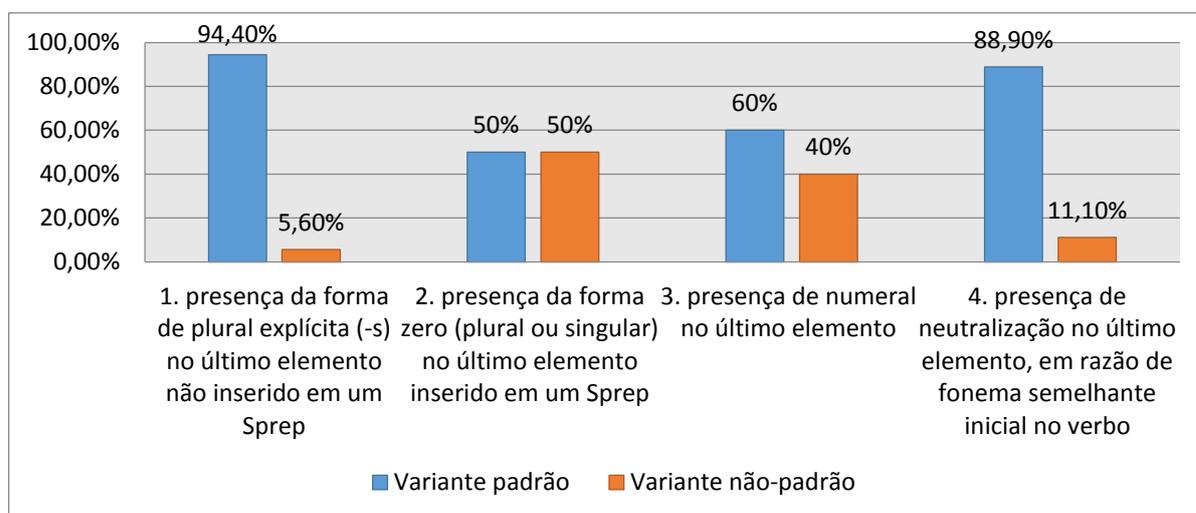
O paralelismo linguístico de nível oracional foi o primeiro grupo de fatores selecionado pelo programa Goldvarb X. Essa variável foi proposta por acreditarmos que; assim como na fala, na escrita, marcas formais existentes no sujeito levam essa marcação também para o verbo. Vejamos tabela 53 e gráfico 16 a seguir.

Tabela 53 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão na escrita, segundo a variável paralelismo linguístico de nível oracional

Variável	Fator	Ocorrência		Percentual		Peso
		Variante padrão	Variante não-padrão	Variante padrão	Variante não-padrão	
Paralelismo linguístico de nível oracional	1. presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento não inserido em um Sprep	320/339	19/339	94.4%	5,6%	.615
	2. presença da forma zero (plural ou singular) no último elemento inserido em um Sprep	3/6	3/6	50%	50%	.023
	3. presença de numeral no último elemento	3/5	2/5	60%	40%	.042
	4. presença de neutralização no último elemento, em razão de fonema semelhante inicial no verbo	24/27	3/27	88.9%	11,1%	.341

Fonte: Autora deste trabalho

Gráfico 16 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão na escrita, segundo a variável paralelismo linguístico de nível oracional na CV de 1PP e 3PP



Fonte: Autora deste trabalho

De acordo com os resultados ilustrados na tabela 53 e gráfico 16, a *presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento não inserido em um Sprep* foi o único fator que favoreceu a aplicação da regra de CV de 1PP e 3PP, o qual apresentou um peso relativo de .615 e uma percentagem de 94,4%. Observamos também que o peso relativo desse fator foi condicionante na análise da fala (.625), reforçando, dessa maneira, a tendência que há de o falante repetir uma sequência discursiva. Dessa forma, a preferência por determinada forma linguística deve interferir nas demais.

O baixo peso relativo do fator *presença da forma zero (plural ou singular) no último elemento inserido em um SPrep* (.023) para variante padrão pode ser justificado pela influência do SPrep dentro da estrutura do sujeito, uma vez que, quando existe distanciamento maior do núcleo do SN-sujeito em relação ao verbo, há o desfavorecimento da aplicação da CV (1)

(1) meus tio por parte de pai mora em São Paulo (I2f246)

As ocorrências de a *presença de numeral no último elemento* (.042) apresentaram desfavorecimento à marcação de CV. Embora alguns numerais possuam a terminação em 's', essa não é considerada uma marca que diferencia uma forma singular de uma forma plural (2), como afirma Rubio (2012).

(2) as duas são quase a mesma coisa (I3f146)

Destacamos que a *presença de neutralização no último elemento, em razão de fonema semelhante inicial no verbo* (.653), favorável à variante padrão na análise da fala, obteve resultados desfavoráveis na escrita (.341).

A seguir, para ilustrar, apresentamos alguns exemplos retirados de nossa amostra para:

(1) presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento não inserido em um Sprep

(1) a. os heróis ficam zerados sem poderes (I32e149)

b. os heróis correu (I32e249)

(2) presença da forma zero (plural ou singular) no último elemento inserido em um Sprep

(2) todos os homens das cavernas são caçadores (I31e159)

b. as pontas dos seus dedo estavam levemente azuladas (I22e259)

(3) presença de numeral no último elemento

(3) a os três conversaram em volta de uma fogueira (I18e143)

b os dois tinha tramado juntos (I26e253)

(4) presença de neutralização no último elemento, em razão de fonema semelhante inicial no verbo

(4) a eles são caçadores de demônios (I21e159)

b eles estava de férias (I37e243)

Investigamos o cruzamento entre o grupo de fatores *paralelismo linguístico oracional e escolaridade* por acreditarmos, assim como Rubio (2008, p. 96), que na escrita o comportamento dos adolescentes quanto a esse fator linguístico podia variar de acordo com sua maior ou menor consciência em relação à “norma”, ou seja, “níveis de escolarização diferentes poderiam refletir diferentes frequências de CV”, para cada fator do grupo de fatores, como podemos ver tabela 54 a seguir.

Tabela 54 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis paralelismo linguístico oracional e escolaridade

escolaridade	presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento não inserido em um SPrep	presença da forma zero (plural ou singular) no último elemento inserido em um SPrep	presença de numeral no último elemento	presença de neutralização no último elemento, em razão de fonema semelhante inicial no verbo	ausência da forma de plural zero no último elemento não inserido em um SPrep	presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento inserido em um SPrep
6º ano do ensino fundamental II	101/106= 95%	1/3= 33%	1/33= 33%	9/9= 100%	7/12= 58%	0/1= 0%
9º ano do ensino fundamental II	120/125= 96%	1/2= 50%	2/2= 100%	1/2= 50%	10/15= 67%	3/5= 60%
3º ano do ensino médio	98/107= 92%	1/1= 100%	-----	14/16= 88%	33/39= 85%	-----
Total	319/338= 94%	3/6= 50%	3/5= 60%	24/27= 89%	50/66= 76%	3/6= 50%

Fonte: Autora deste trabalho

Ao observarmos a tabela 54, podemos constatar que a variável *paralelismo linguístico oracional* correlacionou-se à escolaridade. Destacamos, por exemplo, o aumento gradativo da aplicação da regra de CV a partir do cruzamento do fator *escolaridade* com o fator *presença da forma zero (plural ou singular no último elemento inserido em um SPrep)* (respectivamente, 33%, 50% e 100%) e o aumento gradativo da aplicação da regra de CV com o fator *ausência da forma de plural zero no último elemento não inserido em um SPrep* (respectivamente, 58%, 67%, 85%).

Realizamos, também, o cruzamento entre o grupo de fatores *paralelismo linguístico oracional* e o grupo de fatores *tipo estrutural do sujeito*, a fim de verificarmos, da mesma forma que Rubio (2008), se diferentes tipos de sujeitos, dentre os quais aqueles que trazem obrigatoriamente a marca de plural em seu único ou último elemento podem apresentar comportamento diferente dos demais, para os quais a marca de plural no único ou último elemento do SN-sujeito é facultativo, como observamos a seguir na tabela 55.

Tabela 55 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis *paralelismo linguístico oracional* e *tipo estrutural do sujeito*

tipo estrutural do sujeito	presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento não inserido em um SPrep	presença da forma zero (plural ou singular) no último elemento inserido em um SPrep	presença de numeral no último elemento	presença de neutralização no último elemento em razão de fonema semelhante inicial no verbo	ausência da forma de plural zero no último elemento não inserido em um SPrep	presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento inserido em um SPrep
nulo ou desinencial	147/152= 97%	-----	-----	7/8= 88%	10/13= 77%	-----
pronome pessoal	108/115= 94%	1/1= 100%	0/1= 0%	7/7= 100%	2/3= 67%	-----
quantificador	1/1= 100%	1/1= 100%	2/3= 67%	2/2= 100%	-----	-----
SN pleno simples	33/35= 94%	0/1= 0%	-----	6/7= 86%	26/34= 76%	0/1= 0%
SN pleno composto com núcleo adjacente no singular	3/3= 100%	1/3= 33%	1/100= 100%	1/2= 50%	9/10= 90%	-----
SN pleno nu, aquele desprovido de determinantes e modificadores restritivos	3/4= 100%	---	---	---	0/1= 0%	1/1= 100%
SN pleno composto com núcleo adjacente no plural	7/12= 70%	-----	-----	1/12= 100%	2/3= 67%	2/3= 67%
pronome demonstrativo	5/5= 83%	---	---	---	0/1= 0%	-----
pronome	11/11=	---	---	---	---	---

indefinido	92%					
Total	319/402= 94%	3/402= 50%	3/402= 60%	24/27= 89%	50/66= 76%	3/6= 50%

Fonte: Autora deste trabalho

Após o cruzamento, pelo quantitativo de ocorrências, verificamos que a *presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento não inserido em um SPrep* favoreceu quase que categoricamente à aplicação da regra de CV com o pronome nulo ou desinencial (147 ocorrência - 97%) e com o pronome pessoal (108 ocorrências – 94%). Esses fatores, embora que, em índices percentuais menores (respectivamente, 79% e 70%), também, foram favoráveis à variante padrão nos dados de fala.

7.2.2 Paralelismo linguístico de nível discursivo

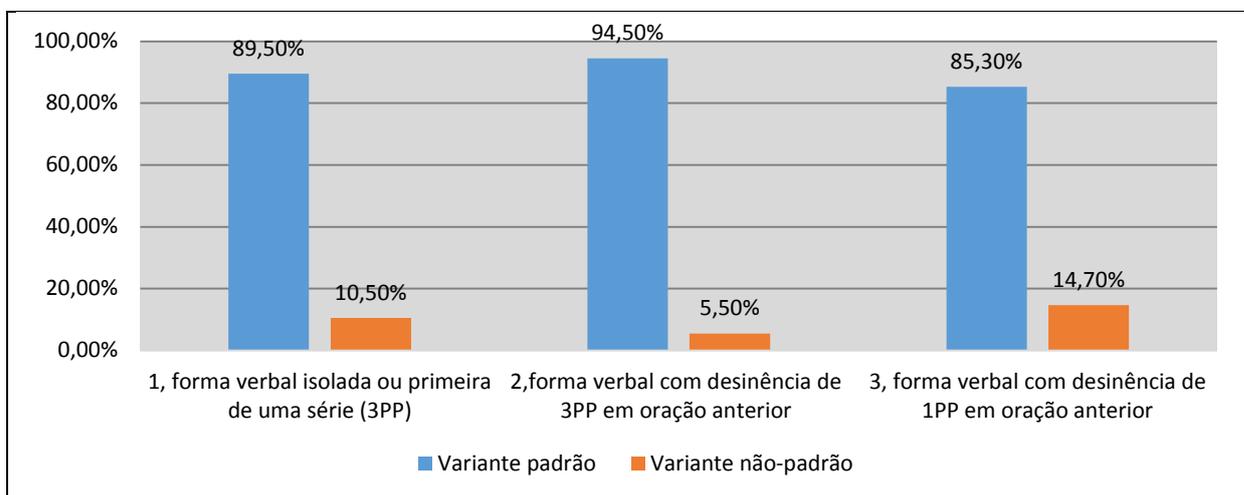
No nosso estudo, o grupo de fatores paralelismo linguístico de nível discursivo foi o segundo selecionado pelo Goldvarb X. Assim como Brustolin (2009), o princípio de paralelismo formal atuou intimamente na eleição das variáveis em estudo. Nossa expectativa foi confirmada, visto que contextos nos quais os verbos anteriores eram marcados no plural favoreceram a variante padrão, como mostram os dados a seguir na tabela 56 e gráfico 17.

Tabela 56 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão na escrita, segundo a variável paralelismo linguístico de nível discursivo

Variável	Fator	Ocorrência		Percentual		Peso
		Variante padrão	Variante não-padrão	Variante padrão	Variante não-padrão	
Paralelismo linguístico de nível discursivo	1. forma verbal isolada ou primeira de uma série (3PP)	221/247	26/247	89.5%	10.5%	.467
	2. forma verbal com desinência de 3PP em oração anterior	156/165	9/165	94.5%	5.5%	.624
	3. forma verbal com desinência de 1PP em oração anterior	29/34	5/34	85.3%	14.7%	.584

Fonte: Autora deste trabalho

Gráfico 17 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão na escrita, segundo a variável paralelismo linguístico de nível discursivo



Fonte: Autora deste trabalho

Os resultados de Brustolin (2009) confirmam a tendência linguística (OMENA 1998, 2003, LOPES, 1993), de que uma vez selecionada dada forma, a pessoa tende a repeti-la, especialmente, se o referente não mudar e apontam na nossa direção. Gameiro (2009) também obteve em seus resultados o paralelismo discursivo como o grupo de fatores selecionados pelo programa. Tanto os resultados de Gameiro (Ibid) como os nossos confirmam o que propunham Scherre e Naro (1993), pois o percentual de CV em desse autor foi quase 50% mais alto quando o verbo é precedido de outro verbo no plural do que quando é antecedido de uma forma não flexionada, conforme apresentado na tabela 56. Logo, a hipótese para esse grupo de fator foi confirmada, uma vez que a *forma verbal com desinência de terceira pessoa do plural em oração anterior* apresentou .624 de peso relativo e 94.5% de frequência.

Retomando a pesquisa de Santos (2013), nos seus resultados, o paralelismo formal da sequência verbal foi a quarta e última variável selecionada pelo programa como influente no uso da variação entre [+conc] e [-conc]. Na análise, diferentemente de nossos resultados para a *forma verbal isolada ou primeira de uma série* (respectivamente, 89.5% de [+conc] e 10.5% de [-conc]), a autora (Ibid, p. 90) constatou “uma variação equilibrada entre as variantes no fator *sintagma verbal*

isolado, com uma pequena preferência pelo uso da variante [+conc] (54% de [+conc] contra 46% de [-conc])”.

Nos nossos dados, o fator *forma verbal com desinência de terceira pessoa do plural em oração anterior* apresentou 94.5% de frequência e .624 de peso relativo, (5a) e o fator *forma verbal com desinência de 1PP em oração anterior* apresentou 85.3% de frequência e .584 de peso relativo, como podemos ver nos exemplos a seguir.

- (5) a quando **voutaram** muito cansado, eles **receberam** uma ligação (I2e164)
 b [nós] **vamos** pra casa (I2e264)

Esses resultados confirmam nossa hipótese, ao afirmarmos que o verbo precedido de outro sem marca formal de plural desfavorece a realização de CV e o verbo precedido de marca formal de plural favorece, conforme defendido por Scherre e Naro (1993).

Exibimos abaixo a tabela 57 de cruzamento entre os grupos de fatores *paralelismo linguístico discursivo e escolaridade*.

Tabela 57 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis paralelismo linguístico discursivo e escolaridade

escolaridade	forma verbal com desinência de 3PP em oração anterior	forma verbal isolada ou primeira de uma série (3PP)	forma verbal com desinência de 1PP em oração anterior
6º ano do ensino fundamental II	38/40=95%	67/72=93%	-----
9º ano do ensino fundamental II	63/65=97%	64/74=86%	7/8=75%
3º ano do ensino médio	55/60=92%	89/100=89%	9/10=100%
Total	156/165=95%	220/246=89%	15/18=88%

Fonte: Autora deste trabalho

Fato interessante a ser notado no cruzamento acima é que, com o aumento do grau de escolaridade, os fatores referentes à forma verbal com *desinência de 3PP em oração anterior* e à *forma verbal isolada ou primeira de uma série (3PP)* não apresentaram um crescimento gradual nos índices percentuais para o uso da variante padrão. Esse resultado vai de encontro a nossa hipótese que previa o aumento percentual com o avanço da escolaridade.

Diferentemente dos dados da fala, os índices percentuais da categoria *forma verbal com desinência de 3PP em oração anterior* na escrita em todos os anos de escolarização investigados (respectivamente, 95%, 97% e 92%) foram, nitidamente, bem mais superiores aos da fala (respectivamente, 55%, 65% e 69%). Provavelmente, por carregar maior monitoramento por parte do aluno, a escrita desses alunos foi bem mais sensível à aplicação da CV.

Buscamos, no cruzamento do *paralelismo linguístico discursivo* com a *saliência fônica*, verificar se o comportamento para a *saliência fônica* se repete em todas as categorias do *paralelismo linguístico discursivo*, ou se cada fator tem um comportamento diferente, como observamos na tabela 58.

Tabela 58 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis *paralelismo linguístico discursivo* e *saliência fônica*

saliência fônica	forma verbal com desinência de 3PP em oração anterior	forma verbal isolada ou primeira de uma série (3PP)	forma verbal com desinência de 1PP em oração anterior
mínima	44/49=90%	54/68=79%	8/10=80%
média	107/111=96%	158/170=93%	22/24=92%
Total	151/160=94%	212/238=89%	30/34=89%

Fonte: Autora deste trabalho

Após o cruzamento, constatamos, claramente, a relação entre os dois grupos de fatores. Tanto a *forma verbal com desinência de 3PP em oração anterior*, 90% e 96% como a *forma verbal isolada ou primeira de uma série (3PP)*, 90% e 96%, apresentaram aumento nos índices percentuais à medida que a *saliência fônica* aumentou (mínima e média). Assim como na fala, esse cruzamento evidenciou, portanto, maior tendência ao uso da variante padrão.

7.2.3 Saliência Fônica

Da mesma forma como ocorreu nos nossos resultados da fala, a *saliência fônica* foi, nos achados da escrita, o terceiro grupo de fatores selecionado pelo programa Goldvarb X, como ilustrado na tabela 59 e gráfico 18.

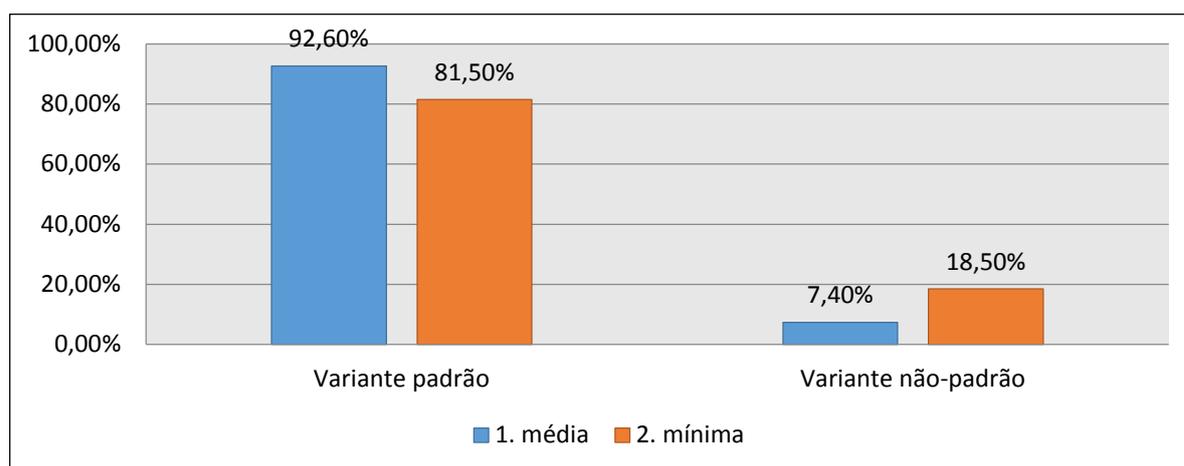
Tabela 59 - Frequência e peso relativo da variante padrão e não-padrão da escrita, segundo a variável *saliência fônica*

Variável	Fator	Ocorrência	Percentual	Peso
----------	-------	------------	------------	------

		Variante padrão	Variante não-padrão	Variante padrão	Variante não-padrão	
	1. mínima	101/124	23/124	81.5%	18.5%	.303
	2. média	288/311	23/311	92.6%	7.4%	.582

Fonte: Autora deste trabalho

Gráfico 18 - Frequência e peso relativo da variante padrão e não-padrão da escrita, segundo a variável saliência fônica



Fonte: Autora deste trabalho

Como previsto na hipótese, verificamos que, quando o aumento da saliência do material fônico na oposição singular/plural ocorre, maiores são as chances de ocorrência de marcas de plural. Gostaríamos de salientar que os números de ocorrências totais dos fatores confirmaram nossa previsão de uso variável, já que a saliência fônica mínima (6a e b) obteve 81.5% e .337 de aplicação de marcas de CV e a média (7a e b), 92.6% de frequência e .567, conforme ilustram nossos exemplos abaixo:

a) saliência fônica mínima

(6) a “eles **estavam** na praia” (I3e46)

b “os três **estava** la protegendo a cidade de todos os inimigo” (I3e46)

b) saliência fônica média

(7) a “os pais do bebê **ficou** [ficaram] muito feliz” (I5e46)

b “o pai e a mãe **ficaram** muito surpreendido” (I5e46)

Como podemos observar, há maior tendência ao favorecimento da marca de número em verbos que apresentam maior diferenciação entre as formas singular e plural. Convém lembrarmos que o princípio da saliência fônica é um fator importante na determinação da retenção de marcas de pluralidade no sujeito, no verbo e no predicativo. O princípio considera que, à medida que o nível de saliência aumenta, o uso da desinência de número plural também aumenta. Esse princípio já foi verificado em vários trabalhos variacionistas na modalidade oral (LEMLE e NARO, 1977; FERNANDES e GORSKI, 1986; OMENA, 1986, 1996, 2003; RODRIGUES, 1987; SCHERRE, 1988; LOPES, 1993; SCHERRE E NARO, 1997; NARO *et al*, 1999, MONGUILHOTT, 2001; SILVA, 2003; PEREIRA, 2004; CARDOSO, 2005, entre outros) e nossos resultados na escrita vêm confirmar esses achados da fala.

Por meio do cruzamento da variável *saliência fônica* com a *escolaridade*, buscamos checar se falantes de níveis de escolaridade mais alto são mais sensíveis ao uso da variante padrão quando se trata de verbos com níveis maiores de saliência fônica, conforme tabela 60.

Tabela 60 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis saliência fônica e escolaridade

escolaridade	mínima	média
6º ano do ensino fundamental II	22/26=85%	92/103=89%
9º ano do ensino fundamental II	30/38=79%	101/107=94%
3º ano do ensino médio	49/60=82%	94/100=94%
Total	101/124=81%	287/310=93%

Fonte: Autora deste trabalho

Ao considerarmos o cruzamento acima, constatamos que os adolescentes das três faixas de escolaridade foram sensíveis à saliência fônica média dos verbos, pois a medida que a escolarização dos informantes atingiu níveis maiores, gradativamente, houve, nos graus de saliência, um aumento na marcação do plural nos verbos (6º ano – 89%, 9º ano – 94%, 3º ano – 94%). É importante destacarmos que do 9º para o 3º ano o índice percentual não sofreu alteração (Respectivamente, 94% e 94%), indo de encontro a nossas expectativas. Mais uma vez, reforçamos que esse resultado se justifica, possivelmente, por ser o 9º ano uma turma quase que em sua totalidade de alunos repetentes. Com isso, vemos que quanto mais anos de escolaridade o falante possui, maiores são as chances de ele fazer uso das formas apontadas como padrão pela tradição escolar.

7.3 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS NÃO CONDICIONANTES POR ORDEM DE SIGNIFICÂNCIA

Apesar de não influente para a variação entre [+conc] e [-conc] em análise, consideramos importante a apresentação dos resultados das variáveis estatisticamente não-significativas. Estes dados, seguramente, nos auxiliaram a compreender melhor o comportamento da CV na escrita da comunidade estudada.

A seguir, passamos a análise de cada um dos grupos de fatores linguísticos eliminados pelo Goldvarb X.

7.3.1 Tipo de verbo

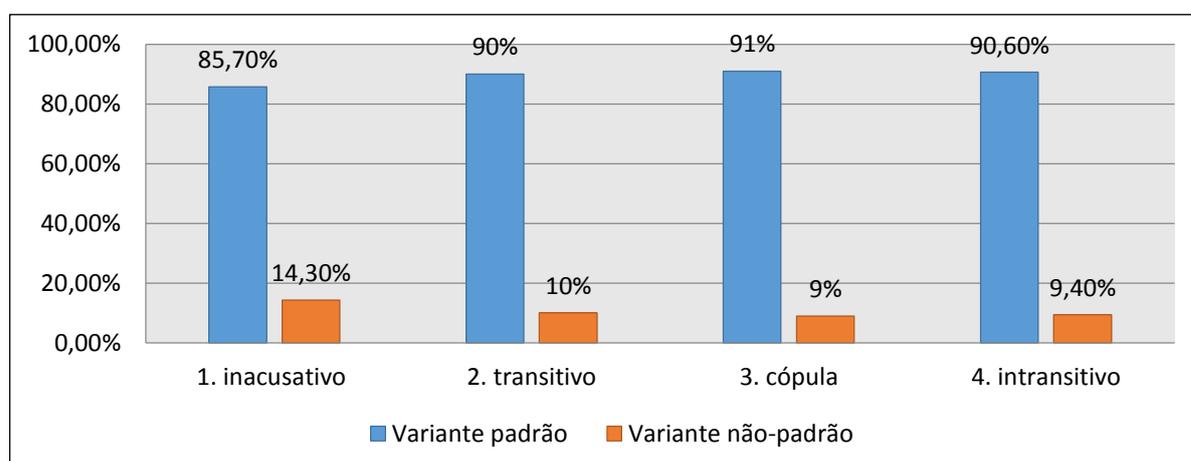
Na tabela 61 e no gráfico 19, observamos os resultados para o *tipo de verbo*, situado no domínio do verbo.

Tabela 61 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão na escrita, segundo a variável tipo de verbo

Variável	Fator	Ocorrência		Percentual		Peso
		Variante padrão	Variante não-padrão	Variante padrão	Variante não-padrão	
Tipo de verbo	1. inacusativo	48/56	8/56	85.7%	14.3%	.585
	2. transitivo	226/251	25/251	90%	10%	.377
	3. cópula	81/89	8/89	91%	9%	.832
	4. intransitivo	48/53	5/53	90.6%	9.4%	.338

Fonte: Autora deste trabalho

Gráfico 19 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão na escrita, segundo a variável tipo de verbo



Fonte: Autora deste trabalho

Podemos observar, pelos dados acima, que o tipo de verbo cópula (8a e b), com 91% de frequência foi o mais favorecedor da aplicação da regra de CV. Em segundo lugar, o intransitivo (9a e b), com 90.6%, depois o transitivo (10a e 10b), com 90%. O único que atingiu índices menores foi o inacusativo (11a e b) com 85,70% de frequência, favorecendo um pouco menos a variante não-padrão.

Confirmamos nossa hipótese, uma vez que, por indicar apenas argumentos externos (e não internos), o tipo de verbo *inacusativo* é favorecedor de contexto da ordem VS e tende a desfavorecer a aplicação da CV. (DUARTE, 1995).

a) cópula

(8) a. eles **continuam** tristes (I31f159)

b. os pais do bebê **ficou** muito feliz (I5e256)

b) intransitivo

(9) a. eles **correram**...(I20e259)

b. a família splash, curiosos em conhecê-los, **viajaram** imediatamente (I28e235)

c) transitivo

(10) a. meus amigos **fizeram** uma festa surpresa (I28f153)

b. todos os membros **tinha** super poderes (I1e243)

d) inacusativo

(11) a. **acabou** as férias (I4e256)

b. eles **chegaram** do nada (I33e149)

Monguilhott (2009) já verificava, em dados orais, que verbos inacusativos favorecem a ordem verbo-sujeito (VS), indicando o desfavorecimento da variante padrão. Segundo ela, “os inacusativos não aceitam testes que provam agentividade, que é uma propriedade caracterizadora da marcação da CV” (Ibid, p. 99). Em relação aos verbos do tipo cópula, embora façam parte da categoria dos inacusativos, a autora afirma que eles tendem a exibir mais marcas de concordância do que os verbos inacusativos, por selecionarem uma pequena oração.

Por acreditarmos que o efeito da saliência fônica se sobrepõe ao efeito do tipo de verbo, realizamos um cruzamento do grupo de fator *tipo de verbo* com o grupo de fator *saliência fônica*. Segue tabela 62.

Tabela 62 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis tipo de verbo e saliência fônica

saliência Fônica	transitivo	inacusativo	cópula	intransitivo
mínima	46/63=73%	12/13=92%	32/36=89%	11/12=92%
média	176/184=96%	35/42=83%	39/43=91%	37/41=90%
Total	222/247=90%	47/55=85%	71/79=90%	48/53=91%

Fonte: Autora deste trabalho

Os resultados do cruzamento acima evidenciam a forte relação entre o *tipo de verbo* e a *saliência fônica*. Se observarmos o total de cada um, percebemos que os índices percentuais do *transitivo* (90%), *cópula* (90%) e *intransitivo* (91%) apresentaram resultados acima da média geral (89.8%) e que o *inacusativo* (85%) permaneceu como desfavorecedor da variante padrão.

Realizamos também o cruzamento do grupo de fatores *tipo de verbo* com o grupo de fatores *posição do sujeito em relação ao verbo*, conforme tabela 63.

Tabela 63 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis tipo de verbo e posição do sujeito em relação ao verbo

posição do sujeito em relação ao verbo	transitivo	inacusativo	cópula	intransitivo
posição pré-verbal com núcleo distante de 3 a 10 sílabas do verbo	54/86=86%	11/14=79%	29/35=83%	9/10=90%
posição pré-verbal com núcleo distante mais de 10 sílabas do verbo	5/6=83%	-----	2/2=100%	4/4=100%
posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo	72/79=91%	18/19=95%	26/28=93%	15/18=83%
posição pós-verbal com núcleo distante de 0 até 5 sílabas do verbo	1/1=100%	2/5=40%	-----	-----
Total	132/149=89%	31/38=82%	57/65=88%	28/32=88%

Fonte: Autora deste trabalho

De acordo com os resultados de Coelho (2000) e de Coelho *et al.* (2006), atestamos nossa hipótese, uma vez que existiu uma correlação entre a ordem dos constituintes e a variável natureza do verbo. A anteposição do sujeito foi um forte

favorecedor de marca de pluralização com o tipo verbal, indicando, também na escrita, a preferência dos informantes pela ordem SVO (sujeito+verbo+objeto), ordem canônica do PB. Pelos dados, o verbo inacusativo na posição pós-verbal apresentou menores índices percentuais (40%), confirmando ter a propriedade típica de verbos que selecionam argumentos internos, conseqüentemente, de aceitar mais naturalmente a ordem VS.

7.3.2 Posição do sujeito em relação ao verbo

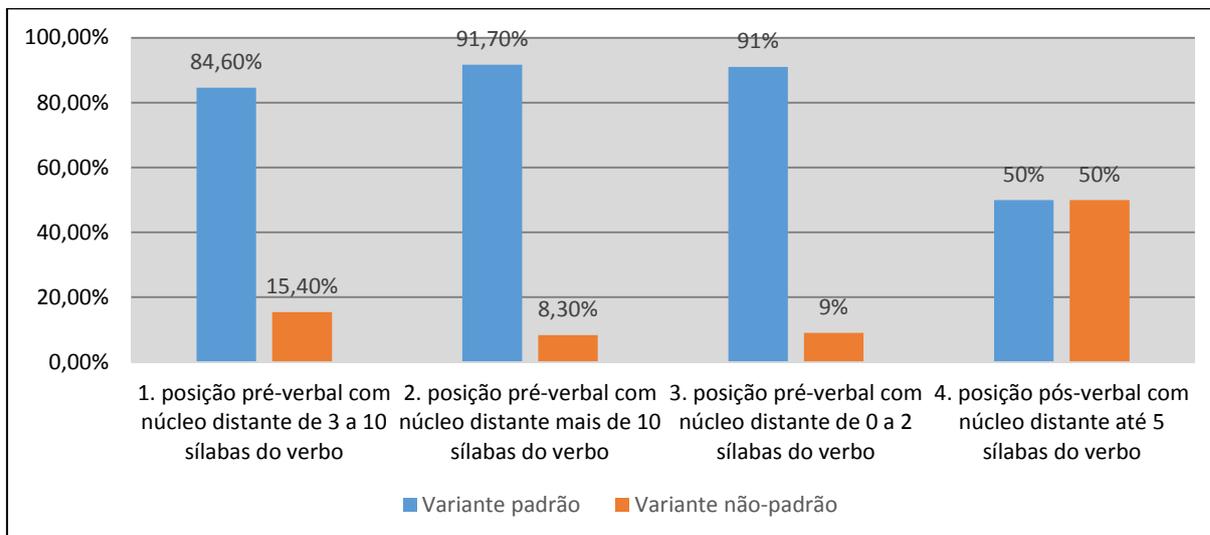
A **posição do sujeito em relação ao verbo**, no domínio SN-sujeito e verbo, também não foi selecionada pelo Goldvarb X. Vejamos os resultados na tabela 64 e no gráfico 20.

Tabela 64 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão na escrita, segundo a variável posição do sujeito em relação ao verbo

Variável	Fator	Ocorrência		Percentual		Peso
		Variante padrão	Variante não-padrão	Variante padrão	Variante não-padrão	
Posição do sujeito em relação ao verbo	1. posição pré-verbal com núcleo distante de 3 a 10 sílabas do verbo	104/123	19/123	84.6%	15.4%	.642
	2. posição pré-verbal com núcleo distante mais de 10 sílabas do verbo	11/12	1/12	91.7%	8.3%	.911
	3. posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo	131/144	13/144	91%	9%	.355
	4. posição pós-verbal com núcleo distante de 0 até 5 sílabas do verbo	3/6	3/6	50%	50%	.091

Fonte: Autora deste trabalho

Gráfico 20 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão na escrita, segundo a variável posição do sujeito em relação ao verbo



Fonte: Autora deste trabalho

Nossos resultados indicam que a frequência de aplicação da regra de CV diminui consideravelmente quando o sujeito ocorre posposto ao verbo. É uma diferença de 41,7% pontos percentuais da posição pré-verbal (91,7%) de menor valor de frequência para a pós-verbal (50%). Esses resultados corroboram nossa hipótese de que a posição do sujeito pós-verbal na escrita, também, é desfavorecedora da variante padrão tal como observado para a fala.

Dessa forma, podemos inferir que na escrita o sujeito, quando posposto ao verbo (12a e b), do mesmo modo que na fala, também, passa a ser interpretado como objeto pelo falante, tendendo ao uso da variante não-padrão.

(12) a. **apareceu** muitos seres estranhos (I13e265)

b. **acabou** as férias (I4e265)

Santos (2013), ao verificar a distância entre sujeito e verbo na modalidade escrita de menores carentes, obteve um resultado significativo para esse grupo. Na variante *sujeito próximo ao verbo*, os resultados foram bem disputados entre as variantes [+conc] e [-conc]. Embora os achados tenham favorecido mais a variante padrão do que a não-padrão, ao obter 54% de frequência de [+conc] contra 46% de [-conc], a autora conclui que “esse equilíbrio possivelmente estava revelando uma certa dificuldade quanto ao uso da variante [+conc]” (Ibid, p.81). Ao compararmos os

resultados da autora com os nossos, observamos que os nossos diferiram bastante, uma vez que a posição pré-verbal, independente da distância, foi bastante favorecedora da variante padrão.

Abaixo, na tabela 65, segue o cruzamento da variável *posição do sujeito* com a variável *saliência fônica*

Tabela 65 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP da escrita, segundo o cruzamento entre as variáveis posição do sujeito e saliência fônica

Saliência Fônica	posição pré-verbal com núcleo distante de 3 a 10 sílabas do verbo	posição pré-verbal com núcleo distante mais de 10 sílabas do verbo	posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo	posição pós-verbal com núcleo distante de 0 até 5 sílabas do verbo
mínima	29/39=74%	3/3=100%	39/46=85%	-----
média	68/77=88%	8/9=89%	88/94=94%	3/6=50%
Total	97/116=84%	11/12=92%	127/140=91%	3/6=50%

Fonte: Autora deste trabalho

Após o cruzamento acima, comprovamos que a *posição do sujeito* se correlaciona com a *saliência fônica*, visto que há uma maior probabilidade de aplicação da regra de CV quando o sujeito está mais próximo e quando o verbo é mais saliente. Percebemos que a variação na posição pré-verbal foi equilibrada, com alta tendência para a variante [+conc].

Mais uma vez, devido à limitada quantidade de ocorrências na posição pós-verbal, não cabe fazermos generalizações sobre esse contexto.

O segundo cruzamento se deu com o grupo de fatores *posição do sujeito em relação ao verbo* com o grupo de fatores *sexo*, conforme tabela 66.

Tabela 66 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis posição do sujeito em relação ao verbo e sexo

sexo	posição pré-verbal com núcleo distante de 3 a 10 sílabas do verbo	posição pré-verbal com núcleo distante mais de 10 sílabas do verbo	posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo	posição pós-verbal com núcleo distante de 0 até 5 sílabas do verbo
masculino	45/52=87%	5/5=100%	68/77=88%	-----
feminino	59/71=83%	6/7=86%	63/67=94%	3/6=50%
total	104/123=85%	11/12=92%	131/144=91%	3/6=50%

Fonte: Autora deste trabalho

Pelo cruzamento dos fatores representados na tabela acima, é interessante notarmos que os índices percentuais para os adolescentes foram um pouco mais elevados nos contextos *posição pré-verbal com núcleo distante de 3 a 10 sílabas do verbo* e *verbal com núcleo distante mais de 10 sílabas do verbo* e, somente no contexto de *posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo* é que os percentuais se inverteram, usando os adolescentes com maior frequência a variante padrão do que as adolescentes. Nesse sentido, os adolescentes foram um pouco mais sensíveis à aplicação da regra de CV quando o sujeito está anteposto ao verbo.

Na tabela 67, apresentamos o cruzamento da *posição do sujeito em relação ao verbo e escolaridade*.

Tabela 67 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis posição do sujeito em relação ao verbo e escolaridade

escolaridade	posição pré-verbal com núcleo distante de 3 a 10 sílabas do verbo	posição pré-verbal com núcleo distante mais de 10 sílabas do verbo	posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo	posição pós-verbal com núcleo distante de 0 até 5 sílabas do verbo
6º ano do ensino fundamental II	32/39=82%	1/1=100%	47/51=92%	3/6=50%
9º ano do ensino fundamental II	25/29=86%	1/1=100%	52/59=88%	----
3º ano do ensino médio	46/54=85%	9/10=90%	32/34=94%	----
Total	103/122=84%	11/12=92%	131/144=91%	3/6=50%

Fonte: Autora deste trabalho

Com base nos resultados acima, há um número bastante reduzido de ocorrências de sujeitos pospostos ao verbo (3 ocorrências), o que não nos leva a afirmar com convicção que na escrita a posição pós-verbal independeu da escolaridade. Nas posições que antecedem ao verbo, os três níveis de escolaridade pesquisados apresentaram influência positiva na aplicação da CV, como já previsto.

7.3.3 Explicitude do sujeito

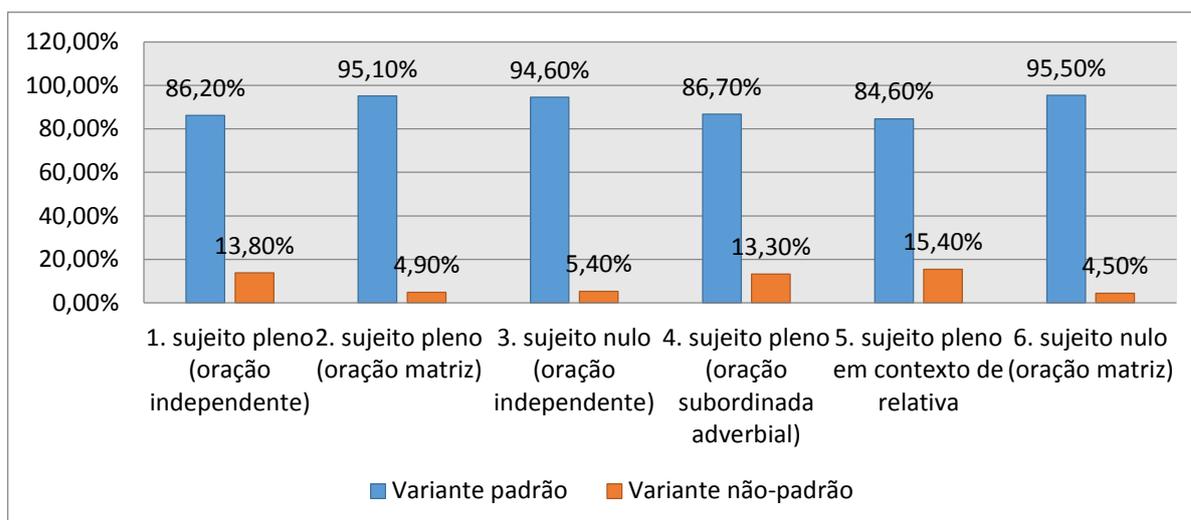
A seguir, na tabela 68 e no gráfico 21, refletimos sobre os resultados da variável *explicitude do sujeito*, também no domínio SN-sujeito e verbo.

Tabela 68 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão na escrita, segundo a variável explicitude do sujeito

Variável	Fator	Ocorrência		Percentual		Peso
		Variante padrão	Variante não-padrão	Variante padrão	Variante não-padrão	
Explicitude do sujeito	1. sujeito pleno (oração independente)	187/217	30/217	86.2%	13.8%	.432
	2. sujeito pleno (oração matriz)	39/41	2/41	95.1%	4.9%	.700
	3. sujeito nulo (oração independente)	105/111	6/111	94.6%	5.4%	.546
	4. sujeito pleno (oração subordinada adverbial)	13/15	2/15	86.7%	13.3%	.463
	5. sujeito pleno em contexto de relativa	11/13	2/13	84.6%	15.4%	.581
	6. sujeito nulo (oração matriz)	21/22	1/22	95.5%	4.5%	.796

Fonte: Autora deste trabalho

Gráfico 21 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão na escrita, segundo a variável explicitude do sujeito



Fonte: Autora deste trabalho

Analisando os resultados acima, podemos observar que todos os fatores desse grupo obtiveram percentuais acima de 86%. O sujeito nulo (oração matriz) apresentou 95.5% (13a), o sujeito pleno (oração matriz), 95.1% (13b) e o sujeito nulo (oração independente) obteve 94.6% de frequência (13c), ou seja, os valores das frequências mostraram ser eles favorecedores da aplicação da regra de CV

- (13) a. [eles] não **sabiam** que existiam outras pessoas assim (I46e135)
 b. eles **perceberam** que nada disso tinha acontecido (I9e164)
 c. [eles] **viviam** em uma casa flutuante na Ilha de Fernando de Noronha (I28e135)

Logo, não observamos diferenças tão significativas de percentual entre as categorias entre sujeito pleno e sujeito nulo.

7.3.4 Tempo e modo verbal

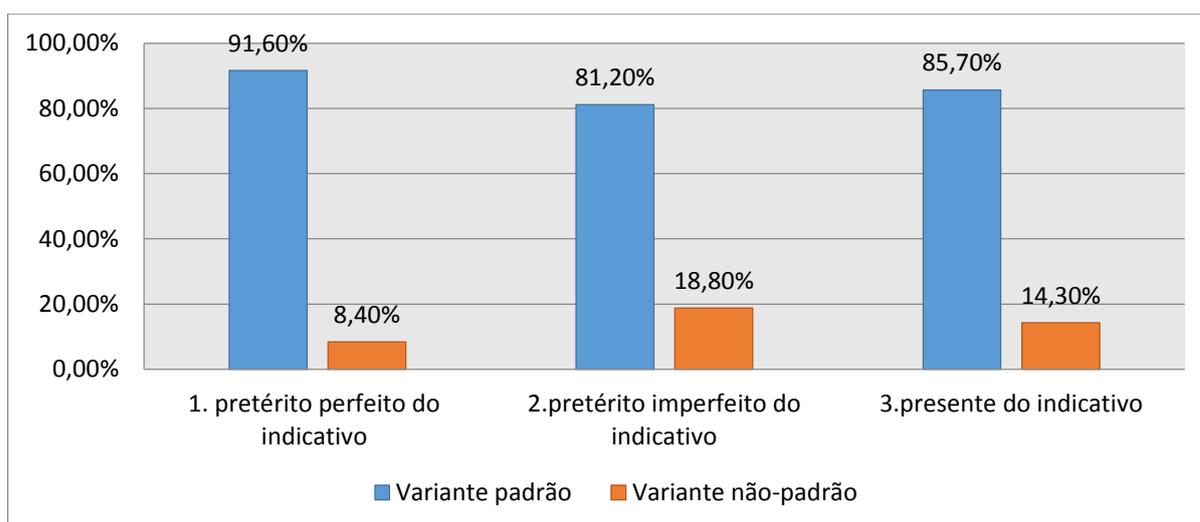
Na variável **tempo e modo verbal**, encontramos os resultados na tabela 69 e no gráfico 22.

Tabela 69 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão na escrita, segundo a variável tempo e modo verbal

Variável	Fator	Ocorrência		Percentual		Peso
		Variante padrão	Variante não-padrão	Variante padrão	Variante não-padrão	
Tempo e modo verbal	1. pretérito perfeito do indicativo	296/323	27/323	91.6%	8.4%	.545
	2.pretérito imperfeito do indicativo	52/64	12/64	81.2%	18.8	.421
	3.presente do indicativo	42/49	7/49	85.7%	14.3%	.317

Fonte: Autora deste trabalho

Gráfico 22 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão na escrita, segundo a variável tempo e modo verbal



Fonte: Autora deste trabalho

Com base nos resultados, o *pretérito perfeito* foi o *tempo e modo verbal* que apresentou maior percentual, 91.6%; isto é, esse fator foi bastante favorável ao uso da variante padrão. Acreditamos que a proposta narrativa solicitada aos alunos foi,

provavelmente, o motivo que favoreceu a escolha desse fator. Acompanhando Vianna (2006), o uso desse tempo verbal se justifica por ter ele valor definido, denotando ação passada e, conseqüentemente, ser mais ligado ao emprego do pronome *nós*.

Por considerarmos importante comprovar que maiores níveis de saliência entre formas verbais levam a maiores frequências de uso, realizamos o cruzamento entre o grupo de fatores *tempo e modo verbal* com o grupo de fatores *saliência fônica*. Segue tabela 70 com os resultados do cruzamento.

Tabela 70 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis tempo e modo verbal e saliência fônica

saliência Fônica	pretérito imperfeito do indicativo	pretérito perfeito do indicativo	presente do indicativo
mínima	48/60=80%	18/22=82%	28/35=80%
média	2/2=100%	273/296=92%	6/6=100%
Total	50/62=81%	291/318=92%	34/41=83%

Fonte: Autora deste trabalho

Após o cruzamento, constatamos a correlação entre as variáveis. Em conformidade com nossa expectativa, o índice percentual total do fator *pretérito perfeito do indicativo* (92%) ultrapassou nossa média geral (89.8%). Pelos resultados, podemos dizer que esse tempo verbal ocorre com formas mais salientes, como nos exemplos abaixo:

- (14) minhas primas **ficaram** com medo (I28e153)
- (15) os alienígenas **foram** embora da terra (I15e146)
- (15) [nós] **temos** poderes (I1e156)

7.3.5 Referência semântica de número do sujeito

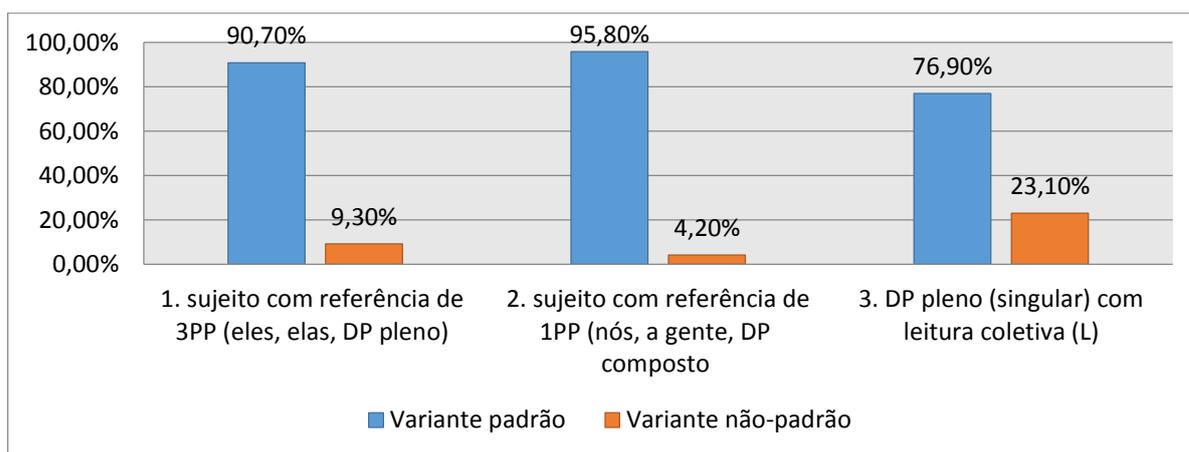
Para a variável *referência semântica de número do sujeito*, seguem, na tabela 71 e no gráfico 23, os resultados obtidos:

Tabela 71 - Frequência e peso relativo da variante padrão e não-padrão da escrita, segundo a variável referência semântica de número do sujeito

Variável	Fator	Ocorrência		Percentual		Peso
		Variante padrão	Variante não-padrão	Variante padrão	Variante não-padrão	
Referência semântica de número do sujeito	sujeito com referência de 3PP (eles, elas, DP pleno)	350/386	36/386	90.7%	9.3%	.468
	sujeito com referência de 1PP (nós, a gente, DP composto)	23/24	1/24	95.8%	4.2%	.936
	DP pleno (singular) com leitura coletiva	30/39	9/39	76.9%	23.1%	.402

Fonte: Autora deste trabalho

Gráfico 23 - Frequência e peso relativo da variante padrão e não-padrão da escrita, segundo a variável referência semântica de número do sujeito



Fonte: Autora deste trabalho

Na referência semântica de número do sujeito, podemos afirmar que, dos três fatores analisados, o sujeito com referência de 3PP (16a) e o sujeito com referência de 1PP (16b) apresentaram resultados acima de 90%. Essa porcentagem aponta maior tendência ao uso de [+conc] para *eles, elas, DP pleno* e para *nós, a gente e DP composto*. Em contrapartida, o DP pleno (singular) com leitura coletiva (16c) obteve 76.9% de frequência.

- (16) a. [eles] **deixaram** os três irmãos no parque. (I45e135)
 b. [nós] **vamos** para a minha casa (I2e164)
 c. a família **foram** para os jogos olímpicos (I1e256)

Podemos dizer que, embora a diferença de percentual entre a 1PP e 3PP não seja tão significativa, o fator *nós, a gente e DP composto*, com 95.8%, foi mais

favorecedor da aplicação da regra de CV. Ou seja, notadamente, a ausência de pronome *a gente* nos dados da modalidade escrita foi determinante para esse quantitativo, uma vez que sujeitos desinenciais ou ocultos indicam maior frequência de verbos com marcas de 1PP, visto que não são redundantes (cf. BORNONI-RICARDO, 1985; RUBIO, 2012, entre outros).

Além disso, salientamos que, enquanto nos nossos dados da fala não houve praticamente registros de *nós*, nos da escrita, não houve nenhum registro do sintagma nominal *a gente*. Ou seja, esse resultado nos mostra que a modalidade da língua ainda é determinante para a escolha de uma dessas formas pronominais. Também cabe refletirmos sobre o que dizem Zilles e Silva (2000), já que, na escrita escolar, há uma imposição do uso de *nós* e um cerceamento do uso de *a gente* na produção textual do aluno, seja este de maneira clara ou velada.

Na tabela 72, estão expressos os resultados baseados no cruzamento dos grupos de fatores *referência semântica de número do sujeito e posição do sujeito em relação ao verbo*.

Tabela 72 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis referência semântica de número do sujeito e posição do sujeito em relação ao verbo

posição do sujeito em relação ao verbo	sujeito com referência de 3PP (eles, elas, DP pleno)	sujeito com referência de 1PP (nós, a gente, DP composto)	DP pleno (singular) com leitura coletiva
posição pré-verbal com núcleo distante de 3 a 10 sílabas do verbo	67/81=83%	15/15=100%	21/26=81%
posição pré-verbal com núcleo distante mais de 10 sílabas do verbo	5/5=100%	3/4=75%	3/3=100%
posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo	127/138=92%	2/2=100%	2/4=50%
posição pós-verbal com núcleo distante de 0 até 5 sílabas do verbo	3/6=50%	-----	-----
Total	202/230=88%	20/21=95%	26/33=79%

Fonte: Autora deste trabalho

Pelo cruzamento acima podemos notar que, diferentemente dos resultados da fala, as frequências exibidas na tabela 72 apontam o *sujeito com referência de 3PP (eles, elas, DP pleno,)* anteposto ao verbo (83%, 100% e 92%, respectivamente), com índices apresenta índices percentuais de uso da variante padrão mais altos que os da fala.

Exibimos a seguir a tabela 73 com o cruzamento entre o grupo de fatores *referência semântica de número do sujeito* e o grupo de fatores *saliência fônica*.

Tabela 73 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis referência semântica de número do sujeito e saliência fônica

saliência fônica	sujeito com referência de 3PP (eles, elas, DP pleno)	sujeito com referência de 1PP (nós, a gente, DP composto)	DP pleno (singular) com leitura coletiva
mínima	91/111=82%	4/4=100%	6/9=67%
média	245/261=94%	19/20=95%	23/29=79%
Total	336/372=90%	23/24=96%	29/38=89%

Fonte: Autora deste trabalho

Notemos, por meio do cruzamento acima, que o fator *saliência fônica* com o fator *sujeito com referência de 3PP (eles, elas, DP pleno)* e o *sujeito com referência de 1PP (nós, a gente, DP composto)* apresentaram índices altos de aplicação da regra de CV (respectivamente, 82% e 100%- mínima; 94% e 95%-média). Em contrapartida, a *saliência fônica* com o DP pleno (singular) com leitura coletiva (67% - mínima e 79%-média), desfavoreceu a aplicação, atestando nossa hipótese.

7.3.6 Tipo estrutural do sujeito

Embora o grupo de fatores tipo estrutural do sujeito não tenha sido selecionado como estatisticamente relevante, vale destacarmos os resultados em termos percentuais, conforme tabela 74 e gráfico 24.

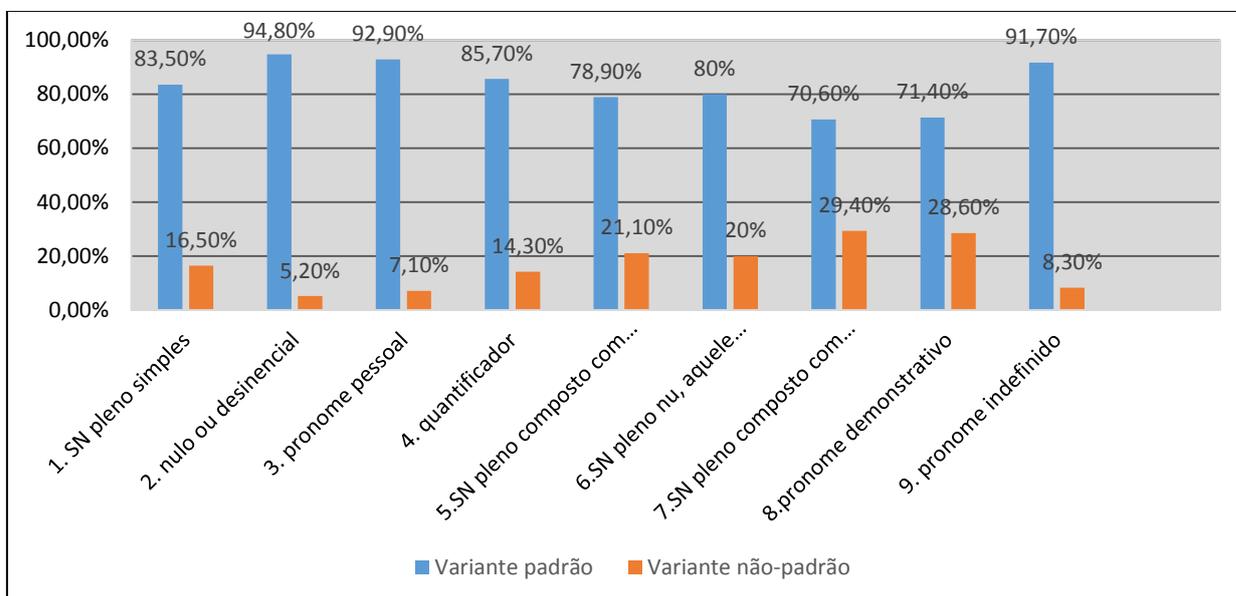
Tabela 74 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da escrita, segundo a variável tipo estrutural do sujeito

Variável	Fator	Ocorrência		Percentual		Peso
		Variante padrão	Variante não-padrão	Variante padrão	Variante não-padrão	
Tipo estrutural do sujeito	SN pleno simples	66/79	13/79	83.5%	16.5%	.418
	nulo ou desinencial	164/173	9/173	94.8%	5.2%	.669
	pronome pessoal	118/127	9/127	92.9%	7.1%	.543
	quantificador	6/7	1/7	85.7%	14.3%	.711
	SN pleno composto com núcleo adjacente no singular	15/19	4/19	78.9%	21.1%	.066

SN pleno nu, aquele desprovido de determinantes e modificadores restritivos	4/5	1/5	80%	20%	.121
SN pleno composto com núcleo adjacente no plural	12/17	5/17	70.6%	29.4%	.082
pronome demonstrativo	5/7	2/7	71.4%	28.6%	.074
pronome indefinido	11/12	1/12	91.7%	8.3%	.451

Fonte: Autora deste trabalho

Gráfico 24 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da escrita, segundo a variável tipo estrutural do sujeito



Fonte: Autora deste trabalho

Em nossa análise, do mesmo modo que na fala, confirmamos nossas expectativas, o *sujeito nulo ou desinencial* teve o maior percentual de marcação da CV, 94,8%, seguido pelo pronome pessoal, 92,9%, pelo pronome indefinido, 91,7%, pelo quantificador, 85,7%, pelo SN pleno simples, 83,5%, pelo SN pleno nu, aquele desprovido de determinantes e modificadores restritivos, 80%, pelo SN pleno composto com núcleo adjacente no singular, 78,9%, pelo pronome demonstrativo, 71,4% e pelo SN pleno composto com núcleo adjacente no plural, 70,6%.

É interessante notarmos que a diferença entre os fatores *pronome demonstrativo* (71,4%) e *sujeito pleno nu* (80%) foi pouca, já que ambos fatores favoreceram a CV na escrita, ao contrário do que observado na fala. Na fala,

normalmente, o pronome demonstrativo aparece desfavorecendo a CV e o SN pleno nu preservando mais a marca de plural no verbo (MONTE, 2012).

A princípio, como apresentado na tabela 75, podemos concluir, que o grupo de fatores variável *tipo estrutural do sujeito* na escrita também foi condicionado por uma possível relação existente entre esse e o grupo de fatores *saliência fônica*.

Tabela 75 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis tipo estrutural do sujeito e saliência fônica

saliência fônica	nulo ou desinencial	pronome pessoal	quantificador	SN pleno simples	SN pleno composto com núcleo adjacente no singular	SN pleno nu, aquele desprovido de determinantes e modificadores restritivos	SN pleno composto com núcleo adjacente no plural	pronome demonstrativo	pronome indefinido
mínima	31/37= 84%	35/41= 85%	1/2= 50%	18/21= 86%	4/5= 80%	0/1= 0%	3/5= 60%	2/4= 50%	5/6= 83%
média	128/131= 98%	79/82= 96%	5/5= 100%	44/54= 81%	11/14= 79%	3/3= 100%	9/12= 75%	2/2= 100%	6/6= 100%
Total	159/168= 95%	114/123= 93%	6/7= 86%	62/75= 83%	15/19= 79%	3/4= 75%	12/17= 71%	4/6= 67%	11/12= 92%

Fonte: Autora deste trabalho

Dos resultados acima, podemos notar a atuação dos grupos de fatores *tipo estrutural do sujeito* e *saliência fônica*, uma vez que, sendo o sujeito *nulo ou desinencial* e *pronome pessoal* com verbo de média saliência fônica, o índice percentual de uso da variante padrão foi bem elevado (98% e 96%, respectivamente), resultado que demonstra que esses fatores são altamente favorecedores da CV. Em índices menores de porcentagem, a fala também indicou serem esses dois fatores (93% e 90%, respectivamente) os mais suscetíveis à aplicação da regra de CV.

Apresentamos, na tabela 76, o cruzamento do grupo de fatores *tipo estrutural do sujeito* com o grupo de fatores *explicitude do sujeito*

Tabela 76 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis tipo estrutural do sujeito e explicitude do sujeito

Explicitude do sujeito	nulo ou desinencial	pronome pessoal	quantificador	SN pleno simples	SN pleno composto com núcleo adjacente no singular	SN pleno nu, aquele desprovido de determinantes e modificadores restritivos	SN pleno composto com núcleo adjacente no plural	pronome demonstrativo	pronome indefinido
sujeito pleno (oração independente)	53/63= 84%	9/10= 90%	84/91= 92%	5/6= 83%	11/15= 73%	3/3= 100%	10/14= 71%	4/6= 67%	8/9= 89%
sujeito pleno (oração matriz)	8/9= 89%	9/9= 100%	19/19= 100%	-----	2/2= 100%	-----	-----	1/1= 100%	-----
sujeito nulo (oração independente)	3/3= 100%	101/107= 94%	1/1= 100%	-----	-----	-----	-----	-----	-----
sujeito pleno (oração subordinada adverbial)	-----	3/3= 100%	8/10= 80%	-----	-----	-----	1/1= 100%	-----	1/1= 100%
sujeito pleno em contexto de encaixada	1/2= 50%	3/3= 100%	1/1= 100%	1/1= 100%	1/1= 100%	1/2= 50%	-----	-----	1/1= 100%
sujeito nulo (oração matriz)	-----	20/20= 100%	-----	-----	1/1= 100%	-----	0/1= 0%	-----	-----
sujeito nulo (oração encaixada)	0/1= 0%	9/11= 82%	1/1= 100%	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Total	65/78= 83%	154/163= 94%	114/123= 93%	6/7= 86%	15/19= 79%	4/5= 80%	5/7= 69%	5/7= 71%	10/11= 91%

Fonte: Autora deste trabalho

Após o cruzamento, observamos que o fator *quantificador com sujeito pleno (oração independente)*, 92%, e o fator *sujeito nulo (oração independente) com o pronome pessoal*, 94%, foram bastante favoráveis à aplicação da regra de CV, confirmando nossas expectativas.

7.3.7 Definitude e especificidade do sujeito

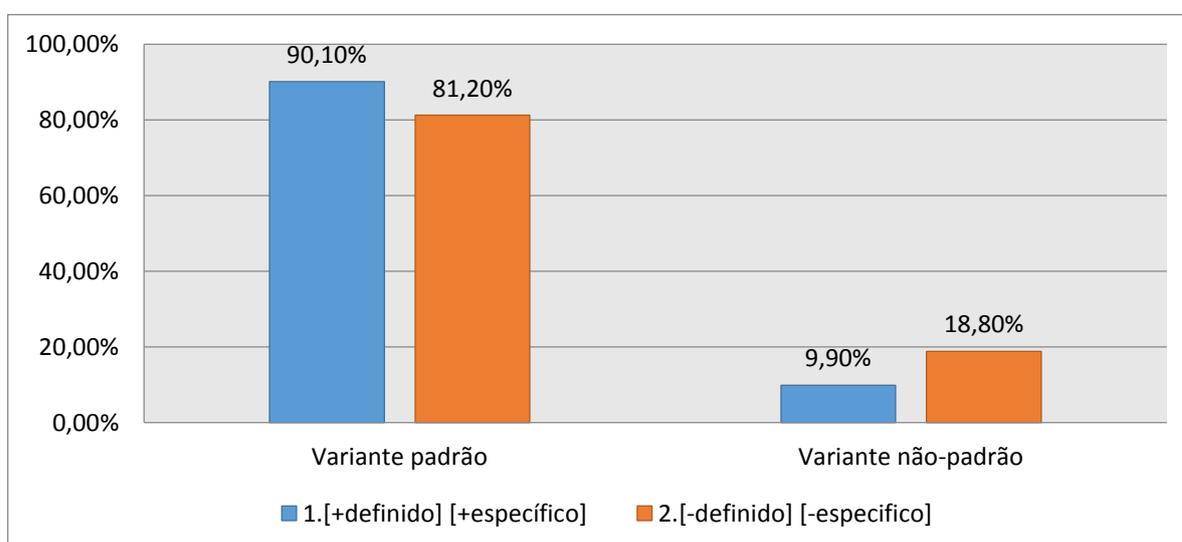
Os resultados da variável *definitude e especificidade do sujeito* serão apresentados na tabela 77.

Tabela 77 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da escrita, segundo a variável definitude e especificidade do sujeito

Variável	Fator	Ocorrência		Percentual		Peso
		Variante padrão	Variante não-padrão	Variante padrão	Variante não-padrão	
Definitude e especificidade do sujeito	[+definido] [+específico]	390/433	43/433	90.1%	9.9%	.495
	[-definido] [-específico]	13/16	3/16	81.2%	18.8%	.629

Fonte: Autora deste trabalho

Gráfico 25 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da escrita, segundo a variável definitude e especificidade do sujeito



Fonte: Autora deste trabalho

Pelos dados apresentados, destacamos a discrepância considerável de mais de 80 pontos percentuais de frequência (80.2%) entre a categoria que apresentou menor frequência (*[-definido] [-específico]*), 9,9%, e a categoria com maior frequência de CV (*[+definido] [+específico]*), 90.1%. Esta, inclusive, demonstrou ser fortemente favorecedora da pluralização verbal, uma vez que todo definido é específico, mas nem todo específico será definido. Conseqüentemente, no domínio do discurso, se os referentes dados já forem ditos, será *[+definido]* e se forem novos será *[-definido]*.

Ao compararmos os percentuais do fator (*[+definido] [+específico]*) da fala (81.7%) com os da escrita (90.1%), constatamos que, tanto na fala como na escrita, esse fator alcançou índices acima da média geral para cada modalidade da língua

(fala – 74.4%, escrita- 89.8%, respectivamente), revelando seu favorecimento ao uso da variante padrão.

Optamos também por realizar o cruzamento da variável *definitude e especificidade do sujeito* com a variável *posição do sujeito*, como podemos visualizar na tabela 78.

Tabela 78 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis definitude e especificidade do sujeito e posição do sujeito

Posição do sujeito	[+definido] [+específico]	[-definido] [+específico]
posição pré-verbal com núcleo distante de 3 a 10 sílabas do verbo	96/113=85%	7/9=78%
posição pré-verbal com núcleo distante mais de 10 sílabas do verbo	9/10=90%	2/2=100%
posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo	127/139=91%	4/5=80%
posição pós-verbal com núcleo distante de 0 até 5 sílabas do verbo	3/6=50%	-----
Total	235/268=88%	13/16=81%

Fonte: Autora deste trabalho

Pelo cruzamento, confirmamos nossa expectativa. Os dois grupos de fatores se correlacionaram, uma vez que quanto mais definido, mais específico e mais próximo do verbo esteve do sujeito, maior a probabilidade de aplicação da concordância (91%). Não podemos deixar de registrar que o sujeito [+específico] está diretamente ligado à posição de tópico, conseqüentemente, podemos dizer, pelos índices, que os contextos de 1PP interferiram positivamente na [+conc].

Mais uma vez, como previsto, as ocorrências de sujeito na posição pós-verbal foram bem reduzidas, confirmando o pouco uso dessa posição também na escrita.

Dando continuidade aos cruzamentos, realizamos, na tabela 79, o cruzamento da *definitude e especificidade do sujeito* com *referência semântica de número do sujeito*.

Tabela 79 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis definitude e especificidade do sujeito e referência semântica de número do sujeito

Referência semântica de	[+definido] [+específico]	[-definido] [+específico]
-------------------------	---------------------------	---------------------------

número do sujeito		
Sujeito com referência de 3PP	340/373=91%	9/12=75%
Sujeito com referência de número de 1PP	19/20=95%	4/4=100%
DP pleno (singular) com leitura coletiva	30/39=77%	-----
Total	389/432=90%=90%	13/16=81%

Fonte: Autora deste trabalho

Ao considerarmos o cruzamento acima, constatamos que o fator [+definido] [+específico] foi altamente favorecedor da marcação de CV com *sujeito com referência de 3PP* (91%), diferentemente de nossos índices da fala, os quais foram bem desfavoráveis (67%). Já o fator [+definido] [+específico] com o sujeito com referência de número de 1PP foi favorecedor da pluralidade do verbo tanto na escrita quanto na fala (95% e 97%, respectivamente), por estar ligado à função tópico, o que favoreceu, e muito, a concordância.

Abaixo, na tabela 80, realizamos o cruzamento do grupo de fatores *definitude e especificidade do sujeito* com o grupo de fatores *tipo de verbo*.

Tabela 80 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis definitude e especificidade do sujeito e tipo de verbo

Tipo de verbo	[+definido] [+específico]	[-definido] [+específico]
transitivo	221/244=91%	5/7=71%
inacusativo	47/55=85%	-----
cópula	75/82=91%	6/7=86%
intransitivo	46/51=90%	2/2=100%
Total	389/432=90%	13/16=81%

Fonte: Autora deste trabalho

A partir dos resultados gerais do cruzamento acima, observamos que os grupos de fatores não apresentaram índices tão discrepantes (90% e 81%, respectivamente), divergindo dos percentuais gerais da fala (82% e 57%, respectivamente), indicando ser a escrita menos sensível a esse cruzamento, uma vez que ambos os grupos foram favoráveis à [+conc].

Por acreditarmos que poderia haver uma correlação entre os grupos de fatores *definitude e especificidade do sujeito* e *animacidade do sujeito*, fizemos o cruzamento dessa variáveis, conforme tabela 81.

Tabela 81 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis definitude e especificidade do sujeito e animacidade do sujeito

animacidade do sujeito	[+definido] [+específico]	[-definido] [+específico]
[+humano] [+animado]	359/398=90%	10/13=77%
[-humano] [+animado]	24/26=92%	1/1=100%
[-humano] [-animado]	6/8=75%	2/2=100%
Total	389/432=90%	13/402=81%

Fonte: Autora deste trabalho

Conforme prevíamos, a variante [+definido] [+específico] foi sensível ao cruzamento com a animacidade do sujeito. Quando a sentença apresentou sujeito [-humano] [+animado] e [+humano] [+animado], a concordância foi de 92% e 90%, respectivamente. Por outro lado, quando apresentou sujeito [-humano] [-animado], a concordância foi menor, 75% de marcação. Ou seja, sujeitos animados apresentaram maior frequência de CV que os inanimados.

7.3.8 Animacidade do sujeito

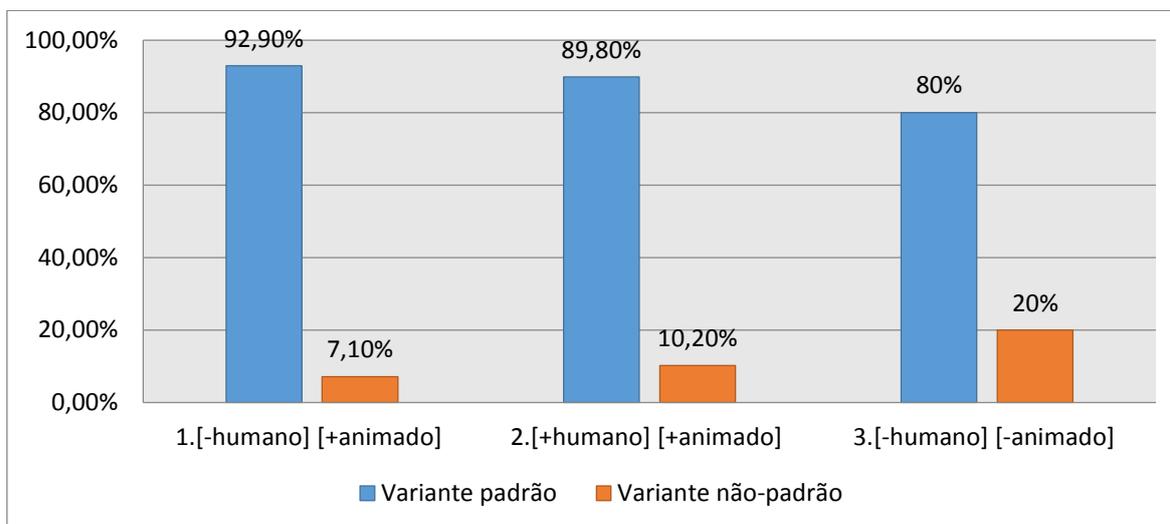
Para concluirmos as variáveis linguísticas não selecionadas pelo programa Goldvarb X, expomos na tabela 82 e no gráfico 26 os resultados da variável *animacidade do sujeito*.

Tabela 82 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão na escrita, segundo a variável animacidade do sujeito

Variável	Fator	Ocorrência		Percentual		Peso
		Variante padrão	Variante não-padrão	Variante padrão	Variante não-padrão	
	1.[+humano] [+animado]	369/411	42/411	89.8%	10.2%	.497
	2.[-humano] [+animado]	26/28	2/28	92.9%	7.1%	.530
	3.[-humano] [-animado]	8/10	2/10	80%	20%	.526

Fonte: Autora deste trabalho

Gráfico 26 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão na escrita, segundo a variável animacidade do sujeito



Fonte: Autora deste trabalho

Segundo Scherre e Naro (1998), o traço [+humano] desempenha um papel importante na concordância. Logo, partimos do pressuposto de que sujeitos com traço [+humano] contribuem para a aplicação da CV e sujeitos com traço [-humano], sejam eles animados ou inanimados, favorecem o uso da variante não-padrão.

No entanto, os índices percentuais não revelaram diferença significativa entre os fatores pesquisados (92.9%-[*-humano*][*+animado*], 89.8%-[*+humano*][*+animado*] e 80%-[*-humano*][*-animado*], respectivamente). Nessa lógica, esses resultados exibiram um favorecimento da marcação de plural nos três índices percentuais e uma neutralização nos valores dos pesos relativos (.530, 497, .526, respectivamente), confirmando a não significância desse grupo de fatores pelo Goldvarb X.

Realizamos o cruzamento da variável *animacidade do sujeito* com a variável *posição do sujeito*, de acordo com a tabela 83.

Tabela 83 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis animacidade do sujeito e posição do sujeito

posição do sujeito	[+humano] [+animado]	[-humano] [+animado]	[-humano] [-animado]
posição pré-verbal com núcleo distante de 3 a 10 sílabas do verbo	89/106=84%	11/11=100%	3/5=60%
posição pré-verbal com núcleo distante	11/12=92%	-----	-----

mais de 10 sílabas do verbo			
posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo	123/135=91%	6/7=86%	2/2=100%
posição pós-verbal com núcleo distante de 0 até 5 sílabas do verbo	0/2=0%	1/2=50%	2/2=100%
Total	223/255=87%	18/20=90%	7/9=78%

Fonte: Autora deste trabalho

Ao observarmos o cruzamento, ratificamos parcialmente nossas expectativas, pois não tivemos dados suficientes de sujeito na posição pós-verbal que nos permitisse chegar a uma conclusão para o desfavorecimento da variante padrão quando o sujeito está posposto. Na situação de sujeito [+humano] [+animado] com sujeito anteposto e próximo ao verbo, confirmamos a hipótese: os índices percentuais atingiram 92% de frequência de aplicação da regra de CV.

Realizamos o cruzamento da animacidade do sujeito com a explicitude do sujeito. Vejamos os resultados na tabela 84 a seguir.

Tabela 84 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis animacidade do sujeito e explicitude do sujeito

Explicitude do sujeito	[+humano] [+animado]	[-humano] [+animado]	[-humano] [-animado]
sujeito pleno (oração independente)	165/191=86%	16/18=89%	6/8=75%
sujeito pleno (oração matriz)	37/39=95%	1/1=100%	1/1=100%
sujeito nulo (oração independente)	97/103=94%	8/8=100%	-----
sujeito pleno (oração subordinada adverbial)	13/15=87%	-----	-----
sujeito pleno em contexto de encaixada	9/11=82%	1/1=100%	1/1=100%
sujeito nulo (oração matriz)	21/22=95%	-----	-----
sujeito nulo (oração encaixada)	10/77=70%	-----	-----
Total	353/386=89%	26/28=93%	8/10=80%

Fonte: Autora deste trabalho

Indo de encontro aos resultados da fala, no cruzamento da *animacidade do sujeito* com a *explicitude do sujeito*, não encontramos tanta variação na CV, uma vez que houve predomínio da marcação da CV em todos os contextos estabelecidos.

De toda forma, registramos as maiores frequências dos dois fatores com maior ocorrência da variante [+humano] [+animado] com a *animacidade do sujeito*. São eles: *sujeito pleno* (oração independente), com 165 ocorrências e 86% de frequência, e *sujeito nulo* (oração independente), com 97 ocorrências e 94% percentagem.

7.4 VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS DA ESCRITA

As duas variáveis extralinguísticas analisadas pelo Goldvarb X não se mostraram significativas para o uso variável da CV na escrita de alunos do 6º, 9º e 3º anos de uma escola regular do Recife. Este resultado é interessante, visto que o sexo e a escolaridade são variáveis geralmente relevantes nas pesquisas sociolinguísticas que enfocam fenômenos de concordância (GAMEIRO, 2009; BRUSTOLIN, 2009; SANTOS, 2013; CASTRO, 2016).

Como já informado, o programa Goldvarb X não apresentou como resultado variáveis extralinguísticas significativas. Optamos, na escrita, por apresentá-los separadamente dos linguísticos.

7.4.1 Sexo

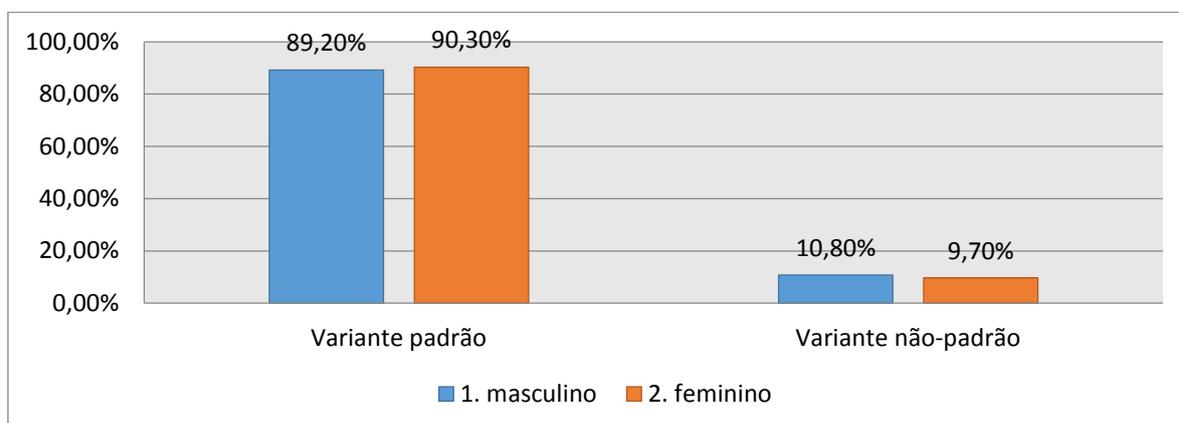
Como apontado anteriormente, o grupo de fatores sexo não foi selecionado pelo programa. Vejamos os resultados na tabela 85 e no gráfico 27.

Tabela 85 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da escrita, segundo a variável sexo

Variável	Fator	Ocorrência		Percentual		Peso
		Variante padrão	Variante não-padrão	Variante padrão	Variante não-padrão	
Sexo	1. masculino	190/213	23/213	89.2%	10.8%	.435
	2. feminino	213/236	23/236	90.3%	9.7%	.558

Fonte: Autora deste trabalho

Gráfico 27 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da escrita, segundo a variável sexo



Fonte: Autora deste trabalho

Embora muitas pesquisas sociolinguísticas já tenham comprovado a atitude conservadora do sexo feminino na fala, a variável sexo na escrita de nossa comunidade de estudo atuou como inoperante, uma vez que os pesos relativos ficaram muito próximos da neutralidade e as frequências brutas foram praticamente as mesmas. Ou seja, os resultados revelaram que tanto os informantes do sexo masculino (89,2%) quanto do sexo feminino (90,3%) apresentaram altos índices de aplicação da CV em seus dados escritos. Com 1,1% a mais de frequência, as adolescentes apresentaram levemente mais marcação de CV que os adolescentes. É importante ressaltarmos a importância da atuação da escola na variante padrão, como um contexto de monitoramento, já que a escolaridade, como já apresentado no capítulo 1, serve como uma espécie de “freio” às mudanças atestadas no domínio flexional.

Dessa forma, as nossas expectativas se confirmaram parcialmente, uma vez tanto o sexo feminino quanto o masculino estão atentos às regras estabelecidas, a empregar as formas de maior prestígio, evitando na escrita formas estigmatizadas.

Abaixo, na tabela 86, apresentamos o cruzamento dos grupos de fatores extralinguísticos *sexo e escolaridade*.

Tabela 86 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis sexo e escolaridade

escolaridade	masculino	feminino
6º ano do ensino fundamental II	58/62=94%	61/72=85%
9º ano do ensino fundamental II	77/87=89%	60/64=94%
3º ano do ensino médio	54/63=86%	92/100=92%
Total	189/212=89%	213/236=90%

Fonte: Autora deste trabalho

Por meio da tabela 86, vemos que tanto informantes do sexo masculino quanto os do sexo feminino, apresentaram altos índices de pluralização independente do aumento do nível de escolaridade. Ou seja, a escolaridade atuou freando o apagamento da CV para ambos os sexos.

Realizamos na tabela 87 o cruzamento do grupo de fatores sexo com o grupo de fatores *paralelismo linguístico oracional*

Tabela 87 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis sexo e paralelismo linguístico oracional

paralelismo linguístico oracional	masculino	feminino
presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento não inserido em um SPrep	150/161=93%	169/177=95%
presença da forma zero (plural ou singular) no último elemento inserido em um SPrep	2/2=100%	1/4=25%
presença de numeral no último elemento	3/5=60%	-----
presença de neutralização no último elemento, em razão de fonema semelhante inicial no verbo	10/11=91%	14/16=88%
ausência da forma de plural zero no último elemento não inserido em um SPrep	22/29=76%	28/37=76%
presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento inserido em um SPrep	2/2=50%	1/2=50%
Total	189/202=89%	213/236=90%

Fonte: Autora deste trabalho

Considerando o cruzamento acima, verificamos que as amostras de representantes de ambos os sexos apresentaram índices semelhantes. Apenas no contexto *presença da forma zero (plural ou singular) no último elemento inserido em um SPrep* com o sexo, visualizamos frequência maior para o masculino (100%) do que para o feminino (25%). No entanto, temos de ter cautela nesse resultado, devido ao pequeno número de ocorrência para esse contexto. Nos outros contextos em que tivemos resultados para os dois sexos, os percentuais são exatamente os mesmos.

Abaixo, na tabela 88, apresentamos o cruzamento dos grupos de fatores sexo e *paralelismo linguístico discursivo*.

Tabela 88 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis sexo e paralelismo linguístico discursivo

paralelismo linguístico discursivo	masculino	feminino
forma verbal isolada ou primeira de uma série 3PP	111/114=90%	110/123=89%
forma verbal com desinência de 3PP em oração anterior	68/74=92%	88/91=97%
forma verbal com desinência de 1PP em oração anterior	8/9=89%	10/11=91%
Total	196/220=89%	222/246=90%

Fonte: Autora deste trabalho

Pelo resultado acima, percebemos que o cruzamento não apresentou variação e que todas as situações foram bastante favoráveis à aplicação da CV. Ou seja, confirmamos a não relevância desses fatores no uso da variante padrão.

Na tabela 89, estão expressos os resultados obtidos para o cruzamento dos grupos de fatores *sexo* e *explicitude do sujeito*

Tabela 89 - Frequência de CV na escrita de 1PP e 3PP, segundo o cruzamento entre as variáveis *sexo* e *explicitude do sujeito*

Explicitude do sujeito	masculino	feminino
sujeito pleno (oração independente)	89/99=90%	98/118=83%
sujeito pleno (oração matriz)	21/23=91%	18/18=100%
sujeito nulo (oração independente)	50/55=91%	55/56=98%
sujeito pleno (oração subordinada adverbial)	5/7=71%	8/8=100%
sujeito pleno em contexto de encaixada	5/7=71%	6/6=100%
sujeito nulo (oração matriz)	7/8=88%	14/14=100%
sujeito nulo (oração encaixada)	4/5=80%	6/8=75%
Total	181/204=89%	205/228=90%

Fonte: Autora deste trabalho

A observação das frequências exibidas pelos contextos variáveis *sexo* e *explicitude do sujeito* contribuiu para a confirmação da não relevância desses fatores no uso da variante padrão. Como podemos notar, os percentuais de cada fator não apresentaram diferença significativa entre si e, ainda, em relação à frequência média do cruzamento (89% e 90%, respectivamente).

7.4.2 Escolaridade

A fim de observarmos o efeito desse grupo de fator sobre a variação entre [+conc] e [-conc], partimos da hipótese de que quanto maior a escolaridade, maior a o uso da variante padrão. Ao rodarmos os dados, os resultados revelaram a escolaridade como a última variável na ordem de grupos eliminados por não ter significância.

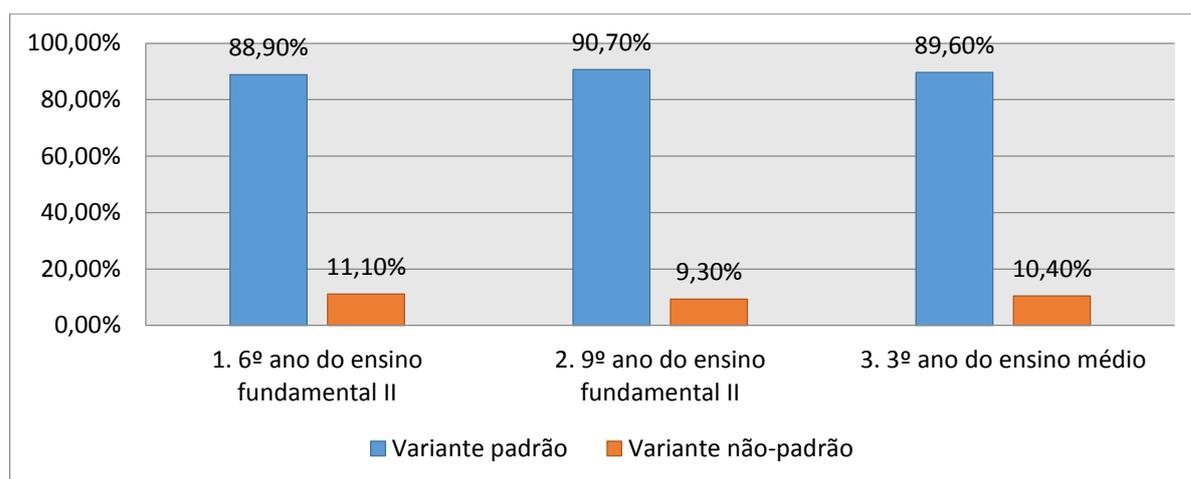
Como o programa Goldvarb X se baseia no peso relativo para executar a seleção das variáveis significativas e não-significativas e os resultados dos pesos relativos para esse grupo ficaram 'dentro do que é considerado como uma escala de neutralidade, que vai dos valores .45 a .55, entendemos o motivo de a escolaridade não estar influenciando significativamente o uso variável da CV. Podemos verificar na tabela 90 e no gráfico 28 em sequência.

Tabela 90 - Frequência e peso relativo das variantes padrão e não-padrão da escrita, segundo a variável escolaridade

Variável	Fator	Ocorrência		Percentual		Peso
		Variante padrão	Variante não-padrão	Variante padrão	Variante não-padrão	
Escolaridade	1. 6º ano do ensino fundamental II	120/135	15/135	88.9%	11.1	.474
	2. 9º ano do ensino fundamental II	137/151	14/151	90.7%	9.3%	.575
	3. 3º ano do ensino médio	146/163	17/163	89.6%	10.4%	.452

Fonte: Autora deste trabalho

Gráfico 28 - Frequência das variantes padrão e não-padrão da escrita, segundo a variável escolaridade



Fonte: Autora deste trabalho

Investigamos três séries representativas de níveis de ensino – 6º, 9º e 3º anos. O 6º ano obteve 88.9% de variação padrão de CV, o 9º, 90.7% e o 3º alcançou 89.6%. Esses resultados revelaram índices bem interessantes, uma vez que, mesmo com o aumento da escolaridade, houve um equilíbrio nos percentuais, indo, desse modo, de encontro a nossa hipótese.

7.5 CÔMPUTO GERAL DOS RESULTADOS DA LÍNGUA FALADA E DA LÍNGUA ESCRITA

Nas tabelas 91 e 92, apresentamos os resultados que concedem uma visão geral acerca da aplicação e não-aplicação da regra de CV em ambas as modalidades de uso da língua portuguesa.

Tabela 91 - Frequência geral das variantes padrão e não-padrão da fala e da escrita

Modalidade da língua	Total geral/ocorrência [+conc]	Total geral/ocorrência [-conc]	Frequência
Falada	1120/1505	385/1505	74,4%
Escrita	403/449	46/449	89,8%

Fonte: Autora deste trabalho

Tabela 92 - Mapeamento dos fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem e desfavorecem a aplicação da regra de concordância verbal na fala e na escrita

Variável	Fator	Fala		Escrita	
		Percentual	Peso	Percentual	Peso
Saliência fônica	máxima	69.1%	.395	---	---
	média	78.8%	.562	81.5%	.303
	mínima	81%	.711	92.6%	.582
Tipo de verbo	intransitivo	76.2%	.553	90.6%	.338
	transitivo	72%	.456	90%	.377
	inacusativo	73.6%	.483	85.7%	.585
	cópula	8.8%	.601	91%	.832
Tempo e modo verbal	pretérito imperfeito do subjuntivo	50%	.453	---	---
	presente do subjuntivo	50%	.466	---	---
	futuro do presente do indicativo	63.6%	.320	---	---
	futuro do pretérito do indicativo	65%	.562	---	---
	presente do indicativo	74.3%	.506	85.7%	.317
	pretérito imperfeito do indicativo	81.1%	.615	81.2%	.421
	pretérito perfeito do indicativo	75.4%	.458	91.6%	.545
Explicitude do sujeito	sujeito pleno (oração encaixada)	42.9%	.174	---	---
	sujeito nulo (oração encaixada)	66.7%	.371	---	---
	sujeito nulo (oração subordinada adverbial)	66.7%	.237	---	---
	sujeito pleno (oração independente)	74.9%	.509	86.2%	.432

	sujeito pleno (oração subordinada adverbial)	72.3%	.457	86.7%	.463
	sujeito nulo (oração independente)	8.2%	.575	94.6%	.546
	sujeito pleno (oração matriz)	78.3%	.530	95.1%	.700
	sujeito nulo (oração matriz)	8.2%	.575	95.5%	.796
	sujeito pleno em contexto de relativa	---	---	95.5%	.796
Posição do sujeito em relação ao verbo	posição pós-verbal com núcleo distante mais de 5 sílabas do verbo	25%	.081	---	---
	posição pós-verbal com núcleo distante de 0 até 5 sílabas do verbo	22.2%	.036	50%	.091
	posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo	81.8%	.529	91%	.355
	posição pré-verbal com núcleo distante de 3 a 10 sílabas do verbo	63.6%	.469	84.6%	.642
	posição pré-verbal com núcleo distante mais de 10 sílabas do verbo	45.2%	.432	91.7%	.911
Paralelismo linguístico de nível oracional	ausência da forma de plural zero no último elemento não inserido em um SPrep	76.5%	.398	---	---
	presença da forma plural zero (plural ou singular) no último elemento inserido em um SPrep	37.5%	.347	50%	.023
	Presença de numeral no último elemento	---	---	60%	.042
	presença de neutralização no último elemento, em razão de fonema semelhante inicial no verbo	81.9%	.653	88.9%	.341
	presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento não inserido em um SPrep	72%	.625	94.4%	.615
Paralelismo linguístico de nível discursivo	forma verbal com desinência de 1PP em oração anterior	75%	.427	---	---
	forma verbal isolada ou primeira de uma série de 3PP	62.9%	.359	89.5%	.467
	forma verbal isolada ou primeira de uma série de 1PP	96.6%	.766	85.3%	.584
	forma verbal com desinência de 3PP em oração anterior	78.1%	.541	94.5%	.624
Tipo estrutural do sujeito	SN pleno composto com núcleo adjacente no singular	36.4%	.216	78.9%	.066
	SN pleno composto com núcleo adjacente no plural	75%	.420	70.6%	.082
	SN pleno nu, aquele desprovido de determinantes e modificadores restritivos	42.9%	.312	80%	.121
	SN pleno simples	77.3%	.480	83.5%	.418

	pronome indefinido	7.3%	.555	91.7%	.451
	pronome pessoal	7.3%	.500	92.9%	.543
	nulo ou desinencial	79.9%	.545	94.8%	.669
	quantificador	70%	.563	85.7%	.711
Animacidade do sujeito	[+humano] [+animado]	76.5%	.512	89.8%	.497
	[-humano] [-animado]	33.3%	.274	80%	.526
	[-humano] [+animado]	45.7%	.341	92.9%	.530
Referência semântica de número do sujeito	DP pleno (singular) com leitura coletiva	82.8%	.619	76.9%	.402
	sujeito com referência de 3PP (eles, elas, DP pleno)	62.3%	.348	90.7%	.468
	sujeito com referência de 1PP (nós, a gente, DP composto)	95.7%	.749	95.8%	.936
Definitude e especificidade do sujeito	[-definido] [+específico]	57.3%	.466	---	---
	[+definido] [+específico]	81.7%	.518	90.1%	.495
	[-definido] [-específico]	33.3%	.231	81.2%	.629
Sexo	masculino	68.6%	.436	89.2%	.435
	feminino	78.6%	.547	90.3%	.558
Escolaridade	3º ano do ensino médio	77.3%	.568	89.6%	.452
	6º ano do ensino fundamental II	67.7%	.406	88.9%	.474
	9º ano do ensino fundamental II	21.8%	.529	90.7%	.575

Fonte: Autora deste trabalho

Em resumo, com base em toda a discussão empreendida ao longo desta tese e nos resultados da análise da fala e da escrita, as frequências apresentadas na tabela 91 apontaram que tanto os dados da fala (74.4%) quanto os da escrita (89.8%) alcançaram altíssimos índices percentuais. Ou seja, ambas as modalidades da língua se mostraram bastante sensíveis à marcação da CV, confirmando nossa hipótese. Na tabela 92, detalhamos os resultados dos grupos de fatores de ambas as modalidades da língua e observamos que a fala logrou mais fatores linguísticos e extralinguísticos condicionantes ao uso da CV do que a escrita.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, nesta tese, investigar o uso variável da concordância verbal de 1PP e 3PP de alunos de uma escola regular do Recife, tomando por base dois *corpora*: um constituído de 1.505 dados da fala e outro, de 449 dados da escrita, os quais foram submetidos à análise quantitativa no programa computacional Goldvarb X. Os resultados da análise estatística confirmaram nossa hipótese indicando que a variação do fenômeno da concordância verbal é muito mais condicionada por grupos de fatores linguísticos do que extralinguísticos.

A discussão realizada ao longo desta tese nos permitiu observar que a variante padrão prevaleceu sobre a variante não-padrão para a fala e escrita do PB, valendo referimos que, através da seleção das variáveis estatisticamente significativas fornecidas pelo programa Goldvarb X, foi-nos possível chegar a uma escala hierárquica de relevância dessas variáveis envolvidas na variação da CV da fala e escrita. Abaixo, apresentamos as variáveis colocadas em ordem decrescente de relevância para os dados da fala e para da escrita.

(1) Hierarquização das variáveis relevantes para os dados da fala

referência semântica de número do sujeito > paralelismo linguístico de nível oracional > saliência fônica > paralelismo linguístico de nível discursivo > definitude e especificidade do sujeito > sexo > animacidade do sujeito > escolaridade > posição do sujeito em relação ao verbo

(2) Hierarquização das variáveis relevantes para os dados da escrita

paralelismo linguístico de nível oracional > paralelismo linguístico de nível discursivo > saliência fônica

Em relação à **fala**, foi possível verificarmos que, para o grupo de fatores *referência semântica de número do sujeito*, selecionado como o mais relevante, a expectativa foi confirmada, uma vez que as marcas apresentadas no sujeito influenciaram mais a pluralização dos verbos de 1PP e DP pleno com leitura coletiva e, em sentido oposto, a falta de marcas de sujeito de 3PP levou a um menor índice

de CV. O cruzamento do grupo de fatores *referência semântica de número do sujeito* e *saliência fônica* demonstrou que esses dois fatores co-atuam na aplicação da regra de CV, pois, para contextos de sujeito com referência de 3PP, a *saliência máxima* é de 81% e para a *saliência mínima*, de 53%.

Para o grupo de fatores *paralelismo linguístico de nível oracional*, comprovamos que a presença de marcas de plural no sujeito levou a presença de marcas de plural nos verbos. A ausência de marcas no último elemento do núcleo do sujeito ou no último elemento de um SPrep do sujeito, em contrapartida, influenciou a ausência de marcas no verbo. Pelo cruzamento dos grupos de fatores *paralelismo linguístico de nível oracional* e *escolaridade*, foi possível observarmos que a *ausência da forma de plural zero no último elemento não inserido em um SPrep*, por exemplo, atuou positivamente na aplicação da regra de CV com o aumento do grau de escolaridade do 6º ano (67%) para o 9º ano (81%).

Para a *saliência fônica*, comprovadamente relevante ao fenômeno em estudo no PB, houve a confirmação de uma de nossas hipóteses: a *saliência mínima* favoreceu o emprego da forma não-padrão, ao passo que, os níveis *saliência média* e *saliência máxima* contribuíram para o emprego da forma padrão. Segundo Rubio (2012, p. 356), “[...] os diferentes níveis de *saliência fônica* verbal promovem também diferentes influências na concordância de primeira e terceira pessoa do plural”.

Para o grupo de fator *paralelismo linguístico de nível discursivo*, houve maior tendência ao emprego de formas de 1PP nos contextos em que se verificava verbos de 1PP em oração anterior e maior tendência de ao uso de formas de 1PP nos contextos em que se apresentavam como isoladas ou primeiras de uma série. É possível notarmos, pelo cruzamento entre os grupos de fatores *paralelismo linguístico de nível discursivo* e *saliência fônica* que os adolescentes foram sensíveis à forma verbal isolada ou primeira de uma série (*nós* e *a gente*) com a *saliência fônica mínima* (55%), *média* (66%) e *máxima* (81%).

O controle da *definitude* e *especificidade do sujeito* permitiu verificarmos que contextos [+*definido*] e [+*específico*] favorecem o uso da variante padrão. Por estar ligada à posição de tópico, a especificidade favorece à CV de 1PP. Ao efetuarmos o cruzamento do grupo de fator *definitude* e *especificidade do sujeito* com o grupo de fator *animacidade do sujeito*, constatamos que o fator [+*humano*] [+*animado*] com o fator [+*definido*] [+*específico*] favorecem a aplicação da regra de CV, ao contrário do

fator [-humano] [+animado]. Em linhas gerais, os resultados da animacidade do sujeito evidenciaram que sujeitos com traço [+humano] demonstraram favorecimento do emprego de verbos no plural e sujeitos com traço [-humano], possuindo eles traço [+animado] ou [-animado], não favoreceram o uso de verbos em 1PP e 3PP.

Sobre a atuação da variável sexo no fenômeno estudado, verificamos que as adolescentes apresentaram uma frequência de [+conc] levemente maior do que os adolescentes. A partir do cruzamento da variável sexo com *explicitude do sujeito*, foi possível observarmos que a natureza da explicitude de alguns sujeitos influencia positivamente o uso da variante padrão pelas adolescentes, como é o caso do fator *sujeito pleno em contexto de relativa*, que apresentou 75% para o sexo feminino e 42% para o masculino.

Em acordo com nossas expectativas para a atuação do grupo de fator *escolaridade*, verificamos que houve o aumento do emprego de formas verbais no plural relacionado diretamente ao crescimento dos anos de escolarização dos informantes, comprovação que pode ser atribuída à influência do ambiente escolar na manutenção da forma padrão de verbos na 1PP e 3PP, e, por consequência, na recusa da forma não-padrão. Por meio do cruzamento do grupo de fatores *escolaridade* com o grupo de fatores sexo, chegamos à conclusão de que a escolarização exerce mais influência sobre adolescentes do sexo feminino do que sobre os do sexo masculino.

Ao observarmos a atuação do fator *posição do sujeito em relação ao verbo*, ratificamos a hipótese amplamente reconhecida de que sujeitos antepostos e mais próximos aos verbos favorecem o emprego de verbos, principalmente, em 3PP, e que sujeitos pospostos ao verbo desfavorecem a variante padrão. O cruzamento dos grupos de fatores *posição do sujeito em relação ao verbo* e *animacidade do sujeito* demonstrou que se correlacionam na aplicação da regra de CV, pois, para contextos em que o fator [+humano] [+animado] coincide com a posição *pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo*, o índice percentual da variante padrão é de 83%, um alto percentual, se compararmos com o percentual relativo à *posição pós-verbal com núcleo distante de 0 até 5 sílabas do verbo* (25%).

Em relação à **escrita**, foi possível verificarmos que o grupo de fator *paralelismo linguístico de nível oracional*, assim como na fala, favoreceu a variante padrão no sentido de que marcas de plural no sujeito no último elemento do núcleo e também no último elemento de um SPrep presente no sujeito levam à marcação de

plural no verbo. Pelo cruzamento das variáveis *paralelismo linguístico de nível oracional* e *escolaridade*, foi possível observarmos que o fator ausência da forma de plural zero no último elemento não inserido em um SPrep influenciou positivamente o crescimento do grau de *escolaridade*, pois, para o 6º ano, os índices percentuais foram de 58%, para o 9º, 67% e para o 3º, 85%.

Sobre o grupo de fator *paralelismo linguístico de nível* discursivo, condicionante na fala e também na escrita, proporcionou a confirmação de que contextos em que o verbo anterior apresentou marcas de plural (3PP) tiveram maior tendência a levar o verbo para o plural. Por meio do cruzamento do grupo de fator *paralelismo linguístico de nível* discursivo com o grupo de fatores *escolaridade*, chegamos à conclusão de que a escolarização exerce maior influência no fator forma verbal com desinência de 3PP em oração anterior do 6ºano (95%) para o 9º ano 97%) do que do 9º ano (97%) para o 3ºano (92%).

A *saliência fônica*, igualmente apontada na escrita como estatisticamente relevante pelo Goldvarb X, atuou, como esperávamos, como favorecedora da aplicação da regra de CV para o nível de *saliência média* e como desfavorecedora da aplicação para o nível de *saliência mínima*. Foi possível notarmos, pelo cruzamento dos grupos de fatores *saliência fônica* e *escolaridade*, que os três níveis de escolaridade (6º ano, 9º ano e 3º ano) foram sensíveis ao uso da variante padrão com a *saliência fônica*, seja ela mínima (85%,79% e 82%) ou média (89%, 94% e 94%).

Em resumo, os índices percentuais exibidos atestaram a variação de CV na fala e na escrita de adolescentes de uma escola regular do Recife. Pelos resultados gerais da fala, verificamos que o percentual do uso da variante padrão é alto com a 1PP e a 3PP (74,4%), confirmando nossa hipótese inicial. No que se refere à escrita, o percentual é ainda um pouco maior (89,8%), um resultado decorrente possivelmente da influência da escolarização, que monitora as mudanças atestadas no domínio flexional no sentido de que, com o avançar do grau de escolaridade, torna-se mais frequente o uso da variante padrão relacionada à CV na escrita do que na fala. Desse modo, o uso da variante padrão é sempre maior que o da não-padrão associado à CV, indo na direção do que foi verificado em outros estudos sociolinguísticos realizados no Brasil (GRACIOSA, 1991, SCHERRE; NARO, 1997, MONTE, 2007, 2012, RUBIO, 2008, 2012). No entanto, a atuação de fatores

linguísticos e extralinguísticos em ambas as variedades não acontece na mesma proporção.

Partindo da abordagem teórico-metodológica da Teoria da Variação e Mudança Linguística, acreditamos que essa pesquisa, tomando por base dados empíricos de fala e escrita, vem contribuir para a descrição do uso variável da CV e, conseqüentemente, para a descrição do português falado e escrito no Brasil, à medida que confirmamos resultados de estudos sobre a concordância verbal de 1PP e 3PP com outras amostras do PB.

Com base em toda a discussão empreendida ao longo deste trabalho, cabe salientarmos, ainda, alguns limites desta pesquisa que podem levar a outros desdobramentos, como a ampliação do estudo em separado dos pronomes *a gente*, *nós*, *eles*, *elas*, *vocês*, o aprofundamento e a comparação da comunidade estudada com dados de fala e de escrita de um mesmo informante de outras comunidades.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 37 ed, São Paulo: Saraiva, 1992.

ALMEIDA, A. P. de. **A concordância verbal na comunidade de São Miguel dos Pretos, Restinga Seca, RS**. 2006. 159f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006 .

ANJOS, S. E. dos. **Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala pessoense**. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999.

ANTUNES, I. C. **Muito além da gramática**: Por um ensino sem pedras no caminho. 1 ed. Belo Horizonte: Ed. Parábola, 2007.

AGOSTINHO, S. R. N. **A variação na concordância verbal de primeira pessoa do plural na escrita de alunos do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

ARAÚJO, S. S. de F. 2014. **A concordância verbal no português falado em Feira de Santana-BA**: sociolinguística e sócio história do português brasileiro, Tese (Doutorado), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

ALMEIDA-BARONAS, J. E.; COBUCCI, P. A importância da sociolinguística educacional na formação docente continuada. IN.: MOLLICA, M.C.; FERRAREZI-JUNIOR, C. (org.) **Sociolinguística, sociolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016.

BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. **A concordância nominal e verbal no Português do Brasil e no Português de São Tomé**: uma abordagem sociolinguística. *Papia: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares* 22 (2), pp. 7-41, 2012a.

_____. **Concordância nominal e verbal**: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português. *Alfa: Revista de Linguística* 56 (3), pp. 1035- 1064, 2012b.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERLINCK, R. de A. **A ordem V SN no português do Brasil**: sincronia e diacronia. 1988. 265p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 1988.

_____. de A. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, Fernando (Org.). **Fotografias sociolinguísticas**. São Paulo: Pontes, 1989, p. 95-112.

BRITO, D.S. S. **A concordância verbal no português popular do Brasil**: aspectos empírico-teóricos da concordância verbal na terceira pessoa do plural ou P6 na comunidade de Vitória da Conquista/BA. 2013. 143f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação Em Linguística, UESB, Bahia, 2013.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Do campo para a cidade**: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

_____. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 15, 61.

_____. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **The Urbanization of Rural Dialect Speakers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

BRANDÃO; S. F.; VIEIRA, S.R. Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português. **Alfa: revista de Linguística**. São Paulo, v. 56, n. 3, p. 1035-1064, 2012.

BRITO, D. S. S. **A concordância verbal no português popular do Brasil**: aspectos empírico-teóricos da concordância verbal na terceira pessoa do plural ou P6 na comunidade de Vitória da Conquista–BA, 2013. Dissertação (Mestrado), Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2013.

BRUSTOLIN. A. K. B. da S. **Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental da Rede Pública de Florianópolis**. 2009. 245 f. Dissertação (Mestrado), Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

BURTHERS, M. C.; DUARTE, F. P. Português Brasileiro: uma língua de sujeito nulo ou de sujeito obrigatório? **Diacrítica**, 2012, vol. 26, n.1, p.64-88.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: 1956.

CARDOSO, C. R. **Variação da concordância verbal no indivíduo: Um confronto entre o linguístico e o estilístico**. 2005 Brasília: Dissertação (Mestrado), Universidade de Brasília.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CASTRO, M. L. de. **A Variação na Concordância Verbal: Um estudo na escrita de acadêmicos de Letras**, 2016. 127f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2016.

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Nacional, 2010.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGIL, P. **La dialectologia**. Traducción Carmen Morán Gonzalez. Madrid: Visor Libros, 1995 [1980].

CHAGAS, P. Mudança linguística. In: FIORIN, J. L. (org). **Introdução à linguística I: objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

COELHO, I. L. **A ordem V SN em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica**. Florianópolis: UFSC, 2000. Tese de doutorado.2000.

COELHO, I. L. ;VANDRESEN, P. Ali encostava o navio Hoepcke e o navio Hoepcke encostava ali: sobre os preenchedores locativo/temporais em construções inacusativas. In: VANDRESEN, P. (org.) **Variação e mudança no português falado na região sul**. Pelotas: Educat, 2002.

COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. O estatuto das construções monoargumentais no PB: por trás das frequências. In: Paulino Vandresen. (Org.). **Variação, Mudança e Contato Linguístico no Português da Região Sul**. Pelotas: EDUCAT, 2006, v., p. 205-225

COSERIU, E. **Teoria da Linguagem e Linguística Geral**. Rio de Janeiro/São Paulo, Presença/ EDUSP, 1979.

CULLER, J. F. de S. New York: **As ideias de Saussure**. Cornell University Press, 1979.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5 ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

CYRINO, S. M.L.; DUARTE, M.E. L. e KATO, M. A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: Kato, M.A. e Negrão, E.V. (Eds.) **Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter**. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000, p. 55-104.

DECAT, M.B.N. Verbal agrément differences in spoken and written Brazilian Portuguese and their consequence for the teaching of composition. **Cadernos Linguística e Teoria da Literatura**. Belo Horizonte, n.5, p. 25-39, 1981.

_____. Concordância verbal, topicalização e posposição do sujeito. **Ensaios de linguística: Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura**, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, n.9, p.9-47, dez.de 1983.

DEPECKER, L. **Compreender Saussure a partir dos manuscritos**. Petrópolis: Vozes, 2012.

DIONÍSIO, A. P. et al. **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Lucerna, 2015.

DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro**. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1995.

_____. Do Pronome Nulo ao Pronome Pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil, in: Roberts, I.; Kato, M. A. (orgs.). (1993). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: UNICAMP, 1993.

_____. The loss of the avoid pronoun principle in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (Eds.). **Brazilian Portuguese and the null subject parameter**. Madrid: Iberoamericana, 2000, p. 17-36.

_____. **O sujeito em peças de teatro (1833-1992): Estudos diacrônicos**. São Paulo, Parábola Editorial, 2012.

_____. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil. In: ROBERTS, I. e KATO, M. A. (orgs.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p. 107-129.

ECKERT, P. **Language Variation as social Practice**. Oxford: Blackwell, 2000.

ENÇ. M. **The semantics of specificity**. Linguistic inquiry, v.22, n. 1, 1991, p. 1-5.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo: As ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009.

FARIA, N. V. M. **A concordância verbal no português de Belo Horizonte**. 2008. 142f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa e Linguística) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

FERNANDES, E.; GORSKI, E. A concordância verbal com os sujeitos *nós* e *a gente*: um mecanismo do discurso em mudança. **Actas do Simpósio sobre a diversidade Linguística do Brasil**. Salvador: Instituto de letras da UFBA, 1986, 175-183. 1986.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. **A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas**. Campinas. Ed. da UNICAMP, 1996.

GALVES, C. C. **Ensaio sobre as gramáticas do português**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001.

_____. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 387-408.

_____. A sintaxe do Português Brasileiro, In: **Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura** - Ensaios de Linguística 7, 1987. p. 31-50

GAMEIRO, M. B. **A concordância verbal na língua falada da região central do estado de São Paulo**. 2005. 198f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005.

_____. **A variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural em redações escolares do ensino fundamental e médio**: uma avaliação de fatores linguísticos e sociais. 2009, 222f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2009.

GRACIOSA, D. M. D. **Concordância verbal na fala culta carioca**. 1991. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1991.

GUY, G.R. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variedades linguística. **Organon**. Porto Alegre, v.14,n.28-29, p. 17-32, 2000.

GUY, G.R.; ZILLES, A.M.S. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HEIM, I. R. **The semantics of definite and indefinite noun phrases**. University of Massachusetts, Amherst, 1982.

KATO, M. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: Marques, M. A.; Teixeira, J.; Lemos, A. S. (Orgs.). **Ciências da linguagem**: trinta anos de investigação e ensino. Braga: Universidade do Minho, 2005.

KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L. **Restrições na distribuição de sujeitos nulos no Português Brasileiro**, volume 18/1, 2014.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

_____. **Principles of linguistic change**: social factors. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. **Principles of linguistic change**. Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem** - ReVEL. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero.

_____. "Some sociolinguistic principles". In: PAULSTON, Cristina Bratt; TUCKER, G. Richard (eds.). **Sociolinguistics**: the essential readings. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.

_____. "Where does the Linguistic variable stop?" A response to Beatriz Lavandera. In: **Sociolinguistic Working Papers**, 44,p-43-88, 1978. LABOV, William; ASH, Sharon; BOBERG, Charles. The atlas of North American English. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

_____. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Eds.). **Perspectives on historical linguistics**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1982. p. 17-92.

_____. **Where does the linguisticvariable stop?** A response to Beatriz Lavandera. Working Papers in Sociolinguistics, number 44. Austin: Southwest Educational Development Laboratory, 1978.

_____ **Sociolinguistic Patterns Philadelphia:** University of Pennsylvania Pres, 1974.

_____ **The social stratification of English in New York city.** Washington, D.C., Center for Applied Linguistics, 1966.

LEMLE, M.; NARO, A. J. **Competências básicas do português.** Relatório final da pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) e Fundação Ford. Rio de Janeiro: Mobral, Fundação Ford, 1977.

LOPES, C. R. dos S. **A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico.** 1999. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

_____. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil.** 1993. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa), Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/ UFRJ, 1993.

MAGALHÃES, T. M. V. **O sistema pronominal sujeito e objeto na aquisição do português europeu e do português brasileiro.** 2006. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2006.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica:** ciência e conhecimento científico: métodos científicos: teoria, hipóteses e variáveis: metodologia jurídica. São Paulo: Atlas, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA; Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros Textuais e Ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARTELLOTTA, M. E. **Manual de Linguística.** São Paulo: Contexto, 2010.

MARTINS, M.; VIEIRA, S.R; TAVARES, A (Orgs.). **Ensino de Português e Sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2014.

MATOS, A. de F. **Concordância verbal variável na escrita escolar do Rio de Janeiro**. 2004. 72 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas), Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Universidade federal do Rio de Janeiro Rio de Janeiro, 2004.

MENON, O. P. S. A gente: um processo de gramaticalização. **Estudos linguísticos**, n.25, p.622-628,1996.

_____. Perífrases com o verbo ir: variação e gramaticalização. In: PUSCH, C. D.; WESCH, A. (orgs.) **Verbalperipharsen in den (ibero-) romanischen Sprachen**. Hamburg: Helmut Buske Verlag, 2003.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.) **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2015.

MONGUILHOTT, I. de O. e S. **Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa o plural no PB e no PE**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

_____. **Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos**. Revista da Faculdade Martha Falcão, Manaus, 2002. v.1, p.104-116.

_____. **A Variação na Concordância na Terceira Pessoa do Plural na fala dos Florianopolitanos**.2001. 99f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, 2001.

MONGUILHOT; I. de O. e S.; COELHO, I. L. Um estudo da concordância verbal de terceira pessoa em Florianópolis. In: VANDERSEN, Paulino. **Variação e mudança no português falado na região Sul**. Pelotas: EDUCAT. 2002, p. 189-216.

MONTE, A. **Concordância verbal e variação**: um estudo descritivo-comparativo do Português Brasileiro e do Português Europeu. 2012. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012.

_____. **Concordância verbal e variação**: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos. 2007. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. **Language**. LSA, 1981.

NARO, A.J.; SCHERRE, M.M.P. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. Variable concord in Portuguese: the situation in Brazil and Portugal. In: McWHORTER, John. (Ed.). **Language change and language contact in pidgins and creoles**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co, 2000, p. 235-255.

_____. A relação verbo/sujeito: o efeito máscara do que relativo. In: HORA, D.; COLLISCHONN, G. (Orgs.). **Teoria linguística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária, 2003a. p. 383-401.

_____. Estabilidade e mudança linguística em tempo real: a concordância de número. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (Orgs.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003b. p. 47-62.

_____. O conceito de transmissão linguística irregular e as origens estruturais do português brasileiro: um tema em debate. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003c. p. 285-302.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. In: SILVA, G. M. O.; TARALLO, F. (Orgs.) **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v.20. Campinas, 1991, p. 9-16.

_____. **Sobre as origens do português popular do Brasil**. DELTA: São Paulo, 1993, v. 9, p. 437-454.

NARO, A. J. :LEMLE, M. Syntactic diffusion. In: STEEVER, Sandord B. et alii (eds.) **Papers from the parasession on diachronic syntax**. Chicago, Chicago Linguistic Society. 1976, p.221-241.

NARO, A. J., *et al.* **Change without change**. Language Variation and Change, New York, 1999, v. 11, n.2, p.197-211.

NEGRÃO, E. V.; VIOTTI, E. Epistemological aspects of the study of the participation of African languages in Brazilian Portuguese. In: PETTER, M.M.T.; VANHOVE, M. **Portugais et langues africaines**. Études afro-brésiliennes. Paris: Karthala, 2011, p. 13-44.

OLIVEIRA, E. F. **Marcação da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo em verbos regulares na fala de paraenses residentes em Belém**. 2006. 88f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M. de C.; DUARTE, M.E.L. (Orgs.) **Mudança linguística e tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

_____. As influências sociais na variação entre *nós* e a *gente* na função de sujeito. In: OLIVEIRA e SILVA, G.M.; SCHERRE, M. M. P. **Padrões sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 309, p. 309-323.

_____. A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. In: NARO, A.J. *et al.* **Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídio do Projeto Censo à Educação**, Rio de Janeiro, UFRJ, 1986, p. 286-319.

PAIVA, M. da C. A. de; DUARTE, M. E. L. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da sociolinguística**. (Trad. Marcos Bagno). São Paulo, 2006. p.131-151.

PEREIRA, D. C. **Concordância verbal na língua falada nas trilhas das bandeiras paulistas**. 2004. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

PEREIRA, M. L. de S; Araújo, A. A. de. Atuação de Fatores Sociais sobre a Variação na Concordância Verbal no Falar Brasileiro. In **Revista Versalete**, Curitiba, 2016, v. 4, n. 7, jul./dez, p 24-39.

ANTOS, R.L.A.; VITÓRIO, E.G.S.L.A. Teoria da variação e mudança linguística. In: COSTA, J.F.C.; SANTOS, R.L.A.; VITÓRIO, E.G.S.L.A. (orgs.). **Variação e mudança linguística no estado de Alagoas**. Maceió: Edufal, 2011.

SARAIVA, M. E. F. ;BITTENCOURT, V. de O. (1990) A Concordância Verbal em Estruturas com SN complexo no Português. In: PONTES, E. (Org). **A Metáfora**. Campinas: UNICAMP, 1990.

SAVIOLI, F, P.; FIORIN, J. L. Para entender o texto. São Paulo: Ática, 2004.

PONTES, E.S. L. **Sujeito: da sintaxe ao discurso**. São Paulo: Ática, 1986.

RODRIGUES, D. A. **A concordância verbal na fala urbana de Rio Branco**. 1997. 198f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, Campinas, 1997.

RODRIGUES, A. C. S. **A concordância verbal no português popular em São Paulo**. 1987. f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

RUBIO, C. F. **Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo**. 2012. f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2012.

_____. **A concordância verbal na língua falada na região noroeste do estado de São Paulo**. 2008. f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo, Cultrix, 1991.

SANKOFF et. Al. GOLDVARB X: **A multivariate analysis applications**. 2005.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. Goldvarb X – **A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.

SANTOS, R. L. de A. **A concordância verbal na fala carentes que vivem em entidades filantrópicas na cidade de Maceió.** 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

_____. **A escolaridade e a concordância verbal na escrita de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas na cidade de Maceió.** 2013. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013.

SCHERRE, M. M. P. **Reanálise da concordância nominal em português.** 1988. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SCHERRE, M. M. P. e NARO, A. J. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. **D.E.L.T.A.**, 9(1): 1-14, 1993.

_____. A concordância de número no português do Brasil – um caso típico de variação inerente. In: HORA Dermeval da (org.). **Diversidade linguística no Brasil.** João Pessoa: Ideia. 1997, p.93-114.

_____. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. **Dialectologia, geolinguística, sociolinguística**, 1998, p.509-523.

_____. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In Ruffino, Giovanni (org.) **Dialettologia, geolinguística, sociolinguística.** (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998, 5:509- 523.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J.; CARDOSO, C. R. O papel do tipo de verbo na concordância verbal no português brasileiro. **D.E.L.T.A.**, 2007, n. 23, esp., p. 283-317.

SCHERRE, M. M. P., C. R. CARDOSO e A. J. NARO. Inacusatividade, ordem e concordância verbal. **Caderno de Resumos do Congresso Internacional da ABRALIN 5:** 777-778. Belo Horizonte – MG: Faculdade de Letras da UFMG, 2007.

SCHERRE, M. M. P.; ALMEIDA, E. M. e AZEVEDO, G. H. R. de. (no prelo). **A concordância verbal me construções de sujeito complexo e/ou coordenado.** I Congresso Internacional da Faculdade de Letras - UFRJ/Rio de Janeiro. Anais.

SGARBI, N. M. F. de Q. **A variação na concordância verbal entre os falantes do Mato Grosso do Sul.** 2006, 196f. Tese (Doutorado em Letras, Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, R. Letras, Curitiba, Araraquara-SP, 2006.

SILVA, C. R. T. **As implicações da natureza de AGR para a ordem VS:** um estudo comparativo entre o português brasileiro e o português europeu. 2004. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2004.

SILVA, J. A. A. da. **A concordância verbal no português afrobrasileiro: um estudo sociolinguístico de três comunidades rurais do estado da Bahia.** Dissertação (Mestrado). 2003. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

SILVA, L. B. C. da. **Nós/a gente: variação ou mudança?** Dissertação (Mestrado). 2011.96f. Universidade da Amazônia, Belém 2011.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolinguística.** 2 ed. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **Diagnosticando uma Gramática Brasileira: o Português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX.** Campinas, Pontes, 1996.

VIANNA, J.B. de S. **A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca.** 2006. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

VIEIRA, S.R. **Variação em dialetos populares do norte-fluminense.** 1995. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

VIEIRA, S. R.; FREIRE, G. Variação morfossintática e ensino de Português. In: MARTINS, M.; VIEIRA, S.R; TAVARES, A (Orgs.). **Ensino de Português e Sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2014. p. 81-114.

WELCHEN, D. **Pelotas/RS e a concordância verbal de 3ª pessoa do plural.** 2009. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** (Trad. Marcos Bagno). São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

ZILLES, A. M. S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? **Letras de Hoje.** Porto Alegre, v.42, n.2, 2007, p. 27-44.

_____. A posposição do sujeito ao verbo no português falado no Rio Grande do Sul. **Letras de Hoje.** Porto Alegre: EDIPUCRS. V. 35, n.1, p. 75-96, março de 2000.

ZILLES, A. M. S.; MAYA, L.; SILVA, K. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Pamanbi em Porto Alegre, RS. **Organon,** v.14, n.28/29, 2000, p. 195-219.

APÊNDICE A - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Para menores de 12 a 18 anos - resolução 466/12)

OBS: Este Termo de Assentimento para o menor de 12 a 18 anos não elimina a necessidade da elaboração de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que deve ser assinado pelo responsável ou representante legal do menor.

Convidamos você, após autorização dos seus pais [ou dos responsáveis legais] para participar como voluntário (a) da pesquisa **O uso variável da concordância verbal na língua falada e escrita em uma escola regular do Recife**. Esta pesquisa é da responsabilidade da pesquisadora, a qual está sob a orientação da professora, sendo essas duas as únicas participantes da pesquisa.

Caso este Termo contenha informações que não sejam compreensíveis a você, as dúvidas podem ser tiradas com a pessoa que está fazendo a entrevista e, apenas ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados, no caso de concordar em fazer parte do estudo, pedimos que rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas será entregue a você para que seus pais ou responsáveis possam guardá-la, e a outra ficará com a pesquisadora responsável.

Você será esclarecido (a) sobre qualquer dúvida e estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu. Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento, podendo retirar esse consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

A pesquisa tem como objetivo desenvolver um estudo comparativo sobre o tema chamado **concordância verbal** na fala e na escrita de falantes recifenses escolarizados do Ensino Fundamental ao Ensino Médio de uma escola regular de ensino da rede pública. Para isso, percorreremos as seguintes etapas: (1) conhecer aspectos como sexo, grau de escolaridade e tipo de instituição escolar relacionados ao fenômeno da concordância verbal na fala e na escrita de falantes recifenses; (2) analisar fatores linguísticos que favorecem ou não a aplicação da regra de concordância verbal na fala e na escrita desses falantes; (3) verificar se o maior grau de escolarização, por exemplo, contribui para o aumento de aplicação da regra de concordância verbal; e (4) comparar os resultados obtidos com os de outras pesquisas, tendo em mente a construção das características de uso da língua dos falantes recifenses.

A coleta de dados ocorrerá por meio de uma ficha social, um entrevista gravada de 35 minutos e uma produção de texto narrativo. Tais procedimentos ocorrerão na sua própria escola. Para isso, serão necessárias três visitas do pesquisador à sala de aula dos estudantes envolvidos na pesquisa.

Como risco, pode ser causado ao informante algum desconforto emocional devido à timidez frente à gravação sonora da entrevista feita a ele. Para diminuir

esse risco, o pesquisador buscará deixar o informante o mais tranquilo possível, informando-o acerca dos benefícios sociais da pesquisa realizada em sua comunidade de fala.

A investigação científica aqui proposta visa obter os benefícios de (1) contribuir com a descrição do português falado no estado de Pernambuco, o que enriquecerá o campo de estudos da linguagem não apenas nacional ou internacional, mas também local, concedendo uma visão mais clara sobre a fala e a escrita de falantes do município de Recife e, conseqüentemente, (2) abrir espaço para sondagem e melhoria na qualidade de ensino nesse município.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (textos narrativos produzidos pelos alunos e gravações de entrevistas) ficarão armazenados em pastas de arquivo e computador pessoal, sob a responsabilidade da pesquisadora, no endereço acima informado, pelo período mínimo 5 anos.

Nem você e nem seus pais [ou responsáveis legais] pagarão nada para você participar desta pesquisa, também não receberão nenhum pagamento para a sua participação, pois é voluntária. Se houver necessidade, as despesas (deslocamento e alimentação) para a sua participação e de seus pais serão assumidas ou ressarcidas pelos pesquisadores. Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da sua participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.

Este documento passou pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE que está no endereço: **Avenida das Engenharias s/n – Prédio do CCS - 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588, e-mail: cepccs@ufpe.br.**

Flávia Tavares da Costa Ramos
(Pesquisadora)

ASSENTIMENTO DO (DA) MENOR DE IDADE EM PARTICIPAR COMO VOLUNTÁRIO(A)

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____ (se já tiver documento), abaixo assinado, concordo em participar do estudo **O uso variável da concordância verbal na língua falada e escrita recifense**, como voluntário(a). Fui informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador sobre a pesquisa, o que vai ser feito, assim como os possíveis riscos e benefícios que podem acontecer com a minha participação. Foi-me garantido que posso desistir de participar a qualquer momento, sem que eu ou meus pais precisemos pagar nada.

Local e data: _____

Assinatura do (a) menor:

Presenciamos a solicitação de assentimento, os esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(para responsável legal pelo menor de 18 anos - Resolução 466/12)

Convidamos o(a) Sr.(a) para participar, como voluntário (a), da pesquisa **O uso variável da concordância verbal na língua falada e escrita em uma regular do Recife**. Esta pesquisa é da responsabilidade da pesquisadora, a qual está sob a orientação da professora, sendo essas duas as únicas participantes da pesquisa.

Caso este Termo de Consentimento contenha informações que não lhe sejam compreensíveis, as dúvidas podem ser tiradas com a pessoa que está fazendo a entrevista e, apenas ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados, no caso de concordar que o (a) menor faça parte do estudo, pedimos que rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável.

Caso não concorde, não haverá penalização, bem como será possível retirar o consentimento a qualquer momento, também sem qualquer penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

A pesquisa tem como objetivo desenvolver um estudo comparativo sobre o tema chamado **concordância verbal** na fala e na escrita de falantes recifenses escolarizados do Ensino Fundamental ao Ensino Médio de uma escola regular de ensino da rede pública. Para isso, percorreremos as seguintes etapas: (1) conhecer aspectos como sexo, grau de escolaridade e tipo de instituição escolar relacionados ao fenômeno da concordância verbal na fala e na escrita de falantes recifenses; (2) analisar fatores linguísticos que favorecem ou não a aplicação da regra de concordância verbal na fala e na escrita desses falantes; (3) verificar se o maior grau de escolarização, por exemplo, contribui para o aumento de aplicação da regra de concordância verbal; e (4) comparar os resultados obtidos com os de outras pesquisas, tendo em mente a construção das características de uso da língua dos falantes recifenses.

A coleta de dados ocorrerá por meio de uma ficha social, um entrevista gravada de 35 minutos e uma produção de texto narrativo, Tais procedimentos ocorrerão na sua própria escola. Para isso, serão necessárias três visitas do pesquisador à sala de aula dos estudantes envolvidos na pesquisa.

Como risco, pode ser causado ao informante algum desconforto emocional devido à timidez frente à gravação sonora da entrevista feita a ele. Para diminuir esse risco, o pesquisador buscará deixar o informante o mais tranquilo possível, informando-o acerca dos benefícios sociais da pesquisa realizada em sua comunidade de fala.

A investigação científica aqui proposta visa obter os benefícios de (1) contribuir com a descrição do português falado no estado de Pernambuco, o que enriquecerá o campo de estudos da linguagem não apenas nacional ou internacional, mas também local, concedendo uma visão mais clara sobre a fala e a escrita de falantes do município de Recife e, conseqüentemente, (2) abrir espaço para sondagem e melhoria na qualidade de ensino nesse município.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos

voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (textos narrativos produzidos pelos alunos e gravações de entrevistas) ficarão armazenados em pastas de arquivo e computador pessoal, sob a responsabilidade da pesquisadora, no endereço acima informado, pelo período mínimo 5 anos.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação dele(a) na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a participação dele(a) serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento com transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, o(a) senhor(a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **Avenida das Engenharias s/n – Prédio do CCS - 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588, e-mail: cepccs@ufpe.br.**

Flávia Tavares da Costa Ramos
(Pesquisadora)

CONSENTIMENTO DO RESPONSÁVEL PARA A PARTICIPAÇÃO DO/A VOLUNTÁRIO

Eu, _____,
CPF _____, abaixo assinado, responsável por _____,
autorizo a sua participação no estudo **O uso variável da concordância verbal na língua falada e escrita recifense** como voluntário(a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação dele (a). Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de seu acompanhamento/ sua assistência) para mim ou para o (a) menor em questão.

Local e data: _____

Assinatura do (a) responsável legal: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, os esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do sujeito em participar (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

Com que frequência assiste TV? Tipo de programa preferido: <input type="checkbox"/> desenho animado <input type="checkbox"/> novela <input type="checkbox"/> telejornal <input type="checkbox"/> Entretenimento <input type="checkbox"/> filmes nacionais <input type="checkbox"/> filmes internacionais <input type="checkbox"/> outro
Qual o meio de comunicação usado por você? <input type="checkbox"/> rádio <input type="checkbox"/> jornal <input type="checkbox"/> revista <input type="checkbox"/> TV <input type="checkbox"/> internet <input type="checkbox"/> outro <input type="checkbox"/> nenhum
Você costuma assistir tele-jornal? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não Se sim, com que frequência? Que jornal? Em que período do dia?
Com que frequência escuta a rádio? Emissora preferida:
Com que frequência lê jornal/revista/livro (online ou físico)? Tipo de leitura preferida:
Com que frequência produz texto? Tipo de produção preferida:
Você sempre estudo em escola pública? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não Se não, quais as séries que você fez na escola pública e quais que você fez na escola particular?
Qual a sua atividade de lazer?
Você costuma discutir sobre assuntos da atualidade com outras pessoas? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não

APÊNDICE E - ENTREVISTA COM ALUNOS DOS 6º E 9º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

INFORMANTE: _____
ANO QUE CURSA: _____
IDADE DO(A) ALUNO(A): _____
SEXO: () Masculino () Feminino

ROTEIRO DA ENTREVISTA

1. Com quem você mora? Fale como elas são? O que gostam de fazer quando estão em casa?
2. Qual é sua brincadeira preferida? Conte como você e seus amigos brincam.
3. Você gosta de vídeo game? Qual jogo? Me fale dos personagens e conte como é o jogo.
4. Qual seu programa favorito de televisão? Comente o que aconteceu no último episódio.
5. Fale sobre a sua escola e sua sala de aula. De qual disciplina você mais gosta e por quê?
6. Como são seus amigos e o que mais gostam de fazer?
7. No último final de semana, você estava com seus amigos ou com sua família? O que vocês fizeram?
8. Fale sobre um livro que você já leu ou um filme que já assistiu. Que episódio ou cena foi marcante para você? Narre o que acontece na história.
9. Lembra do último passeio que você fez? Tinha muita gente e o que essas pessoas estavam fazendo. Conte como foi.
10. Como seria um dia perfeito para você?
11. Gostaria que você falasse sobre algum perigo de vida sofrido por você ou por alguma pessoa conhecida.
12. Você gosta de animais? Por quê? Fale tudo que você sabe sobre eles.
13. Se existisse vida em outro planeta, como você acha que viveriam as pessoas por lá?
14. Se pudesse, o que melhoraria no mundo?
15. Para você o que é desonestidade? Dê exemplos.

16. O que você entende por preconceito? Comente casos do cotidiano.
17. Quais são os maiores problemas de sua cidade? Como eles poderia ser resolvidos?
18. Você gosta de internet? Que tipos de sites você mais gosta de visitar? Fale sobre eles.
19. Os professores não gostam que os alunos usem o celular em sala de aula. Comente algum episódio.
20. Como você explicaria a violência que ocorre em nosso país? Fale sobre alguma situação de violência que marcou a sua cidade ou região.

APÊNDICE F - ENTREVISTA COM ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO

INFORMANTE: _____
ANO QUE CURSA: _____
IDADE DO(A) ALUNO(A): _____
SEXO: () Masculino () Feminino

ROTEIRO DA ENTREVISTA

1. Com quem você mora? Fale como elas são? O que gostam de fazer quando estão em casa?
2. Conte como foi sua infância. Qual era sua brincadeira preferida? Como você e seus amigos brincavam.
3. Você gosta de internet? Que tipos de sites você mais gosta de visitar? Fale sobre eles.
4. É justo proibir o uso do celular na sala de aula? Comente algum episódio.
5. Fale sobre a sua escola e sua sala de aula. De qual disciplina você mais gosta e por quê?
6. Como são seus amigos e o que mais gostam de fazer?
7. No último final de semana, você estava com seus amigos ou com sua família? O que vocês fizeram?
8. Fale sobre um livro que você já leu ou um filme que já assistiu. Que episódio ou cena foi marcante para você? Narre o que acontece na história.
9. Qual seu programa favorito de televisão? Comente o que aconteceu no último episódio.
10. Os programas de TV provocam ou refletem a violência da sociedade? Dê exemplos.
11. Como seria um dia perfeito para você e seus amigos?
12. Gostaria que você falasse sobre algum perigo de vida sofrido por você ou por alguma pessoa conhecida.
13. . Se existisse vida em outro planeta, como você acha que viveriam as pessoas por lá?
13. Se pudesse, o que melhoraria no mundo?

14. Você teria coragem de admitir para seus colegas de turma que foi vítima de bullying? Por quê? Como os pais e a escola podem contribuir para essa prática? Dê exemplos.
15. Para você o que é desonestidade? Dê exemplos.
16. O que você entende por preconceito? Comente casos do cotidiano.
17. Como se cria um país melhor para os brasileiros?
18. O estudo é importante? Por quê? Que profissão você pretende exercer e como planeja conquistá-la após seus estudos?
19. Se tivesse muito dinheiro, o que faria?
20. Como você explicaria a violência que ocorre em nosso país? Fale sobre alguma situação de violência que marcou a sua cidade ou região.

APÊNDICE G - FICHA DO (A) DOCENTE

Dados pessoais		
Nome:		
Formação acadêmica: Ano de conclusão: Instituição:		
Titulação: () graduação () especialista () mestre () doutor		
Locais onde trabalha:		
Regime de trabalho:		
Disciplinas que leciona:		
Data de nascimento:	Idade:	Sexo:
Reside em moradia: () própria () alugada () financiada () outro		
Há quanto tempo mora em Recife/PE?		
Já morou fora de Recife? Por quanto tempo? Em que lugar?		
Possui parentes domiciliados em outro município/estado? Qual? Possui contato frequente com parente domiciliado em outro município/estado?		
Costuma viajar para outros municípios ou estados? Se costuma, diga há quanto tempo e quais lugares.		
Qual a sua atividade de lazer?		

Com que frequência lê jornal/revista/livro (online ou físico) e qual tipo de leitura preferida?

Com que frequência produz texto e qual tipo de produção preferida?

Participa de capacitação, congressos, seminários, encontros?

Qual a sua avaliação sobre o livro didático que trazia frases como: "A gente os"?

Trabalhando a variação linguística em sala de aula: o que corrigir? Como corrigir? prática adotar?

ANEXO A - APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA

— DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O uso variável da concordância verbal na língua falada e escrita recifense
Pesquisador Responsável: FLÁVIA TAVARES DA COSTA RAMOS
Área Temática:
Versão: 1
CAAE: 55559516.9.0000.5208
Submetido em: 28/04/2016
Instituição Proponente: Centro de Artes e Comunicação
Situação da Versão do Projeto: Aprovado
Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio



Comprovante de Recepção:  PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_681907